



ELEANOR SHEARER

A
CANÇÃO
DO
RIO

Singular

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ELEANOR SHEARER

A
CANÇÃO
DO
RIO

Singular



© Caleb Azumah Nelson

ELEANOR SHEARER é uma escritora inglesa cujos avós emigraram das Caraíbas. Estudou em Oxford, onde se licenciou em Ciências Políticas com uma tese sobre as consequências da escravatura em Barbados. Atualmente, vive entre Londres e Ramsgate. *A Canção do Rio* é o seu primeiro livro.

A Canção do Rio

Eleanor Shearer

Publicado em Portugal por

Singular®

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

River Sing Me Home

© 2023, Eleanor Shearer

First published in 2023 by Headline Review, an imprint of Headline Publishing Group

Tradução: Maria de Fátima Carmo

Design e ilustração da capa: © Jessica Cruickshank / The Jacky Winter Group

1.^a edição em papel: maio de 2024

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-989-789-026-0

Para a minha mãe, o meu pai, Cal e Jeanette

Ouvem-se gemidos e pranto amargo em Ramá: é Raquel que chora inconsolável os seus filhos que já não existem.

Jeremias, 31:15

Quebre-se uma jarra, e o amor que volta a unir os cacos será mais forte do que o amor que deu a simetria como certa quando a jarra estava intacta.

Derek Walcott,
The Antilles: Fragments of Epic Memory

O solo da ilha era fértil, mas tudo lançava raízes superficiais. Quando vinham os furacões, arrancavam até as árvores mais robustas; e quando vinham os homens brancos, arrancavam os filhos dos braços das mães. E, assim, aprendemos a viver sem esperança. Para nós, a perda era a única coisa certa.

Muitos de nós tínhamos já perdido uma casa. Uma casa de raízes profundas e de antepassados bem fincados na história. Essas raízes não nos salvaram. Essas raízes apodreceram no porão de navios negreiros, por entre trevas e imundície. Pouco nos restava para plantarmos no novo mundo e o pouco que tivéssemos ficava à mercê do homem branco. Por essa razão tentámos viver apenas à superfície da ilha. Plantámos cana-de-açúcar, mas nada que nos pertencesse. As mães viravam as cabeças quando nascia um filho, recusando-se a olhá-lo nos olhos.

Tentámos deslizar por esta meia vida, esta vida sem história nem futuro, mas o nosso interminável presente arranjava formas de se expandir, estendendo-se no tempo, até as nossas vidas adquirirem de novo movimento e cor. À noite, sussurrávamos às crianças histórias sobre deuses antigos das nossas terras de origem, numa língua que os homens brancos não conseguiam entender.

Os furacões continuaram a vir. As crianças continuaram a ser levadas e vendidas do outro lado do mar. Mas eram vendidas com uma sementezinha dentro delas, que lhes falava de outra vida.

Tudo lançava raízes superficiais. Mas o que não podia crescer em profundidade crescia em extensão, cobrindo oceanos, escavando túneis até às ilhas vizinhas, onde outros também tentavam e não conseguiam viver sem memória do passado nem pensamento do futuro.

Sem raízes, as coisas morrem. Muitos de nós morremos – às mãos dos homens brancos ou ao pino do calor. O solo impregnou-se do nosso sangue e as raízes alimentaram-se dos nossos corpos. Isso tornou as raízes fortes. Superficiais, mas fortes.

Havia esperança para este novo mundo, afinal.

BARBADOS

Agosto de 1834

Era a hora mais negra da noite e Rachel corria. Os ramos dilaceravam-lhe a pele. As aves, lançando pios estridentes, levantavam voo, alvoroçadas, à sua passagem. O terreno estava enlameado e era irregular, traiçoeiro com os detritos arrastados pelas chuvas recentes, e ela escorregou e embateu com força na casca áspera de uma palmeira. Deslizou até ao solo, até onde as formigas marchavam e os escaravelhos debandavam e as minhocas invisíveis escavavam galerias na terra. Com a respiração entrecortada, ela aspirou o ar carregado e húmido até aos pulmões. Conseguia sentir-lhe a humidade na língua, matizada com o travo acre do seu próprio medo.

O que é que ela tinha feito?

Olhou para trás. Agigantando-se na escuridão, via a silhueta do engenho na plantação de Providence, com os braços abertos como quatro punhais de gume afiado a formarem uma cruz irada no céu. O terror cravou-lhe as garras na garganta, como se o próprio engenho tivesse olhos e pudesse murmurar ao supervisor o que havia testemunhado.

Não era demasiado tarde. Ela podia ainda trepar de novo o muro e esgueirar-se pelos campos meio plantados com cana, onde buracos escancarados aguardavam as jovens hastes verdes. Podia regressar à sua cabana, um quadrado de madeira entre tantos outros, e deitar-se na esteira que quarenta anos de uso haviam tornado fina. Podia esperar pela alvorada e mais um dia de trabalho...

Erguendo-se com dificuldade, pôs-se de novo a correr. As pernas embrenhavam-na mais e mais nas sombras meio formadas da floresta.

Doía-lhe o peito. Tinha vontade de se deixar cair, mas não podia: o corpo, com vontade própria, levava-a cada vez para mais longe de Providence. Cada galho que estalava sob os seus pés soava como um tiro; os murmúrios dos sapos-da-cana tornavam-se gritos distantes de homens que a buscavam. Tinha de continuar a correr.

Sozinha, suja de lama, com o cansaço instalado até aos ossos, era atormentada por uma pergunta:

Era isto a liberdade?

A floresta deserta. Ela a fugir, apavorada. Era isto que eles tinham andado a desejar, durante todo aquele tempo?

No dia anterior, os escravos de Providence tinham-se reunido todos no exterior da casa grande. Um conjunto de pessoas brancas, de rostos pétreos, havia-os aguardado – o senhor, a cavalo, flanqueado pelo supervisor, a mulher do senhor e os três filhos de pé nos degraus da casa. As pessoas brancas encararam os escravos. Os escravos encararam-nas também.

Sabiam todos o que aí vinha. Alguns escravos sorriam, até. Rachel estava entre os que não o faziam. Tinha idade suficiente para se lembrar de outras ocasiões em que tinham ouvido rumores sobre o fim da escravidão. Não acreditaria até o ouvir ela própria da boca do senhor.

A fronte calva do senhor reluzia, transpirada com o calor. Enquanto ele fazia avançar o cavalo, Rachel vislumbrou o semblante da mulher, com os lábios comprimidos numa linha de desprezo furioso. Foi ver aquilo, mais do que qualquer outra coisa, que fez vacilar a determinação de Rachel. Atreveu-se a ter esperança.

O senhor não se alongou em comentários. Disse-lhes que o rei tinha decretado a abolição da escravidão. No dia seguinte entraria em vigor a nova Lei da Emancipação, com efeitos imediatos.

Eram livres.

Algumas pessoas choraram. Outras gritaram e dançaram de júbilo. Eram uma massa de corpos a bradar, transpirados, um rio a galgar as margens. O senhor e o supervisor latiram ordens inúteis, incapazes de se fazerem ouvir sobre o burburinho. Por fim, o senhor irrompeu a galope por entre a multidão, só para os calar de novo. Os cascos pisotearam a cabeça de uma mulher e ela morreu instantaneamente. Mas morreu livre.

Ainda não tinha acabado, disse o senhor. Já não eram escravos, mas, em vez disso, eram seus aprendizes. Nos termos da lei, tinham de trabalhar ainda seis anos para ele. Não podiam ir-se embora. Quando o Sol nascesse, Rachel e todos os outros iriam sair de novo

para terminar a plantação. Ocupar-se-iam da cana até à colheita seguinte, e à colheita depois dessa. Seis anos a cortar, plantar e cortar outra vez.

Liberdade era só outro nome para a vida que sempre tinham tido.

Um silvo nefasto percorreu a multidão. O supervisor ergueu a mão até à arma que trazia a boldrié. Cem pares de olhos observaram o arco que a mão descreveu. O cavalo do senhor resfolegou, sentindo as rédeas tensas.

O silvo esmoreceu, e a multidão ficou-se imóvel.

Rachel ouviu a notícia da liberdade vã em silêncio. Durante anos, vivera num crepúsculo perpétuo. Os que amava tinham partido há muito. A sua vida encolhera até à dimensão da plantação, à rotina do trabalho árduo sem fim e às sombras alongadas do que houvera outrora. Portanto, aquilo tinha sentido. A liberdade era um vazio que só podia ser preenchido com cana-de-açúcar.

Naquela noite, tudo foi igual. A pressão do chão nas suas costas. A forma dos membros, finos e com nós de tendões. O cheiro bafiento da cabana. Diante de si, dias de trabalho, a sua vida tão disciplinadamente sulcada como as valas abertas no campo.

No sono, sonhou com a mãe. Ou talvez fosse a ideia de uma mãe, um perfil caloroso e terno. Não se lembrava da sua mãe real.

A mãe estava ali, à sua frente, mas Rachel, não conseguia dizer como, sabia que também não estava ali. Estava algures, longe, do outro lado do mar. Era frágil, uma fina voluta de fumo. Não podia demorar-se.

A mãe proferiu um nome e Rachel soube que era o seu – o nome que ela ia ter antes de um qualquer homem branco lhe chamar Rachel. O que o homem branco dá, pode sempre tirar. Mas aquele outro nome – isso era dela. Rachel repetiu-o. As sílabas soavam estranhas na sua boca, mas, ao articulá-las, quando o som da fala reverberou nela, deram-lhe força. Conseguiu manter-se de pé sem se curvar. Conseguiu sentir o peso agradável do corpo, sólido e vigoroso.

A mãe recuou e começou a dissolver-se, ressumbrando,

empapando a terra debaixo dela. Quando desapareceu, o solo brilhava com um vermelho-escuro saturado.

Rachel tinha acordado numa escuridão de breu – sobressaltada, trémula e a reluzir de suor –, incapaz de manter o corpo quieto. Este movia-se de moto próprio, impelido por puro instinto animal, a rastejar para fora da cabana, a desenroscar-se e a lançar-se numa carreira para fora dos limites de Providence, embrenhando-se na noite.

Na floresta, Rachel perguntou de novo a si própria: era isto a liberdade? Uma rutura violenta, um corpo impelido para a fuga, um espírito paralisado de pavor a assistir às coisas que ocorriam fora do seu controlo?

As árvores não tinham resposta. As suas folhas sussurravam ao vento e Rachel imaginou que a atazanavam:

E agora?

O corpo dela movia-se para lá do que o pensamento abarcava, com uma vontade própria desesperada.

Continuou a correr.

Não tinha forma de marcar a passagem do tempo naquela noite sem lua, mas pela dor que sentia nas pernas Rachel sabia que tinha andado uma hora ou mais quando o ouviu. Tão ténue que pensou que se tratava de imaginação sua, de início. Canto.

Avistou uma centelha de luz, tremeluzindo entre os troncos. Avançou com cautela, lentamente, a mente repleta de pensamentos acerca de fantasmas e espíritos noturnos. Mas quando o canto se elevou, acompanhado de batuques, enchendo a floresta de som, os seus medos desvaneceram-se. Os ruídos eram jubilosos e humanos e chamavam-na.

Uma clareira. Um círculo apertado de solo nu entre as árvores. No centro, dezenas de pessoas dançavam à volta de uma fogueira, e havia ainda outras que se mantinham nas orlas. Enquanto os dançarinos rodopiavam, Rachel ouviu fragmentos de diferentes palavras e melodias que se uniam numa só. Algumas palavras em inglês, mas também noutras línguas, línguas mais antigas que

falavam não aos seus ouvidos mas aos seus ossos.

Rachel manteve-se nas sombras, a observar. Já tinha estado em bailes, como jovem mulher que era então, mas não assim. As danças tinham sido sempre integradas na vida da plantação. Ocorriam nas instalações dos escravos, ou no largo da feira de uma vila próxima. A qualquer momento, podia surgir um transeunte branco, ou o rosto do senhor assomar-se a uma janela da casa grande, recordando a todos os presentes que a sua alegria não era ilimitada, não podia passar além dos confins da escravidão. Na clareira cintilava um tipo diferente de magia. Sem olhares indiscretos a quebrar o feitiço, os dançarinos moviam-se com uma graciosidade sem pejo.

O chamamento insistente dos tambores atraiu Rachel para mais perto, mais perto, até à luz. Deu consigo um corpo entre muitos, a oscilar ao ritmo da batida. Começou a bater com o pé e a trautear uma canção só sua.

Uma mulher estendeu o braço, de olhos muito abertos e brancos, com os círculos flamejantes da fogueira no centro. Agarrou em Rachel pelo pulso.

Cantou a ordem numa voz baixa e doce:

– Dança!

Rachel foi arrastada para o meio da turba. Num instante, perdeu toda a consciência de si. Não tinha início nem fim, não tinha contornos nem limites. Todo o seu corpo se dissolveu no ritmo. A dança percorria a multidão como se esta fosse água, e Rachel entregou-se à música.

Todas as dores que sentia no corpo se atenuaram. Esvaziou os pulmões da canção que nem sabia ter dentro de si. Alguém agarrou na mão de Rachel, ela estendeu a outra e agarrou a mão de outra pessoa, que agarrou outra mão. Conforme as chamas subiam ao céu, Rachel pensou conseguir ver a cadeia de mãos elevar-se também, uma fila de pessoas que atravessava o tempo e o espaço, unidas por um único rufo de tambor.

Quando as últimas brasas da fogueira se extinguíram, todos deixaram de dançar. A alvorada estava prestes a romper, uma luz

parda coava-se entre as árvores e o Sol nascente vinha pôr fim àquela espécie de magia que os unira. Os presentes começaram a abandonar o local, a maioria dirigindo-se para oeste, com o Sol nas costas, de regresso às plantações. Vacilante na orla da clareira, de pé entre dois carvalhos grossos, houve um momento em que Rachel pensou se deveria segui-las. A sua ausência poderia não ter sido ainda notada em Providence. Mas hesitou durante demasiado tempo. Depressa todos tinham desaparecido e ela ficou sozinha. Esgueirou-se então para leste, internando-se na floresta.

A corrida e a dança tinham-na deixado exausta. Sentia dores no corpo todo. Teve de abrandar o passo. O terror da primeira fuga esbatera-se numa espécie de tontura e ela ergueu o olhar através das copas, para o céu. De algum modo, a escuridão tinha-lhe sido mais favorável – possuía um certo halo de mistério, uma sensação de que a noite abrigava muitos mundos possíveis, de limites difusos, e qualquer pessoa poderia cruzá-los. A luz do Sol vinha recordar-lhe a marcha inexorável de um dia em direção a outro, a passagem imparável do tempo a que Rachel estivera submetida toda a sua vida.

A pergunta continuava a importuná-la:

E agora?

Esta encerrava um certo abatimento, uma certa desesperança. A fuga de Providence tinha sido sobrevivência pura. Agora, ela deambulava sem rumo pelo mato rasteiro; não havia caminho, e tropeçava amiúde nas raízes expostas. Sentia a cabeça latejar de sede e os membros pesados, mas o corpo continuava a fazê-la avançar, afastando-se de Providence. Tirando as pancadas surdas dos seus pés no solo despido, os únicos sons eram os dos quíscalos que tagarelavam e esvoaçavam lá no alto.

Subiu a encosta suave de uma colina. Quando chegou ao cimo, viu subitamente o mar. Avistá-lo estendido abaixo de si fez Rachel deter-se de chofre. Tinha alcançado os limites da ilha.

O Sol nascente mergulhava os raios mais baixos na água, no horizonte. Contra o fundo do céu cinzento, o mar era de um chocante tom de azul, salpicado de luz solar branca e dourada. Aquela explosão de cor cortou o fio de medo que se tinha enrolado

em torno da garganta de Rachel na noite anterior. Como se tivesse mergulhado nas ondas que rebentavam brandamente, sentiu-se em paz.

Em toda a sua vida, nada lhe pertencera, nem sequer os filhos extraídos do seu próprio corpo. Com o seu mundo enclausurado entre os muros de Providence, e o perímetro patrulhado pelo chicote do supervisor, parecera não haver nada que os homens brancos não possuíssem. Mas eis agora o mar. Vasto, desafiador e sem donos, pois quem, mesmo os homens brancos, podia reclamá-lo? Por muito que o agarrassem, as águas fugir-lhes-iam entre os dedos e mergulhariam de novo nas profundezas.

Na plantação, sempre tinham feito Rachel sentir-se pequena. Com o mar espalhado agora diante de si, ela sentia-se pequena de um modo diferente – não pequena em si mesma, mas uma pequena parte de tudo o que a rodeava. Imersa no mar infinito. Havia liberdade neste novo tipo de pequenez, uma sensação esfuziante de que ela estava *no* mundo, e não apenas de passagem por ele, ao ritmo imprimido por um homem branco.

A pergunta acudiu-lhe novamente ao espírito:

E agora?

Desta feita, tinha uma entoação nova – projetava-se no futuro, no exterior, sobre as águas. Não olhava para trás sobre o ombro, para alguém que pudesse vir em sua perseguição.

Os pulmões expandiram-se – ela conseguia respirar de novo. O olhar passou do horizonte à colina. À primeira vista, a encosta parecia deserta. Contudo...

Inclinou-se um pouco para a frente, protegendo os olhos do sol. Aninhado entre as árvores, a cerca de meia encosta, pareceu-lhe lobrigar o telhado esconso de uma cabana.

Nesse momento mãos rudes agarraram-na por trás e a sua cabeça foi tapada por uma saca que cheirava a fumo e terra molhada.

Havia um homem em Providence que tinha tentado fugir. Tanto quanto Rachel sabia, era o único que o intentara. Falava-se, é claro, de fuga – sussurros noturnos e murmúrios discretos quando regressavam a coxear dos campos – e havia sempre rumores de alguém que conhecia alguém de outra plantação que o fizera. Mas Barbados era uma ilha pequena e densamente colonizada. Se se fugisse, para onde se poderia ir sem que os cães viessem atrás?

Por isso, durante a infância, Rachel viu a fuga como uma coisa inconcebível – uma ideia, algo demasiado abstrato para se concretizar. Pareceu impossível até, de repente, deixar de o ser. Acordaram uma manhã e ele já não estava lá. Rachel tinha dez anos.

Atlas, era como se chamava. Um homem reservado – calado desde que perdera a mulher, que foi vendida com o filho dele dentro dela. Rachel nunca o ouvira falar de fuga. Limitou-se a escapulir-se.

Durante um dia inteiro, a plantação pareceu diferente. Os muros de delimitação afiguravam-se mais frágeis, e as canas já não pareciam agigantar-se sobre as cabeças deles. Os homens e as mulheres caminhavam mais direitos. Havia um brilho nos seus olhos. O supervisor e os guardas viram-no e temeram-no, foram ainda mais liberais com o chicote do que o habitual. Tanto os brancos como os negros sentiram que o mundo podia mudar – até Atlas ser trazido, de rojo, ao crepúsculo, com uma ferida aberta na barriga da perna, onde o cão o tinha abocanhado. A perturbação na ordem esperada das coisas tinha sido apenas temporária; Rachel percebeu então que podiam fugir, mas não podiam esconder-se. Os corpos deles regressariam sempre, mortos ou vivos, a Providence.

Cortaram o nariz a Atlas, como punição. A ferida infetou e ele morreu com o pus a derramar-se dos buracos profundos no rosto.

Esta recordação – Atlas, a sua fuga, a sua captura e a sua agonia – veio à mente de Rachel quando ela foi acometida por vascas, ao sentir o pano áspero da saca tapar-lhe o nariz e a boca. Mãos calejadas agarravam-lhe com força os pulsos – salvo torcer a cabeça

e esperar, não havia forma de ela se debater. Não sabia para onde aquelas mãos a empurravam: para a frente, para trás, ou ambos, rasgando-a ao meio. Tentou gritar, mas não tinha voz, e, além disso, quem a ouviria? Quem viria em seu auxílio? Tal como Atlas, ela tentara o impensável, e o mundo tem de ser de novo endireitado.

Já não estava a mover-se; as mãos mantinham-na imóvel. A respiração de Rachel era irregular, entrecortada pelo medo. Algo lhe disse que tinha sido levada para um interior – embora não conseguisse ver as paredes, sentia-as próximas, pressionando-a.

Fez-se silêncio. Agarravam-na com mão férrea. O medo fazia os seus membros contorcerem-se, em vão: não conseguiria libertar-se, por muito que tentasse.

Sobrepondo-se ao som dos seus próprios batimentos cardíacos, Rachel discerniu passos leves.

Uma voz de mulher – grave e próxima – inquiriu:

– Então?

Uma voz masculina fez-se ouvir junto da orelha de Rachel.

– Encontrámo-la perto da floresta.

– Fugitiva? – perguntou a mulher.

O homem não respondeu.

Rachel deixou de se debater. Deixou até de respirar. O rumo da sua vida não estava nas mãos dela. Aguardou.

A mulher disse:

– Deixa vê-la.

Tão depressa como tinha sido baixada, a saca foi levantada, e Rachel deu por si a pestanejar, com um poço de luz crua a bater-lhe em cheio no rosto, vindo da porta aberta. Encontravam-se numa cabana, tão pequena e anónima como qualquer outra na aldeia de escravos de Providence. Mas havia alguma coisa que não batia certo. O cheiro não era o de Providence, onde tudo recendia a cana doce e desespero acre. Soprava, vinda do exterior, uma brisa fresca, salgada. E quando Rachel esticou o pescoço, viu que as mãos que a prendiam eram escuras, como as suas.

Diante de Rachel encontrava-se uma mulher alta, de cabelo tosquiado rente ao crânio. Tinha a pele lisa, sem rugas nem idade, mas algo nos seus olhos denunciava que aquela mulher tinha visto

muitos anos de vida.

A mulher olhava para Rachel. Era um olhar cortante, que trespassava. Rachel sentia-se nua diante dele, reduzida aos mais básicos elementos de si mesma.

– Tu fugires?

Rachel não se atreveu a falar.

A mulher percorreu Rachel com o olhar, absorvendo cada parte do seu corpo. Acenou lentamente.

– Larga.

As mãos obedeceram à ordem. Rachel cambaleou em frente, caiu de joelhos no chão. Ergueu o olhar para a mulher alta, cujo rosto se mantinha impassível, como se fosse de pedra.

A mulher rodeou o queixo de Rachel com as duas mãos. Tinha palmas ásperas e os dedos ligeiramente frios sobre a pele de Rachel.

– Eu sabe porque estás aqui.

Rachel falou então num fio de voz, quase um murmúrio:

– Que quer dizer?

– Ver na tua cara. Os teus *pickney*¹. Tu querer encontrá-los.

A cabana encheu-se de fantasmas. Todos os filhos perdidos de Rachel, acorados nas sombras. Não precisava de voltar a cabeça para os ver. Sabia que se tentasse olhar para eles diretamente desapareceriam. Tinham-na acompanhado, no canto do olho ou à beira do sono, durante muitos anos.

Contou-os um a um. Onze filhos, no total.

Micah. Alto e robusto. Fora-lhe retirado antes ainda de perfazer dez anos, porque sabiam que poderia passar por mais velho no primeiro grupo, o grupo dos mais fortes, e foi levado ao mercado.

Mary Grace. Não voltou a falar depois da noite em que o supervisor a emboscou nos campos. Vendida porque consideraram a sua mudez um sinal de dano irreparável. Não havia grande préstimo numa escrava silenciosa, que não conseguia dizer *sim*, *sor*, *não*, *sor* e *é para já*, *sor*.

Mercy. Quase tão alta como Micah e também vendida nova – mal viram nela um «ar parideiro».

Samuel. Morto por uma febre logo a seguir ao segundo aniversário.

Kitty. Morta aos cinco anos da mesma doença.

Cherry Jane. Levada para trabalhar na casa do senhor por causa da sua tez cor de mel. Rachel só a vislumbrou ocasionalmente – na carroça com os outros escravos domésticos a caminho do mercado ou a despejar um balde de água à porta da cozinha. Um dia, até esses avistamentos ocasionais cessaram. Cherry Jane tinha desaparecido.

Thomas Augustus. Pequeno. Desprezado. Foi o que ficou junto dela mais tempo, até aos catorze anos, altura em que eles finalmente perceberam que era quase um homem. Levaram-no entre resmungos, dizendo que não alcançaria um grande preço.

Havia depois os não nomeados. Um nascido às arrecuas com o cordão enrolado à volta da garganta. Três que morreram dentro dela; embriões sanguinolentos que lhe saíram do corpo e tombaram no chão.

Os olhos deles, redondos, vigilantes, provocavam um formigueiro na pele de Rachel.

É verdade?, perguntou-lhes. Vocês são a razão por que fugi?

O instinto que a fizera sair de Providence estava ainda enroscado dentro dela, como um animal. Rachel fechou os olhos, tentou enxergar dentro de si, compreender. A visão dos filhos não entorpeceu este animal; pelo contrário: eriçou-lhe o pelo. Nas pernas, fatigadas de tanto correr e dançar, ela sentiu os músculos retesarem-se. Os rostos dos filhos que podiam ainda estar vivos – Micah, Mary Grace, Mercy, Thomas Augustus e Cherry Jane – desenharam-se no interior das suas pálpebras.

Quando Rachel abriu os olhos, os fantasmas já tinham desaparecido. A mulher idosa encontrava-se ainda diante dela. Fez um aceno ao homem atrás de Rachel.

– Eu cuida dela agora, Gabriel.

Rachel virou-se e viu um homem corpulento inclinar a cabeça num arremedo de vénia.

A mulher idosa estendeu uma mão, os nós descarnados como raízes de árvore.

– Anda.

– Meu nome é Bathsheba, mas todos me chamarem Mãe B.

No exterior da cabana, a mulher mais velha deteve-se, concedendo a Rachel um momento para examinar as redondezas. Encontravam-se na encosta da colina, perto do mar. Havia ali de facto habitações, conforme parecera a Rachel, lá do alto. Via-se uma grande casa de madeira no centro de um círculo de cabanas mais pequenas, todas sustentadas por estacas no terreno declivoso. Em torno destas, o solo revelava sinais de cultivo, mas não do tipo organizado, ao estilo da plantação. Ali os sulcos eram sinuosos, mudando de curso para dar espaço a algumas palmeiras que cresciam entre as sementeiras.

Rachel manteve os braços firmemente cruzados diante do peito. Sentia que a Mãe B a observava, que aguardava as suas perguntas. Alguns homens e mulheres trabalhavam, mondando as terras, movendo-se entre as cabanas, mas não se avistavam pessoas brancas.

– Que sítio é este?

– Era uma plantação de tabaco – disse a Mãe B. – Uma plantação pequena. O sor meter-se em sarilhos. Partiu faz uns anos, e não termos notícias nunca mais.

Rachel observou um rapazinho – não devia ter mais de dez ou onze anos – que se esgueirava de uma das cabanas, sentindo a mágoa que sentia com frequência quando via crianças de uma determinada idade.

– Esta ser a sua família? Os seus *pickney*?

– Não. Eu não ter *pickney*.

– Então porque é que... – Rachel interrompeu-se. Tinha sentido uma certa brusquidão na resposta da Mãe B e não queria ser abelhuda.

A mulher mais velha olhou de esguelha para Rachel.

– Então porque é que me chamarem Mãe B?

Dito isto, de súbito, sorriu, e formaram-se-lhe rugas profundas em todo o rosto – as rugas de quem sorri com frequência.

– Não ser mãe de ninguém, e por isso tentar ser mãe de todos. Minha mãe, Betsy, teve vinte *pickney*. Chamarem-lhe Mãe B antes de mim, por isso fiquei com nome. Desde que o sor for embora, eu tenta manter este sítio para os que não ter sítio pra onde ir.

A Mãe B levou Rachel até à casa principal. Rachel seguiu-a devagar, com cautela, os ouvidos ainda atentos a algum sinal de que tudo aquilo não passasse de um ardil, de que a qualquer momento os homens brancos irromperiam dos arbustos de armas em riste, prontos a arrastarem-na de volta a Providence. Confiança não era coisa que Rachel sentisse com facilidade, mas que escolha tinha ela? Não havia mais nenhum sítio para onde fugir. O mar marcava o confim de Barbados – para lá dele não havia senão voragem e céu.

A porta da frente desembocava num salão, com uma mesa de madeira rodeada de cadeiras, bancos e barris virados ao contrário. A um canto estava uma mulher a moer especiarias num almofariz, com um pilão. Viam-se esteiras de dormir encostadas às paredes, algumas vazias e outras ainda ocupadas. Duas portas à esquerda e à direita davam a saber que a casa tinha ainda mais divisões, e por uma delas Rachel ouvia o murmúrio de vozes.

A Mãe B bateu as palmas uma vez. Nas divisões, a atividade cessou, e ergueram-se cabeças das esteiras, de olhos piscos. Pela porta da esquerda entrou um homem, com curiosidade na expressão. Rachel, de pé atrás da mulher mais velha, sentiu-se enrubescer perante todos aqueles olhares. Fitou os seus próprios pés.

– Esta é a Rachel – disse a Mãe B. – Ela procura os *pickney*, que perder faz muito.

Vendo o modo como alguns dos rostos dos presentes se contraíram, Rachel percebeu que ela não era a única a ter perdido família, e talvez também não a única a ter tentado reencontrar alguém.

A mulher no canto tinha pousado o almofariz. Ergueu-se lentamente – era esguia, jovem, e torcia as mãos.

– Eu pensa...

O coração de Rachel deu um pulo.

– Sim. – A mulher aproximou-se, os olhos perscrutando o rosto

de Rachel. A voz dela era agradável e gentil. – Pensa... Tu ter uma filha?

Rachel acenou afirmativamente.

– Sim – disse de novo a mulher. – Eu pensa que vi ela. Faz uns ano, em Bridgetown. A cara ter a mesma forma. Eu lembra-me porque ela não falar.

Rachel não se mexeu. Sentia-se fraca e zozza. Tinha a boca seca e o lábio, trémulo. A imagem de Mary Grace lampejou diante de si – uma imagem mais vívida, mais nítida do que via há anos, mais sólida agora que Rachel sabia que ela existia num local específico. Bridgetown. Na outra ponta da ilha. Nesse momento, pareceu-lhe uma distância intransponível.

A Mãe B pousou uma mão no ombro da mulher baixa. Depois virou-se para Rachel.

– Ter de ir a Bridgetown. Eu leva-te. Podermos ir amanhã.

Havia uma inflexibilidade na voz da mulher mais velha que abafou o protesto que subia já à garganta de Rachel. Aquilo não era um convite: era uma ordem. Rachel, sentindo os membros quererem dar de si de pura exaustão, acatou-a.

1 «Criança», «filho», no dialeto local. (*N. da T.*)

Na manhã seguinte, chegaram as chuvas. Rachel e a Mãe B ainda não tinham alcançado o cimo da colina quando os pingos começaram a cair, grossos e copiosos, gotas gordas que abriam buracos no chão. Depressa ficaram ensopadas, enterrando-se, passo a passo, no solo empapado, a água agarrada a elas como uma segunda pele. No horizonte, o mar e o céu sangravam juntos, unindo-se no cinzento embravecido de uma tormenta iminente.

– Termos de voltar – disse a Mãe B.

Dentro da casa, as divisões estavam apinhadas mas silenciosas. Rachel reuniu-se a um grupo de mulheres que se encontrava de pé junto de uma janela, e ficou a olhar para o mar. Não lhe servia de grande consolo imaginar a filha, Mary Grace, do outro lado de Barbados, a fitar como ela a ameaçadora massa de vagas e a ouvir o mesmo vento gemente que assolava a ilha.

Ao início da noite, a tempestade já se dissipara, mas a chuva perdurou três dias. O ruído constante da água a embater na madeira começou a fazer doer a cabeça a Rachel. Para tentar distrair-se da viagem adiada, examinou cada centímetro da casa da Mãe B. Havia três divisões no total: o salão com a mesa larga e duas divisões contíguas a este, uma com o pavimento coberto de esteiras de dormir e outra que servia de armazém de provisões. Rachel começou por um canto do armazém e investigou toda a casa no sentido dos ponteiros do relógio, passando a mão sobre todas as fendas e entalhes na parede. Descobriu os sítios onde a água se infiltrava e pingava no chão. Descobriu os locais onde as pranchas estavam irregulares, ou enegrecidas pela fuligem das velas. Junto da porta da rua, descobriu uma marca que alguém gravara na parede – parecia o início de um desenho, curvando-se ligeiramente para trás sobre si mesmo, numa espiral meio formada, aproximadamente do tamanho da palma de Rachel. O sulco era profundo e liso, da mesma cor escura da madeira em torno de si. Uma cicatriz sarada, e não um golpe recente.

Quando as paredes deixaram de ter segredos a desvendar, Rachel voltou-se para as pessoas. Muitas tinham também entalhaduras

inacabadas, que ela vislumbra quando se viravam no sono ou se voltavam para a janela para observar a chuva. A pele franzida revelava o padrão da memória das chicotadas, ao passo que os recantos incólumes das costas e dos ombros mostravam onde a liberdade cortara cerce o processo de gravar a escravidão ainda mais fundo na carne.

A Mãe B era o centro da casa. Todos pareciam levar até ela as suas perguntas e os seus medos. Rachel via muitas vezes a mulher mais velha em conversa sussurrada com um qualquer homem de sobrolho franzido ou uma criança com ar abandonado, ou alguém que enfrentara a chuva para ir até ali, vindo de outra cabana, pedir-lhe conselho. Aquelas pessoas iam-se sempre embora com os rostos um pouco menos sombrios, graças ao que quer que a Mãe B lhes tivesse dito.

A Mãe B cumprimentava Rachel com um aceno, caso os seus olhares se cruzassem. Uma ocasião, aproximou-se, pousou a mão no ombro de Rachel e perguntou-lhe se estava bem. Tirando isso, Rachel não falava com ninguém. Estar aprisionada dentro de uma casa incomodava-a – o confinamento parecia-lhe semelhante o suficiente à vida em Providence para a fazer regressar ao seu eu anterior: reservado e calado. Pela sua parte, os outros ocupantes da casa não lhe prestavam grande atenção. Pareciam habituados a forasteiros reticentes que iam entrando e saindo dos limites da sua comunidade. Rachel andava pelos cantos, tentava não atrapalhar ninguém e esperava que a chuva passasse.

Na manhã do quarto dia, Rachel acordou com o som do silêncio. A chuva cessara, por fim.

A Mãe B já estava a pé, sentada à mesa, o perfil duro de obsidiana do seu rosto virado para o mar. Parecia não se ter dado conta de que Rachel se tinha levantado e sentado ao seu lado, à espera de saber se partiriam em breve.

– Um dos *pickney* tá doente – disse a Mãe B, sem se virar para olhar para Rachel. A frase saiu-lhe da boca prontamente. Aquelas palavras não lhe eram estranhas. – Uma febre. Chegar de noite. Não

podermos ir a Bridgetown hoje.

Rachel aquiesceu.

– Ter de ir na floresta. – A Mãe B ergueu-se, pegou numa saquinha que estava em cima da mesa e entalou-a no cós da saia. – Há ervas que podem ajudar. Podes vir, se queres.

Depois dos dias passados no interior, Rachel estava desejosa de se ver ao ar livre, mas a menção das ervas medicinais fê-la hesitar. A própria Rachel nunca tivera aquele tipo de conhecimento, mas em Providence havia pessoas que, dizia-se, eram versadas em poções ou feitiços. Quando era pequena, havia um homem que todos diziam ser um feiticeiro na sua terra natal. Mal falava inglês e as suas palavras estranhas podiam ter sido tentativas de entabular conversa, e não maldições, mas as pessoas evitavam-no, receosas. Rachel lembrava-se ainda dos olhos dele, a parte branca amarelecida e raiada de sangue, com íris escuras como buracos no centro. Algumas das outras crianças afirmavam que se se olhasse demasiado tempo para eles caía-se morto. E Rachel ouvira dizer que uma vez, quando um supervisor se dirigia a galope para o homem brandindo o chicote na mão, o cavalo se tinha empinado e o cavaleiro caiu para trás e partiu o pescoço.

Mas os olhos da Mãe B não pareciam deter o poder da morte e do lado de lá da janela o mundo afigurava-se convidativo – havia poças de água da chuva dispersas pelo solo ainda saturado, a reluzir ao sol da manhã. Isto bastou para livrar Rachel das suas superstições infantis, e ela seguiu a Mãe B até ao exterior da casa.

Subiram a encosta até à floresta. O ar do início da manhã estava brumoso e húmido, e tudo rescendia a frescura. Sob as copas das árvores, as folhas tingiam a luz do sol de um verde mosqueado, e Rachel teve de esforçar a vista para evitar as raízes que se entrecruzavam no caminho. Bateu com a cabeça no fruto pendente de uma cabaceira e a folhagem dos fetos fazia-lhe cócegas nas canelas das pernas.

A Mãe B abria caminho com as mãos, passando de tronco em tronco. Estava sempre a tocar alguma coisa – casca de árvore, folha,

fruto, flor. Em comunhão com a floresta. Rachel, que levava as suas mãos agarradas atrás das costas, observava a mulher mais velha em ação. Havia uma língua que a Mãe B sabia falar e Rachel não. Rachel estava em sintonia com os ritmos da cana e dos inhames e da mandioca e das hortas dos escravos. Não submetidas ao cultivo, as árvores silvestres tinham formas e segredos que ela não conhecia.

Chegaram junto de uma árvore grossa e nodosa que abrisse um espaço só seu no mato rasteiro: em torno dela, nada crescia. A Mãe B deu-lhe umas palmadinhas, como que em cumprimento, e virou-se para Rachel.

– Aqui. – Estendeu a saquinha. – Tirar a casca.

Rachel manteve-se uns passos atrás.

– Quer que faça eu?

– Sim.

– Mas eu não saber nada... sobre ervas, árvores. Curas.

A Mãe B arrancou uma gargalhada do meio do peito e o som reverberou na terra à volta delas.

– Não precisar de saber tudo isso. Apenas ajudar, mesmo assim.

A afabilidade do riso da Mãe B apanhou Rachel desprevenida, trespassou as suas defesas. E porque não? Onde estava o mal? O medo que sentia há muito da *obeah*2 ainda a ensombrava, mas Rachel afastou-o e aceitou a saquinha das mãos da Mãe B.

Mesmo à sombra da vasta copa, a constelação de gotinhas de orvalho no tronco reluzia. Pousando a mão nele, Rachel conseguiu sentir a sua idade – centenas de anos de crescimento retorciam-se na madeira áspera, subindo em espiral ao céu. Foi inundada por uma sensação de reverência por estar na presença de uma coisa tão antiga. A árvore já existia antes mesmo dos seus antepassados distantes e permaneceria ali até muito depois da sua morte. Ela encontrou uma fenda e retirou uma pequena tira de casca, que deixou cair dentro da saca. Depois, quase sem pensar, passou a mão pelo pedaço nu de tronco verde-amarelado que tinha deixado. A ferida estava limpa, não vertia seiva. Respirou, aliviada. A árvore não sofreria por causa do que ela lhe retirara.

A Mãe B estava a sorrir-lhe.

– Vês? Não precisa saber. Sentir.

– O quê?

– A ligação entre as coisas. Que não poder só tirar, também ser preciso dar.

Continuaram a procurar coisas na floresta. A Mãe B estava agora mais expansiva, acocorando-se e apontando a Rachel os rebentos que despontavam da terra ou colhendo frutos e flores e metendo-os nas mãos de Rachel, instando-a a reparar na cor, na forma, no tamanho. Foram enchendo a saquinha de raízes, pétalas e folhas até a Mãe B se dar por satisfeita.

– Termos de voltar – disse ela. – O *pickney* não aguenta.

Dentro da casa, Rachel sentiu o cheiro da doença no ar cediço. A criança tinha sido instalada numa esteira ao canto, e tinha os olhos fechados e a pele brilhante de transpiração. Rachel olhou de relance para o menino, depois desviou a vista. Tinha o mesmo brilho febril de Samuel e Kitty quando estes estavam às portas da morte, as mesmas respirações superficiais. Ele recordava-lhe tudo o que ela tinha perdido.

A Mãe B pegou no almofariz e no pilão de madeira e sentou-se à mesa. Ao seu lado, Rachel esvaziou a saquinha das coisas que tinham colhido na floresta. Juntou-se à volta delas um grupo de pessoas. Rachel percebeu quem era a mãe do menino pela sua cara manchada de lágrimas e ver aquilo formou-lhe um nó na garganta. Era a mulher baixa e frágil de antes, aquela que vira no rosto de Rachel um eco de Mary Grace, e que agora se preparava para perder também um filho.

A Mãe B pegou numa flor de centro vermelho-vivo, com pétalas que se iam esbatendo até um suave tom rosado nas pontas. Começou a moê-la no almofariz. O seu perfume doce depressa se tornou enjoativo e se transformou em gases doentios que ficaram agarrados ao fundo da garganta de Rachel. A Mãe B acrescentou então folhas das outras ervas que tinham colhido, e estas temperaram o odor da flor com um cheiro mais terroso, como madeira acabada de serrar. Por fim, adicionou uma manchieira de bagas que rebentaram debaixo do pilão, e o seu sumo escuro correu

como veias, na mistura.

A Mãe B debruçou-se sobre o almofariz. As narinas dilataram-se-lhe quando ela inalou profundamente, de olhos fechados. Murmurou qualquer coisa entre dentes numa língua que Rachel não conhecia, mas para ela a formulação teve a familiaridade calorosa do rosto de um amigo quase esquecido.

Pela janela, entrou uma brisa fresca que trespassou o ar estagnado e doentio da divisão. A Mãe B endireitou-se no assento.

– Tá pronto. – Olhou para Rachel. – Traz casca.

A Mãe B ajoelhou-se ao lado da criança, cujos olhos se abriram bruscamente ao pressentir aquela aproximação. O menino desencadeou uma enxurrada de recordações que Rachel deixou de conseguir conter. Viu Micah no arco das suas sobranceiras, Mercy nas unhas das mãozinhas e Samuel na forma como as costelas subiam e baixavam. Viu-os a todos. O tempo curvou-se para trás sobre si próprio e de repente deixou de importar se os olhos do rapazinho não tinham o olhar vidrado e vazio dos moribundos, ou se os seus lábios continuavam a sorver avidamente ar para os pulmões. O ciclo estava destinado a repetir-se, uma e outra vez. Doença e morte. As lágrimas inundaram os olhos de Rachel. Só a perda era certa. Nada mudaria.

Um toque no braço arrancou Rachel às suas recordações e trouxe-a de volta a casa da Mãe B. A mãe do menino estava ao seu lado, pressionando a tira de casca na sua mão. O garrote afrouxou a pressão que exercia sobre Rachel e o menino deixou de ter a expressão dos seus próprios filhos. Era filho de outra pessoa, e o seu futuro não estava ainda traçado.

Rachel aceitou a casca e sorriu brevemente à mãe do menino. A mulher mais jovem tinha o lábio trémulo, mas os olhos cintilavam de esperança – esperança de que a Mãe B tivesse a cura, mas também esperança de que Rachel pudesse ajudar. Instigada por esta confiança, Rachel ajoelhou-se ao lado da Mãe B.

– O que eu pode fazer?

A Mãe B indicou a Rachel que aplicasse a casca na testa da criança. A mulher mais velha conduziu o dedo de Rachel para a mistura herbal e depois fê-la desenhar uma linha sobre o lábio

superior do menino e outra, vertical, no centro do seu peito. Por fim, a Mãe B verteu a mistura restante na boca da criança. O menino fez ligeira menção de vomitar ao sentir o sabor, mas não ofereceu resistência. A Mãe B pousou uma mão no ombro da criança e fez uma expressão de tal forma terna e afetuosa que Rachel sentiu que tinha de desviar o olhar – era um momento demasiado íntimo para ser partilhado.

– Dormir – sussurrou a Mãe B.

A criança fechou os olhos. Todos na divisão se mantiveram imóveis enquanto a respiração entrecortada se normalizava. Só depois de ele estar a dormir há algum tempo é que a Mãe B se mexeu. Tocou primeiro em Rachel, um gesto de agradecimento, depois ergueu-se e tomou nos braços a jovem mãe do menino. Os que se tinham juntado para assistir começaram a dispersar, entregando-se de novo aos seus afazeres, ou saíram para as outras divisões. Alguns murmuraram orações, um homem persignou-se, de olhos erguidos ao teto. Rachel ergueu também o olhar e, em silêncio, pediu que o menino vivesse, embora tivesse perdido há muito a fé nas orações. Alguma coisa no momento, na inocência do rosto infantil, lhe reacendera uma centelha ténue de fé.

Durante o resto do dia, todos se moveram lentamente e falaram com vozes abafadas. Esperavam. A criança dormia. Rachel pegou numa das bagas preto-azuladas que a Mãe B não misturara no remédio e fê-la rolar entre o indicador e o polegar, tendo o cuidado de não deixar que rebentasse.

² Religião de origem africana praticada nas Antilhas. (*N. da T.*)

A criança sobreviveu. Passado um dia de sono febril, acordou com um sorriso que fendeu a mistura herbal seca, em crosta sobre os seus lábios. Todos na casa se permitiram um breve momento de celebração – um aperto no braço de outrem, ou o erguer dos olhos ao céu em agradecimento. A mãe do menino segurou-o nos braços e chorou silenciosamente sobre os caracóis escuros da sua cabeça. Vendo-os, Rachel sentiu que lhe saía um peso de cima. A roda quebrara-se. A maré infundável de estações passadas a plantar e colher e plantar mais uma vez – a repetição inexorável de vida dura e morte prematura – tinha perdido a sua força. Não havia nada de inevitável na sobrevivência da criança, mas também não havia nela nada de impossível. As coisas não estavam tão determinadas como outrora tinham parecido.

Rachel e a Mãe B puseram-se a caminho de Bridgetown. Ao transporem os limites da antiga plantação de tabaco, o pequeno santuário da Mãe B, Rachel sentiu-se inquieta. O trajeto para Bridgetown levá-la-ia de novo na direção de Providence. Andariam à procura dela? Teriam cães a seguir-lhe o rasto? Mas depois as sombras frescas da floresta engoliram-na e ela sentiu-se, não segura, mas escondida. Escudada do calor denunciador do sol.

O caminho da floresta seguia junto à falésia. Rachel não conseguia ver o mar, mas ouvia-o, rebentando suavemente nos rochedos mais abaixo. A Mãe B ia à frente, abrindo caminho por entre o mato. Falavam pouco uma com a outra, mas havia um à-vontade agradável entre ambas. A doença do menino tinha-as aproximado mais. Rachel reconhecia na mulher mais velha a capacidade ilimitada de amar que ela própria já tivera, havia muito. Mas a Mãe B tinha igualmente uma feição acerada, uma força discreta que Rachel admirava. Tinha os contornos endurecidos de uma sobrevivente, mas também ajudava outros a sobreviver. A Rachel, que tentara ensinar a si mesma a amar menos, a ajudar menos, a fechar-se aos outros, esta sobrevivência expansiva trazia

alguma esperança. Havia outra forma.

Infletiram para o interior e, ainda protegidas pelas árvores, dirigiram-se para os montes. O caminho começou a alargar-se: os ramos tinham sido cortados para permitir que as pessoas passassem com maior facilidade, e de cada lado as árvores entrelaçaram-se umas nas outras, formando uma barreira contra a estrada. Conforme a floresta recuava, o medo de Rachel aumentava. Caminhavam agora numa faixa luminosa de sol e Rachel avistava constantemente movimento entre as árvores ou ouvia sons de folhas a sussurrarem. Durante um momento terrível, imaginou o seu antigo senhor a irromper das sombras. Com respirações rápidas, trémulas, tentou acalmar-se, livrar-se da sensação de estar a ser observada. Os únicos olhos que as seguiam pertenciam a um solitário gavião-caramujeiro, no ninho feito nos ramos na orla da estrada, que virou a cabeça para as fitar à sua passagem.

Rachel e a Mãe B alcançaram o cimo de um monte e, de súbito, todas as árvores desapareceram. Abaixo delas, os campos de cana-de-açúcar estendiam-se como uma irritação cutânea na paisagem plana. Nem um centímetro de terra fora poupado: tudo tinha sido forçado a submeter-se e a produzir. A cana era o domínio do senhor branco sobre a ilha tornado manifesto. O panorama de plantações encheu Rachel de medo.

– E se nos ver? – murmurou.

– Pode acontecer – disse a Mãe B. – Mas este ser caminho mais rápido para Bridgetown. Se quer lá ir, faz este caminho e arrisca.

Enquanto Rachel fitava os campos de cana, imaginando homens brancos a aparecerem a cavalo para a arrastar por uma corda de volta a Providence, despertou outra coisa dentro de si. Uma espécie de nostalgia misturada com o seu medo, a repuxar-lhe o coração, a empurrá-la para a sua antiga plantação. De volta ao familiar e ao solo que abrigava os corpos de Samuel, Kitty e do nado-morto. Havia certeza nos seus ossos, ao contrário do vasto desconhecido que se abria perante si. Sentiu-se invadida por uma dor esgotante. Sentiu novamente a sua pequenez – a sensação de que não tinha nada a não ser os corpos enterrados dos seus filhos mortos. Tudo o mais que ela tinha perdido, perdera-o para sempre.

Rachel virou a cabeça. A Mãe B observava-a, sem impaciência nem expectativa. Já não havia comando: Rachel sabia que se pedisse para voltarem para trás, fá-lo-iam. No entanto, alguma coisa no rosto da Mãe B, imóvel como um rochedo mas cinzelado de bondade, deu a Rachel a força de que ela precisava. Inspirou, sentindo o peito expandir-se. Deu um passo, depois outro, até estarem de novo a caminhar.

Desceram a encosta despida e seguiram a estrada entre plantações. De ambos os lados, viam-se casas grandes agachadas sobre os trabalhadores nos campos, vigilantes. Quase não havia sombras e o sol da manhã queimava, inclemente. Aqueles locais eram feitos para serem vigiados, e Rachel sentia-se observada. Mantinha a cabeça curvada, as mãos sobre o peito, fazendo-se tão pequena quanto conseguia.

Escravos-que-já-não-o-eram ocupavam-se da cana. Rachel viu um homem caminhar com um balde equilibrado sobre a cabeça – estava perto o suficiente para que o cheiro do estrume fresco chegasse à estrada, dando-lhe vontade de vomitar. Conhecia aquele cheiro. Sabia como era caminhar pelos campos com excrementos à cabeça.

Alguns trabalhadores olharam de relance quando elas passaram, com os olhos vidrados de exaustão. A maior parte nem ergueu a cabeça. Havia tantos campos, e tantos rostos, que todos começavam a confundir-se. A guinada de terror que Rachel sentia de cada vez que via alguém olhar na direção delas foi-se atenuando e acabou por se transformar num zumbido de fundo de temor discreto. Sentia-se quase resignada com o seu destino. Se fosse vista por alguém que a conhecesse – que gritasse quem era ela, uma foragida –, que assim fosse. Morreria. Até lá, tudo o que podia fazer era continuar a caminhar, fitando, alheada, a estrada diante de si enquanto via passar cenas idênticas pelo canto do olho.

Por volta do meio-dia, com o calor do sol implacável, a Mãe B abrandou o passo. Rachel sentia a boca seca e a cabeça a latejar. A ilha parecia vasta – filas infindas de cana e uma parede de céu azul, sem nuvens.

– Termos de descansar – disse a Mãe B.

Rachel olhou para a estrada à sua frente. Também ela era infinda, espremida entre campos e céu, estreitando-se até um único ponto ao longe.

– Quanto faltar para Bridgetown?

A Mãe B franziu os olhos, avaliando a distância.

– Talvez três hora. Mas depois ser mais depressa se sairmos do sol um bocado.

A Mãe B caminhou até um dos lados da estrada e dirigiu-se para o campo mais próximo. Com uma irreverência despreocupada, ignorou os limites da plantação e passou sob a fina vedação. Rachel ficou à espera do grito de um guarda ou de um supervisor, mas este não se fez ouvir. Os trabalhadores não fizeram caso da Mãe B, que continuou a andar à beira do limite do campo em direção a uns edifícios de pedra numa das extremidades. A mulher mais velha teve de se virar e acenar com impaciência para Rachel se decidir a segui-la.

Quando chegaram aos edifícios, a Mãe B sentou-se e indicou com um gesto a Rachel que fizesse o mesmo. O sol ia a pique e elas tiveram de puxar os joelhos para o peito para conseguirem manter-se à sombra, mas ali estava francamente mais fresco, apesar de a pedra irradiar parte do calor absorvido durante o dia para as costas de ambas.

A Mãe B partilhou algumas provisões – puré de inhame, peixe salgado, banana-pão – e comeram em silêncio. Ver-se de novo numa plantação, apesar de tão longe de Providence, deixava Rachel hirta de medo. Tinha os ombros, o pescoço e o maxilar tensos e não parava de relancear em volta, procurando detetar qualquer sinal de problemas. Reparou que um homem no campo parara de trabalhar e se apoiara no arado, olhando na direção delas. Rachel baixou rapidamente o seu olhar, receosa de o cruzar com o dele. Quando se atreveu a erguê-lo de novo, ele já vinha a meio caminho, dirigindo-se para elas.

Avançava com lentidão. Lançando-lhe olhares furtivos, Rachel apercebeu-se de que coxeava. Visto de longe, a sua estatura e corpulência levava-a a supor que se tratava de um jovem, mas

conforme se ia aproximando ela deu-se conta do seu engano. Teria pelo menos mais dez anos do que ela. A carne mirrara sobre o arcaboijo largo, deixando as peles pendentes, mas a idade tornava-o ainda mais impressionante, como se a força se tivesse instalado toda nos ossos e já não precisasse de músculos. Não obstante um tornozelo inchado, tinha um aspeto imponente. Uma cicatriz comprida percorria todo o lado esquerdo da face, passando sobre o olho de um branco leitoso. O homem deteve-se a alguns passos de Rachel e da Mãe B e o olho direito escrutinou-as perspicazmente.

– Bathsheba.

A Mãe B ergueu o olhar da comida.

– Tamerlane.

O rosto do homem fendeu-se num sorriso, a cicatriz a curvar-se para a orelha. Rindo, a Mãe B pôs-se de pé com um salto e eles abraçaram-se.

– Rachel. – A Mãe B soltou-se do homem e virou-se para ela. – Este é Tamerlane. Meu irmão.

Apesar da diferença da pele – a da Mãe B lisa e a de Tamerlane enrugada – quando ficaram lado a lado Rachel viu as semelhanças entre ambos.

– Olá, Rachel – disse Tamerlane. – O que vos traz aqui?

Rachel obrigou-se a olhar para a vista boa, e não para a inutilizada, que não parava de se revolver na órbita.

– Irmos a Bridgetown.

Na pausa que se seguiu, a Mãe B não forneceu mais informações, e Tamerlane não as pediu. Rachel alegrou-se. Sentou-se, com os joelhos a defenderem o peito. Não tinha nada contra Tamerlane, mas a ideia de articular a sua demanda, enunciar o propósito daquela viagem, dava-lhe calafrios. Tinha medo – da captura, do fiasco, e mesmo do julgamento por não ter sido corajosa o suficiente para intentar a busca mais cedo.

A Mãe B afagou ternamente o braço de Tamerlane.

– Vem. Senta.

Ele juntou-se a elas na faixa estreita de sombra. A Mãe B e Tamerlane sentaram-se com os corpos quase a tocarem-se. Apesar do nó de ansiedade que sentia ainda nas entranhas, Rachel ficou

fascinada com a proximidade de ambos. Deixou que uma das suas pernas se estendesse, o tornozelo e a canela a deslizarem para o sol, embora mantivesse a outra encostada a si, como um escudo.

– Crescer juntos – disse a Mãe B. Falava para Rachel, mas em parte também para o mundo. Como se tivesse de falar para fixar aquela verdade no tempo, para a defender de um qualquer homem branco que viesse para lhe roubar Tamerlane. – Numa plantação perto de Bridgetown.

Tamerlane pegou no fio da meada da história dela e prosseguiu.

– Havia muitos como nós, nos velhos tempos. Toda a plantação era prova da força da nossa mãe, que dar ao sor tantos *pickney* para trabalhar nos campos.

Rachel não disse nada, mas soergueu-se ligeiramente, endireitando as costas e prestando mais atenção. Estava curiosa. Queria ouvir.

– Éramos o mais feliz que podermos ser – continuou a Mãe B. – Mas um ano as coisas ficarem más.

– Pois foi – disse Tamerlane. – O sor cheio de dívidas.

– Vender dois dos nossos irmãos.

As frases deles fluíam, coladas umas às outras, harmonizando-se em cadência e tom, como se saíssem de uma só boca.

– Perder o Ishmael e o James fez nossa mãe morrer – prosseguiu a Mãe B. – Perdermos irmãos e irmãs por causa da doença, antes. Mas estes filhos tinham vivido com ela vinte anos... foi muito pra ela.

– Morreu de desgosto. E o pior ainda estava pra vir.

– Uns meses depois, o sor arrastar o nosso irmão Samson pra fora de casa e bater-lhe. Dizer que o Samson tramava uma rebelião para se vingar da nossa mãe e dos nossos irmão.

– Prenderem o Samson e matarem-no pelos crimes.

O ritmo desacelera e torna-se o de uma marcha fúnebre. Cada sílaba um rufo de tambor. Eles contam a história com um ar experiente – aquela não é a primeira vez que a narram. Porém, Rachel consegue sentir a crueza do desgosto de ambos, impossível de atenuar pelas narrações sucessivas.

– Depois disso, o sor jurar vender-nos todos – disse a Mãe B. –

Não querer mais problemas connosco.

– Eu começar em Bridgetown – disse a Mãe B. – Quando esse sor morre, me venderem de novo pro Norte. Não ter mais esperança de voltar a ver família.

Quedaram-se em silêncio. Rachel, fascinada pela história, não suportou a pausa.

– E depois? Como encontrarem-se de novo?

Irmão e irmã trocaram um sorriso.

– Faz uns três ano – disse Tamerlane. – Eu trabalhar nestes campos quando olha duas pessoa a caminhar na estrada principal. O sol nos olho, mas eu saber que era Bathsheba pela forma de andar. – Soltou um risinho. – Às vezes chamar-lhe «senhora», ela caminhar de cabeça erguida e altiva. Eu tinha vontade de correr pra ela, mas com o supervisor à coca, não arriscar. Bathsheba passar e nem me ver e eu com a certeza que nunca mais a olhar de novo. Não saber de onde ela vir nem pra onde ir. Só um olhar. Um olhar por todos os ano a rezar.

– O Tamerlane ver-me com o sor a caminhar pra Bridgetown – disse a Mãe B. – O sor ter coisas a fazer na cidade. Irmos ficar uma semana, mas o sor sabe que ter mulher doente. Então sor aluga cavalo e dizer-me pra voltar.

– Então, termos sorte. Quando ela passar, o supervisor dentro de casa, e o capataz mais perto do outro lado do campo. Eu estava a vigiar a estrada todos os dias, mas não ter esperança. Quando Bathsheba passa, eu correr, chamar o nome dela.

Tamerlane e a Mãe B fecham os olhos durante um instante, imersos na memória do reencontro. Nos seus rostos é visível a alegria do momento, de mistura com o travo agri-doce de todos os anos que tinham perdido.

– Desde esse dia vir aqui sempre que eu poder – disse a Mãe B.

Tamerlane pousou a mão sobre a da irmã. Entre eles, mais forte do que o sol do meio-dia, havia o calor de um laço que nenhum senhor poderia ter desfeito.

Tamerlane pôs-se de pé, apoiando o seu peso no ombro da Mãe B para poupar o tornozelo magoado.

– Eu ter de trabalhar. – Fixou a vista boa em Rachel e acenou

com a cabeça. – Ter cuidado contigo, Rachel. – Depois, virando-se para a irmã: – Eu procurar-te no regresso.

– Sim. eu ver-te outra vez. – A Mãe B saboreou a certeza das suas palavras.

Enquanto Tamerlane regressava aos campos, a Mãe B olhou de soslaio para Rachel. Pelo brilho no seu olhar, Rachel percebeu que o efeito da história tinha sido intencional. O afeto que ela sentiu, a ideia de que o impossível podia tornar-se possível – de que o dano, uma vez feito, podia ser desfeito –, tudo isso tinha sido planeado pela Mãe B. Rachel sentiu-se grata.

Quando as duas mulheres se levantaram para prosseguir caminho, Rachel manteve a cabeça curvada e o medo continuou a tremular-lhe sob a pele. Podiam estar a ser seguidas. Podiam encontrá-la. Contudo, as suas passadas eram um pouco mais largas. A ilha de Barbados já não se lhe afigurava infinita. A cada passo, a cidade de Bridgetown parecia prestes a surgir no horizonte – e nela, Mary Grace.

A estrada encheu-se de gente. Mulheres que levavam cestos à cabeça e apoiados nas ancas, homens a conduzirem burros e porcos com paus. Os cavalos trotavam imperiosamente entre a multidão, transportando soldados com casacos de um vermelho flamejante. Ao sol do início da tarde, todos projetavam sombras alongadas. O ar adensou-se com o cheiro da transpiração e do estrume, recoberto com a doçura da fruta madura. Começaram a erguer-se edifícios do solo. De início pequenas cabanas, não muito diferentes das que havia nas plantações, mas estas foram ficando cada vez mais altas e faustosas, conforme avançavam.

– Isto é Bridgetown – anunciou a Mãe B.

Rachel não disse nada. Sempre vira a plantação como uma prova do poder do homem branco sobre a natureza – a sua capacidade para cercar a terra e obrigar o solo a dar as coisas que ele desejava. Mas Bridgetown era o verdadeiro monumento ao homem branco. Ali não crescia nada. Olhando em seu redor, ela viu apenas pessoas e a extensão de casas que elas tinham construído.

Ao contrário das plantações, a cidade não fora concebida de modo a não ter locais onde era possível alguém esconder-se. As pessoas entravam e saíam de ruas secundárias e sentavam-se nas entradas das casas. Mas Rachel não conseguia afastar a sensação de estar a ser observada. Um homem branco, a cavalo, fixou nela o olhar por um momento, e ela quase desmaiou, zozza com o pensamento de que ele sabia que ela estava ali fora do seu ambiente, que era uma foragida, com a ideia de que ele se aprestava a desmontar do cavalo, a agarrá-la pelos pulsos e a arrastá-la, obrigando-a a fazer o caminho de regresso. Mas o homem desviou o olhar e elas continuaram a andar.

– Eu fala com Artemis antes de virmos embora – disse a Mãe B. Artemis era a mãe da criança doente, a que tinha visto Mary Grace há muitos anos. – Ela dizer que ver a tua filha no mercado. Sozinha, mas bem vestida. Por isso deve ser escrava doméstica numa casa qualquer.

Rachel já não conseguia ver a imagem da filha. Já não sentia que

Mary Grace estivesse perto. Para onde quer que olhasse, via ruas cheias de casas, e em qualquer delas podia encontrar-se a sua filha – a escala da missão provocou uma tontura a Rachel.

Absorta, Rachel quase embateu numa carroça que parara diante delas. A Mãe B pousou uma mão nas costas de Rachel, para a guiar e obrigá-la a contornar o obstáculo.

– Bridgetown não ser tão grande assim – disse a Mãe B. – Não te preocupes. A gente encontrá-la.

A Mãe B fê-la meter por uma transversal. Era uma rua tranquila e, uma vez afastada da multidão, Rachel conseguiu respirar um pouco melhor. Tentou agarrar-se ao modo como se tinha sentido depois de ver a Mãe B e Tamerlane juntos e de ouvir a história deles. Com a sua força de vontade, impediu que o pouco que lhe restava de esperança se desvanecesse.

A Mãe B franzia o sobrolho, observando as portas das casas por onde passavam. Por fim, uma abriu-se e saiu uma mulher. Rachel não conseguiu impedir-se de a mirar. Nunca tinha visto uma mulher tão escura vestida com tanta elegância: um vestido de seda, azul-claro, com uma faixa vermelha em torno da cintura.

– Desculpe – disse a Mãe B à mulher –, sabe onde mora Hope?

A mulher afivelou no rosto uma expressão altiva, diminuída pelo facto de ter de erguer o olhar para a Mãe B, mais alta do que ela.

– Quem pergunta?

– Bathsheba. Eu conhece a Hope no Norte.

A mulher ficou de queixo caído.

– É a Mãe B? A Hope falou de si. – Indicou com um gesto a casa em frente. – A Hope mora ali.

A porta em frente conduziu-as a um pequeno átrio. Uma mulher branca, robusta, estava debruçada sobre uma secretária de madeira e endireitou-se mal elas entraram. Rachel baixou instintivamente os olhos, mas a Mãe B manteve-se impassível.

– Em que posso ser-lhes útil? – A mulher branca tinha uma voz nasalada, e olhos verdes frios.

– Nós vimos ver a menina Hope – disse a Mãe B.

– Ela não está.

– Voltar depressa?

– Talvez.

– Então esperamos.

Elas entreolharam-se. Passado um momento, a mulher branca encolheu os ombros e apoiou de novo o peito no tampo da secretária, desdobrando um jornal como forma de lhes dizer que não lhes prestaria mais atenção. A Mãe B encostou-se ao papel de parede coçado, ao passo que Rachel se manteve no centro do átrio.

Esperaram.

Não passou muito tempo até que a porta da rua se abrisse de novo. A mulher na soleira voltou-se e acenou com a mão para alguém lá fora. Rachel viu o lampejo dos botões de latão do casaco de um soldado antes de a porta se fechar.

A jovem mulher desfilou pelo átrio na direção delas. Era extremamente bela. Tinha a pele da cor de uma noite de breu – tão escura que absorvia toda a luz à sua volta, obscurecendo tudo por quanto passava. Todas as linhas do seu corpo eram arredondadas, da curva de cada narina à ligeira saliência das clavículas sob o pescoço alto e gracioso. Trazia um vestido verde-esmeralda escuro que lhe deixava os ombros a descoberto.

A Mãe B adiantou-se com um sorriso.

– Hope – disse ela.

Hope soltou uma exclamação, ao reconhecê-la. As duas mulheres abraçaram-se efusivamente. Hope era bastante mais baixa do que a Mãe B, mas ainda assim era só àquela que Rachel conseguia ver. A Mãe B era como a moldura sobre a qual os olhos de Rachel resvalavam, avidamente em busca da tela.

A mulher atrás da secretária pigarreou. Hope separou-se da Mãe B e, levando a mão ao interior do decote, extraiu dali duas moedas de prata, que deixou cair na palma estendida da outra mulher. Satisfeita, a mulher branca regressou ao seu jornal, e Hope voltou-se novamente para a Mãe B.

– É maravilhoso ver-te! – Hope tinha enxertado um sotaque mais leve, mais refinado, na voz. A entoação rústica ainda se percebia, mas o efeito encantava mais do que prejudicava. As diferentes cadências uniam-se em harmonia. – E quem é a tua amiga?

– É Rachel – disse a Mãe B. – Vem comigo do Norte.

– Prazer em conhecer-te, Rachel. – Hope sorriu para Rachel, e a afabilidade da jovem mulher era contagiante. Rachel sentiu os ombros descontraírem.

– Venham! Devem estar cansadas da viagem. Subam ao meu quarto.

Lá em cima, o quarto de Hope era pequeno e estava mobilado singelamente. Uns poucos toques luxuosos imprimiam alguma originalidade: uma colcha de renda, uma carpete com desenhos sobre as tábuas do chão e um vestido vermelho pendurado à frente de um roupeiro. Hope pegou em dois bancos e dispô-los junto da cama, criando um círculo apertado, convival, para as três.

– Venham, sentem-se aqui.

Hope instalou a Mãe B na cama e ocupou ela própria um banco. Rachel sentou-se no outro, tão perto de Hope que as pernas de ambas se roçavam.

A Mãe B parecia ir começar a falar, mas Hope cortou rapidamente.

– Então, Rachel, a Mãe B explicou-te como nos conhecemos?

Rachel abanou a cabeça e Hope inclinou-se para diante. Rachel imitou-a, e as cabeças aproximaram-se.

– Há dois anos, fugi da minha plantação. Dirigi-me para Norte, até que cheguei ao mar. Não tinha comida, não tinha dinheiro e não tinha plano nenhum a não ser uma ideia vaga de que podia afogar-me! – Hope riu-se e uniu as mãos, e Rachel deu por si a sorrir antes de compreender o significado sombrio das palavras da jovem mulher. – Felizmente, a Mãe B encontrou-me. Ajudou-me a manter-me escondida até me poder trazer ela própria a Bridgetown. – Hope lançou os braços em frente. – E agora, eis-me aqui!

A Mãe B olhou para Hope com olhos argutos.

– Ouvi que estás em apuros.

Perpassaram pelo rosto de Hope várias expressões, demasiado depressa para Rachel conseguir nomeá-las, antes de se fixar numa surpresa agradável. Ela riu-se novamente.

– Eu? Apuros? Claro que não!

– Eu ouvir que estares presa.

Hope olhou de relance para um lado, depois para o outro, em

busca de uma escapatória. Compôs o rosto num sorriso que era quase uma careta.

– Oh, essa coisa antiga. Bom, agora estou bem.

– Hope.

Hope começou a brincar com a manga direita do vestido, acariciando lentamente o tecido entre o indicador e o polegar.

– Não foi nada, a sério. – Não olhou para nenhuma delas, enquanto contava. – Meti-me numa briga. Um homem tentou fazer-me mal, mas não o deixei. – Olhou de novo para a Mãe B. Os contornos macios do corpo dela tinham endurecido como granito. – Ele era branco, por isso, sim, fui durante uns tempos para a cadeia.

As três mulheres ficaram em silêncio. Hope manteve a cabeça erguida.

– Bom – disse por fim a Mãe B. – Pelo menos estares bem. Eu fica com coração apertado.

Hope riu-se e a sua dureza anterior desapareceu.

– Não precisas de te preocupar comigo, Mãe. Sei tomar conta de mim. Oh, e a Rachel! – Virou-se no banco, mudando habilmente de assunto. – Porque é que vieste a Bridgetown?

Ainda mais do que a energia sem limites de Hope, o seu súbito assomo acerado derrubou as defesas de Rachel. Ali estava outra mulher a orientar-se entre os escolhos do mundo o melhor que podia. Rachel sentiu que, jovem como era, Hope entenderia a sua demanda.

– Eu buscar a minha filha.

– Ela está em Bridgetown? Será que a conheço?

– Chamar-se Mary Grace. – As palavras soaram estranhas na boca de Rachel. A ideia da filha ainda lhe parecia um sonho, e algo em Hope lhe dizia que era inapropriado falar-lhe de sonhos. Ela era demasiado sólida e demasiado bela.

Hope franziu o sobrolho.

– Não conheço nenhuma Mary Grace.

– Vamos procurar – disse a Mãe B. – Ver no mercado. Perguntar a pessoas. Podermos ficar aqui enquanto procuramos?

– Claro! Faço tudo o que puder para ajudar.

Rachel tentou protestar, mas Hope e a Mãe B mandaram-na

calar-se.

– É o mínimo que posso fazer – rematou Hope.

Rachel baixou os olhos. Partilhar os filhos, as recordações preciosas que tinha, ainda lhe era doloroso. Mas o que sentiu acima de tudo foi alívio. Ocupando os três espíritos delas, Mary Grace parecia-lhe mais próxima. A Mãe B e Hope ajudariam a tornar mais nítidos os contornos esbatidos até a sua filha se tornar real.

Uma voz vinda do piso inferior infiltrou-se pelas fendas entre as pranchas do chão.

– Hope!

Hope suspirou.

– Tenho de ir. – Ergueu-se, alisou a saia do vestido. – Mas, por favor, façam como se estivessem em vossa casa. Voltarei não tarda.

Dirigiu-se para a porta e depois deteve-se, olhando para trás de relance, para Rachel. Os olhos de Hope revelavam tal intensidade que Rachel sentiu o calor subir-lhe às faces.

– Mary Grace – disse Hope lentamente. – Vou manter-me atenta. Nunca se sabe.

Depois de memorizar o rosto de Rachel, Hope saiu.

Rachel foi até à janela. Um homem branco, de fato escuro, encontrava-se de pé no meio da rua. Rachel viu Hope sair, beijá-lo na face e enfiar o braço no dele. Juntos, desceram a rua, e os olhos de Rachel seguiram-nos até se perderem de vista.

Rachel e a Mãe B dormiram no chão, com um vestido – depois da insistência de Hope – como almofada.

– Oh, essa coisa velha! – exclamou ela. – Seja como for, já não o uso.

(Rachel julgou ver manchas de sangue na gola, mas era difícil dizer, porque o tecido era muito escuro.)

No dia seguinte, a Mãe B tentou ensinar Rachel a orientar-se no labirinto desconcertante de ruas. Apontou-lhe as flechas gêmeas de St. Michael e St. Mary, que se projetavam no céu e faziam as vezes de bússola a partir de qualquer ponto de Bridgetown. Rachel esforçou-se ao máximo por memorizar a cidade, mas sentia-se tão perdida como se sentira na floresta, dolorosamente ciente de que se encontrava num sítio que lhe era desconhecido.

Foram a algumas das casas mais imponentes, na parte oeste da cidade, onde aguardaram junto das entradas de serviço até que as criadas ou os mordomos que a Mãe B conhecia saíssem para fazer um recado. Todos se alegravam ao ver a Mãe B, todos olhavam para Rachel com expressões de compaixão, mas ninguém tinha visto ou ouvido falar de uma mulher chamada Mary Grace.

Durante o resto da semana, separaram-se para poderem cobrir mais terreno. De início, Rachel sentia-se demasiado acanhada para falar com quem quer que fosse, mas depois de uns dias infrutíferos sentiu o coração pesaroso, receando terem-se enganado e afinal Mary Grace não se encontrar em Bridgetown, e perdeu a timidez. Na rua, agarrava as pessoas pelo braço e interpelava-as: «Conhecer minha filha? Mary Grace? É muda», esperando que o desespero na sua voz instasse alguém a vasculhar na memória em busca de uma resposta.

A sua vida começou a adquirir a forma de um sonho acordado. Como que sentia que o mundo não era sólido – como se Bridgetown estivesse em constante mutação. Sem a Mãe B, Rachel perdia-se com frequência: uma rua que ela contava que a levasse de regresso a casa de Hope afinal não existia; ou uma direção que ela estava certa de que conduziria ao cais afinal levava-a no sentido oposto, para o

outro extremo da cidade. Também a busca tinha aquela característica onírica que torna tudo igual: era como se nada do que pudesse fazer a aproximasse do seu objetivo.

Um dia, Rachel chegou exausta a casa e encontrou Hope sozinha diante do seu toucador, envergando uma camisa de dormir sem adornos. Por um momento, Hope pareceu-lhe esgotada, mas quando ela sorriu a animação regressou ao seu rosto.

– Algum sinal dela?

Rachel abanou a cabeça.

– Vais encontrá-la em breve. – Hope disse aquilo com tal segurança que era impossível não acreditar nela.

Rachel ficou a ver enquanto Hope desatarraxava a tampa de um boião prateado e espalhava uma pasta no cabelo, alisando-o de seguida lentamente com um pente de marfim de dentes largos. Aquilo lembrou-lhe Cherry Jane – quando ela era criança, as outras mulheres de Providence haviam-lhe admirado os caracóis largos e declarado que ela tinha «cabelo bom». Cherry Jane era linda, quanto a isso não havia dúvidas, mas a ideia de que os caracóis apertados de Hope, que lhe emolduravam o rosto numa oval perfeita, eram de certo modo inferiores era absurda.

Os olhos de Hope encontraram os de Rachel no espelho. Ela riu-se.

– O meu cabelo dá cá um trabalhão!...

– É lindo.

– É uma chatice! Estou quase decidida a cortá-lo curto como o teu. – Ela virou-se e estendeu-lhe o pente. – Toma. Podes ajudar-me a penteá-lo, se quiseres.

As mãos de Rachel ainda se recordavam do movimento, apesar de se terem decorrido muitos anos desde que passara o pente pelos cabelos de um filho. As madeixas densas de Hope erguiam-se e tombavam como ondas e o peito de Rachel apertou-se. Obrigou-se a respirar ignorando a dor, o eco de todos os anos de maternidade que lhe haviam sido roubados. A pasta do boião cheirava a rosas.

Hope observava Rachel pelo espelho. Pela primeira vez, Rachel

vislumbrou pequenas imperfeições na pele de ébano de Hope. Uma cicatriz diminuta aninhada na sobrancelha direita, e uma linha ténue, o fantasma de uma ruga, a atravessar-lhe a fronte.

– Posso perguntar-te uma coisa? – inquiriu Hope num fio de voz.

Rachel acenou afirmativamente.

– Achas que a Mãe B desaprova?

– O quê?

Hope varreu o quarto com um gesto vago.

– Isto. Eu.

Sem a vivacidade do riso na voz, Hope era frágil. Jovem. Rachel perguntou-se que idade teria ela realmente – de certeza que não muito mais de vinte anos.

– Não – respondeu com firmeza. E falava a sério. Sempre que vagueavam juntas pelas ruas, a Mãe B falava de Hope. De como ela era quando se conheceram – um feixe de energia pura, irascível, magoada. A Mãe B tinha percebido que não seria possível domá-la, mas fizera os possíveis por orientar aquela vontade férrea para a vida, numa altura em que Hope queria acabar com ela. A Mãe B falou com ternura a Rachel acerca de como era bom ver Hope novamente nos eixos. Claro que ainda se preocupava. Mas Hope parecia mais feliz. Se andava a meter-se em brigas, pelo menos era para se defender. Tinha havido uma altura em que ela não resistiria a um atacante. Tê-lo-ia até ajudado a espezinhar e destruir o seu corpo.

Hope baixou o olhar para o regaço.

– Não adoro o que faço, sabes? – disse ela. – Há raparigas que sim. Dizem que o facto de serem tão desejáveis que há alguém disposto a pagar para as ter as faz sentirem-se poderosas. – As comissuras dos lábios arquearam-se num sorriso sarcástico. – As que dizem isso são geralmente as que nasceram livres. – Olhou de relance para Rachel, pelo espelho. – Nós sabemos que os homens brancos pagaram para terem muitas de nós. E para nos terem por inteiro – tudo o que somos e tudo o que fazemos. Não acho que o dinheiro diga seja o que for sobre o desejo. Não quero com isto dizer que deteste o que faço. Mas não o adoro, isso é certo. Faça-o, simplesmente. E sou boa no que faço. Ganho dinheiro e isso quer

dizer que não tenho de me entregar completamente. Os homens podem pagar para serem meus donos durante um tempo, mas a maior parte do dia pertence-me. – Hope vira-se e olha Rachel nos olhos. – Percebes o que quero dizer?

Rachel assente com a cabeça. O fogo regressara em parte aos olhos de Hope, e Rachel soube que aquela jovem e corajosa mulher era forte o suficiente para criar um lugar para si no mundo. Tentou imaginar um homem a introduzir-se em Hope e a conseguir retirar alguma coisa dela, mas foi-lhe impossível.

Hope virou-se novamente para o espelho. Rachel olhou para os reflexos de ambas, lado a lado. Comparada com a de Hope, a sua cara parecia rude e angulosa. Os anos de trabalho árduo e sofrimento silencioso eram visíveis nas rugas que lhe sulcavam a pele. Hope era sólida, tinha os olhos brilhantes; o reflexo de Rachel, em comparação, parecia desbotado.

– Estares segura de ti – disse Rachel. – Isso é coisa boa.

Hope deu uma gargalhada, e assim, sem mais nem menos, o cansaço dela desapareceu.

– Obrigada! Demorou o seu tempo, mas agora sei o que valho. E não meço isso pelo que os homens estão dispostos a pagar por mim.

Rachel continuou a penteá-la. Ficou a ver os seus dedos enterrarem-se com facilidade no cabelo de Hope, como se os limites do seu corpo fossem permeáveis. Hope estava inflamada com a certeza da juventude – no dealbar da vida adulta, vendo com clareza o caminho diante de si, certa de que o mundo se ajustaria em conformidade. Rachel já vivera o suficiente para ver as certezas fugirem-lhe entre os dedos. Havia partes de si inacabadas, como as palavras que recordava apenas parcialmente, de uma oração aos deuses de além-mar. Havia partes de si que estavam mortas e enterradas na vida de plantação que deixara para trás. Ela estava dispersa, em cacos, dilacerada.

Mas isso não tinha mal. Admirava a confiança de Hope, mas da mesma forma que admirava as casas faustosas no centro de Bridgetown. Rachel não se importava que a ela faltassem os contornos definidos e o sentido claro de si mesma de Hope. Era assim que ela tinha escolhido sobreviver: deixando cair sem

resistência pequenos pedaços de si. Tivera de o fazer, caso contrário o desgosto tê-la-ia consumido.

– Eu também te admiro, Rachel – disse Hope. – À procura da tua filha. É muito corajoso da tua parte. – A luz nos olhos dela tremeluziu mas não se atenuou. – Eu tive uma filha, em tempos, mas morreu. Nem tinha um ano. Foi pouco antes de eu fugir. – Ela sorriu, esticando os lábios sobre a mágoa na sua voz.

Rachel lembrou-se do que a Mãe B lhe dissera – a Hope enlouquecida, destinada à morte, a tentar lançar-se às ondas. Era isso que o desgosto fazia aos contornos rígidos que não deixavam entrar nem sair nada.

Rachel olhou de novo para o seu reflexo. Uns olhos serenos, vigilantes, devolveram-lhe o olhar. Neles não havia fogo, mas tinham o seu quê, muito próprio, de força suave, maleável.

O céu estava plúmbeo e o ar, saturado de humidade. As ruas de Bridgetown fervilhavam de gente e movimento, como de costume, mas havia na cidade uma certa ausência de vida. Rachel vagueava de forma apática, não completamente perdida, mas sem um sentido claro do sítio de onde tinha vindo e do sítio para onde se dirigia. De tempos a tempos, destacava-se um rosto da multidão, sem sombra de dúvida a sua filha, mas quando Rachel acorria, este dissolvia-se no semblante de uma estranha.

Deambulou rumo a oeste, ao longo do rio Constitution, na direção da catedral de St. Michael. Pelo caminho, parou em algumas lojas, onde descreveu a filha, mas em resposta foi brindada apenas com olhares inexpressivos. Esta era a cidade onde as pessoas vinham perder-se – havia uma razão para a Mãe B levar ali os foragidos. Era fácil ser anónimo. Mary Grace podia estar num sítio qualquer.

A multidão era menos numerosa nas ruas estreitas em torno da catedral. Os passos e as vozes ecoavam entre as paredes de pedra dos edifícios muito juntos. Rachel avançava lentamente: era o final da tarde e ela estava cansada do longo dia de busca. Deixou o olhar perder-se nos farrapos de nuvens que pairavam sobre a flecha de St. Michael, com o espírito livre de pensamentos – oco, como um coco ao qual fora retirada a polpa.

Olhando para trás, na rua, viu um homem dobrar uma esquina. Os seus olhos foram atraídos para o choque do cabelo ruivo, que aparecia e desaparecia conforme ele abria caminho por entre um grupo de mulheres que se encontravam paradas, a cochichar. Empurrou duas mulheres sem cerimónia, revelando a Rachel o rosto tisonado pelo sol e o cenho carregado. O reconhecimento atingiu-a, rasgando-lhe a carne como o golpe cortante de um chicote.

Um dos guardas de Providence. Um homem branco da sua antiga vida.

Ele deteve-se, observou com atenção os rostos das mulheres por quem tinha passado de forma indelicada. Trocou algumas palavras rudes com elas – e embora estivesse demasiado longe para ouvir,

Rachel soube com uma clareza inequívoca que a demanda dele era a oposta da sua, ele era o seu duplo maléfico, o seu reflexo fendido e distorcido num espelho rachado.

Andava à procura dela.

Entre duas casas, à sua direita, havia uma viela estreita que parecia não levar a sítio nenhum, com pilhas de madeira apodrecida e outros detritos – coisas que as pessoas tinham ali esquecido. Com um salto oblíquo, Rachel espremeu-se entre aquelas coisas abandonadas e desejou tornar-se invisível. Conseguiu entalar duas tábuas entre o seu corpo e a rua, mas ainda assim sentia-se irremediavelmente exposta, como se a madeira e as paredes à sua volta fossem de vidro e ela estivesse engaiolada, bem à vista do guarda, sem nenhum sítio para onde fugir.

Espreitou por uma falha da madeira, por onde conseguia entrever apenas uma nesga de rua.

Tentou marcar a passagem do tempo contando a sua pulsação, mas esta variava demasiado para ela conseguir saber quanto tempo ficara ali, a observar.

Passavam vultos a caminhar. Surgiam no campo de visão de Rachel demasiado brevemente para ela os distinguir – homem, mulher, velho, novo, preto e branco tornavam-se todos apenas num lampejo de membros em movimento. O corpo dela mantinha-se tenso, pronto a fugir, embora não houvesse saída senão pelo sítio por onde entrara.

Nenhum clarão ruivo anunciou a passagem do guarda. Rachel aguçou o ouvido, mas não escutou a voz azeda dele, que ela ouvira a última vez a cuspir veneno a uma mulher do primeiro grupo que tinha desmaiado ao calor do sol do meio-dia, em Providence. Rachel tentou imaginar a rua de onde tinha fugido – haveria outras saídas laterais que ele poderia ter tomado? Ou seria possível que ele já tivesse passado sem ela se aperceber?

Doía-lhe o maxilar do esforço de se manter hirta. Juntou mais os membros, fazendo-se tão pequena quanto conseguia.

Esperou.

A imagem de Atlas acudiu-lhe ao espírito, de moto próprio – o homem que tinha tentado fugir e pagara por isso com a

desfiguração do rosto, e a vida. Ela repeliu a recordação.

Não.

Pensar na sua filha, algures por ali, nas ruas tortuosas de Bridgetown, fortaleceu-lhe a determinação. Lentamente, o corpo começou a desconstrair-se.

O céu pardo foi obscurecendo, pouco a pouco, à medida que a tarde se escoava. Surgiu um grupo de homens, e Rachel espreitou a sua oportunidade. Saiu do esconderijo e introduziu-se, despercebida, no meio deles.

Manteve a cabeça curvada, acertou o seu passo com o deles – era só uma entre muitos, a regressar de um dia de trabalho. No meio dos homens, chegou ao fim da rua. Arriscou olhar de relance para trás. A rua estava deserta. Não se via sinal do guarda.

Na esquina, o grupo passou por um homem com um só olho e uma só perna, sentado na terra, a boca desdentada entreaberta, a palma estendida a aguardar a bondade de estranhos. Todos passaram por ele apressadamente, os rostos contraídos numa expressão de nojo – todos, exceto Rachel. Malgrado o perigo de se expor, ela deixou-se ficar para trás. Olhou para o homem e ele devolveu-lhe o olhar.

– Passar aqui um homem? – perguntou ela. Da primeira vez as palavras saíram num sussurro, teve de as repetir.

– Que tipo de homem? – inquiriu o mendigo.

– Ruivo.

O mendigo exalou sonoramente.

– Oh, sim – respondeu. – Passou. Ele falar de uma fugitiva.

Rachel mal conseguia respirar.

– E seguir a fugitiva até cá?

O mendigo encolheu os ombros.

– Não parecer. Acho que ele achar que todos vem para cá.

Ele estreitou os olhos, fixando-a, e Rachel sentiu subitamente um calafrio ao pensar que embora aquele mendigo tivesse a pele do mesmo tom da sua, isso poderia não querer dizer nada face a uma recompensa choruda pela entrega dela. Mas depois o mendigo tirou o fino cobertor cinzento que lhe cobria os ombros e estendeu-o a Rachel.

– Toma – disse.

– O quê?

– Leva.

Rachel abanou a cabeça – não podia. Não podia aceitar uma coisa de quem tinha tão pouco. Mas ele inclinou-se para diante e meteu-lho nas mãos.

– Eu acha que precisa. Toma.

O som de passos atrás dela fez acelerar o coração de Rachel. Virou-se – mas era apenas uma mulher branca qualquer, apressada a caminho de casa, que nem olhou duas vezes para eles. Rachel tapou a cabeça com o cobertor, protegendo-se o melhor que conseguia. O mendigo acenou-lhe com a cabeça. Ela retribuiu o aceno. E prosseguiu caminho.

Começou a chover. Todas as ruas se pareciam, molhadas. Rachel tinha os nervos em franja, imaginando vislumbres de homens ruivos em cada esquina. O cobertor que segurava com força em volta da cabeça estava encharcado e as roupas colavam-se-lhe ao corpo. A bem da sua paz de espírito e de se manter seca, sabia que tinha de procurar abrigo.

Entrou numa loja, pequena mas bem arranjada. A flanquear a porta havia dois manequins envergando vestidos enfeitados com renda – não tão rendados e pregueados como outros que ela já tinha visto em Bridgetown, mas ainda assim bonitos num estilo sóbrio. Atrás do balcão, sedas e algodões de todas as cores disputavam a atenção. Um homem atendia clientes – um grupo de mulheres, sobretudo negras ou mestiças. Apresentava peças de pano com um floreado e Rachel apanhou algumas das suas palavras enquanto ele erguia o tecido à luz, pintando um quadro do vestido elegante em que se tornaria. Tinha a tez escura, mas estava vestido como um homem branco, com a corrente de ouro do relógio de bolso a reluzir no peito.

– Em que lhe posso ser útil?

Rachel sobressaltou-se. Distraída pelo homem ao balcão, não reparara numa mulher que se encontrava atrás de um dos

manequins, com as mãos cor de cobre unidas à sua frente, roçando a saia. A sua expressão não era desagradável: olhava para Rachel com o desinteresse cortês de alguém que passa muitas horas por dia a atender estranhos.

Embaraçada, Rachel desviou o olhar.

– Desculpe, eu... entrar por causa da chuva.

A mulher sorriu educadamente.

– Não a censuro. – Olhou para trás de Rachel, onde a chuva continuava a tombar como uma cortina cinzenta, esbatendo as cores da rua lá fora. – Mandeí a nossa empregada fazer um recado há mais de uma hora. Vai voltar encharcada.

A mulher continuou a observar, pensativa, a chuva. Parecia não ter pressa de se afastar de Rachel e ir atender outros clientes. Por fim, Rachel sentiu que devia falar – quando mais não fosse para corresponder à tentativa amável da mulher de entabular conversa com alguém que claramente passara a vida nos campos e não vestida com sedas.

– Esta loja ser sua?

– Sim. – A mulher voltou de novo os olhos castanho-claros para Rachel. – Aquele é o meu marido. Sou eu que confeciono os vestidos. Já abrimos há dez anos e o negócio não nos tem corrido nada mal. Muitas das mulatas mais elegantes de Bridgetown vêm aqui fazer compras, assim como até algumas... – Interrompeu-se, distraída por alguém atrás do ombro de Rachel. – Ah, aqui está ela, finalmente.

Rachel virou-se.

Pela porta entrava uma jovem mulher, segurando um cesto com compras. Tinha madeixas de cabelo escuro, molhado, coladas à testa. Os olhos dela passaram da modista para Rachel. A boca, com lábios tornados finos pela falta de uso, contorceu-se de choque.

O cesto das compras caiu no chão.

Rachel e Mary Grace galgaram os anos que as separavam. Abraçaram-se e Mary Grace sentiu-se como água, penetrando todas as fissuras de Rachel, enchendo-a, saciando-lhe a sede. Entrelaçaram os membros e Mary Grace pousou o rosto molhado no ombro de Rachel. Lágrimas e gotas de chuva rolaram pela pele de Rachel. Ela

cingiu a filha com força. Os joelhos tremiam-lhe, mas não deu de si. Sentia Mary Grace respirar encostada a si, lenta e regularmente. Não havia outro som no mundo além daquela respiração e do bater dos corações de ambas.

O homem atrás do balcão manteve-se impassível enquanto Rachel explicava o trabalho a que se tinha dado para encontrar Mary Grace. A loja tinha bastante movimento, disse ele num tom sóbrio que sugeria a sua vontade de regressar ao atendimento dos clientes. Rachel poderia porventura voltar depois da hora de fecho, e ver de novo a filha nessa altura?

A mulher dele foi mais compreensiva. Apresentou-se como Elvira Armstrong, e o marido, Joseph. Disse que tinha prazer em conhecer Rachel, e pareceu falar a sério. Também sugeriu que Rachel e a filha se fossem sentar na salinha de costura, nos fundos da loja, para não atrapalharem o negócio.

– Devem ter muito que contar uma à outra – acrescentou ela.

– Embora a Eliza não fale – disse o marido. – Talvez já saiba isso.

O olhar de Rachel passou do homem para a filha.

– Quem?

A Sr.^a Armstrong franziu o sobrolho.

– Eliza. Foi sempre assim que lhe chamámos.

Mary Grace baixou o olhar. Rachel, estendendo o braço, ergueu o queixo da filha com a mão.

– Mary Grace – disse Rachel, alto o suficiente para algumas clientes que estavam junto da porta da frente se voltarem e a mirarem. – Ela chamar-se Mary Grace.

A expressão do Sr. Armstrong não revelou a menor emoção, mas a mulher repetiu o nome com um sorriso, deixando as sílabas sonoras encherem-lhe a boca. O lábio de Mary Grace tremeu e as lágrimas ameaçaram uma vez mais transbordar-lhe dos olhos. Rachel perguntou-se há quantos anos a filha não ouviria pronunciar o seu verdadeiro nome.

A sala de costura da Sr.^a Armstrong era pequena, iluminada por uma só janela alta. Tinha um ambiente caloroso, vivido, como que habituada a ter corpos no seu interior. Estendida sobre uma bancada via-se uma peça de tecido lilás, riscada a giz e marcada com alfinetes, um vestido prestes a formar-se.

Mary Grace sorria, mas não tinha os lábios muito esticados. Os

ombros curvados faziam-na parecer mais baixa do que realmente era. Rachel notou como a idade mudara a filha. Em criança, Mary Grace era magra, com ossos salientes e membros desproporcionados. Agora, as diferentes partes encaixavam-se com maior facilidade, e ela tinha as ancas mais largas. Constatar isso agradou a Rachel, mas também a entristeceu. Era o corpo de uma jovem mulher, não da criança que fora levada de Providence, há todos aqueles anos. Era a encarnação dos anos de vida de Mary Grace que Rachel perdera.

Rachel aguardou. Uma parte de si esperava que Mary Grace falasse. Com certeza que, depois de tudo, ela teria alguma coisa a dizer, não é verdade? Mas Mary Grace não disse nada, e a própria Rachel não soube o que dizer. Como poderia começar a descrever as cicatrizes no seu coração que ela pensara serem impossíveis de sarar? Ou dizer como ver Mary Grace, sentir o seu cheiro, tocar na sua pele, tinham consertado o que antes estava irremediavelmente danificado?

Por fim, tomando as mãos de Mary Grace nas suas, Rachel disse:

– Eu encontrar-te.

Foi a única forma que ela conseguiu engendrar para exprimir o que sentia. A antítese da perda; uma alegria e um alívio tão profundos como a dor da separação inicial. No silêncio ruidoso que se seguiu a estas palavras, os olhos de Mary Grace encheram-se uma vez mais de lágrimas, e Rachel soube que a filha tinha percebido.

A Sr.^a Armstrong entrou à frente na salinha de costura, seguida do marido. Vinha a sorrir.

– Deve ser um prazer tão grande, reencontrar a sua filha – disse ela. – Quanto tempo estiveram separadas?

– Doze anos – murmurou Rachel. Conseguia sentir cada dia de todos esses anos.

– Valha-me Deus.

A expressão da Sr.^a Armstrong era volátil – num só instante, passou da simpatia à curiosidade e à apreensão. Ao lado dela, o rosto do marido quase não se movia.

– Qual é o seu plano, agora? – perguntou o Sr. Armstrong.

Rachel não tinha uma resposta. *Plano* implicava uma sequência estruturada de acontecimentos, ordenados segundo a sua própria vontade. A sua busca dos filhos não era tanto um plano, mas um desejo. Uma coisa insistente, mas informe, vaga nos pormenores.

– Eu não sabe.

A Sr.^a Armstrong fitava as mãos de Rachel, ainda fechadas sobre as de Mary Grace.

– Vai ficar em Bridgetown?

Naquele momento, olhando para os olhos de Mary Grace, Rachel não conseguia imaginar-se noutro sítio.

– Sim.

– E tem trabalho?

– Não.

O rosto da Sr.^a Armstrong foi perpassado por uma sombra, antes de ela conseguir dominar de novo a expressão – uma sombra semelhante a desgosto.

– Gostaria de trabalhar aqui?

– Elvira. – O Sr. Armstrong tocou no pulso da mulher.

– Joseph, tem todo o sentido. – Ela afastou o braço dele. – Tínhamos falado de termos a Eliza... – interrompeu-se e olhou de relance para Rachel. – Dissemos que a Mary Grace poderia ajudar-me na costura. Se assim for, precisamos de alguém para nos fazer os recados.

O Sr. Armstrong manteve-se calado, embora Rachel reparasse no ligeiro tique no sobrolho a formar um sulco numa testa que não fora isso estaria imóvel.

– Então, está decidido – disse a Sr.^a Armstrong. O seu tom da voz e a forma como uniu as mãos davam a entender que ela decidia coisas com frequência. – Rachel, virá trabalhar para nós.

Um plano. Um futuro que lhe era oferecido, completamente formado, e Mary Grace incluída nele. O que podia ela fazer, senão aceitar?

Rachel concordou que ficaria hospedada mais uma noite no

quarto de Hope, enquanto a Sr.^a Armstrong fazia as diligências necessárias à sua instalação na casa de Cheapside Street. Depois de abraçar a filha uma última vez, estreitando-a com força para conservar a sua memória até de manhã, Rachel saiu.

A chuva cessara e as nuvens desapareceram. O Sol punha-se, os raios a roçarem os topos dos edifícios que atravancavam as ruas. A igreja de St. Mary, com o seu contorno desenhado contra o fundo vermelho do céu, parecia imponente e bela em igual medida. Mesmo àquela hora, Bridgetown fervilhava de trabalhadores e amantes e desordeiros embriagados. Pela primeira vez, Rachel não se sentiu incomodada com a multidão nem com o cheiro a suor. Com o cobertor do mendigo ainda pela cabeça, podia andar pelas ruas movimentadas sentindo-se menos exposta, menos vulnerável. Mantinha-se alerta quanto ao guarda – não podia dar-se ao luxo, nem por um segundo, de esquecer que, a qualquer momento, o longo braço de Providence podia sugá-la de volta à vida que conhecera em tempos. Mas àquela luz doce de fim de tarde, Rachel não conseguiu evitar sentir um frémito de calma, um alívio do medo que a mantivera suspensa nas suas garras durante toda a tarde. Como podia a cidade que lhe devolvera Mary Grace traí-la agora? As sombras do início da noite cobriam-na e a massa de corpos era o seu escudo.

Rachel encontrou a Mãe B sozinha no quarto de Hope. Mal viu a expressão de Rachel, a mulher mais velha abriu-se num sorriso. Ergueu-se e abriu os braços.

– Tu encontrá-la.

Vendo a Mãe B partilhar da sua alegria, tal como tinha partilhado toda a viagem, Rachel sentiu-se avassalada por tudo quanto a mulher mais velha fizera. Recordou-se de Hope e pensou quanto tempo se teria passado até ela própria, depois de fugir de Providence, acabar por terminar junto ao mar, a pensar na morte. Não se teria lançado com violência à água como Hope, mas sentir-se-ia tentada, ainda assim – poderia ter simplesmente caminhado água adentro e deslizado em silêncio para debaixo das ondas e encontrado ali uma espécie de liberdade. Em vez disso, tinha encontrado a Mãe B, e a Mãe B levava-a até Mary Grace.

Rachel tentou transmitir a dimensão da sua gratidão pousando as mãos nos ombros da mulher mais velha. Ficaram assim durante algum tempo, em silêncio, até Hope regressar e saudar a novidade com exclamações e gargalhadas e lágrimas, e a quietude do momento que Rachel e a Mãe B tinham partilhado desapareceu.

A Mãe B levantou-se cedo para regressar ao Norte. Ela e Hope despediram-se, mas Rachel ofereceu-se para caminhar um pouco com a Mãe B. Mentiu e disse que iam as duas na mesma direção, embora a casa dos Armstrong fosse do outro lado da cidade.

Rachel esperava usar a caminhada para se exprimir melhor do que na noite anterior. Mas quando ela começou: «Mãe B...», a outra mulher cortou cerce:

– Não é nada.

Rachel sentiu que não tinha escolha a não ser aceitar a mentira.

Quando alcançaram os arrabaldes, Rachel deixou de poder fingir que estava a ir na mesma direção da Mãe B. As duas mulheres pararam e entreolharam-se.

– Sabes – disse a mulher mais velha –, desde que era *pickney*, eu ter um dom. Conseguir ler numa cara a dor que a pessoa sente, mas também ver a esperança nela. Ver as coisas que querem mais. Mesmo atrás de olhos que parecem mortos, todos cheios de tristeza, eu ver sempre se há alguma coisa a luzir lá dentro. Foi isso que ver isso em ti. A tua *pickney*.

Rachel acenou com a cabeça.

– Muito obrigada.

As palavras ficavam aquém, eram toscas, inadequadas, mas eram tudo o que Rachel tinha.

O rosto da Mãe B estava sereno e vigilante como sempre, quando ela olhou para Rachel.

– Nós todos termos os nossos dons, as coisas que vemos e os outros não conseguirem. Tudo o que nós pode fazer é usar eles quando chega o momento.

A Mãe B sorriu, e o sorriso pareceu transbordar-lhe da cara e derramar-se no mundo. Uma mulher que dava tanto e estava

disposta a continuar a dar.

– Tem cuidado, Rachel.

– Adeus, Mãe B.

Em Providence, cada despedida era sentida quase como uma morte – um desaparecimento das vidas dos outros, provavelmente para sempre. Embora Rachel não fizesse ideia se alguma vez voltaria a ver a Mãe B, esta despedida não lhe foi tão dolorosa. A recordação da Mãe B estaria sempre consigo; não um fantasma de uma recordação, mas uma coisa viva, como um ramo enxertado nela que continuaria a crescer depois da separação.

Vendo a Mãe B afastar-se, Rachel escutou um eco da voz da outra mulher no ouvido.

A conexão entre todas as coisas.

Rachel tinha andado agarrada ao cobertor cinzento do mendigo; enquanto caminhava com a Mãe B, sentira coragem suficiente para deixar a cabeça descoberta. Agora, enrolou-se novamente nele – as ruas estavam pejudadas de pessoas e o perigo podia espreitar ao virar da esquina. Avançando com cuidado, procurando passar despercebida, Rachel pôs-se a caminho da casa dos Armstrong, para junto de Mary Grace.

Os Armstrong viviam numa casa simples: de madeira, térrea, com um corredor estreito que percorria o centro como uma artéria. Uma saleta pequena, uma sala de jantar e um quarto eram os aposentos onde Elvira e Joseph passavam a maior parte do tempo. Nas traseiras da casa, Rachel e Mary Grace tinham quase só para si a cozinha e um segundo quartinho – pese embora a Sr.^a Armstrong não ser de todo alheia ao fogão e quando os Armstrong recebiam visitas ela vir com frequência supervisionar os cozinheiros.

A Sr.^a Armstrong cuidava da casa com o orgulho e a atenção ao pormenor de alguém que outrora tivera pouco de seu, e o Sr. Armstrong reclinava-se no seu cadeirão de braços com o à-vontade de quem nasceu a contar com uma casa confortável e uma mulher que a mantivesse em ordem. Foi esta a primeira impressão de Rachel quando começou a trabalhar para os Armstrong, e ao longo das semanas seguintes obteve a confirmação: o Sr. Armstrong tinha nascido livre, e a Sr.^a Armstrong, não.

Na loja, o Sr. Armstrong tinha o seu escritório para a contabilidade, no qual nunca nenhuma das mulheres entrava. A Sr.^a Armstrong tinha a sua salinha de costura. Esta, de todas as divisões que agora faziam parte da nova vida de Rachel, era a sua preferida. Quando Rachel não tinha recados a fazer, a Sr.^a Armstrong instava-a a sentar-se no banquinho ao canto e observar enquanto os vestidos ganhavam forma. Rachel adorava ver a agulha minúscula e a linha fina unirem o tecido e formarem uma peça de vestuário.

Rachel sabia o que era trabalhar arduamente, mas o trabalho dela fora o do ciclo perpétuo que a cana-de-açúcar exigia: plantar, tratar, cortar, esmagar. Havia nisto uma arte, mas era a arte de obrigar os músculos doridos a repetir o movimento até ao ponto de exaustão. A costura da Sr.^a Armstrong era um tipo de trabalho completamente diferente. Nenhum vestido era igual. As clientes exigiam pormenores bordados no corpete, ou um rufo específico de renda na manga. Havia horas inteiras em que só os dedos destros da Sr.^a Armstrong se moviam, enquanto ela criava um vestido tal como a cliente o imaginara. Esta era a arte de executar movimentos

minuciosos, precisos e sempre diferentes. Era hipnótico, observá-la.

A Sr.^a Armstrong falava intermitentemente, enquanto trabalhava, sempre que a tarefa em mãos não era demasiado absorvente. Explicava a Mary Grace os diferentes tipos de pontos, e como cada tecido tinha os seus próprios caprichos e obstinações, a exigirem paciência. Ou, sem que tal lhe fosse perguntado, contava a Rachel episódios da sua vida passada. Começava por uma recordação particularmente vívida – o cheiro da musselina ou a visão do sangue no dedo picado pela agulha – e discorria a partir daí. Havia hiatos, e as histórias nunca fluíam em sequência, de um dia para o outro. Mas, lentamente, Rachel conseguiu juntar as peças.

Elvira tinha nascido numa plantação no sudoeste da ilha. A mãe dela era escrava e o pai era o filho mais novo do senhor. Ela não tinha memória dele, e ele foi enviado para Inglaterra, para estudar, pouco depois de ela nascer. Da mãe, lembrava-se. Era espadaúda, vistosa, e nascera em África, o que mesmo naquele tempo era raro. O supervisor tratava-a com severidade e os capatazes atazanavam-na por falar mal inglês, mas nos campos era respeitada, trabalhando lado a lado com os melhores homens do primeiro grupo. Alguns dos outros escravos estavam convencidos de que na sua terra natal ela fora uma rainha. Isto não era verdade, mas ela não os corrigia.

Quando Elvira tinha cinco anos, foi tirada à mãe e dada a uma das escravas domésticas. Era habitual as crianças de pele clara serem tiradas dos campos; ela não foi a primeira das indiscrições do filho do senhor, nem seria a última.

Foi entregue a uma mulher chamada Peggy, descendente de uma longa linhagem de escravas domésticas. Peggy tinha perdido recentemente uma filha por causa da febre e talvez a senhora tivesse pensado que lhe agradaria uma criança substituta. Afinal, qual era a diferença entre uma menina escrava e outra menina escrava? Se o plano tinha sido que Peggy adotasse e cuidasse de Elvira, fracassou rotundamente. Ela não era uma mulher cruel, mas era fria. A sua parte maternal tinha morrido com a filha, e à noite esgueirava-se muitas vezes da casa para se encontrar com uma escrava que trabalhava nos campos e que sabia como manter um ventre estéril.

Uma vez, quando Peggy apanhou Elvira a escapulir-se para ir ver

a mãe, esbofeteou-a.

– O teu lugar agora é aqui – disse Peggy. – Na casa. Aquela selvagem de pele escura só vai encher-te a cabeça de problemas.

Até aos dez anos, Elvira trabalhou com Peggy na cozinha. Tinha a seu cargo limpezas e afins, tarefas que o resto dos escravos domésticos consideravam indignas. Mais velha, granjeou a reputação de ter mãos rápidas e firmes, e por isso quando uma das outras raparigas da cozinha cortou a ponta do dedo, Elvira assumiu o seu lugar a cortar e descascar legumes.

A sua habilidade chamou a atenção de outra escrava doméstica, a Velha Molly Rose, que tinha cuidado da mulher do senhor desde que todos se lembravam. A Velha Molly Rose era quem arranjava os vestidos da senhora sempre que o dinheiro se tornava demasiado escasso para mandar vir de Londres o último grito da moda, mas os olhos dela estavam a ficar cansados e os seus dedos mirrados tremiam quando ela segurava a agulha. Procurava uma nova ajudante. Peggy, sempre desinteressada, não se opôs a que Elvira deixasse a cozinha e assumisse o novo cargo. Com a Velha Molly Rose, Elvira aprendeu a arte da costura, e quando a Velha Molly Rose morreu, substituiu-a nas suas funções de modista da casa.

O idoso senhor faleceu, e o seu filho mais velho herdou a plantação. Para grande horror da mãe, este amancebou-se às escândaras com uma escrava. Começou a colocar os próprios filhos em posições de autoridade na casa. Um dia, convocou Elvira e uns quantos outros escravos. Enquanto aguardava que ele comesse a falar, ela percebeu que estava rodeada pelos filhos e filhas dos irmãos dele.

– Vocês vão ser todos vendidos – anunciou ele, sem preâmbulos.

– Não posso ter em casa os bastardos dos meus irmãos.

E assim foi. Aos dezassete anos, Elvira viu a sua vida virada do avesso. Embora não tivesse grande amor pela plantação, chorou quando se foi embora. A caminhada até Bridgetown foi extenuante e quente, e não lhes permitiram parar para comer ou beber.

Foi como escrava, em Bridgetown, que Elvira conheceu Joseph Armstrong. Na altura, ele era ajudante de um comerciante de tecidos. O início do romance de ambos não era assunto que a Sr.^a

Armstrong abordasse com frequência. Sempre que o aflorava numa das suas histórias, a voz enternecia-se-lhe e ela interrompia-se, erguendo os olhos do trabalho como se a recordação desses dias estivesse pintada no teto. Há coisas que, se partilhadas, correm o risco de se diluir, e Rachel pensava que a Sr.^a Armstrong queria guardar para si, intacta, a experiência vivida quando se apaixonou.

O Sr. Armstrong era um trabalhador incansável, e poupou desde novo todo o dinheiro que conseguiu. Sonhava abrir um dia a sua própria loja. Em vez disso, pegou em todas as suas poupanças e entregou-as ao senhor de Elvira, para comprar a liberdade dela. O senhor aceitou, não sem antes regatear um pouco. Ela era livre.

Ela e o Sr. Armstrong casaram-se. Ele continuou a trabalhar para o comerciante de tecidos e ela ganhava o que conseguia com a sua costura. Depois de terem poupado ambos de novo, compraram a loja, onde trabalhavam desde então.

Esta foi a história que Rachel conseguiu compor depois de muitas tardes passadas na salinha de costura da Sr.^a Armstrong. Rachel nunca soube porque é que a Sr.^a Armstrong quis entregar uma tão grande parte da sua vida a alguém. Talvez gostasse de falar com Rachel por ambas partilharem um passado numa plantação, o que não era o caso dela com o Sr. Armstrong. Isso significava que havia coisas que ela podia deixar por dizer, pormenores que ficavam a pairar no ar húmido da salinha de costura.

– Lembro-me de a minha mãe ser açoitada – disse ela, numa ocasião. – É uma das minhas primeiras recordações... – E ficou-se em silêncio.

As narinas de Rachel encheram-se do cheiro enjoativo do sangue derramado por uma ferida aberta. Acenou com a cabeça. Compreendia.

A Sr.^a Armstrong suspirou, erguendo à luz o vestido que estava a fazer, com a tesoura de modista em riste na mão direita.

– Estás a ver, Mary Grace – disse ela, cortando com precisão o tecido delicado. – Deste lado, a costura curva parece quase lisa. Mas tens de ter cuidado para não cortares os próprios pontos.

Eram aquelas as histórias que Rachel desconfiava que a Sr.^a Armstrong não partilhava com o marido. Como poderia fazê-lo? Ele

não conseguiria preencher os espaços em branco. Fragmentos do passado dela perder-se-iam para sempre. Em Rachel, a memória ficava mais bem preservada.

Mary Grace estava ao serviço dos Armstrong havia cinco anos. A Sr.^a Armstrong – pressentindo que Rachel desejaria saber mais acerca da vida da sua filha depois de esta ter deixado Providence – esforçou-se por descrever o melhor que conseguia o homem branco a quem eles tinham comprado Mary Grace. Pousou até a costura para melhor evocar a imagem, erguendo os olhos ao teto.

– Ele vivia em Bridgetown – disse ela. – Não me recordo do seu nome. Foi bastante... – a Sr.^a Armstrong olhou para Mary Grace, mas desviou os olhos ato contínuo – ... duro. A respeito da venda, quero eu dizer. Precisava de dinheiro para saldar umas dívidas. Jogo, talvez. Ou bebida. Tinha ar de ser dado a essas coisas.

Mary Grace mantinha a cabeça curvada. O que parecia ser vergonha perpassou-lhe a expressão, como se ser propriedade de um tal homem de certa forma a definisse nos moldes dele – o ato de ser sua propriedade a constrangesse a cometer os pecados dele.

À noite, no quartinho acanhado das duas, Rachel e Mary Grace deitaram-se em silêncio. Rachel continuava a aguardar alguma coisa – qualquer coisa – que a filha pudesse querer dizer.

Depois de uma semana de noites em que nada foi dito, Rachel experimentou uma abordagem diferente. Começou ela própria, de forma hesitante, a contar a sua vida a Mary Grace. Falou-lhe das vendas de Mercy e Cherry Jane e Thomas Augustus. Falou-lhe da solidão mortificante da plantação, depois de todos os seus filhos terem morrido ou ido embora. Falou da promessa vã de liberdade no Dia da Emancipação, e da sua súbita vontade de fugir. Descreveu a Mãe B e toda a sabedoria que ela tinha. Falou à filha dos dias passados a deambular por Bridgetown e a dormir no chão de Hope.

A história durou três noites.

Na quarta noite, nenhuma das duas falou.

Na quinta noite, Rachel disse:

– Se tiver coisa a dizer, eu ouve. Sabes isso?

Mary Grace não respondeu.

Suspirando, Rachel virou-se para o seu lado. O espírito encheu-se de memórias de quando Mary Grace era uma criança de olhos sérios e sorriso luminoso, antes de a fala lhe ter sido arrebatada pela crueldade indizível de um homem numa noite escura. Rachel tentou reconstituir o som da voz da filha. Lenta, dizendo as palavras com vagar, tendendo a uma entoação ascendente no final de cada frase, como se tudo fosse uma pergunta – não por Mary Grace ser insegura, mas porque queria que tudo o que dizia convidasse a uma resposta. Queria manter os outros a falar durante o máximo de tempo que conseguia.

Rachel recordou a noite em que Micah foi levado. A primeira perda de tantas. Nessa noite, havia um vazio na sua cabana, embora na altura ainda estivesse apinhada de corpos, um buraco imenso que a sugava para o seu vácuo e de onde ela receava nunca mais conseguir sair. Rachel tinha-se deitado tão imóvel e silenciosa como um cadáver, sem mais lágrimas para derramar, a esperar o alívio do sono ou da morte. Mary Grace era quem estava junto de si nessa noite e quem soubera, embora a mãe já não chorasse, que o pior não tinha ainda passado. Dera a mãozinha à mãe e não a retirou enquanto a noite passava lentamente, até por fim a alvorada chegar e Rachel saber que tinha de se levantar e viver outro dia. Aquele toque fora o que tinha mantido Rachel ancorada a este mundo. E naquela manhã, quando Mary Grace sussurrara: «Vais ter de te aguentar hoje, mamã», pela primeira vez não houvera uma pergunta na sua voz.

Estas eram as recordações que faziam companhia a Rachel na casa dos Armstrong enquanto ela esperava pelo sono, com uma dor surda na concavidade do peito, mesmo entre as clavículas.

Rachel sonhou com Mary Grace. A filha era mais nova do que agora, mas mais velha do que quando lha haviam levado. Era a Mary Grace dos anos perdidos. Tinha a cabeça curvada. Trapos, rasgados e encardidos, eram a única coisa que lhe cobria o corpo. Uma gota de sangue descia entre as coxas.

Rachel esticou a mão, mas era inútil. Os braços dela não eram compridos o suficiente. Não a alcançava.

Mary Grace ergueu a cabeça. Os lábios, rachados e a sangrar, falaram:

– Eu ter tanto que quer esquecer...

Rachel acordou sobressaltada. O rosto de Mary Grace estava a escassos centímetros do seu, com os olhos abertos e a transbordar da mesma dor que ela vira nos olhos da filha do seu sonho.

Rachel tocou na face de Mary Grace.

– Eu entende – murmurou.

Algumas coisas era melhor ficarem por dizer.

Rachel conservou o cobertor fino que lhe fora dado pelo mendigo. Quando saía, usava-o para cobrir a cabeça. Protegia-se do mundo o melhor que podia. Sempre que via pele branca, as mãos tremiam-lhe. Era este o verdadeiro poder da escravatura, a sombra comprida que continuava a lançar até após o seu fim formal – o facto de, mesmo com toda aquela distância entre ela e Providence, Rachel continuar a viver no medo.

Pouco a pouco, os outros filhos começaram outra vez a insinuar-se de mansinho na sua vida. Estava habituada a vê-los nas sombras, ou à sua volta quando passava do sono à vigília. Era assim que lhe tinham aparecido em Providence. Agora, em Bridgetown, mostravam-se mais ousados. Por trás de uma banca de mercado coberta de galinhas mortas, de olhos vidrados, viu Cherry Jane a fitá-la com uma expressão sombria no rosto. Ao atravessar uma ponte sobre o rio Constitution, viu Micah e Mercy, de mãos dadas, a transporem o gradeamento de proteção e a serem engolidos pelas águas lá em baixo.

E havia os pesadelos. Mais sensações do que visões – como a sensação de ser corroída de dentro para fora, ou de mãos a fecharem-se em torno da garganta para lhe abafarem os gritos. A culpa ia tomando conta dela, dia após dia, começando nas profundezas das entranhas e rastejando pelas veias. Estava ciente do que ainda lhe faltava, o vazio que Mary Grace só por si não conseguia preencher. A pergunta perseguia-a:

Como podia encontrar os outros?

Aos domingos de manhã, o Sr. e a Sr.^a Armstrong iam à igreja, e Mary Grace acompanhava-os. O Sr. Armstrong tinha-a sempre levado, por uma questão de princípio.

– O Senhor não faz distinção entre escravos e homens livres – explicou ele a Rachel.

Rachel preferiu não mencionar o facto de que, uma vez que já não era escrava, o Senhor não podia julgá-la como tal. Declinou educadamente o convite para os acompanhar, dizendo ao Sr. Armstrong que ela cumpria a devoção à sua própria maneira.

Em vez disso, Rachel começou a usar aquela frincha de liberdade aos domingos de manhã para deambular pelas ruas. Era arriscado – talvez mesmo imprudente – deixar a segurança da casa dos Armstrong quando não tinha de o fazer, mas havia dentro de si uma força que era mais possante do que o medo. A necessidade de encontrar os seus outros filhos estava a tornar-se cada vez mais premente. Arriscava a captura por eles. Com o cobertor a protegê-la, ia procurá-los. Bridgetown parecia ainda muito grande, parecia a Rachel que continha quase tudo, e todavia não continha vestígios de Micah, Mercy, Thomas Augustus e Cherry Jane.

Na maior parte dos domingos, depois de horas de buscas infrutíferas, ela ia até ao porto. O mar tinha um cheiro cedíço, semelhante a suor fermentado, e a maresia fazia-lhe arder o interior das narinas nos dias ventosos. Rachel lembrava-se de Hope ter dito, quando haviam estado todas juntas, que o porto era um dos seus sítios prediletos – e agora ela percebia porquê. Enchia-a de assombro. O molhe parecia o local que assinalava o fim da ilha, toda a Barbados adelgada e reduzida a um só ponto que se internava no mar. Era também um local de começos. O que quer que chegasse à ilha, chegava por ali. Ela gostava dos dias em que os navios atracavam e vomitavam hordas de homens imundos para a costa, homens que se esfumavam e dispersavam nas vielas labirínticas ali à volta. Nesses dias, parecia não haver limites para o que Bridgetown conseguia absorver.

O que os navios davam, também tiravam. Em certos dias, havia filas de pessoas alinhadas no cais – sobretudo homens, mirrados até a carne ficar esticada sobre os ossos salientes, vestidos com andrajos e de olhos tão afundados nos crânios que as órbitas pareciam vazadas. Rachel via-os arrastarem-se lentamente para as entranhas dos navios que aguardavam. A primeira vez que assistiu àquilo, pensou, num momento de desvario, que a história tinha invertido o curso. Ali estavam os escravos sobreviventes, aqueles que a vida caribenha tinha poupado, a embarcar em navios que os levavam de regresso a África. Mas, ao aproximar-se, ouviu um homem perguntar a outro:

– Este ser navio pra Jamaica?

– Trindade – respondeu o outro, abanando a cabeça.

– Oh. Pensar que pra Jamaica.

O outro homem encolheu os ombros.

– Diz que também haver trabalho em Trindade.

O primeiro homem suspirou mas não saiu da fila. Portanto, nada de África para ele – só outra ilha e outra vida passada a trabalhar a terra alheia.

Certa manhã, ao regressar do comerciante de tecidos com dez metros de renda, Rachel viu Hope na moldura da porta da loja, ao lado de Mary Grace.

– Rachel! – Hope bateu palmas quando a viu. – Esta tem de ser a tua filha! É linda!

Mary Grace não era linda – tinha um rosto vulgar e as feições um pouco largas de mais. Mas, como sempre, as palavras de Hope reordenaram o mundo, e durante um momento Mary Grace foi linda. Os olhos dela cintilaram, refletindo a luz do sorriso de Hope.

– Estes vestidos são divinais – Hope ergueu a manga de um creme, exposto num dos manequins. – Nem acredito que nunca cá tinha vindo.

O Sr. Armstrong saiu de trás do balcão.

– Em que posso ajudá-la? – perguntou, melífluo. Se sabia quem era Hope – o que fazia –, não o demonstrou. O Sr. Armstrong continuava a ser um mistério para Rachel, mas a filosofia segundo a qual geria a loja não lhe passara despercebida. Tinha brio no que fazia, mas não era orgulhoso. Ninguém era indigno da sua atenção. As clientes iam das mulatas mais elegantes e altivas às mulheres recentemente emancipadas que tinham andado a poupar durante muitos meses para comprar um só vestido. Ele tratava todas com o mesmo respeito.

– O senhor deve ser o senhor Armstrong – disse Hope, encantada. – Chamo-me Hope. Sou amiga da Rachel, e a partir de hoje uma sua cliente fiel.

As comissuras dos lábios do Sr. Armstrong curvaram-se ligeiramente para cima: a sua única concessão ao charme de Hope.

– É muito amável da sua parte. – Avaliou-a com um olhar desapaixonado. – Procurava algum vestido em especial? Ou posso fazer-lhe uma sugestão? Acabámos de receber tecidos da América.

Enquanto o Sr. Armstrong conduzia Hope para os fundos da loja para lhe mostrar as peças, Rachel aproximou-se de Mary Grace.

– Então, conheceste a Hope.

...

– Sim, é muito bonita.

...

– Passou um tempo difícil. Mas estar mais feliz agora.

...

Conversavam assim muitas vezes. Rachel deixava um espaço onde as respostas de Mary Grace deveriam estar.

– Tu gostares dela?

Mary Grace acenou afirmativamente, com um sorriso tímido.

Ficaram a ver Hope apreciar entusiasticamente todos os tecidos que o Sr. Armstrong trouxe das traseiras. Ela gostou em especial de um de algodão azul estampado com cerejas vermelhas, mas também adorou uma seda creme com pormenores de florinhas amarelas. Atraída pelas gargalhadas dadas por Hope enquanto ela e o Sr. Armstrong discutiam os méritos relativos de cada um dos tecidos, a Sr.^a Armstrong surgiu vinda da salinha de costura.

– Boa tarde – disse ela. – Pensei que seria bom vir apresentar-me.

– É a minha mulher – disse o Sr. Armstrong. – Será graças à sua imensa habilidade que o vestido que escolher ganhará forma.

Hope dirigiu-se com vivacidade para a Sr.^a Armstrong e apertou-lhe a mão.

– É um prazer conhecê-la.

Foi só ao vê-la ao lado de Hope que Rachel se deu conta de como a Sr.^a Armstrong era bela. A sua beleza não era como a de Hope – intensa, vistosa. Não exigia atenção. Mas, inexplicavelmente, Rachel viu os seus olhos desviarem-se de Hope e serem atraídos, uma e outra vez, para a simetria fluida do rosto da Sr.^a Armstrong, como se saltasse para um rio fresco no pino do calor.

Por insistência amável da Sr.^a Armstrong, Hope acabou por encomendar um vestido de cada tecido a um preço muito razoável.

– É muito generoso da sua parte – disse Hope.

– Ora essa. – A Sr.^a Armstrong sorriu. – Peça-lhe apenas que diga a quem lhe perguntar onde comprou os vestidos. Em si, não tenho dúvidas de que brilharão.

Rachel preparava o jantar no final dessa tarde quando o Sr. Armstrong entrou na cozinha. Ela baixou o olhar para o refogado que estava a fazer, de modo a ocultar a sua surpresa. Nunca o vira aventurar-se até às traseiras da casa, os domínios das mulheres e das criadas.

– Boa tarde, Rachel. – Ele passou um olhar lânguido pela cozinha.

– Boa tarde, senhor Armstrong.

– O que está a cozinhar?

– Carne de vaca estufada, senhor.

– Ótimo.

Ele tinha uma forma especial de manter a distância sempre que falavam. Já se passara um mês e ela mal o conhecia.

– A Mary Grace está a ajudá-la?

– Estar a pôr a mesa.

– Estou a ver. E a Rachel está a adaptar-se bem?

– Sim, obrigada, senhor.

– Deve ser bom estar outra vez com a sua filha.

Rachel deu mentalmente voltas à palavra *bom*. Ali estava um homem que conhecia dezenas de palavras para aquilo que a Rachel pareciam tons iguais de azul – que podia criar com o seu vocabulário vestidos elaborados, debruados a renda, com gorgorão de uma qualquer cor arrojada e contrastante – e ele perguntava-lhe se era *bom*.

– Sim – disse ela, por fim. – É.

Ele acenou com a cabeça.

Ela continuou a mexer o refogado.

– E a sua amiga – disse ele. – A menina Hope, que veio hoje à loja. Como é que a conheceu?

O tom dele era tão inexpressivo como sempre, mas Rachel – não

tirando os olhos do refogado – franziu ligeiramente o sobrolho. Uma pergunta tão inocente como as outras, mas ela percebeu como escavava um pouco mais fundo. Já não se tratava de tagarelar sobre os pormenores mundanos do presente, da vida e do trabalho naquela casa. O Sr. Armstrong estava a tentar insinuar-se no seu passado.

– Conhecermo-nos em Bridgetown.

– Estou a ver. – Sempre que Rachel erguia os olhos do cozinhado, o olhar dele estava lá, insistente. – E onde é que se conheceram?

– Na casa dela.

Ficaram em silêncio. Rachel continuou a mexer o refogado.

O Sr. Armstrong suspirou, um minúsculo movimento de sopro pelas narinas.

– Rachel. Posso ser franco?

– Sim, senhor.

– O que a sua amiga Hope faz para ganhar a vida é problema dela. – Ele pisava o terreno com delicadeza, ela percebia isso. Cada sílaba era enunciada com uma precisão ligeira. – Eu tenho clientes de todo o género. Mas é meu desejo manter a minha própria casa tão respeitável quanto possível. Preocupou-me um pouco que conhecesse a Hope... – procurou em volta a palavra certa – ... profissionalmente.

Rachel encostou a colher de pau ao lado da panela e endireitou-se. Era um pouco mais alta do que ele.

– Eu trabalhava nos campos – disse ela, condensando toda a sua história naquelas poucas palavras. – Foi só isso eu fiz desde sempre.

– Não foi minha intenção ofendê-la – disse o Sr. Armstrong.

– Claro, senhor.

Ela sustentou-lhe o olhar durante mais uns segundos. Os olhos dele, à semelhança dos dela, eram castanho-escuros, com laivos dourados.

Eu conheço o cheiro do sangue, pensou ela, dardejando as palavras dos seus olhos para os dele. *Eu vi pele com a carne arrancada.*

E a sua mulher também.

Estiveram homens dentro de mim tal como estiveram dentro da Hope,

embora tivesse sido eu a pagar por isso.

O senhor não é melhor que nenhuma de nós.

Deixando a boca curvar-se num sorriso, ela regressou ao seu refogado. O Sr. Armstrong manteve-se por ali mais uns momentos e depois saiu da cozinha.

No dia seguinte, na salinha de costura, pareceu que a Sr.^a Armstrong tinha esgotado as suas recordações. Disse:

– Então e tu, Rachel? Como foi a tua vida antes disto?

Rachel remexeu-se no seu banquinho, torcendo as mãos no regaço. Depois de tudo o que a Sr.^a Armstrong tinha confidenciado, a salinha de costura adquirira uma espécie de magia benfazeja: dentro das suas quatro paredes, as mulheres eram apanhadas nos fios de algo maior do que elas próprias. Entreteciam uma coisa preciosa com as suas memórias. Se alguma vez existira um sítio onde Rachel se atreveria a revelar uma parte de si, era aquela sala – mas não conseguia encontrar as palavras certas. Não disse nada.

A Sr.^a Armstrong não tirou os olhos do trabalho. Fez a pergunta seguinte em voz baixa, discreta e sondadora – como se desejasse mover-se lentamente em torno das defesas que Rachel poderia estar disposta a baixar.

– Tens outros filhos?

Isto ia ao cerne da questão. Não era altura de partilhar histórias de açoitamentos, ou de recordar noites passadas no cepo: a Sr.^a Armstrong queria as partes mais preciosas da história de Rachel.

Rachel baixou os olhos para o chão. A Sr.^a Armstrong manteve perto da cara a bainha que estava a coser. Costurava em silêncio, expectante.

Por fim, Rachel falou.

– Sim.

A Sr.^a Armstrong continuou à espera. Rachel observou a agulha perfurar o tecido, contou os pontos – todos, até dez. Depois reuniu coragem para falar de novo.

– Micah é o mais velho. – O nome embargou-lhe a garganta. Há quanto tempo não o proferia? Tinha-o sussurrado no escuro a Mary

Grace nas primeiras noites que haviam passado juntas, mas tirando isso guardara-o zelosamente dentro de si durante todos aqueles anos. Nem à Mãe B dissera o nome dos seus outros filhos.

– Micah – repetiu a Sr.^a Armstrong.

Ouvir o nome dele na boca de outra pessoa não magoou Rachel como ela tinha pensado que magoaria. A Sr.^a Armstrong disse-o baixinho, como uma bênção ou uma prece.

– Levarem-no muito novo – continuou Rachel. – Mas eu consegue lembrar... – A voz vacilou. – Eu lembrar riso dele. Como um burro. – Riu-se ela própria, com o eco de Micah nos ouvidos. – Quando ele rir, os outros todos rirem também.

»E Mercy. Ela bondosa... tão bondosa. Uma vez, encontrar um passarinho que caiu do ninho. Tomar conta dele. Levantar cedo de manhã pra buscar minhocas para dar passarinho. Quando ele morrer, ela chorar muito quando enterra.

»Cherry Jane. – Os nomes saíam agora com facilidade. Qual barragem que se rompesse e o passado fluísse dela. Nesse momento, Rachel percebeu por que razão a Sr.^a Armstrong havia contado tantas coisas. Tinha-se uma sensação inebriante de libertação. – Levarem-na muito nova para casa grande. Mas eu lembra como ela encantar todos os que a conhecerem. Os irmãos e as irmãs adorarem-na. Ser capaz de falar e sorrir por nada, e fazer todos adorarem-na.

»Thomas Augustus. Sempre fazendo tantas perguntas! Não falar até aos três anos, mas depois as primeiras palavras: “Onde estar a Mary Grace?” Depois continuar: “Para onde ir o Sol à noite?” “Como é que corta a cana e ela crescer outra vez?” Ele ficar comigo um bocadinho mais que os outros. Eu pensa... – Fez uma pausa. – Mas levarem-no também.

»E haver outros. Alguns que morrerem. Alguns que nunca nascerem.

A Sr.^a Armstrong acenou, de olhos ainda pregados no trabalho. Ela percebia.

Rachel respirou finalmente. Micah, Mercy, Cherry Jane, Thomas Augustus – viviam agora todos dentro de alguém. Ela não transportava sozinha o seu peso.

– Senhora Armstrong? – disse Rachel, devagar. – Alguma vez...?
– Antes de terminar, viu o semblante da Sr.^a Armstrong nublarse. Engoliu as palavras não ditas e aguardou.

A Sr.^a Armstrong deu o nó de remate na linha e pousou o vestido no regaço.

– O meu marido e eu tentámos, mas... – Voltou o rosto para cima, de olhos fechados, para a janela alta por onde a luz se derramava na salinha de costura. – Acho que não sou capaz. – A sua pele brilhava, e era difícil dizer onde acabava a luz e começava a Sr.^a Armstrong. – Na plantação, uma das outras mulheres costumava preparar umas ervas para as que... – Suspirou. – Funcionaram, mas continuaram a funcionar, durante todos estes anos.

Seguiu-se um silêncio difícil e estéril. Foi quebrado pelo som da voz do Sr. Armstrong vinda da outra divisão, a descrever o modo como um simples retalho de pano podia ser transformado num vestido rosa-pálido debruado a renda de tom cru e com laçarotes de fita vermelha nas mangas.

No final do dia, quando a luz no interior esmorecia, ouviram o Sr. Armstrong retirar-se para o seu escritório com as contas diárias, sinal de que a loja estava a fechar. Mary Grace ajudou a Sr.^a Armstrong a arrumar as suas coisas de costura e a dobrar os vestidos que iam a meio da confeção. Rachel estava ainda sentada nas sombras, a pensar nos seus filhos, e nos filhos da Sr.^a Armstrong que nunca existiriam.

OuvIU-se então o som de passos e de nós de dedos a tamborilar no balcão. A Sr.^a Armstrong ergueu a cabeça. Para lá da porta, todas conseguiam ver um vulto de pé na loja, embora, com o Sol a pôr-se atrás dele, pouco mais discernissem que uma silhueta.

A Sr.^a Armstrong acudiu, deixando Rachel e Mary Grace a acabar as arrumações.

– Boa tarde, senhor. Lamento, mas acabámos de fechar.

– Não me demorei.

Rachel estava a enrolar uma fita comprida de renda. Não ficou paralisada, mas as suas mãos tornaram-se mais vagarosas, até que se

detiveram. O terror inundou-a lentamente.

Aquela voz.

Seria possível?

– Em que posso ajudá-lo? – perguntou a Sr.^a Armstrong.

– Procuro uma pessoa.

Rachel encolheu-se, recuando para as sombras da sala de costura. Encostou-se com força à parede dos fundos – como se exercendo a força suficiente conseguisse trespassá-la e fugir.

– Uma aprendiz – continuou o homem na loja. – Uma foragida.

– Estou a ver – disse a Sr.^a Armstrong.

As vozes pareciam muito distantes. Rachel esquecera-se de que Mary Grace estava ali. A filha segurava a tesoura de costura e tinha um retalho de tecido marcado com alfinetes dobrado sobre o braço. Olhava para a mãe. Não era um olhar de consolo nem de esperança. Era o olhar de alguém que já passara por muito e estava resignada a passar por mais no futuro.

Rachel teve de reprimir as lágrimas. Não podia emitir um único som. Mãe e filha ficaram juntas ao fundo da sala de costura e esperaram.

Na loja, o guarda de Providence descrevia Rachel. A sua idade e constituição. A marca no seu ombro.

A Sr.^a Armstrong interrompeu-o.

– E ela tem nome?

– Rachel.

Um longo silêncio. Rachel sentiu-se exposta, em carne viva, um animal ferido apanhado numa armadilha. Teve a certeza de que o homem olhava pela porta e a via claramente. Que não podia esconder-se. Que só lhe restavam uns momentos junto da filha até as mãos dele se estenderem no escuro e a arrebatarem. Ela agarrou o braço de Mary Grace e apertou-o com força.

Depois a Sr.^a Armstrong disse:

– Lamento. Não consigo ajudá-lo.

Havia frieza na sua voz.

Rachel ouviu o guarda grunhir, aborrecido.

– Estou de partida para o Norte – disse ele. – Sou preciso para a colheita. Mas se vir alguma coisa... mande alguém dizer-me.

MacLean. Plantação de Providence.

– Claro – disse a Sr.^a Armstrong. – Tenha um bom dia, senhor.

De novo passos – o som desagradável das botas dele no chão de madeira. A porta da loja abriu-se e fechou-se. Depois... silêncio. Uma calmaria. Rachel sentiu-se deslizar lentamente para o chão, conforme todos os músculos do seu corpo cediam, um a um. Tremia de forma descontrolada. Respirava com dificuldade.

A Sr.^a Armstrong assomou à porta. Tinha o rosto ocultado pelas sombras. Rachel não conseguia ler-lhe a expressão. Mas havia alguma coisa na sua postura que fez Rachel conseguir respirar de novo. Tinha sido partilhada muita coisa entre aquelas duas mulheres, na sala de costura. Muitos segredos que as suas quatro paredes guardariam.

A Sr.^a Armstrong acenou com a cabeça uma só vez.

Ela percebia.

Uma voz masculina.

– Ah, Rachel, está aqui.

Rachel pôs-se de pé num salto. O Sr. Armstrong surgiu atrás da mulher.

– Estava a pensar se poderia ir num instante ao curtidor, antes que feche.

– Claro, senhor.

Rachel não conseguiu evitar o tremor na voz.

Os lábios do Sr. Armstrong curvaram-se num sorriso.

– Ótimo.

Um calafrio de medo percorreu Rachel. A Sr.^a Armstrong já mostrara estar do seu lado. Havia coisas que ambas sabiam e as ligavam uma à outra. Mas, e quanto ao Sr. Armstrong?

Quando o guarda viera, o Sr. Armstrong teria ouvido, no escritório? E quanto ouvira?

Como sempre, o rosto dele mantinha-se inexpressivo.

Semanas antes, nos primeiros tempos passados com os Armstrong, Rachel servira o jantar para uma convidada – uma mulata, cliente habitual que se tornara amiga. A mulher estava vestida de forma a acentuar o tom claro da sua pele, a exagerar as diferenças entre ela e os outros da sua raça que eram cativos.

Enquanto Rachel servia conchas de sopa a todos, a mulher falara dos seus amigos nas plantações do Sul da ilha, e dos problemas que estavam a ter com os aprendizes.

– Francamente, Joseph, os negros estão a fugir aos seus deveres a um ritmo alarmante. – A mulher inclinou-se para a frente, empolgada com o assunto. – Isto não pode continuar assim.

Os dedos de Rachel tremeram e a concha tilintou na terrina de porcelana, mas ninguém lhe prestou atenção.

– Ouvi dizer que o governador vai decretar punições mais severas – continuou a mulher. – Punições para esses foragidos. Multas pesadas para quem lhes dá guarida. Tudo o que for preciso, para garantir que se cumpre a lei. O açúcar sempre foi, e continuará a ser, a riqueza desta terra, e os interesses do açúcar devem ser defendidos acima de todas as coisas.

Esta recordação acudiu com frequência ao espírito de Rachel nos dias a seguir à visita do guarda à loja, enquanto ela aguardava o desferir do golpe – que a sua vida frágil com a filha se estilhaçasse. Na recordação real, o Sr. Armstrong não olhara nem uma vez para Rachel, e ela esgueirara-se discretamente da sala de jantar e refugiara-se na cozinha, para acalmar o coração descompassado. Mas a recordação começou a distorcer-se conforme ela a revisitava, até os olhos do Sr. Armstrong não a largarem e seguirem todos os seus movimentos, sem pestanejar, o peso do seu olhar tornado insuportável, com os cantos da boca curvados para baixo, em desagrado.

No domingo, como em todos os domingos, Rachel findou o seu passeio no cais. Nesse dia não se avistavam navios e Rachel

empoleirou-se num caixote virado ao contrário, a perscrutar o mar que ondulava como um ser vivo, a respirar – sempre móvel, nunca parado.

– Linda vista, não é?

Sem que ela se desse conta, o Sr. Armstrong tinha caminhado até ao seu lado. Protegendo os olhos do sol, também ele observava as ondas.

Rachel não disse nada.

– Vem aqui muitas vezes?

Rachel sabia que não podia esquivar uma pergunta direta, mas deixou o silêncio prolongar-se mais um pouco, antes de responder:

– Sim. Aos domingos. Eu gosta de ver os barcos.

– Ah, pois. Há sempre muito que ver, no cais.

Rachel conservou a vista assestada no mar, mas sentiu a face quente: sabia que o Sr. Armstrong dirigia agora o olhar para ela.

– Vi uma coisa interessante no jornal – disse ele, no seu habitual tom melífluo. – Faz já umas semanas, mas ainda me lembro. Às vezes publicam avisos das plantações: sobre foragidos, pessoas que tentam escapar ao regime de aprendizagem.

Abateu-se sobre Rachel um terror frio. Sentiu o corpo tenso, pronto a fugir – lançar-se à água, se preciso fosse. Se o único sítio para onde podia fugir fosse esse. Mas obrigou-se a ficar quieta. Imaginou o rosto do Sr. Armstrong como o seu próprio: completamente imóvel, sem um único estremecimento a denunciar o que se passava sob ele.

– Havia um aviso sobre uma mulher do Norte – disse o Sr. Armstrong. – Não davam o nome, mas diziam que a idade rondava os quarenta anos. Alta, dizia o aviso. E robusta, também. Trabalhadora nos campos.

Rachel não conseguia olhar para ele. Não se atrevia. O poder que ele detinha sobre ela naquele momento era demasiado grande; como o sol, ela receava que olhar de frente para tal intensidade a cegasse. Só podia observar o vaivém do mar, num movimento lento, as ondas a formarem-se e a rebentarem suavemente.

Tinha vontade de perguntar:

O que quer de mim?

Mas a sua energia era toda gasta a evitar soluçar ou gritar ou fugir a correr. Por isso permaneceu sentada em silêncio.

Quando o Sr. Armstrong falou novamente, a sua voz tinha uma feição nova. Era mais áspera. Com um laivo de dor.

– Sabe, eu lembro-me de quando os navios negreiros atracavam aqui.

A surpresa bastou para libertar Rachel do jugo do terror. Conseguiu finalmente olhar para ele. Estava a fitar o molhe, o ponto em que a terra encontrava o mar. As comissuras dos lábios freíam numa espécie de tique nervoso, conferindo às suas feições as expressões mais intensas que ela já lhe tinha visto.

– Não passava de um rapazinho quando proibiram a entrada desses navios na barra – continuou ele. A cadência das palavras, habitualmente monótona e regular como um metrónomo, começou a aumentar e a diminuir com a recordação. – Mas ainda me lembro. O meu pai trazia-me aqui de vez em quando, para os ver chegar. Nunca esquecerei a visão que era assistir ao desembarque dos escravos. Alguns tentavam fugir. Lembro-me de um homem que saltou da prancha de desembarque, levando consigo todos os outros que vinham acorrentados a ele. O homem branco tentou tirá-los da água, mas era demasiado tarde. As correntes de ferro tinham-nos arrastado para o fundo.

Rachel seguia agora o seu olhar. Viu, como ele, os navios de madeira, de interior apodrecido após a longa viagem, a derramarem a sua carga de espectros no cais.

– Se tentasse virar as costas para não ver, o meu pai dizia: «Tens de olhar. Este é o teu povo. Aqueles são os navios que trouxeram o teu bisavô para esta ilha, há muitos anos. Nós podemos ser livres, mas nunca esqueceremos de onde viemos.»

Rachel assentiu. Não sabia a história dele como sabia a da Sr.^a Armstrong, de costas açoitadas e ervas que podiam tornar estéril um ventre. Mas percebia.

– Sei que a minha mulher aprecia a sua companhia, Rachel – disse o Sr. Armstrong. – É bom ela ter alguém com quem falar... – Interrompeu-se. – Ela contou-me por alto dos seus filhos. Foi por causa deles que fugiu?

Rachel tinha vislumbrado a camada sob o seu exterior frio, as memórias cruas que abrigava dentro de si. O que vira bastava para baixar a guarda.

– Sim.

– E tem ideia de onde se encontram? – perguntou ele.

– Não.

– Já procurou? Perguntou por aí?

– Eu perguntar. Mas ninguém ter resposta.

Quedaram-se de novo em silêncio. Olhavam ambos o mar. Pelo canto do olho, Rachel via a vida regressar pouco a pouco a Bridgetown, com o ritmo lento de um refluxo de maré.

Por fim, o Sr. Armstrong falou.

– A minha mulher falou-lhe da mãe?

– Um pouco.

– Contou-lhe que fomos à procura dela?

– Não.

O Sr. Armstrong suspirou.

– Foi depois de nos casarmos. Andávamos a poupar tudo o que conseguíamos para ter uma loja. Um dia, ela veio ter comigo e perguntou se eu conseguia esperar mais um pouco pela loja. Disse-me que queria usar o nosso dinheiro para comprar a liberdade da mãe, tal como eu tinha comprado a dela. «A minha mãe nasceu livre», disse-me. «Nunca soube ao certo o que é que isso queria dizer, até eu própria ser livre. Não quero que ela morra escrava.» Por isso, fomos à antiga plantação da Elvira. Mas quando lá chegámos soubemos que mãe dela já tinha morrido há muitos anos.

Rachel conseguia ouvir a dor da mulher na voz dele, e sentiu um aperto no coração pela Sr.^a Armstrong.

– Rachel, eu sei que quando a Elvira pensa em si e nos seus filhos se recorda da mãe dela. Nós chegámos demasiado tarde, mas não tem de ser assim consigo.

Olhou para ela – não através dela, como fazia habitualmente, mas a vê-la de verdade.

– Quero ajudá-la.

Rachel ficou sem saber o que dizer. Abraçou-se a si própria. Sustentou o olhar dele, cautelosa, mal se atrevendo a acalentar a

esperança.

– O que poder fazer? – perguntou ela.

– Já ouviu falar dos registos de escravos?

Rachel abanou a cabeça.

– Quando os navios deixaram de vir de África, o Governo obrigou toda a gente a registar os escravos que tinha. Queriam impedir que o tráfico prosseguisse às ocultas. De tantos em tantos anos, era preciso ir declarar os escravos que se possuía, e eles comparavam os nomes com a lista anterior de escravos. Caso se tivesse mais ou menos do que da última vez, verificavam se as alterações tinham ocorrido de forma legal.

Rachel tentou pensar como seria tal coisa. Imaginou um livro imenso, com tanto de grossura como de largura. Cada página era uma pequena parcela da vida na ilha: os habitantes, cristalizados, comprimidos numa lista de nomes rabiscados no papel amarelecido. Virar as páginas de um tal livro seria como olhar Barbados de muito alto, como Deus, assistir enquanto as pessoas eram transferidas de plantação para plantação, até à cova. Como se a única pergunta que importasse fosse: de quem és? Ela pensou no seu próprio nome, escrito uma vez e outra no mesmo sítio, sob o mesmo senhor. Se morresse no dia seguinte, seria só isso que ficava dela? Só o seu nome neste livro que os homens brancos preenchiam para se recordarem do que era deles?

– Sabe quando é que os seus filhos foram vendidos? – perguntou o Sr. Armstrong.

– Sim.

– Sabe o nome do senhor deles?

– Sim. Carrington.

– Ótimo. Sendo assim acho que podemos consultar os registos e descobrir para onde foram vendidos.

Rachel não conseguia acreditar. Aquele registo hediondo que, na sua cabeça, era mais pesado do que tudo o que ela alguma vez carregara, que a podia esmagar sob o seu peso imenso de milhares de nomes em milhares de páginas – era aquilo que a conduziria aos filhos?

Olhou para o Sr. Armstrong. O rosto dele ainda se movia

demasiado devagar para o seu gosto. Poderia confiar nele?

– O senhor ir ver esse registo?

– Não o posso fazer diretamente, mas conheço um homem que trabalhou no gabinete de registos. Ele deve conseguir ajudar.

– E saber – começou Rachel devagar – que eu ir...

O Sr. Armstrong sorriu. Não era o sorriso de vendedor que fazia na loja – os lábios macios esticados sobre dentes regulares. Era um sorriso vindo do coração.

– Eu sei. Vai querer ir-se embora. E levará consigo a Mary Grace, calculo.

Ela anuiu.

– Não a impedirei – disse ele. – Há nesta cidade muita gente à procura de trabalho. A Elvira e eu cá nos arranjaremos.

Disse aquilo, como sempre, num tom de autoridade e confiança. Dispunha o futuro dela como as pregas verbais de um vestido que conjurasse para uma cliente. Não havia buracos nem incertezas nos vestidos que ele vendia. Só beleza – coisas elegantes, bem feitas e destinadas a durar.

Nessa tarde, Rachel sentou-se com a Sr.^a Armstrong na salinha de costura.

– A minha mãe – começou a Sr.^a Armstrong. Mas não passou daí.

Ela e Rachel trocaram um olhar demorado. Não foi dito mais nada. Ambas percebiam.

A Sr.^a Armstrong fez o remate e puxou a linha com força, certificando-se de que não se partiria, e depois entalou a costura por baixo do bonito debrum de renda, para que ninguém a visse.

Na loja, o Sr. Armstrong chamou Rachel ao seu escritório. Era uma divisão onde ela nunca entrara, durante todo aquele tempo a trabalhar para ele. Era ainda mais pequeno do que a salinha de costura, não tinha janela, e a desordem reinante surpreendeu-a. Sempre imaginara que seria um aposento arrumado, com poucos móveis e ar austero. Em vez disso, viu papéis amontoados em pilhas instáveis por todos os cantos e livros abertos no chão, com as folhas sobrepostas. Uma grande secretária e três cadeiras tinham, não se sabe como, sido instaladas no meio do caos, o que deixava pouco espaço de circulação.

Vendo aquilo, sentiu-se mais predisposta a gostar dele. Desde a conversa no porto, tinham falado com maior familiaridade na casa, mas na loja ele mantinha-se distante. Quando trabalhava, era uma espécie de autómato, prestando com uma coerência perfeita o seu serviço educado a cada cliente. Só quando regressava a casa se tornava de novo humano, tocando ao de leve no braço da mulher ou suspirando de satisfação quando se afundava no cadeirão de braços. Ver aquele escritório atravancado, uma pequena pecha na sua perfeição, permitiu que Rachel juntasse aqueles dois homens: o vendedor em ação e o homem que ele era em casa.

– Sente-se, por favor. – Ele sorriu, as rugas em torno dos olhos como pequenas fissuras numa fachada que de outro modo seria lisa.
– Tenho novidades.

Rachel imaginara aquele momento, uma e outra vez, desde que haviam falado no porto. Tentara praticar o reprimir de lágrimas de alegria ou desgosto. Mas agora não sentia o coração acelerado. Tinha os olhos secos. Calma e lúcida, Rachel dispôs-se a ouvir.

– O meu amigo consultou os registos – disse ele. – Consegui encontrar menções a todos os seus filhos. O Micah e o Thomas Augustus foram vendidos para fora, para a colónia de Demerara. A sua filha Mercy esteve durante um tempo numa plantação de Barbados, mas depois foi vendida para outra colónia: Trindade.

As lágrimas teimavam em não aparecer, mas os nomes daquelas colónias distantes dilaceraram Rachel como estilhaços de vidro. Era

pior do que ela temera. A ilha de Barbados ela conseguia cobrir a pé numa questão de dias. Mas Trindade? Demerara? Era como se ele tivesse dito África ou Inglaterra. Não eram lugares aonde ela pudesse ir.

– E a Cherry Jane?

O Sr. Armstrong franziu o sobrolho.

– A Cherry Jane foi inicialmente vendida a um homem de Bridgetown. Conseguimos seguir-lhe o rasto ao longo de anos, até 1829, mas no registo posterior a essa data ela já não aparece.

O ar ficou imóvel, perturbado apenas pela respiração de Rachel.

– Morta?

O Sr. Armstrong abanou a cabeça.

– Não consta da lista dos falecidos, nem da dos vendidos ou oferecidos a terceiros. O homem a quem ela pertencia é um negociante branco de algum renome – chama-se Lancing. Não fosse ele tão conceituado em Bridgetown, e a discrepância teria suscitado dúvidas, mas, assim sendo, conseguiu furtar-se à investigação. O rasto dela termina ali. Ele pode tê-la vendido e não ter declarado a venda. Ou pode tê-la libertado.

Rachel fechou os olhos. Tentou imaginar os filhos – os rapazes em Demerara, Mercy em Trindade, Cherry Jane num paradeiro desconhecido –, mas não conseguiu. Só viu sombras informes.

– Lamento – ouviu o Sr. Armstrong dizer. – Gostava de lhe poder dar mais informação.

Tinham chegado ao limite do que os registos dos escravos lhes podiam revelar, mas havia formas de conhecimento não consignadas em livros.

Nessa noite, depois de ouvir os Armstrong retirarem-se para o quarto, Rachel esgueirou-se para a rua. À tarde tinha ido fazer um recado ao talho e o homem atrás do balcão indicara-lhe o caminho para casa do Sr. Lancing. Era tarde o suficiente para as ruas se encontrarem quase desertas – embora se vissem bandos de homens pelas janelas de tabernas iluminadas por lareiras e almas desesperadas enroscadas às portas de lojas a tentarem dormir. O

luar lançava uma luz mais clemente sobre a cidade. Os sons e cheiros da labuta, próprios do dia, esbatiam-se; e até os edifícios mais delapidados adquiriam um charme subtil.

Passado todo aquele tempo, Rachel ainda conservava a cabeça tapada com o cobertor que o mendigo lhe dera. O guarda bem podia ter ido para o Norte, mas Rachel começava a perceber que Bridgetown – na verdade, toda a ilha de Barbados – poderia nunca ser segura para si: ela olharia sempre por cima do ombro, sobressaltar-se-ia sempre que se lhe atravessassem sombras no caminho, acordaria sempre com pesadelos em que a retiravam à força da cama e a levavam.

Sempre que alguém a olhava demasiado insistentemente, ela pensava: *Pronto, é agora. Eles sabem.*

A casa dos Lancing era de pedra, cinzenta e imponente. Os janelões altos estavam todos fechados; no piso superior, viam-se nesgas de luz pelas frinchas, mas no piso térreo estava tudo às escuras. Uma ruela ao lado da casa conduzia à entrada de serviço. Rachel bateu uma vez à porta, sem obter resposta. Lá dentro, ouvia o barulho de louça na cozinha. Bateu com mais força, percutindo a madeira com o ritmo do desespero.

A mulher que por fim veio abrir tinha feições descarnadas e macilentas e rugas em torno da boca descaída. Mirou Rachel de cima a baixo com olhos hostis.

De dentro, outra mulher gritou:

– Leah! Quem ser?

Leah estalou a língua e gritou sobre o ombro:

– Se tu calar a boca eu sabe! – Lançou um olhar duro a Rachel. –

O que queres?

Rachel manteve a voz baixa e respeitosa.

– Eu procura uma pessoa que já trabalhar aqui. Cherry Jane.

Leah estreitou os olhos.

– Porquê?

– É filha minha.

O cenho de Leah carregou-se.

– Isso não poder ser. Seres escura de mais.

– Então conhecê-la?

– Talvez.

Nem uma só brecha na expressão acrimoniosa no rosto de Leah.

– Por favor. Saber onde está?

De lábios cerrados, Leah não deu resposta. Cruzou as mãos sobre o peito em jeito de conclusão. Atrás dela, a outra mulher gritou de novo.

– Estas panelas não se lavarem sozinhas!

O desespero assolou Rachel.

– Teres *pickney*, Leah?

Leah não estava à espera daquilo. A expressão permaneceu carrancuda, mas os braços tombaram ao longo do corpo.

– Sim. Eu ter.

– Ainda estarem contigo?

– Não. Levados.

– Teres saudades deles?

A boca de Leah torceu-se num movimento brusco, involuntário, antes de regressar à sua curva descendente. Ela não respondeu.

Rachel tentou mais uma vez.

– Por favor. Eu só querer saber que passar com minha filha.

Perpassou uma centelha de ternura no olhar de Leah. Tremeluziu ali, por um instante – mas depois o rosto endureceu-se-lhe de novo.

– Eu não pode ajudar-te – disse ela, e bateu com a porta, fechando-a na cara de Rachel.

Veio-lhe à mente uma recordação dolorosa: o dia em que Cherry Jane fora levada para a casa grande. Foi um ano depois de Micah ter sido vendido. Duas escravas domésticas foram de manhãzinha cedo à cabana de Rachel, e mal ela as viu percebeu ao que vinham.

Rachel pensou que podia repeli-las: manteria Cherry Jane junto de si e dir-lhes-ia que não podiam levar-lhe a filha. Mas depois os braços daquelas mulheres estavam em cima de Cherry Jane, e Rachel estava de pé a um canto da cabana, e não fazia nada. Não dizia nada. Tinha pensado em Micah, e no grande vazio em que o seu coração se tornara, e não se mexera e deixara que lhe levassem a filha. Cherry Jane tinha tido tanto medo, mas naquele momento,

no rescaldo da perda de Micah e a pensar em todas as perdas que ainda sofreria, Rachel tinha-se tornado uma das mães que ela pensara nunca vir a ser, as que não conseguiam olhar os próprios filhos nos olhos.

Enquanto avançava lentamente pelas ruas escuras de Bridgetown, sentiu um nó na garganta, recordando aquele dia. Sentia todo o corpo dorido de remorso. Depois de Cherry Jane começar a trabalhar na casa grande, Rachel mal a via – e mesmo nessas ocasiões tinha apenas vislumbres, à distância, demasiado afastada para que Cherry Jane soubesse que a mãe estava a vê-la. Na verdade, Rachel e a filha só se olharam uma vez depois disso, antes de Cherry Jane ser levada de Providence, quando Rachel se esgueirou um dia até à parede lateral da casa grande e espreitou pela janela da cozinha, esperando conseguir descortinar a menina radiante, de pele clara, que ela não lutara por conservar. Cherry Jane estava lá dentro, sorrindo enquanto duas ajudantes de cozinha cirandavam à volta dela, e virou a cabeça para a janela e olhou para a mãe. Três meses depois, Cherry Jane foi levada.

Rachel dirigiu-se para o porto. Não conseguia pensar noutra sítio aonde ir. Sentou-se ali e permitiu-se chorar a sua perda: Cherry Jane, perdida não uma nem duas, mas três vezes.

Rachel pôs-se a olhar para o movimento das ondas. O luar refletia-se na água como em aço. O molhe apontava para o desconhecido, recordando-lhe que algures lá longe, do outro lado do mar, estavam Micah, Thomas Augustus e Mercy. O caminho diante de si bifurcava-se – um dos lados seguindo o registo dos escravos até terras distantes; o outro avançando lentamente, cegamente, no enalço do rasto já antigo deixado por Cherry Jane.

Rachel sopesou cada uma das opções. Ela poderia sair dali de barco? A ilha era todo o seu mundo; a sua vida inteira tinha decorrido dentro dos confins daquelas costas. Estava uma noite quente, húmida, mas Rachel sentiu um calafrio de medo, e embora o mar estivesse calmo, pareceu-lhe medonho. Que mistérios se escondiam sob a sua superfície de prata?

Lembrou-se da história do Sr. Armstrong, quando ia ver os navios entrarem na barra. À noite, os fantasmas do passado

pareciam mais próximos; a membrana existente entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos adelgaçava-se. Havia esqueletos no porto, ainda acorrentados. Rachel tentou imaginar o que seria embarcar num navio rumo a Trindade ou Demerara, mas o pensamento regressava-lhe sempre àqueles ossos antigos debaixo das ondas.

Rachel desviou o olhar do mar e dirigiu-o à sombra de Bridgetown. Cherry Jane ainda podia encontrar-se algures em Barbados. Deveria então ficar ali e tentar encontrá-la primeiro? Rachel revolveu a ideia no espírito – e percebeu a falsa promessa que encerrava; o modo como ameaçava desintegrar-se, como um penacho de fumo, ao seu toque. Bridgetown era o sítio para onde iam os foragidos, para se esconderem entre a multidão. Se a própria cidade de Bridgetown fora o sítio de onde Cherry Jane quisera fugir, para que outro lugar teria ido? Em toda a ilha de Barbados, as plantações não constituíam grandes locais de refúgio.

E ainda havia Providence. Rachel pensou no guarda. A perpétua caçada. Medo na ilha; medo no além-mar.

– Rachel?

Uma voz cortou-lhe os pensamentos. Percebeu imediatamente, pelo afeto que a envolveu, que se tratava de Hope.

– Que engraçado, encontrar-te assim! – exclamou Hope quando se abraçaram. – Bem sabes como gosto disto aqui.

– Sim – disse Rachel. – Eu gosta, também.

Ficaram ambas a olhar para o mar. Rachel perguntou-se se Hope estaria a pensar na sua antiga vida – a vontade de se afogar. De súbito, ocorreu-lhe que era estranho aquele local ser tão caro a Hope, mas Rachel sabia que algumas pessoas preferiam manter as recordações dolorosas bem presentes.

– Mas o que estás a fazer aqui tão tarde?

– Ter vindo visitar uma pessoa.

– Bom, eu ia agora para casa. Mas posso ficar aqui um bocadinho contigo, se quiseres.

Por detrás do sorriso, que exibia uma fila de dentes perfeitos, havia uma certa cautela na expressão de Hope. Rachel aceitou a oferta de companhia e sentaram-se as duas no chão, de pernas

cruzadas.

– Como está a Mary Grace? – perguntou Hope.

– Bem.

– É tão bom vocês terem-se encontrado outra vez!

– Sim.

A recordação do reencontro acudiu ao espírito de Rachel. O alívio. O preenchimento de um vazio no seu coração, trazendo novamente cor ao mundo. Mas depois aquele momento tornou-se agri-doce. Havia um oceano a interpor-se entre ela e a possibilidade de experimentar novamente aquela sensação.

– Tens mais filhos, Rachel?

A julgar pelo tom de voz de Hope, era uma pergunta, mas tendo em conta o olhar que ela lançou a Rachel, não era.

– Sim.

Por uma vez, Hope ficou calada. Nada de palmas, nada de cabeça inclinada, nada de riso. O vento sussurrou sobre as ondas. No pescoço de Hope, os rufos do vestido dançaram à brisa. Ela baixou o olhar.

Quando Hope falou, foi como se toda a alegria lhe tivesse sido sugada da voz, deixando-lhe apenas uma coisa roufenha, animalesca.

– Se a minha filha fosse viva, eu faria tudo o que fosse preciso. Havia de encontrá-la.

Elas eram diferentes como a noite e o dia. Se Hope era um turbilhão, Rachel era a bonança depois da tempestade. Mas as palavras de Hope, e o modo como as proferiu, vinham de qualquer coisa mais profunda. Rachel também tinha aquilo nela.

Ela partiria. Claro que sim. Uma parte de si sempre o soubera, sempre a trouxera, uma e outra vez, até ao porto. Não era um fim, mas um princípio. A distância não interessava. Nada interessava. Nela, como em Hope, havia uma vontade indómita, crua, impiedosa, vergada mas não quebrada pela escravidão. Ela escolheria o medo que não lhe era familiar e iria pôr um oceano entre si e o seu antigo senhor da plantação de Providence.

Hope sorriu, e foi como se nada tivesse acontecido. Toda a brandura e todo o encanto dela regressaram. Levantou-se.

– É tarde. Tenho de ir. – Pegou na mão de Rachel. – Fiquei contente por te ver hoje. – O seu toque demorado dizia que não voltariam a ver-se. Ela sabia que Rachel não podia ficar.

– Ter cuidado contigo, Hope.

Rachel ficou a ver Hope afastar-se. Agora não sentia calafrios no porto. Os mortos, se ainda a observavam das profundezas do oceano, já não assustavam Rachel. Tinham morrido porque se atreveram a erguer-se contra o caminho que lhes haviam traçado, o caminho que descia a prancha de desembarque de um navio e os atirava para uma plantação. A ideia empolgou Rachel. Havia outros caminhos. As coisas podiam mudar. A ilha que a mantivera cativa não a manteria assim para sempre.

Apesar da hora tardia, a Sr.^a Armstrong esperava-a, emoldurada no vestíbulo acanhado, com toda a sua beleza discreta. Olhou para Rachel. Rachel devolveu o olhar, e viu que ela sabia.

– Vais?

– Sim.

A Sr.^a Armstrong apertou os ombros de Rachel. Na pressão que exerceu passou-lhe o desgosto pela sua própria mãe e a esperança de que Rachel pudesse ainda evitar aquele desfecho: «Tens de fazer o que eu não consegui.» Retirou as mãos e enxugou desajeitadamente as lágrimas que tinham começado a correr-lhe pelo rosto.

– Vou perguntar ao meu marido sobre as travessias para Demerara e Trindade. Vamos descobrir-te o primeiro navio que sair daqui. E pagaremos o teu bilhete.

Rachel abriu a boca para protestar, mas a Sr.^a Armstrong silenciou-a com um gesto imperioso de mão.

– Eu insisto – disse ela. – Nós insistimos. – Tinha os olhos brilhantes, as pestanas inferiores molhadas e coladas. A voz tremeu-lhe. – Espero que os encontres, Rachel. Espero que os encontres todos.

Qualquer coisa visceral dentro do seu corpo rejeitava o navio. Rachel embarcou em Bridgetown ao início da tarde, e mal deixaram a doca as pernas cederam-lhe e ela começou a vomitar com violência. Mary Grace e um elemento da tripulação levaram-na para o convés inferior, onde se deitou às escuras, com tremuras e febril, com o balanço instável do navio a chocalhar-lhe a bÍlis no estômago. Nessa noite, não conseguiu dormir: sonhou acordada e de olhos abertos um sonho cego de desespero gemebundo e morte fétida. O ar escuro e pútrido do porão estrangulava-lhe a garganta como os membros de um cadáver ainda quente.

Depois do que a ela pareceu uma vida inteira perdida naquele breu denso e agoniante, arrastou-se até ao convés quando rompia a alvorada. As pernas mantinham-se imprestáveis, mas ela conseguiu sentar-se direita contra o bojo do navio. Fechou os olhos e tentou ignorar tudo menos o som familiar das ondas e o travo do sal na língua.

– É a primeira vez que viaja de barco?

Entreabrindo um olho, viu um homem de pé acima dela, com a pele da cor da madeira húmida das pranchas do convés. Os cantos dos olhos descaíam ligeiramente na direção da curva do sorriso, situando a sua expressão algures entre o sombrio e o amável.

Rachel assentiu. Não se atreveu a abrir a boca, receando que as suas entranhas se projetassem para cima das botas do homem.

– Da primeira vez, pode ser difícil. – Tinha uma voz solene, sem a entoação habitual da ilha. As consoantes eram duras como as de um homem branco.

Ele mergulhou a mão no bolso das calças gastas e desfiadas junto dos tornozelos.

– Tome. – Estendeu-lhe um pedaço de uma coisa cinzenta e engelhada. – Gengibre. Mastigue, para ajudar no enjoo.

Rachel abriu a boca apenas o suficiente para deixar entrar o gengibre. Era velho e duro, mas quando o mastigou começou a libertar o seu suco, que ela engoliu com alguma dificuldade.

O homem esperou pacientemente enquanto Rachel mantinha a

cabeça pousada nos joelhos. Não demorou muito a que ela sentisse que algo se libertava da boca do estômago e irradiava até às pernas trémulas. Primeiro pareceu uma tensão, uma firmeza nos músculos – e depois, de repente, tudo se descontraiu. Relaxado e calmo, o seu corpo conseguiu absorver o movimento do barco sem reclamar.

O sorriso do homem alargou-se.

– Melhor?

Rachel assentiu de novo e até conseguiu dizer numa voz rouca:

– Sim.

Com uma mão grande e calejada, o homem apontou para um sítio no convés ao lado dela.

– Posso sentar?

– Se quiser.

Ele sentou-se perto o suficiente para que ela sentisse o calor emanado pelo seu corpo.

– Então – disse ele –, quem é você?

Havia nos olhos dele uma profundidade diferente de tudo o que ela já tinha visto. As pupilas eram cavernas, insertas em dois círculos pretos idênticos. Ela não conseguia olhar diretamente para elas muito tempo sem experimentar uma espécie de vertigem.

– Rachel – disse. – Viajar com minha filha.

– Prazer em conhecê-la, Rachel. Chamo-me Ninguém.

Rachel olhou Ninguém de cima a baixo. Era mais sólido do que ela esperaria de uma pessoa com aquele nome. Tinha as mangas da camisa arregaçadas e os músculos enroscavam-se-lhe pelo braço abaixo como trepadeiras.

– Deve estar a perguntar-se como é que arranjei este nome invulgar.

Um pouco embaraçada, Rachel desviou o olhar, mas ele não pareceu desagradado.

– Pois bem, vou dizer-lhe. Na plantação do meu antigo senhor, em Antigua, acusaram uma mulher de bruxaria. Disseram que ela tinha andado a enterrar coisas nos cantos do campo para lançar um feitiço – o coração de uma cabra, as bagas de um arbusto venenoso, e as secundinas de uma escrava, ainda cheias de sangue. Em vez de negar a acusação, ela aceitou-a com orgulho. Disse ao senhor que

tinha amaldiçoado a terra e por isso ninguém nasceria na plantação.

»Na altura, a mulher do senhor esperava um filho. Passada uma semana, o bebé nasceu prematuramente, deformado e morto. Durante muitos anos, a maldição pareceu surtir efeito: as escravas mantiveram-se estéreis e a mulher do senhor deu-lhe mais dois filhos nado-mortos. Mas um dia, nasci eu. E por isso o senhor disse à minha mãe que me chamasse Ninguém. Por ser verdade que Ninguém nascera na sua plantação.

Falava com o ritmo fácil de quem está habituado a contar histórias. As palavras subiam e desciam juntamente com o convés debaixo deles. Enquanto isso, ele mantinha os olhos profundos, descaídos, fixos no mar.

– Porque ir para Demerara? – perguntou Rachel.

– Faça parte da tripulação. Ando no mar há muitos anos.

Rachel tentou imaginar tal vida. Inspirou profundamente, deixando que o ar salgado lhe enchesse os pulmões.

– E gostar? De andar no mar?

– Devo a minha liberdade ao mar – disse ele, após uma pausa. – Portanto, respeito-o por isso. Mas nem sempre é uma vida fácil.

– A sua liberdade?

– Sim. Quando era miúdo, mal tinha acabado de fazer dez anos, a minha mãe disse-me, uma noite, que tinha um plano, mas eu precisava de fazer exatamente o que ela me dissesse. Mandou-me deitar na esteira e não mexer um músculo. Saiu a coberto da noite para ir buscar excrementos à fossa da latrina. Pegou numa faca, fez um golpe na coxa e misturou os excrementos com sangue e água. Depois, na manhã seguinte, despejou a mistura sanguinolenta entre as minhas pernas e correu lá para fora. Ouvi-a gritar, e o supervisor acabou por aparecer. Ela disse-lhe que eu estava às portas da morte e que a maldição, afinal, me tinha vindo reclamar.

»Ouvi o supervisor aproximar-se para me observar. Mantive os olhos fechados e a respiração rápida. A cabana tresandava e ele não ficou lá dentro muito tempo. Naquela noite, a minha mãe sussurrou-me: “Foge.”

Ninguém fechou os olhos durante um instante, emocionado. Rachel sentiu o corpo dele ficar hirto, junto do seu, como se a

simples recordação da ordem bastasse para o fazer preparar-se para a fuga.

– E eu fugi. Encontrei uma estrada e segui-a até chegar a uma cidade com mais pessoas do que as que eu tinha visto durante toda a vida: era St. John. Passei três dias a deambular pelas ruas, sem me atrever a parar. Na terceira noite, saiu um homem a cambalear de uma taberna e viu-me acororado à entrada. Disse-me que eu podia ter comida e abrigo se fosse no navio dele, que partia de Antigua para Londres no dia seguinte. Aquela foi a primeira de muitas viagens que fiz, e agora aqui estou eu. Desde então, não voltei a pôr os pés em Antigua.

Ninguém manteve o rosto inexpressivo – não fora aquele breve lampejo de emoção, e poderia estar a contar um mito ou uma fábula. Mas desenhado nas suas feições via-se o fantasma de um menino de dez anos assustado. Rachel imaginou a dor que a mãe devia ter sentido, mandando-o ser livre sabendo que nunca mais o veria.

– Londres? – perguntou ela. – Ter ido tão longe assim?

– Não fiquei lá muito tempo. Mas lembro-me de que era fria... Tão fria que puxava as nuvens do céu e elas embrulhavam-se à volta de tudo e não deixavam ver nada.

– Em que outros sítios ter estado?

– Sobretudo Europa e Caraíbas – disse ele. – Uma vez em África, no porto de transbordo de Popo. – Baixou o olhar para a madeira gasta do convés. – A bordo de um navio espanhol que transportou escravos para Cuba.

As palavras dele provocaram um calafrio em Rachel, mas ela não se sentiu zangada com ele. A imagem que tinha formado, de uma vida arriscada no mar a explorar os quatro cantos do mundo, desapareceu. No seu lugar, viu de novo o menino, arrastado pelos oceanos em viagens que lhe escapavam ao controlo. Toda a liberdade tinha o seu preço.

– E o que a leva a si a Demerara, Rachel? – perguntou Ninguém.

Ao recostar-se, o rosto de Rachel foi iluminado pelos raios de sol que começavam a surgir, afastando as brumas da alvorada que ainda pairavam sobre o navio. O calor destes e a história de

Ninguém de separação da mãe em criança amoleceram-na. Não obstante sentir ainda que a sua busca era de certo modo secreta, decidiu confiar-se-lhe.

– Meus filhos. Serem vendidos pra lá há muitos anos.

Foram interrompidos por um rapazinho branco, de uns doze anos, que apareceu vindo do convés inferior. Tinha o rosto magro sujo de fuligem e suor.

– Precisam de si lá em baixo.

Ninguém pôs-se de pé.

– Talvez falemos mais tarde – disse ele, como se fosse uma coisa que desejava mas que não estava nas suas mãos. Em última análise, estavam todos à mercê do mar.

Apesar de o enjoo ter melhorado, Rachel ainda sentia dificuldade em permanecer muito tempo no convés inferior. Dores ancestrais, sedimentadas algures dentro de si, continuavam a revolver-lhe o estômago, formando nós mal ela perdia o Sol de vista, e o fantasma do cheiro de corpos em decomposição assombrava-a lá em baixo. Ela e Mary Grace passavam todo o tempo que podiam no exterior. Rachel apresentou a filha a Ninguém, da vez seguinte que ele apareceu no convés. Mary Grace sustentou-lhe o olhar, sem medo de se perder naqueles olhos profundos e cavernosos.

Estavam a ser abençoados com uma boa travessia e parecia que o tempo se ia manter assim – pelo menos, foi isso que Ninguém lhe disse. A proa do navio rasgava as águas com um murmúrio quase inaudível. Ele falou-lhes das grandes tormentas que tinha arrostado, quando a chuva perfurava a pele e as vagas furiosas, mais altas do que o navio, ameaçavam rachar o convés em dois de cada vez que se abatiam.

Sempre que o viam, ele contava uma história diferente de uma das suas muitas viagens. Se passasse por eles outro elemento da tripulação e o mandasse entre dentes deixar de fazer cera, a história era encurtada: a ocasião em que ele vira uma baleia saltar da água a escassos metros do navio; ou a vez em que uma rabanada de vento lançara um homem do cordame para o convés e o estalar dos seus

ossos mal se ouviu sobre o ruído do temporal. Quando conseguia ficar mais tempo com elas, podia contar da vez em que tinham sido assediados por um navio pirata ao longo de toda a costa de Cuba; ou da tentativa de motim que ajudou o capitão a debelar durante uma viagem para o Brasil. Mary Grace escutava-o sempre com uma atenção extasiada, e ele parecia retirar prazer daquela assistência. Quando Rachel via os olhares que trocavam, sentia uma pontada de luto materno pela criança que a filha fora. Mas também sentia alegria. Durante o tempo que tinham passado em Bridgetown, Rachel nunca vira a filha escutar o que quer que fosse sem baixar o olhar, mas agora mantinha os olhos fixos em Ninguém. Junto dele, a mudez de Mary Grace deixava de parecer timidez: parecia assombro.

Durante mais três dias, só viram mar e céu. Rachel gostava de ir até à proa do navio e ver o oceano lambendo o horizonte de ambos os lados. Em Barbados, nunca tinha estado a mais de umas poucas horas de ver que a terra não se prolongava indefinidamente. Mas no navio era fácil acreditar que a água não tinha fim. Não percebia como podia alguém aguentar as longas travessias desde África ou da Europa. Ela só viajava há uns dias e sentia já que a ideia de terra – sólida e firme debaixo dos pés – era um ponto distante na sua memória.

Perguntou a Ninguém como era passar semanas rodeado daquela infinidade em todas as direções – por cima, por baixo e à volta.

– Uma vida no mar não é para todos – disse ele. – Pode fazer-nos sentir muito pequenos. Já vi levar pessoas à loucura. Uma vez, vi um homem saltar borda fora, em desespero, por se ter convencido de que o mar engolira o mundo inteiro e só restávamos nós...

Fez uma pausa. O Sol ia baixo no céu, quase a roçar a superfície da água, e a sua luz morredora transformava as ondas num espelho cintilante, variável.

– Eu sobrevivi sempre – disse ele. – Não me importo de me sentir pequeno. Não preciso de ser recordado de que sou Ninguém, como todos somos.

Ao quarto dia, avistaram terra. A costa da América do Sul emergiu das vagas e serpenteou no horizonte. Rachel segurou com força a mão de Mary Grace, quando a viu surgir. Sentiu-se de imediato ancorada, e foi-lhe mais fácil visualizar as imagens de Micah e Thomas Augustus do que tinha sido quando a única coisa que se via era água.

Aproximaram-se o suficiente para se distinguirem os contornos verdes das árvores ao longo da orla marítima. O navio guinou ligeiramente para bombordo e durante toda a manhã navegou com costa à vista. Ninguém veio à procura delas e levou-as para a proa. Apontou ao longe.

– Veem aquilo? Onde a água começa a ficar castanha?

Protegendo os olhos, Rachel viu que efetivamente conseguia discernir uma faixa de água lamacenta a cortar o azul-escuro do mar envolvente.

– É assim que sabemos que estamos perto – explicou Ninguém. – Ali fica a foz do rio Essequibo. Já não falta muito para chegarmos a Georgetown.

Durante as horas seguintes, a costa começou a desaparecer, dando lugar à larga foz do rio. Ilhotas, como dentes, erguiam-se na direção do céu. Rachel e Mary Grace mantiveram-se na proa, pregadas ao chão, conforme a vastidão do estuário se ia revelando.

– Gostam da vista?

Ninguém tinha voltado. Pôs-se ao lado de Mary Grace e Rachel notou que as costas da mão dele roçaram a coxa da filha.

– Eu nunca ter visto um rio tão largo – disse Rachel. Ainda não se avistava no horizonte a outra margem.

– Os rios da América do Sul são uma visão e tanto – concordou Ninguém. – Mais abaixo na costa, no Brasil, há o Amazonas. Dizem que é um dos maiores rios do mundo. É como uma ferida imensa na linha costeira. – Sorriu, um pouco tristemente. – Ainda mais do que todo o tempo que passei no mar, vê-lo fez-me sentir pequenino. A vida que construímos para nós em terra é fútil. No final, a água levará a melhor.

Rachel fitou o Essequibo em silêncio. Também ela se sentia pequena, mas essa sensação não era tão pessimista como a que

Ninguém descrevera. Onde ele via o estuário como uma ferida, ela imaginava a terra abraçando cada margem enquanto o rio se internava no interior do país. Onde ele via água e terra em oposição, ela reparava que as coisas não eram tão simples como pareciam. A água doce lamacenta encontrava-se com a água salgada do mar e as suas cores misturavam-se e dissolviam-se uma na outra na foz do rio. As ilhas que se erguiam das profundezas eram verdes e férteis, pujantes de vida. A coexistência era possível. Ninguém precisava de perder para a água ganhar.

Ninguém teve de regressar ao trabalho, mas não o fez sem antes lhes dizer que se mantivessem atentas a um segundo rio – esse seria o Demerara, nas margens do qual se erguia Georgetown. Ao longo da tarde, a sombra do mastro do navio alongou-se. A estibordo, a linha da costa voltou a surgir, quando deixaram para trás o estuário do Essequibo.

Ao fim de algum tempo, Mary Grace viu qualquer coisa e apontou para a distância. Estreitando os olhos, Rachel lobrigou o Demerara, a traçar um veio grosso de água castanha no mar.

O navio guinou, apontando a proa para a costa. Alguns outros passageiros, curiosos, tinham-se juntado para assistir à aproximação do seu destino final no horizonte, e entre estes houve uma jovem mulher que chamou a atenção de Rachel. Aquela conservava-se afastada dos restantes no convés, de forma deliberada, mudando de posição sempre que alguém se aproximava demasiado. Os seus olhos lançavam miradelas rápidas em redor, vigilantes. Era extraordinariamente bela – alta, esguia, de pele clara, com caracóis leves que caíam, soltos, até aos ombros. Fazia-lhe lembrar Cherry Jane, apesar de a mulher não se parecer com a filha: tinha o nariz demasiado afilado, os olhos escuros de mais e a pele um tudo-nada mais clara. Mas havia alguma semelhança na postura – ereta e graciosa de uma forma consciente, como se soubesse que ia atrair as atenções e por isso tivesse de estar sempre preparada para ser olhada e admirada.

Todavia, o que captou mais a atenção de Rachel não foi a beleza da mulher, nem a reminiscência de Cherry Jane. Foi o vestido. Depois dos meses passados junto da Sr.^a Armstrong, Rachel sabia

reconhecer uma técnica apurada quando a via, e o vestido era sem dúvida uma bela obra. Feito de seda lilás, tinha um debrum de rosas na bainha da saia. As mangas ligeiramente tufadas estavam cobertas por uma sobremanga finíssima, que cintilava ao sol, e a linha do decote fora adornada com renda. Aquele era um vestido que ostentava o seu preço, um vestido concebido com o propósito de anunciar a sua portadora como uma mulher de bom gosto e meios consideráveis.

E ainda assim... Rachel olhou com mais atenção. Tentou ver o que a Sr.^a Armstrong veria. Os sítios no corpete onde a cor se esbatera. O facto de ter sido feita nova bainha à saia e, agora que reparava melhor, não lá muito bem. O facto de o formato das mangas ter passado de moda há uns anos. E o facto de na cintura da mulher o vestido não assentar como se esperaria de uma peça feita à medida por uma modista experiente.

A jovem virou a cabeça e os olhares de ambas cruzaram-se brevemente, mas ela desviou os seus de imediato e Rachel percebeu que a outra sentira medo porque tinha percebido – vira no rosto de Rachel – que o seu disfarce não bastava e que, qualquer que fosse a vida de que fugia e qualquer que fosse a pessoa por quem estava a querer fazer-se passar agora, uma pequena parte da sua verdadeira identidade iria sempre transparecer.

Ninguém surgiu de novo junto do ombro de Mary Grace, e Rachel desviou o olhar da mulher com o vestido lilás.

– Quanto tempo? – perguntou Rachel.

– Cerca de uma hora – respondeu ele.

Mary Grace olhou para a mãe. Durante os últimos dias, Rachel tinha notado como os ombros da filha se endireitavam e os seus lábios estavam sempre à beira de um sorriso – em especial se Ninguém estivesse por perto. Rachel viu a esperança que se vinha acumulando nos olhos de Mary Grace tremeluzir, como uma chama prestes a ser extinta.

– Quanto tempo fica em Demerara? – perguntou Rachel a Ninguém.

Ele encolheu os ombros.

– Tenho poupanças que me podem durar um mês ou dois. Depois

vou ter de arranjar trabalho noutro navio.

– Teres sido boa companhia pra nós.

– Obrigado.

Pouco a pouco, a foz do Demerara aproximava-se. Mary Grace baixou o olhar para o convés. Os lábios começaram a desenhar a habitual curva descendente e as costas a curvar-se, e Rachel soube que não era altura para estar com rodeios.

– Talvez poderes ficar connosco durante algum tempo. Em Georgetown. Podermos hospedar-nos juntos.

Ninguém não disse nada. Fitava o mar, as vagas refletidas em miniatura nas suas pupilas.

Rachel pegou-lhe na mão. Ele olhou do oceano para ela e de novo para o oceano.

– Ouve – disse ela. – Eu sabe como é difícil deixar pra trás o que se conhece. Mas está na altura. – Apertou a mão dele com mais força, e ele olhou de novo para ela. – Agora poderes parar de fugir.

A pele lisa do rosto dele estremeceu, reprimindo as lágrimas que, aos dez anos, não tivera oportunidade de derramar. Rachel conseguia ver-lhe a mãe nos olhos – uma silhueta ténue, uma memória distante com as feições esbatidas – e soube que ele conseguia também ver uma parte da sua mãe nela. Juntos, esses ecos da mãe bastaram-lhe. Libertaram-no da ordem dada há décadas.

– Está bem – disse ele. Numa voz pastosa, com a dor da recordação. Mas também com alívio. – Vou convosco.

Mary Grace tinha ainda a cabeça curvada. Ninguém, com a dor do passado ainda visível nos olhos, olhou para ela e o seu rosto imobilizou-se. As lágrimas ainda não derramadas retiraram-se. Por um instante, ele permitiu-se sorrir.

GUIANA BRITÂNICA

Janeiro de 1835

Havia uma disposição metódica sinistra nas ruas de Georgetown. Enquanto avançavam estuário adentro, os edifícios alinhados na zona ribeirinha destacavam-se. A doca situava-se nos confins da cidade a jusante do rio, e para lá dela viam-se faixas de plantações, correndo em linhas retas a partir da marginal. Depois de dias passados em alto-mar, era desconcertante ver uma paisagem tão cuidadosamente planeada e ordeiramente disposta.

Ninguém desceu com elas a prancha de desembarque. Um grupinho de pessoas aguardava para saudar os recém-chegados – negras na sua maioria, tão magras e angulosas como as pessoas que tinham partido de Barbados, mas com roupas melhores e sem aquele desespero afundado nos olhos. Rachel reparou que a jovem bonita de vestido lilás contornou aquela multidão. A mulher caminhou apressadamente até à transversal mais próxima e desapareceu nas sombras.

– Sei de um sítio – anunciou Ninguém. – Uma taberna com hospedaria. Barata, mas não sórdida. Pode ser que nos aceitem lá.

Conforme se iam afastando do rio, os prédios altos com fachada de pedra davam lugar a edifícios mais pobres e atarracados, com janelas sem vidraças escancaradas ao crepúsculo. A rua que desciam estava quase deserta. Passaram por uma mulher branca, encostada à porta de casa, a tagarelar com um homem que se encontrava na rua, numa língua que Rachel não reconheceu. As palavras ásperas, a transbordar de consoantes, eram suavizadas pelas gargalhadas ocasionais que ambos davam. Rachel franziu o sobrolho.

– Eu pensar que Georgetown era inglesa.

Nunca iria conseguir encontrar os filhos numa língua estrangeira.

– E é – disse Ninguém. – Mas em tempos foi holandesa. Ainda há uns quantos deles por aí.

Passado não muito tempo, chegaram à taberna e verificaram com alívio que ainda estava aberta. A uma centena de metros, a rua direita como uma flecha findava abruptamente, dando lugar a campos planos e estéreis.

– Se fosse a vocês, não iria naquela direção – disse Ninguém. – É um campo-santo. E ali os mortos não descansam lá muito em paz.

No interior, a taberna estava mal iluminada, mas limpa. Havia uns quantos homens a beber ao balcão e um outro grupo debruçava-se sobre uma mesa de canto, com cartas de jogar nas mãos. Estavam dois soldados sentados à mesa, um de pele clara e outro de pele escura. Tirando esses, pareceu a Rachel que os homens seriam ou marinheiros ou jornaleiros: ostentavam um ar mutável, impermanente, e os olhos não se fixavam muito tempo no mesmo sítio. Ela tinha detetado o mesmo tipo de energia em Ninguém, desde que haviam saído do navio.

Ninguém adiantou-se e foi falar com o homem que estava atrás do balcão. Depois de uma breve troca de palavras, virou-se e fez sinal a Rachel e Mary Grace para que se aproximassem.

– Está a ver? – disse ele secamente ao homem. – São ambas boas mulheres, respeitáveis.

O homem era baixo, corpulento e com sinais de calvície. Arfava ligeiramente. Olhou-as de alto a baixo com olhos escuros e atentos, encastoados numa cara da cor do melaço de cana.

– E com'é qu'elas vão ganhar a vida? – perguntou, dirigindo-se a Ninguém. – Como mim saber qu'elas não se vão dedicar àquele trabalhinho, se ficar desesperadas? Não seriam as primeiras.

Ninguém ia responder, mas Rachel adiantou-se.

– A minha filha sabe costurar um pouco. Eu ser criada em Barbados, mas também trabalhar nos campos. Conhece bem trabalho duro.

O homem continuou a mirá-las. Por fim, disse:

– Se é trabalho duro que querem, irem encontrá-lo aqui. Nós estarmos à procura de uma pessoa para servir à mesa e descarregar os barris quando chegam. Seres forte?

– Sim, senhor.

– Bom, eu falar amanhã com o dono. Se ele vos aceitar, poderem ficar com o quarto como salário.

Rachel encolheu os ombros. Parecia um negócio razoável.

O homem espetou o queixo na direção de uma porta, a um canto.

– O quarto é por ali, ao cimo das escadas. – Virou-se para Ninguém. – Mas precisa do dinheiro desta noite. Não há hospedagem gratuita até ela trabalhar aqui para a ganhar.

Ninguém fez menção de abrir a saca que trazia ao ombro, mas Rachel foi mais rápida. Contou as moedas – as que restavam do dinheiro que a Sr.^a Armstrong lhe dera –, que foi pondo na mão do homem. Pegou na chave e subiu as escadas na dianteira.

O quarto era pequeno, quadrado e perfeitamente impessoal. Duas camas ladeavam a janela ao centro, e tirando isso estava vazio. Ninguém ficou do lado de fora da porta. Ele era bom a controlar a expressão, mas Rachel percebeu que se passava alguma coisa. Pensou que estaria a ressentir-se do facto de ela ter conseguido trabalho e pagado pelo quarto. Se tinha o orgulho ferido, havia que reconhecer que não o demonstrava, mas não se pode dizer que isso a surpreendesse. Rachel considerou que ele não estava habituado a contar com ninguém a não ser ele próprio. Desde criança que só conhecia as dificuldades de uma vida no mar, onde a água salgada carcomia a fraqueza. As únicas relações que conhecera tinham sido ou contratuais – entre capitão e tripulante – ou fugazes – entre embarcações que navegavam juntos uma vez e depois iam às suas vidas.

Rachel estava a pensar numa maneira de lhe dizer delicadamente que ela e a filha não precisavam do dinheiro nem do trabalho nem da proteção dele, mas tão-só da sua companhia, quando Mary Grace aflorou com a mão o pulso de Ninguém. Um movimento quase impercetível, antes de se afastar para olhar pela janela, mas as mãos de Ninguém, que ainda não tinham parado quietas desde que eles haviam saído do navio, deixaram de se torcer e apertar. Ele entrou finalmente pela porta.

Rachel dormiu bem naquela noite, depois de várias a evitar a sua cama no convés inferior. Ninguém tinha insistido em dormir no chão.

– Já dormi em sítios piores – dissera ele.

À beira de adormecer, Rachel viu-o fitar Mary Grace. A filha

tinha os olhos fechados e o luar imprimia-lhe reflexos de prata no cabelo escuro e curto. Ali deitada, Mary Grace tinha uma beleza suave, e Rachel bem via que Ninguém estava enfeitiçado por ela.

De manhã, Rachel levantou-se cedo. Ninguém ainda dormia, meio enroscado, como um ponto de interrogação desenhado no chão. Mary Grace estava acordada e ficou a ver a mãe ir em bicos de pés até à janela. Debruçando-se nela, Rachel viu o cemitério ao fundo da rua. Inspirou, sentindo o ar húmido de Georgetown encher-lhe as narinas. O cheiro fazia-lhe lembrar Bridgetown – saturado e poeirento – mas havia nele um matiz que não lhe era familiar, cru e ácido, que lhe dizia que se encontrava longe de Barbados e de tudo o que conhecia.

Indicando a Mary Grace com palavras esboçadas que não demoraria, e tendo o cuidado de não perturbar Ninguém, Rachel saiu do quarto. Passou pela taberna vazia, uma floresta de bancos virados ao contrário pousados sobre as mesas, e saiu para a rua deserta. Fez o caminho inverso ao da noite anterior, ao longo da rua até ao rio, mas enquanto caminhava sentiu crescer em si um desconforto. Via tantas coisas que não reconhecia que às vezes receava ter metido por uma rua errada, embora continuasse a caminhar a direito. A estranheza de tudo aquilo recordava-lhe que demoraria a conhecer este local.

Passou por um homem, que empurrava um carrinho com fruta, e uma mulher, magra e de olhar desvairado com um bebé enfaixado às costas. Tirando estes, não viu ninguém. A quietude enervou-a. Quando chegou aos edifícios mais grandiosos, perto da doca, constatou que as janelas estavam ainda quase todas fechadas. Só uma casa tinha uma janela do piso térreo com as portadas abertas, e lá dentro Rachel vislumbrou uma mulher idosa, com uma bandana branca, a estender uma toalha de linho, imaculada, sobre uma mesa de pequeno-almoço.

Mentalmente, lobrigava os filhos, seus companheiros imaginários na rua silenciosa, embora nunca todos ao mesmo tempo. Até em imaginação estava para lá das capacidades de Rachel juntar os dois rapazes, pois não se conheciam um ao outro – pelo menos, para já. Thomas Augustus tinha nascido depois de Micah se ir embora, e do

irmão só sabia as histórias que Rachel lhe contara. Em pequeno, Thomas adorava estas histórias: Rachel suspeitava que ele não percebia completamente, naquela altura, que Micah era uma pessoa real. Aquele misterioso irmão mais velho era mais parecido com um ser saído de um conto popular, mais uma das muitas personagens que Rachel invocava todas as noites, para embalar o filho até este adormecer. Isto passou-se depois de Mary Grace ter sido vendida, mas Rachel tinha a certeza de que Thomas pensava que a irmã regressaria daí a meses. Dizerem-lhe que havia ainda outro irmão que se fora, e por muito mais tempo, talvez fosse demasiado para Thomas encaixar. Era-lhe mais fácil pensar que Micah não passava de uma invenção da mãe e que Mary Grace regressaria em breve para junto deles, pois a alternativa era a verdade crua de todos os filhos de Rachel poderem ser levados a qualquer momento, sem que ela pudesse fazer o que fosse a esse respeito.

Mas não se passou muito tempo até Samuel e Kitty estarem mortos e Mercy ter sido levada, e Thomas – então ainda a caminho dos sete anos – perceber o quão realmente frágil era a sua família, o quão fácil era desmembrá-la. Pouco depois disso, deixou de lhe pedir que contasse histórias acerca do seu irmão mais velho.

Quando ela chegou à doca, uma brisa fresca vinda do rio ajudou a dissipar o matiz fantasmagórico da manhã. Alguns homens rondavam a beira de água. Ainda não se avistavam navios, mas eles pareciam aguardar alguma coisa. Dois deles estavam mais próximos um do outro do que os restantes, de costas voltadas para o mar, as cabeças curvadas, a conversar. Pareciam pai e filho. O mais jovem tinha um rosto redondo e inocente. Havia traços daquela cara na do pai, mas era como se a idade tivesse polido com lixa os contornos suaves até o maxilar se projetar, protuberante, e as têmporas se converterem em concavidades.

Considerando que tinha de começar a sua busca por algum sítio, Rachel dirigiu-se para eles. O homem mais velho interrompeu o que estava a dizer e olhou-a com suspeita.

– Sim? – disse.

– Desculpem. Eu procura meus filhos.

– Bom, nós não sermos seus filhos. – O homem mais velho tinha

uma voz grave e cascalhenta.

– Pode tê-los visto... ou ouvido falar deles.

O mais novo respondeu. Havia uma centelha de compaixão nos seus olhos.

– Não estarmos aqui há muito tempo. Como se chamarem?

– Micah e Thomas Augustus. Um alto, o outro baixo.

O jovem abanou a cabeça.

– Lamento. Não conhecemos ninguém com esses nomes.

Era o que ela tinha esperado, mas ainda assim não conseguiu impedir que um suspiro se escapasse dos seus lábios.

– Há quanto tempo andar à procura? – perguntou o mais novo. O pai, ainda de cenho carregado, virou-se para o mar.

– Levarem-nos há muito tempo – respondeu Rachel. – Mas eu só chegar a Demerara ontem.

– Bem, lamento não podermos ajudar. – Olhou de relance para o mar. – Também procurarmos uma pessoa.

– Não procurarmos – corrigiu o pai, cortante. – Esperamos.

O mais novo fechou os olhos por um momento e perpassou-lhe no rosto uma expressão dolorosa. Rachel tentou adivinhar-lhe a idade. Teria porventura a mesma de Thomas Augustus, estivesse ele onde estivesse.

– Quem esperarem? – perguntou ela.

– A minha mãe – disse o jovem. – Virmos de St. Lucia há cerca de um ano, porque ouvimos que pagarem aqui um pouco melhor. A minha mãe dizer que vem ter connosco mal possa. – Lançou um sorriso triste a Rachel.

– O navio dela chegar hoje? – perguntou Rachel.

O mais velho disse:

– Sim.

O mais novo disse:

– Não sabermos.

O mais novo baixou o olhar, embaraçado.

– Esperarmos que ela vir hoje – acabou por dizer. – Virmos sempre aqui de manhã e esperar. Nunca se sabe.

Rachel deu um passo na direção do homem mais velho. Ele deve ter sentido a proximidade, pois virou-se para a mirar.

– Bem, eu espera que hoje ser o dia – disse-lhe ela, com delicadeza. – Eu espera que o próximo navio ser o dela.

Mas no fundo dos olhos dele ela via aquele mesmo vácuo que se apossara dos olhos dos seus filhos moribundos, Kitty e Samuel. O mesmo vazio escrito no rosto do bebé nado-morto quando este deixou o seu corpo. Partiu-lhe o coração ver aquilo – a dor que ela sentiu pelo homem naquele momento, e pelo filho dele, foi tão intensa que quase a dobrou em dois. Sob tudo aquilo, não restava esperança nenhuma ao velho homem. O coração dele morrera porque acreditava que a sua bem-amada mulher tinha morrido, tantas centenas de quilómetros longe dele e do filho.

O homem não disse nada.

O jovem disse «lamento» mais uma vez. E depois, quando Rachel já se afastava, gritou-lhe:

– Eu espera que encontre os seus filhos!

Rachel sentiu o coração palpar ao escutar aquelas palavras, obrigando-se a pulsar para manter viva a convicção de que os seus filhos ainda não encontrados estavam vivos. Percorreu apressadamente a rua de regresso à taberna.

No caminho de regresso, viu mais umas quantas portadas abertas e algumas chaminés a lançar fumo: aos poucos, a cidade começava a voltar à vida. As ruas já não estavam desertas: Rachel passou por um grupo de homens silenciosos, com rostos empedernidos, que carregavam pás, e por um menino de muletas, com o pé esquerdo estranhamente torcido à altura do tornozelo, os dedos virados em todas as direções.

De novo na taberna, o homem da noite anterior tinha regressado, arfando mais alto do que antes enquanto cirandava dispondo os bancos no chão. Ergueu o olhar para Rachel quando ela entrou.

– É esta – disse, olhando para um canto. Rachel virou-se e viu um homem branco sentado a uma das mesas, com um livro-razão aberto diante de si. A ponta da caneta suspendeu-se sobre a página, enquanto ele olhava para ela sobre os óculos.

– Aproxima-te – disse ele. – Deixa-me olhar para ti como deve ser.

Ele não era nada como ela esperara que fosse o proprietário de uma taberna. Tinha um nariz comprido apontado para baixo na ponta, que conduzia a atenção para uma boca tão fina que quase não tinha lábios. O rosto era emoldurado por suíças ralas e grisalhas. Tinha um aspeto afetado e severo – Rachel tentou imaginá-lo sentado a beber com qualquer um dos homens que ela tinha visto na véspera na taberna, e percebeu que não conseguia.

Ficou diante dele enquanto os olhos lhe percorriam o corpo de alto a baixo, de mãos agarradas com firmeza atrás das costas para as manter quietas.

– Então – disse ele, por fim –, queres um trabalho?

– Sim, senhor. – Evitou os olhos dele. Era sempre uma decisão tomada numa fração de segundo: olhar ou não diretamente para um branco. Alguns ficavam fora de si quando ela o fazia, outros consideravam o cúmulo da insubordinação não o fazer. Aquele homem pareceu-lhe ser do género que gostaria do olhar dela baixado, em deferência.

– E és uma escrava, segundo ouvi?

– Sim, senhor. Trabalhadora nos campos em Barbados. Depois criada em Bridgetown.

– Ótimo. – Ele pousou a caneta de novo no tinteiro, libertando as mãos para poder gesticular sem entraves. – Sempre fiz questão de dar aqui trabalho a antigos escravos. Há quem diga que sou louco e que eles dão trabalhadores maus, insolentes e insubordinados. Mas a minha experiência diz-me o contrário, desde que não se receie dar provas de que se preza a disciplina e a ordem. – Ele mostrou os dentes num sorriso satisfeito. – Mal percebem que estamos dispostos a mandá-los prender se saírem dos eixos, passam a ser extremamente obedientes. Ninguém conhece melhor o valor da liberdade que um antigo escravo.

Rachel percebeu, após uma pausa, que ele esperava algum tipo de resposta da parte dela.

– Sim, senhor.

– Pois bem. Podes trabalhar aqui uma semana, e logo veremos como te saís. O Albert pode supervisionar-te. – Acenou para o outro homem, que tinha acabado de dispor os bancos e estava agora a limpar o balcão com um pano molhado.

– Obrigada, senhor. – Rachel hesitou. – E... o quarto?

O proprietário acenou com a mão, dando pouca importância ao caso. As veias eram visíveis através da pele translúcida dos pulsos.

– Sim, sim, o Albert falou-me disso. Podes ficar com o quarto como salário, desde que os teus companheiros se comportem.

Rachel inclinou ainda mais a cabeça.

– Obrigada, senhor.

O proprietário pegou de novo na caneta. Com passos pesados, Albert saiu de trás do balcão e enfiou o pano na mão dela.

– Continua a limpar tudo – disse.

Rachel fez o que lhe diziam. Enquanto andava por ali, a limpar as mesas, o proprietário não lhe prestou mais atenção – nem mesmo quando, tropeçando numa irregularidade no chão lajeado, a anca embateu com estrondo num dos bancos. De tempos a tempos, ela olhava de relance para o rosto macilento que carregava o cenho para os números, e não conseguia deixar de pensar no Sr. e na Sr.^a Armstrong. A amabilidade destes sobressaía ainda mais quando

contrastada com aquele homem branco mesquinho. Mas o lampejo da recordação era breve e depressa ela a afastava. Este proprietário não era o primeiro patrão desagradável que ela conhecia, e ela não era ingênua a ponto de pensar que seria o último.

Depois de limpar, ajudou Albert a trazer novos barris de cerveja da cave. Quando ele subitamente reduziu o seu esforço e pôs o grosso do peso do barril nos braços dela, Rachel soube que estava a testá-la. Da primeira vez que o fez, ao fundo das escadas da cave, Rachel foi apanhada desprevenida e quase caiu para trás. Mas conseguiu equilibrar-se e, depois disso, manteve-se sempre atenta e preparada, de maxilar cerrado, as costas tensas e as pernas fletidas e bem fincadas no chão. Quando acabaram de içar o quarto e último barril, que Rachel quase tinha carregado sozinha, o suor escorria-lhe pela testa e fazia-lhe arder os cantos dos olhos. Ao baixarem-no, ela olhou Albert nos olhos e manteve-se assim, esforçando-se por não deixar transparecer no rosto qualquer sinal de esforço, até o barril tocar no chão.

Por volta do meio da manhã, Ninguém apareceu, vindo do quarto. Cumprimentou com um aceno Albert e o proprietário – que lhe lançou um breve olhar desdenhoso antes de regressar à sua contabilidade – e empoleirou-se num banco enquanto Rachel lavava das canecas as manchas pegajosas de cerveja da véspera.

– A Mary Grace está a vestir-se – disse ele. – Desce daqui a pouco.

Rachel sorriu de si para si enquanto se virava para pôr uma caneca na prateleira.

– Estiverem a falar? – perguntou.

Ninguém encolheu os ombros.

– Não muito. Não me parece muito justo ser sempre eu a falar e ser ela sempre a ouvir. Por isso esta manhã ficámos bastante tempo em silêncio. – Baixou o olhar para as mãos enquanto falava. – Foi agradável.

Com uma pancada surda, o proprietário fechou o livro e começou a limpar os óculos à manga da camisa de olhos assestados em Ninguém.

– Este é um dos teus companheiros, suponho? – disse ele. – O

Albert disse que tinha trazido contigo um homem e uma mulher.

– Sim, senhor. O meu filho e a minha filha. – A mentira saiu-lhe com naturalidade, unindo ainda mais os três. Nunca se sabia.

– Estou a ver. Ele tem trabalho?

– Ando embarcado – respondeu Ninguém. Manteve a voz baixa, firme, não ameaçadora. Ele também sabia como apaziguar um homem branco. – O salário da minha última viagem durará algum tempo. Depois posso procurar trabalho na cidade.

O proprietário acenou em concordância.

– E a filha? O que fará ela?

– Ela sabe costurar, senhor – respondeu Rachel.

O proprietário pôs os óculos de novo no nariz. Do outro lado das lentes, os olhos verdes, ampliados, pareciam bolbos.

– Vou perguntar à minha mulher – disse ele. – É sabido que os alfaiates e as modistas desta cidade cobram fortunas, por isso talvez ela conheça alguém que tenha roupa a precisar de remendos ou arranjos para a nova estação.

Rachel ficou momentaneamente siderada com aquela oferta de verdadeira ajuda. Mas depois ele acrescentou:

– Afinal de contas, o ócio só traz problemas.

E ela aceitou que havia uma leitura menos caridosa para as palavras dele. Aos seus olhos, os negros eram brutos apenas refreados pelas artes de homens brancos como ele, que arranjavam formas de os controlar. Ainda assim, ela agradeceu-lhe, e continuou a lavar os copos com todo o vigor que conseguia, não fosse dar-se o caso de ele ter decidido vigiá-la.

O nome do proprietário, soube depois Rachel por Albert, era Sr. Tobias Beaumont. O Sr. Beaumont nunca lhe perguntou o nome e Albert disse-lhe que não esperasse por isso.

– Eu trabalhar aqui muitos anos até ele perguntar – disse.

Depois de Rachel ter carregado a maior parte do peso dos barris escadas acima durante uns dias, Albert começou a mostrar-se mais amigável, ao seu modo. Era homem de poucas palavras – fazia-lhe uma pergunta, ou uma observação qualquer, e ficava em silêncio

depois da resposta dela. Mais tarde nesse dia, ou na manhã seguinte, retomava o assunto. Podiam estender a mesma conversa ao longo de uma semana, deste modo.

Sempre que falava de si a Albert, Rachel entrelaçava verdade e ficção. Isto devia-se em parte à sua cautela, mas também, por vezes, apenas ao gozo que lhe dava. Ela estava agora a um oceano de distância da sua vida anterior e ninguém a conhecia. A liberdade de se reinventar, mesmo que da forma mais inconsequente, dava-lhe um prazer comparável a ver-se sem amarras, a pairar uns centímetros acima do chão. Disse a Albert que o nome do seu antigo senhor era Williams, em vez de Carrington. Disse que, além de Mary Grace e Ninguém, não tinha filhos. Uma noite, depois de os últimos clientes terem finalmente saído a cambalear para a rua e eles ficarem só os dois a empilhar os bancos nas mesas, ela contou num sussurro que o pai de Mary Grace e Ninguém tinha morrido num incêndio na antiga plantação deles, e a voz saiu-lhe estrangulada pelo desgosto imaginado.

Não obstante a mentira, Rachel não se tinha esquecido dos seus outros filhos. Mas o Sr. Beaumont era um patrão irascível e desagradável: difícil de agradar e rápido a lançar um olhar crítico sobre tudo o que se atravessasse no seu caminho. Não deixou espaço de manobra a Rachel e assim, uma vez mais, a vida dela foi obrigada a moldar-se às exigências estritas de outro senhor. Embora estivesse longe de Providence, e lavar canecas e limpar mesas não se assemelhasse em nada a cortar cana-de-açúcar, ela sentia uma familiaridade incômoda. O trabalho tinha um efeito entorpecente: entregar-se ao serviço do Sr. Beaumont atenuara a urgência esfuziante que sentira quando tinha entrado no navio e partido de Barbados. O medo também esbatia o cariz desesperado da sua demanda: medo do desconhecido e medo da terra vasta, estrangeira, em que se via. Era fácil deixar as semanas escoarem-se tendo como única missão evitar o desagrado do Sr. Beaumont.

Quando Rachel conseguia afastar-se durante uma hora da taberna, deambulava pelas ruas. Intercetava transeuntes e descrevia os filhos – ou, antes, descrevia-os como deveriam ser, tentando imaginar o modo como os anos os tinham mudado. Mas, à

semelhança das longas horas de trabalho, a busca parecia-lhe cada vez mais uma repetição vã, privada de qualquer significado real. Ela habitava o seu corpo apenas como uma ferramenta, e não um fim em si mesmo.

Um dia, uma caminhada matutina levou-a diretamente ao extremo da cidade, onde as casas davam lugar a plantações. Foi uma visão aterradora. Os engenhos, as casas das caldeiras, as filas de cana – tudo lhe fez lembrar Barbados. De repente, não lhe pareceu assim tão grande a distância entre as duas colônias. De repente, não lhe pareceu assim tão improvável que o passado a seguisse até ali. A longa sombra da escravatura era a mesma em todo o lado.

Apesar do ar húmido, quente e pegajoso da manhã, Rachel estremeceu.

Mas ela não tinha caminhado até tão longe para nada. Protegeu os olhos do sol; ao longe, pensou discernir trabalhadores que se ocupavam da cana. Deixou a estrada e entrou na plantação. Olhou em redor com atenção mas não avistou nenhum supervisor. Atravessou os campos.

Era sobretudo o cheiro, aquilo que a perturbava: a doçura da seiva que escorria dos caules acabados de cortar e o estrume que impregnava a terra. Ela fechou os olhos um momento apenas, aturdida pela sensação de estar ainda em Providence, a mil quilómetros dali, e de tudo o que tinha acontecido – porventura a própria emancipação – ser simplesmente uma ilusão. Talvez ainda lá estivesse, sem os filhos, e talvez fosse ainda escrava.

Abriu os olhos para dissipar o pensamento, e viu um homem branco de pé à sua frente. Vociferante, de rosto vermelho.

– Tu! – berrou ele.

Rachel recuou um passo. O homem estava armado.

– Quem és tu?! – Lançava perdigotos ao falar. – O que estás aqui a fazer?

Rachel abriu a boca, como se fosse falar, antes de a certeza implacável se abater sobre ela. Um homem branco irado e com uma

arma não era pessoa com quem se pudesse ter uma conversa razoável.

Tinha de fugir.

Girou nos calcanhares, quase tropeçando nos seus próprios pés, e correu atabalhoadamente. Atrás dela, ouviu o homem bradar.

– Intrusa! Ladra! Para!

A cada palavra era impelida mais para a frente, a bÍlis a subir-lhe à garganta e as mãos a afastarem as canas para conseguir chegar à estrada.

Um tiro.

Quanto tempo levou Rachel a perceber que não sangrava? Tinha tal certeza da morte que a visão se lhe turvou. Os joelhos cederam. Avançou de gatas.

Mas então...

Saiu do campo e viu-se na estrada. Lentamente, a visão tornou-se de novo límpida. Atreveu-se a olhar de relance para trás, e viu o homem branco ao longe, de arma apontada para o ar. Um tiro dissuasor – mas também uma advertência: se ele tivesse disparado a matar, quem o puniria? O que importava a vida dela, ali?

Tinha sido imprudente. Demasiado imprudente. Não podia dar-se ao luxo de cometer outra vez aquele erro.

Pôs-se de pé. O Sol estava já acima da linha do horizonte e a luz matinal era crua e intensa. Em breve recomeçaria o trabalho na taberna. Começou a caminhar de volta a Georgetown, as mãos ainda a tremerem-lhe.

O Sr. Beaumont já estava à espera, fazendo baloiçar o relógio de bolso entre o polegar e um indicador comprido e fino.

– Estás atrasada – disse.

Rachel curvou a cabeça.

– Peço desculpa, senhor.

– Não te pago para chegares *atrasada*.

Ele não lhe pagava nada, a não ser o uso de um quarto onde dormir, mas Rachel fechou a boca e conservou a cabeça curvada. Ouviu o som dos passos do Sr. Beaumont sobre as lajes do chão,

enquanto ele se aproximava.

– Olha para mim quando falo contigo.

Espetou um dedo debaixo do queixo dela, obrigando-a a erguer a cabeça, e depois retirou a mão com um gesto brusco, como se tocar-lhe fosse repugnante. Perturbada, Rachel ficou a olhar para ele num silêncio estupefacto. Nada naquilo batia certo. A capacidade dela de ler o rosto de um homem branco, apurada por anos de escravidão, deixara-a ficar mal. O instinto dissera-lhe que baixasse o olhar, mas agora o Sr. Beaumont contradizia-o.

– Onde andaste? – quis ele saber. – Estiveste fora toda a noite?

– Não, senhor. Eu... Eu ter só dado passeio.

– Pois bem, se te apanho outra vez a passear... – Fez uma careta quando se interrompeu, como se tudo neste encontro lhe fosse desagradável. Fazia valer o seu ascendente de forma inequívoca – nada no seu tom tornava a ameaça menos clara –, mas parecia não retirar prazer disso.

Rachel ficou sem saber o que dizer. A plantação, o tiro... e agora isto. Era como se tivesse deixado terra firme e entrado em águas profundas. Estava a afundar-se no medo – o antigo medo, o medo de Barbados. No desdém do Sr. Beaumont ela viu o guarda de Providence.

– Eu sei o que tu és, sabes? – disse o Sr. Beaumont em voz baixa. Ainda estava muito perto dela, com o rosto a escassos centímetros. Os olhos dele, claros e aguados, encheram-se de malícia. – Sei o que fizeste.

Rachel não disse nada. Ainda estava a afundar-se, a afundar-se... até não haver luz, nenhuma esperança.

– De onde foi que vieste?

Rachel abriu a boca, mas foi demasiado lenta a responder.

– Perguntei-te de onde vieste!

– Barbados, senhor.

Ele acenou lentamente.

– Achas que não conheço gente em Barbados? Achas que não lhes podia escrever, se quisesse? Pedir-lhes que me mandassem os avisos dos foragidos? Achas que não podia ir reclamar a minha recompensa?

Rachel só conseguia fitá-lo em silêncio. Mas é claro que ela sabia. Claro que sempre soubera que nunca estaria a salvo. Como podia ter-se esquecido?

Fez-se um longo silêncio. Depois o Sr. Beaumont recuou e guardou o relógio no bolso, como que a dizer que o assunto estava encerrado.

– Peço desculpa, senhor – disse Rachel com uma voz rouca. – Eu não volta a fazer.

Depois daquilo, nunca mais se atreveu a sair em busca dos filhos.

Estavam em Georgetown havia umas semanas quando Mary Grace entrou e se sentou ao balcão. A manhã ia a meio e Rachel lavava as canecas de cerveja tal como tinha feito todas as manhãs desde que chegara ali.

Mary Grace olhou-a demoradamente.

Pousando a caneca que tinha na mão, Rachel suspirou.

– Eu sabe – disse.

Mary Grace ergueu um sobrolho. O tempo passado em Georgetown tornara o seu rosto mais expressivo. Os músculos pouco usados tremiam-lhe sob a pele, esticando a boca nos sorrisos mais largos que Rachel já lhe vira, tão largos que faziam as feições alastrarem no rosto e adquirirem uma proporção perfeita. Em Bridgetown, Mary Grace conseguia fazer-se entender, mas era sempre graças aos olhos: dois orbes eloquentes engastados num rosto que não fora isso seria inexpressivo. Agora os sentimentos transbordavam dos seus olhos e derramavam-se por todo o corpo: até mexia mais as mãos, para tocar no braço de Rachel a meio de uma conversa ou apontar pela janela um pôr do sol especialmente belo. Rachel atribuía a mudança a Ninguém. A filha vira-se de repente obrigada a dominar mais expressões, enquanto sondava novas profundezas de emoção no seu coração.

– Eu faz o que conseguir – disse Rachel. – Mas eu não poder... Eu não saber onde eles...

Mary Grace estendeu a mão e aflorou o pulso de Rachel com as pontas dos dedos. A sensação da pele da filha na sua sobressaltou

Rachel e inundou de consolo o seu corpo vazio. As mãos que se esticavam já para outra caneca sem a necessidade do pensamento a guiá-las, de tão familiar se tornara o trabalho e o gesto, detiveram-se. Rachel ganhou consciência da sua postura: os ombros curvados para se fazer mais pequena do que era. Endireitou-se. Esta pequena ação não bastava para anular as semanas em Georgetown e os anos em Barbados, passados em subjugação ao trabalho árduo. Mas instilou-lhe uma nova esperança. Sentiu a dor que geralmente só a importunava à noite, e acolheu-a de bom grado. O corpo tremia-lhe, e ela reclamou a sua posse. As mãos, os braços e as pernas dela assumiram uma nova forma, enquanto instrumentos da sua própria vontade.

Antes de conseguir responder à filha, Albert entrou a arrastar-se, vindo da cave. Não querendo ser surpreendida num momento de inatividade, Rachel lançou-se de novo ao trabalho. Sentia os olhos da filha nela enquanto esfregava com determinação o pano molhado, limpando os restos pegajosos agarrados à caneca. Tentou transmitir, com as suas costas ainda direitas, que compreendia o que a filha lhe tentara dizer, e lho agradecia.

Passado algum tempo, Rachel ouviu Mary Grace descer do banco e subir as escadas. Ficou sozinha a terminar o seu trabalho da manhã.

– Calmo, esta noite – comentou Albert.

Lá fora estava escuro. Era quase meia-noite. Um homem branco idoso, a quem faltavam três dedos na mão esquerda, enroscava-se à volta de uma caneca, a um canto. Noutro, dois homens mais novos obstinavam-se num silêncio meditabundo, falando apenas quando era preciso pedir nova bebida. Tirando estes clientes, a taberna estava vazia.

Rachel e Albert ficaram um momento a olhar para as mesas livres. Depois Albert disse:

– Podes ir. Eu dá conta do recado esta noite.

Rachel procurou na cara dele algum sinal de que aquilo fosse novo teste – se aquiescesse, o Sr. Beaumont viria lá de cima dizer que sempre soubera que ela era preguiçosa. Mas Albert, encostado ao balcão com um pano pendurado no antebraço, parecia não lhe desejar mal.

– De certeza?

– Sim. Da próxima ficas tu.

Rachel olhou de relance para os degraus que conduziam ao seu quarto, mas surpreendeu-se a sair de trás do balcão e a dirigir-se para a saída.

– Ires sair? – perguntou Albert. Ela não se virou, mas discerniu a censura na voz dele.

– Eu não demora.

Há muito que não se atrevia a andar lá por fora. O ar da noite inundou-lhe os pulmões quando ela desceu a rua. Levava o espírito curiosamente esvaziado – limpo, não conspurcado por nenhum pensamento que não fosse pôr um pé diante do outro. Pressentiu o contorno vago de uma intenção de caminhar até à doca, mas este mal começara a cristalizar e já ela virava à esquerda, enveredando por uma rua secundária estreita e desviando-se assim do caminho que sabia que conduziria ao rio. Uma fina lasca de luar tombava entre os edifícios de cada lado, como um fio brilhante que a puxava para um caminho desconhecido. Sentia uma quantidade enorme de contradições: pura vontade, espontaneidade desenfreada,

transbordante de possibilidades, mas ao mesmo tempo sem forma nem propósito, com uma vida que lhe escapava ao controle.

A rua era cruzada por outra, quase tão estreita como aquela, de modo que o fio de luar partiu-se em três. Detendo-se, Rachel olhou para a esquerda e para a direita. Um dos lados levava ao rio, ela tinha a certeza – essa rua estava deserta. O outro conduzi-la-ia de novo ao campo-santo. Nessa direção, não iluminada pela faixa de luar prateado, via-se uma sombra acorçada.

Ela percebeu de imediato que se tratava de uma criança. Ficou a olhar para a sombra, e embora não conseguisse ver-lhe os olhos, sentiu que a criança a observava também.

A criança-sombra começou a correr. Movia-se tropegamente, bamboleando-se para um lado e para o outro da rua, com o luar a abrir-lhe um rasgão nas costas. E Rachel pôs-se também a correr, o corpo a impeli-la em frente, como tinha feito à saída de Providence, assustando-a com a sua velocidade. As pancadas surdas dos seus passos reverberavam nas paredes dos edifícios adjacentes. Com os braços a dar impulso e o peito num alvoroço, esforçou-se por apanhá-la.

Não podia deixar fugir a criança. Não o podia fazer de novo.

Rachel tentou perceber no encalço de qual dos seus filhos ia, naquela perseguição onírica. A criança-sombra era baixa e esguia – poderia ser Thomas Augustus? Ou talvez Cherry Jane, pois eles eram praticamente da altura um do outro.

Estavam a chegar ao fim da estrada. Adiante avistava-se o cemitério. Exposto à luz plena da Lua lá no alto, tornara-se de um cinza deslavado, sinistro. Estavam próximos o suficiente para Rachel ver as ervas ondularem quando soprou uma rajada de vento.

O pânico subiu-lhe, a borbulhar, da boca do estômago – um pânico denso, viscoso, que lhe colava a garganta de terror. Ela sabia que não podia deixar a criança chegar ao cemitério. Não podia deixar os mortos arrebatarem-lhe o que era seu.

A adrenalina disseminou-se pelo corpo, ampliando os seus limites. Sem contenções, Rachel desatou a correr transformada em pura força, ganhando terreno e aproximando-se da criança.

– Não!

Ouviu-se a si própria gritar, e sentiu-se a agarrar a criança pelo braço. Os dedos fecharam-se em torno de algo sólido e firme – ela já não era energia incontida e a criança já não era uma sombra, mas estava diante de si, viva, a ofegar, à beira do precipício do cemitério. A criança debateu-se, procurando libertar-se.

– Largue-me!

Uma voz de rapaz, com um sotaque que lhe era estranho. Rachel retirou a mão como se se tivesse queimado. Não era Cherry Jane nem Thomas Augustus, nem nenhuma das crianças-fantasma que a assombravam tantas vezes. Aquela criança não lhe pertencia.

– Desculpa – disse ela, recuando.

A criança recolheu-se dentro de si, como a espiral de uma mola prestes a ser solta, mas não fugiu.

– Correu atrás de mim.

O rosto do menino era emoldurado por cabelo escuro, liso, que tinha sido cortado às três pancadas pelos ombros. Não era branco nem negro, mas outra coisa completamente diferente – a pele da cor era a de um mulato, suja de fuligem, e tinha um nariz afilado e olhos esquivos, demasiado grandes para a sua cara emaciada.

– Eu pede desculpa – disse ela de novo, conservando a voz baixa e doce, como se ele fosse um animalzinho assustado. – Eu pensar que tu seres...

Interrompeu-se. O menino não disse nada.

– O que andares a fazer cá fora tão tarde? – perguntou ela. Ele parecia ter uns onze ou doze anos.

Ele continuou sem abrir a boca. Apesar da sua estranheza, acentuada pelas sombras que ainda lhe ocultavam parte da cara, Rachel sentiu uma pontada de compaixão. Conseguia ver um pouco dos seus filhos nele, afinal.

– Não teres onde passar a noite?

Lentamente, o menino abanou a cabeça.

– Não teres que comer?

Ele abanou a cabeça uma vez mais.

Rachel estendeu a mão.

– Vem.

A criança não se mexeu.

– Eu não te faz mal – disse ela. – Mas pode arranjar-te comida e um sítio quente pra dormir.

A criança limitou-se a fitar a mão dela. Rachel esperou, mantendo-se o mais imóvel que conseguia. Para lá da rua, no campo-santo, ela sentia a presença volátil dos mortos. Já não os temia – não levariam a criança –, mas os sussurros deles deixavam-na pouco à vontade. Os vivos não deviam demorar-se e abusar da boa vontade deles, ali tão perto daquele sítio dos espectros.

A criança continuava a não dar sinal de querer a ajuda dela. Olhando-a nos olhos, Rachel decidiu experimentar uma nova abordagem. Virou-se e começou a caminhar devagar pela rua de onde tinham vindo.

– Bem – disse ela sobre o ombro, sem olhar para trás –, podes vir, se quiseres.

A noite estava silenciosa o suficiente para ela, apurando o ouvido, conseguir discernir os passos suaves atrás de si.

Na taberna, os dois homens mais novos já se tinham ido embora. O homem mais velho estava encostado à parede, de olhos fechados e boca aberta, com a caneca de cerveja, meio bebida, periclitante no regaço. Albert acenou-lhe quando ela entrou, mas o rosto endureceu-se quando espreitou para trás dela.

Rachel falou rapidamente.

– Tudo bem. Eu traz ele pra cá.

Albert endireitou-se e franziu os lábios, para melhor olhar o rapaz de cima, com uma expressão dura.

– Termos comida? – perguntou Rachel.

Tirando cerveja, a taberna servia pouca coisa, quando servia. O Sr. Beaumont dizia que havia um limite para os pecados que podia tolerar sob um só teto e o seu ramo não era facilitar a gula. Pão duro, bifés tão finos que a luz podia passar sem dificuldade através deles e sopas aguadas com uma película reluzente à superfície eram em geral tudo o que um cliente podia esperar.

– Ele ter dinheiro? – ripostou Albert.

– Eu paga por ele.

Com um arquejo de desgosto, Albert foi buscar um pão esquecido debaixo do balcão. Fez um som bastante audível quando

o lançou para o tampo.

Rachel pegou no pão e foi sentar-se a uma das mesas livres. O rapaz ainda não tinha passado da soleira da porta, com os braços apertados com força à volta do peito. À luz das velas, ela conseguia ver todos os ossos do seu rosto por baixo da pele cor de ferrugem.

Deslizou o pão sobre a mesa, de modo que este ficasse diante do banco desocupado.

– Senta – disse ela. – Por favor.

Lentamente, o rapaz aproximou-se. Movia-se com agilidade, pondo em destaque as curvas angulosas dos membros, e coxeava ligeiramente de uma perna. Empoleirou-se na ponta do banco, perfeitamente imóvel, antes de cair sobre o pão e começar a parti-lo aos pedaços. Rachel ficou a vê-lo devorá-lo.

– Como te chamares? – perguntou ela.

O rapaz não tirou os olhos do pão, mastigando freneticamente, e não respondeu.

– Eu chamar-me Rachel – disse ela com delicadeza. – Vir de uma ilha muito, muito longe, chamada Barbados.

Os olhos do rapaz ergueram-se um ápice do pão e voltaram a baixar-se.

– Também estares longe de casa?

O rapaz estava quase a acabar o pão. Abrandou o ritmo e contemplou o último pedaço que tinha na mão.

– Sim – disse.

– De onde vires?

Ele começou a arrancar pedacinhos do resto do pão, saboreando cada dentada. Entre pedaços, disse:

– Uma aldeia a nascente do rio. Mas muitas pessoas ficaram doentes e morreram. A minha mãe morreu. Foi difícil. O meu pai trouxe-me para aqui. Íamos trabalhar, um trabalho qualquer que encontrássemos... – Fez uma pausa, mastigando mais um pedaço de pão. – Mas o meu pai morreu. Não há trabalho para uma criança. Não há dinheiro para pagar o quarto. Por isso eu durmo na rua.

Disse aquilo num tom baixo, monocórdico – soava às preces que Rachel ouvia às vezes os Armstrong recitar à noite, antes de irem para a cama. Sentiu vontade de estender a mão e afastar-lhe uma

madeixa da testa, mas obrigou-se a manter as mãos em cima da mesa.

– Eu lamenta saber isso.

Ficou a vê-lo comer o último pedaço de pão e depois cruzar outra vez os braços diante do peito. Ele olhou-a com os seus olhos escuros e sérios, e ela remexeu-se um pouco sob a intensidade daquele olhar.

– Pertence a que povo? – perguntou ela. – A nascente do rio. Teres mais família, irmãos, irmãs? Poderes voltar.

O rapaz abanou a cabeça.

– Nenhuma família. Foram-se todos embora. Alguns vieram para Norte, como nós, à procura de trabalho de homem branco. Outros foram à procura de sítios melhores, subindo ainda mais o rio, nas florestas. O meu povo é akawaio... indígena. Esta terra era nossa, no princípio.

Rachel acenou afirmativamente. Em Barbados ouvira histórias sobre os que estavam ali antes, embora já não restassem nenhuns na ilha. Em Providence, havia um homem que estava convencido de que restava um pedaço de floresta, nas montanhas a Norte, onde viviam ainda algumas daquelas pessoas anteriores ao homem branco. Acreditava que se se corresse era possível apanhá-las e viver em segurança no último pedaço de terra que ainda era livre. Morreu, não por correr – não chegou a tentar –, mas de uma morte discreta por excesso de trabalho e lenta inanição, o tipo de morte que ocorria com frequência nas plantações. O sonho febril de uma liberdade vivida entre os últimos sobreviventes dos indígenas caribenhos não conseguiu valer-lhe.

Rachel olhou sobre o ombro. Albert sustentou-lhe o olhar o tempo suficiente para se certificar de que ela sabia que ele tinha estado a observá-los, e depois desviou-o e ocupou-se a pôr outra vez a tampa num barril de cerveja.

– Poderes ficar aqui esta noite – disse ela ao rapaz. – Connosco. Se quiseres.

O rapaz apertou mais os braços. Dirigiu um olhar fugaz à porta. A tensão tornou a cobri-lo, como se estivesse prestes a fugir. Mas assentiu.

Rachel conduziu-o ao piso superior. Sabia que o olhar desaprovador de Albert os seguiria, mas ignorou-o. Mentalmente, ela imaginava já o que poderia dizer no dia seguinte, para tentar persuadi-lo a deixar o rapaz ficar ali mais tempo.

No cimo das escadas, o rapaz parou de repente.

– Quer ajudar – disse ele. – Porquê?

O seu tom era inexpressivo, sem vestígio de suspeita. Se já tinha sido traído antes pela falsa amabilidade de estranhos, não o mostrava.

Rachel pensou na Mãe B, a todas aquelas centenas de quilómetros de distância.

– Porque alguém me ajudar quando eu precisa. E não debes aceitar ajuda se não estares pronto a dar ajuda quando é preciso.

Abriu a porta do quarto. O rapaz pareceu dar-se por satisfeito, e esgueirou-se para o interior.

Mary Grace já dormia, de costas para o quarto e o rosto perto da parede. Ninguém jazia no chão, mas soergueu-se quando eles entraram. Olhou Rachel, e em seguida o rapaz. Rachel ficou à espera de perguntas, mas ele não fez nenhuma. Ninguém acenou para o rapaz, e depois estendeu-se no chão com os olhos fechados. Sem ela saber como, um filho perdido tinha reconhecido outro, apesar de haver muitos anos a separarem-nos.

Rachel apontou para a cama que habitualmente era sua, mas o rapaz abanou a cabeça com firmeza e apontou para o chão, aos pés dela. Ela tentou empilhar os cobertores para fazer uma esteira, mas ele atirou-lhos de volta. O rapaz ergueu o queixo e, apesar da sua estatura baixa e frágil, Rachel percebeu que ele não ia fazer as coisas à maneira dela. Ficou a vê-lo enroscar-se sobre a madeira nua, antes de ela própria se deitar.

Enquanto esperava pelo sono, Rachel escutou os ritmos sobrepostos das respirações, como as mudanças de maré de quatro oceanos diferentes. Ouviu a respiração do rapaz – nítida e rápida – acalmar-se até se tornar uma doce e lenta canção de embalar.

No limiar de um sonho, quando a solidez do quarto à sua volta começava a esbater-se, ouviu um sussurro.

– Nuno. Chamo-me Nuno.

De manhã, quando eles acordaram, o rapaz já tinha partido.

Quando Albert chegou, dirigiu-lhe um olhar acusador mas não disse nada. Entregaram-se em silêncio à rotina matinal. Depois de terem instalado o último barril atrás do balcão, Rachel disse:

– Albert, eu não falou verdade. Eu tem mais *pickney*: dois filhos e duas filhas. Eu acha que os meus filhos estarem em Demerara. Foi por isso que virmos para cá, pros encontrar.

Albert olhou pela porta aberta, para a rua empoeirada lá fora. Tinha no olhar uma expressão distante que disse a Rachel que ele percebia. Ela perguntou-se quem teria ele perdido, ou quem tinha ele ainda a esperança de encontrar, mas teve a certeza de que nunca lhe diria.

Após uma longa pausa, ele disse:

– Eu espera que os encontres.

Durante o resto do dia, retomaram a antiga rotina de deixarem que pedaços de conversas fragmentadas fossem e viessem ao sabor das muitas horas.

Se Rachel já considerava a presença do Sr. Beaumont na taberna incongruente nos tempos mortos, mais desse modo a via nas poucas ocasiões em que ele estava ali durante os fins de tarde, quando havia muito movimento. Ficava especado à ponta do balcão, hirtó e empertigado, e se algum homem fosse ter com ele a cambalear para pedir uma bebida, mandava-o, enojado, dirigir-se a Rachel ou Albert. À medida que a noite avançava e os clientes se tornavam mais ruidosos e impertinentes, ele dilatava as narinas e erguia o olhar ao teto como que implorando a Deus a força necessária para suportar aquela sala barulhenta, escura e abafada. Quanto mais movimento houvesse (e por conseguinte quanto mais dinheiro estivesse a fazer), mais desagradado parecia.

Rachel tentou extrair a Albert a razão por que um homem visivelmente tão incomodado numa taberna tinha acabado a gerir um tal estabelecimento – um mistério adensado pelo facto de o Sr. Beaumont ser branco e parecer abastado, e os seus clientes serem na sua maioria negros, mulatos e um ou outro branco pouco recomendável. Perguntou logo no início, quando Albert ainda não confiava inteiramente nela – sem a olhar nos olhos, ele dissera, carrancudo, que supunha que o dinheiro lhe dava jeito, e as coisas ficaram por ali. Mas umas semanas depois, sem que lhe fosse perguntado, ele chegara-se perto dela e dissera baixinho que o Sr. Beaumont tinha tido uma loja do outro lado da cidade, mas correra o rumor de que ele não era branco.

Ao longo dos dias seguintes, a história completa foi sendo revelada aos poucos. Albert contou que o trisavô do Sr. Beaumont era negro – ou assim dissera um homem que tinha uma loja concorrente. O Sr. Beaumont quisera ir a tribunal provar a sua inocência, mas os estragos já estavam feitos. As pessoas começaram a murmurar. Não havia um traço de negritude nos seus olhos irrequietos? A cabeça dele não era demasiado estreita, abrigando no interior um cérebro mais pequeno do que a média? O Sr. Beaumont mudou-se para o outro extremo da cidade, comprando a taberna ao seu anterior proprietário mulato – o antigo patrão de Albert. O Sr.

Beaumont era um negociante astuto e tirava um bom lucro do estabelecimento, mas sabia que seria impossível elevar significativamente a classe dos clientes que servia. A sociedade branca de Georgetown não tinha memória curta, e até a mera insinuação de uma fração de negritude bastara para deixar o Sr. Beaumont manchado para o resto da vida.

Foi numa das noites em que o Sr. Beaumont estava plantado ao fundo do balcão, com a sua expressão de desagrado, que Ninguém entrou com um homem branco. Sentaram-se juntos a um canto, em animada conversa. O homem branco tinha uma barba comprida e hirsuta que começava a ficar grisalha. Estremecia quando ele se ria – uma gargalhada sonora, latida, que atraiu a atenção dos outros homens apinhados nas mesas à volta deles. A certa altura, Rachel viu Ninguém apontar para ela, e o homem branco fixá-la com o sobrolho franzido antes de abanar a cabeça.

Rachel teve vontade de se aproximar para escutar o que diziam, mas com o Sr. Beaumont atrás do balcão ela estava demasiado ocupada a mostrar-se uma trabalhadora diligente e não se atrevia a distrair-se nem por um segundo. Os homens seguravam as cervejas entre as mãos enquanto as bebiam lentamente, mas por fim Rachel, esticando o pescoço, conseguiu ver que as canecas estavam vazias. Esgueirou-se de trás do balcão e foi buscá-las. Quando se aproximava, ouviu a voz cascalhenta do homem branco.

– ... de certeza que me vou lembrar não tarda. Deixa-me pensar. Sabes, estou mesmo a ver-lhe a expressão presumida no rosto, até ao pormenor dos pelinhos que lhe saem do nariz, mas como diabo se chama?

– Rachel. – Ninguém tocou-lhe no braço. – Este senhor é o capitão Grafton. Andámos juntos no mar, há uns anos.

– Ah! – O capitão latiu nova gargalhada, salpicando a mão de Rachel com perdigotos quando ela a estendeu para recolher a caneca vazia. – Andámos juntos no mar? Isso é dizer pouco. – Ele olhou para ela, os olhos uma mistura lodacenta de castanho e verde. – Este rapaz salvou-me a vida!

– O motim – explicou Ninguém. – Aquele de que já lhe falei. Foi no navio do capitão Grafton.

O capitão arreganhou os dentes e sorriu abertamente para Ninguém.

– E pensar – disse ele – que antes da viagem eu dizia sempre que ninguém se amotinava nos meus navios. Afinal, Ninguém foi o único que não se amotinou, caraças! – Deu uma palmada na mesa, para reforçar a graça do trocadilho.

Rachel olhou de relance para trás de si. A taberna estava a abarrotar e havia outros clientes, mais ruidosos, a atrair o olhar desaprovador do Sr. Beaumont. Ela podia ficar ali um pouco mais.

– O capitão Grafton já fez muitas viagens para Georgetown – disse Ninguém, inclinando-se para ela. – E algumas vezes vindo de Barbados, como numa viagem em 1817.

Um espasmo percorreu o corpo de Rachel como se Ninguém tivesse proferido o nome do filho. Na sua mente, o ano e o nome eram um só: Micah.

– O Ninguém disse-me que anda à procura de um filho que veio para Demerara por volta dessa altura. – Se o capitão Grafton sentia algum incómodo ao ser confrontado com uma mãe cujo filho ele ajudara a arrebatara e mandar para o outro lado do mar, não o demonstrava. Os olhos lodosos nem pestanejaram. – Não posso dizer que me lembre de alguém parecido consigo. Geralmente não presto muita atenção à carga, a menos que haja problemas. Mas sei que vendemos quase todos os escravos a bordo desse navio a um único homem... Um fulano a dar para o arrogante, a gabar-se de os ter comprado todos. Queria que a cidade toda soubesse que nadava em dinheiro... Está a ver o género.

Nas mãos de Rachel, as canecas deixaram finalmente de tilintar. Já não tremia. Abateu-se sobre ela a mesma sensação de clareza fria que a acometera no escritório do Sr. Armstrong. Ficou imóvel.

– Recorda-se do nome desse homem? – A voz soou-lhe aos ouvidos como a voz de uma estranha. Enquanto aguardava a resposta, era como se estivesse do outro lado da sala, a observar-se a si própria a olhar para o capitão Grafton.

O capitão franziu o sobrolho, cavando sulcos profundos na sua testa larga.

– Tenho estado a tentar. Consigo ver perfeitamente o fulano, mas

o nome... – Quedou-se em silêncio.

Olhando novamente de relance para trás, Rachel viu os olhos do Sr. Beaumont assestados com firmeza neles os três. Caiu em si, a sua atitude calma evaporou-se e ela começou a tremer outra vez. O Sr. Beaumont tinha afivelado uma careta de desagrado venenoso, mas Rachel não se atreveu a virar-se. Isto era demasiado importante.

O capitão Grafton torcia uma madeixa da barba entre o indicador e o polegar. De repente, o punho dele abateu-se sobre o tampo da mesa.

– Braithwaite! Era este o nome.

Rachel inspirou profundamente. Não conseguiu olhar nos olhos nem o capitão Grafton nem Ninguém; virou-se para se ir embora, de cabeça baixa. Ligeiramente curvada, de modo a evitar o olhar do Sr. Beaumont, deslizou para trás do balcão e foi de imediato abordada por um homem a queixar-se de o pão que lhe tinham servido estar tão duro que lhe lascara um dente. Quando conseguiu aplacá-lo e olhou de novo para a mesa, Ninguém e o capitão Grafton já tinham saído.

Nessa noite, ao subir as escadas para o quarto, encontrou Ninguém e Mary Grace ainda acordados. Estavam sentados na cama, de pernas cruzadas, os joelhos a tocarem-se. Não era a primeira vez que ela os via assim, a fitarem-se intensamente nos olhos, mas em geral só obtinha um vislumbre antes de Ninguém se pôr de pé com expressão culpada e retirar depressa a mão que tinha estado na face de Mary Grace. Desta vez, porém, ele não se mexeu.

– Estava agora mesmo a dar a novidade à Mary Grace.

Mary Grace abriu um sorriso para a mãe e Rachel não conseguiu evitar ver leves traços de Micah no rosto da filha. Não era a primeira vez que via uma sombra do filho, naquela noite – desde que ouvira o nome *Braithwaite*, ele aparecia-lhe até nas caras de desconhecidos. Parecia mais próximo que nunca.

Rachel sentou-se na beira da cama, perto do sítio onde os corpos de Ninguém e Mary Grace se encontravam.

– Como é que...? Onde foi que...? – Todas as perguntas que

queria fazer a Ninguém ameaçavam jorrar ao mesmo tempo, mas ela conseguiu decidir-se por uma. – Já sabes? Sobre o capitão?

– Eu sabia que ele já tinha feito a travessia entre Barbados e a Guiana Britânica. Mas havia outros homens que poderiam ter feito a viagem nesse ano. Uns quantos homens que eu conhecia ou de quem tinha ouvido falar. Tenho andado a perguntar por aí, a investigar.

Os olhos dele brilhavam com o entusiasmo jovial de uma criança. Naquele momento, ela viu tudo o que aquela mentira inocente contada ao Sr. Beaumont, todas aquelas semanas atrás, significava – que Ninguém era filho dela. Inclinando-se para ele, ela deu-lhe umas palmadinhas na coxa, tentando transmitir o afeto maternal que sentia por ele, instilar vida na mentira e trazê-la para mais perto da verdade. Ele era mais do que bem-vindo na família.

– Temos de descobrir onde é que esse tal Braithwaite tem a plantação – continuou Ninguém.

– Eu já falou com Albert. Ele conhecer nome Braithwaite. A plantação, Bellevue, ser uns dez quilómetros de Georgetown.

– Então temos de lá ir. Amanhã. – O dia seguinte era domingo.

Rachel olhou para Ninguém e Mary Grace. Tinham expressões impacientes, esperançadas. Mary Grace não via o irmão desde que o haviam levado, quando ela tinha apenas oito anos. Ninguém não conhecia Micah, mas Rachel via como ele amava a filha e como por sua vez esse amor estava pronto a estender-se a todos os que Mary Grace amasse. Estavam cheios de vontade de pôr pés a caminho, cheios de vontade de encontrar o que os levara inicialmente ali, a Georgetown.

E todavia, se Rachel tentasse imaginar a cena – Micah a surgir no horizonte, dobrado, a trabalhar nos campos, depois a levantar a cabeça, a vê-la, a correr –, fazia-o debalde. Tudo o que conseguia ver era a si mesma e ao filho. A alegria seria partilhada a seu tempo, mas o momento em que ele reentraria na vida dela... Não saberia dizer porquê, mas intuía que isso só pertenceria aos dois.

Na sua visão, Micah lançava os braços em torno dela, e àquele toque imaginado a recordação do nascimento dele impunha-se-lhe. Todos os pormenores ainda vívidos. O modo como a Grande Polly,

que geralmente tinha a função de parteira curiosa das escravas, olhara para Rachel uma tarde e parecera pressentir. «Está para breve», anunciou a Grande Polly, e dormiu nessa noite com Rachel na cabana, de prevenção.

Mas quando as dores de parto chegaram, acordando-a com um sacão, Rachel foi tomada por um terror que lhe expurgou todo o raciocínio. Saiu aos tropeções para a noite, inspirando grandes golfadas de ar frio. Ela própria pouco maior do que uma criança, rastejou para o meio das canas farfalhantes e ficou ali deitada enquanto a dor a inundava em vagas sucessivas, cada vez maiores. Habitava o seu corpo como uma estranha. Mesmo durante a gravidez, à medida que o ventre inchava e ela começava a sentir os movimentos da criança dentro de si, sentira-se impotente, fora do seu próprio controlo. Mas no crescendo do parto a sensação fora verdadeiramente a de estar possuída: mãos de ferro agarravam-lhe o abdómen, obrigando a criança a sair, e não havia nada que ela pudesse fazer para o impedir.

Por fim, ele chegou. Molhado, o cabelo escorrido colado à pele, surpreendentemente sólido quando ela o apanhou do chão. A tremer, ficou a vê-lo inspirar e depois começar a chorar. Segurou-o como se ele pudesse quebrar-se – ainda estava preso a si pelo cordão, e ocorreu-lhe o fútil desejo de ficarem assim para sempre.

A Grande Polly tinha aparecido, ofegante. Rachel pensou que a mulher idosa ia repreendê-la, mas ela limitou-se a pegar-lhe no filho com as mãos enrugadas, a inspecioná-lo com atenção e depois a devolvê-lo com um aceno de aprovação.

– Pulmões fortes – foi tudo o que disse. Ajudou Rachel a cortar e ligar o cordão – porque eles não podiam ficar fundidos para sempre, por muito que Rachel o desejasse.

Quando pensava agora nisso, Rachel mal acreditava no risco que tinha corrido – prescindir do saber de curiosa da Grande Polly e ir ter um filho sozinha no meio de um campo. Mas quando Mary Grace nasceu, a Grande Polly ajudou-a a virar-se quando ela ainda não estava cá fora, poupando-lhe um nascimento de pés para a frente. Rachel não tinha dúvidas de que, se tivesse fugido uma segunda vez à Grande Polly, Mary Grace não teria sobrevivido.

Contudo, não se arrependia, nem por um segundo. Serem suas as primeiras mãos que seguraram Micah, estar ali sentada no canavial a imaginar que eram as duas únicas coisas vivas no mundo – isso nunca a abandonaria.

A memória cristalizou o momento. Ele era o seu primogénito. Quando lho levaram, foi a primeira vez que sentiu o coração destroçado. Rachel estava agora muito longe daquela rapariguinha que tinha dado à luz Micah, mas sentia o mesmo desejo de que fosse só ela e o filho, e mais ninguém.

– Eu acha que ter de ir sozinha – declarou ela.

Mary Grace baixou o olhar. Ninguém fez menção de falar, mas pensou melhor. A recordação ainda estava muito viva em Rachel e ela tinha a certeza de que os outros conseguiam senti-lo. Ultrapassava a razão, aquela vontade desmedida de uma mãe de estar com o seu filho. Rachel cruzara um oceano por causa dela.

– Eu fica grata pelo que fazeres – disse ela, sorrindo para Ninguém. – E ter certeza que irmos ficar todos juntos, no fim. Mas ter de ir primeiro. Só eu.

O filho mais velho dela, o que partira há mais tempo. Iria ao seu encontro, iria descobri-lo e voltariam a ser um só, como se o cordão nunca tivesse sido cortado.

Rachel ergueu-se antes do Sol e pôs-se a caminho da plantação Bellevue, a leste. A estrada desde Georgetown ficava afastada da costa, protegendo-a da vastidão vazia que era o mar. Como tudo o mais em Demerara, era reta e estava bem arranjada, e Rachel deu consigo a desejar abandoná-la e aventurar-se pelos terrenos incultos, desalinhados, mais próximos das falésias. Mas perseverou, sabendo que o caminho mais ordenado seria o mais rápido.

Era cedo, mas havia já um fluxo constante de pessoas no sentido oposto de Rachel, a transportarem as suas coisas para Georgetown, para a feira de domingo. Apareciam vindas das faixas de plantações que brotavam aos lados da estrada – algumas a falar, outras a rir, outras ainda de lábios cerrados e a coxear. Rachel mantinha-se atenta, procurando com os olhos Micah ou até Thomas Augustus, e sentia um sobressalto sempre que avistava um homem de certa idade ao longe, mas o coração acabava por regressar ao seu ritmo regular quando ela se aproximava e percebia que se tratava apenas de mais um estranho.

A ponta do Sol começou a espreitar no horizonte, desenhando os contornos das figuras que vinham na direção dela. Na sua maior parte, os viajantes não lhe prestavam atenção, demasiado absorvidos nas suas próprias conversas ou demasiado concentrados em manter os cestos em equilíbrio sobre as cabeças, mas alguns fitavam-na com insistência à sua passagem. Um homem, titubeando com o auxílio de uma cana a fazer as vezes de bengala, gritou-lhe: «A feira é para o outro lado!», mas ela limitou-se a sorrir e continuou a andar. À medida que a manhã avançava, a estrada ia ficando cada vez mais concorrida, e deixou de ser larga o suficiente para todos. As pessoas começaram a caminhar pelas bermas cobertas de erva, ou pelos campos adjacentes. E a costa começou a curvar-se na direção da estrada, suficientemente próxima para Rachel conseguir ouvir e cheirar o mar.

Pela posição do Sol, ela calculou que teria caminhado cerca de duas horas, por isso começou a perguntar a quem passava se estaria perto de Bellevue.

– Oh, sim – disse uma mulher cuja filha se escondeu de Rachel atrás das saias da mãe. – Já não está longe. Vai perceber pelos cafeeiros à beira da estrada. Os outros campos só têm cana.

Rachel continuou a andar. O calor do sol da manhã tinha começado a impregnar o solo, aquecendo a terra poeirenta da estrada sob os seus pés. O suor perlava-lhe a pele mas ela, impaciente, recusava-se a abrandar o passo. A estrada ficou mais desafogada: por esta altura, a feira de Georgetown já estaria em plena atividade, por isso agora eram só os retardatários que ainda se viam.

O reencontro com Mary Grace não saía da cabeça de Rachel. O que ela sentira quando a pele da filha se encostara outra vez à sua, depois de todos aqueles anos – essa sensação estava ainda com ela, como se o abraço nunca tivesse findado. Era como se o seu corpo estivesse a ensaiar, a preparar-se para ver Micah. Pouco a pouco, as notas de prudência que tinha andado a repetir a si mesma – que o capitão Grafton não conhecia Micah, poderia não saber ao certo para onde ele fora, e que Micah poderia ter sido vendido outra vez, e estar noutra plantação ou até noutra colónia – foram silenciadas pela felicidade que sentiu alastrar em si. Embora tivesse calor e sede, e os olhos lhe doessem da luz intensa do Sol, que ia subindo no céu, estugou ainda mais o passo, desejosa de sentir o toque eufórico do reencontro.

Não tirava os olhos das plantações, mas não via nada a não ser cana. Quando começava já a pensar se não teria passado Bellevue sem se aperceber, ouviu um assobio alegre ao longe. Um jovem encaminhava-se em passada firme para a estrada, vindo da plantação mais longínqua que ela conseguia ver, gingando a um ritmo que sugeria que não estava com muita pressa. Tinha tirado a camisa, que levava debaixo do braço, e o sol refletia-se na pele do tronco.

– ‘Dia – disse ele quando ela já estava perto o suficiente para lhe ver o desenho das costelas e a mancha da cicatriz de um ferro em brasa no ombro.

– Bom dia – respondeu ela. – Eu procura a plantação de Bellevue.

– Eu vir mesmo de Bellevue, ali atrás. – Indicou com um gesto o fundo da estrada, antes de examinar Rachel com atenção. – Eu não a conhecer... Ir visitar alguém?

– O meu filho... Micah.

A atitude do homem alterou-se. Foi uma mudança subtil – ele manteve o sorriso imóvel no rosto –, mas Rachel reparou. Ele afastou-se dela quase impercetivelmente, e abraçou diante do peito a camisa não vestida, como um escudo.

– Conhecê-lo? – perguntou Rachel.

– Eu... – Rachel via dezenas de pequenos músculos moverem-se no rosto do homem. – Eu tem de ir. – Começou a afastar-se num passo mais apressado do que antes, mas alguma coisa o deteve uns metros à frente. Virando-se, disse: – Pergunte pelo Orion. Ele fala-lhe do seu filho.

Um caminho estreito serpenteava ao lado da plantação de Bellevue, passando os cafeeiros e os algodoeiros e entrando no canavial. Uma manta de retalhos. Rachel imaginou os escravos que deviam ter sido castigados por pisarem as plantas desconhecidas, após meses a ocuparem-se de uma cultura diferente.

Caminhou um pouco mais devagar ao longo dos campos desertos. Em parte por prudência – ainda recordava o disparo, sabia que não podia baixar a guarda. Mas também queria prolongar a incerteza, o intervalo de tempo em que podia ainda acreditar que Micah estava à sua espera algures naquela comprida faixa de terreno. Sabia que ele teria sido provavelmente vendido – para uma terra distante, a julgar pela expressão no rosto do homem com que se cruzara na estrada. Mas havia incerteza que bastasse para ela não ter de aceitar o seu destino provável, pelo menos para já.

O solo debaixo dos seus pés tornou-se pedregoso e duro. Entalada entre fileira após fileira de cultivo, havia uma faixa de terra mais agreste e menos clemente. Rachel via que os escravos tinham em tempos cavado ali as suas hortas, extraíndo o que conseguiam da terra gretada e poeirenta. Alguns talhões tinham sido abandonados, mas uns poucos ainda exibiam rebentos verdes

que brotavam aqui e ali, contra todas as probabilidades. Uma mulher arrancava inhames junto do caminho e Rachel parou para lhe perguntar se conhecia o tal Orion.

– Estar ali, a tratar da horta dele – respondeu a mulher. Apontou para o outro lado do campo, onde se via um homem de pé, de costas para elas, apoiado numa pá.

Rachel encaminhou-se para ele, tendo o cuidado de não pisar nada que estivesse a nascer, pois sabia o trabalho que devia ter dado persuadir aquele solo a dar vida.

– Orion?

O homem virou-se. Devia ser da idade dela, ou talvez um pouco mais velho, e tinha uma pele sulcada e tisonada pelo tempo que sugeria uma vida de trabalho árduo. A cabeça era emoldurada por um halo de cabelo escuro, que ele deixara crescer mais do que a maioria dos homens que trabalhavam nos campos. Os olhos, de um castanho tão escuro que na orla se fundia nas pupilas, escrutinaram-lhe o rosto, em busca de um reconhecimento que não descortinou.

– Quem querer saber?

Ela respirou fundo.

– Eu chamar-me Rachel. Venho de Barbados. Procurar o meu filho, Micah.

Mal pronunciou o nome do filho, Rachel viu um desgosto puro, absoluto, impregnar cada poro do rosto de Orion. Os sulcos da testa tornaram-se mais profundos e os olhos fecharam-se para reprimir as lágrimas. A boca dele tremeu. As mãos agarraram a pá com mais força, até os nós parecerem prestes a romper a pele.

Foi então que Rachel soube. Soube que Micah não estava apenas noutro sítio qualquer.

Não estava em lado nenhum.

Já não existia.

Sentiu o fantasma do cordão que a Grande Polly a tinha ajudado a cortar – a ligação que nunca a abandonara por completo, ao longo de todos aqueles anos – evaporar-se, e introduzir-lhe um cabo de aço aguçado entre as pernas até atingir o coração e o rasgar em dois.

Orion viu que ela tinha percebido. A pá tombou no chão e eles

abraçaram-se – Rachel agarrada com força a ele, a tentar absorver o pouco que restava do seu filho no homem que o conhecera durante todos aqueles anos em que ela não pudera estar com Micah. As lágrimas de ambos salgaram o solo debaixo dos seus pés. Durante um grande lapso de tempo, os braços de Orion foram as únicas coisas a sustentar Rachel. Sem eles, ela ter-se-ia dissolvido no nevoeiro denso do desgosto que lhe enchia a boca e as narinas, pronto a submergi-la. Mas se o seu corpo ameaçava desintegrar-se, ela também sentia a sua resiliência. As pancadas do coração. Não despedaçado, não partido em dois, mas ainda inteiro, ainda a bater.

Por isso recompôs-se, pouco a pouco, a partir do coração. Pensou em Samuel. Pensou em Kitty. Pensou nos filhos sem nome. A morte não lhe era estranha.

E havia Mary Grace – o rosto da filha surgiu, vívido, diante de si, com olhos que brilhavam de amor discreto mas intenso.

Por fim, pensou em si mesma, e conseguiu firmar-se, sustentando o seu próprio peso, já sem precisar dos braços de Orion. Deu a si própria autorização para viver, como tinha já dado antes. Havia um cerne indestrutível dentro de si, uma coisa que nem a escravidão nem o desgosto poderiam abalar.

Rachel era uma sobrevivente. E iria sobreviver.

Quando se separaram, Orion limpou os cantos dos olhos.

– Eu lamenta – murmurou. – Eu lamenta.

A dor tinha-se atenuado no seu rosto, demorando-se apenas nas comissuras profundas dos lábios.

– Mesmo depois de tanto tempo, doer. Era como um filho pra mim.

Rachel esgotara todas as suas lágrimas. O corpo estava de novo inteiro, mas duro, como uma concha, com um vazio frio no interior.

– Quando morrer? – perguntou ela. Tudo o que restava do seu filho eram memórias, e ela tinha tão poucas. Queria – precisava – reunir o que podia, até ao momento da morte dele. Tinha de saber.

– Faz doze anos – respondeu Orion. Tinha a pele molhada, a reluzir com uma mistura de lágrimas, suas e de Rachel. – A

sublevação.

Rachel acenou lentamente com a cabeça. Lembrava-se de ter ouvido falar da revolta em Demerara, sussurrada a medo entre os brancos quando percebiam que podiam ser ouvidos por algum escravo. Na altura, as feridas da própria sublevação em Barbados estavam ainda abertas, em ambos os lados. A simples referência ao nome «Bussa» podia valer um dia passado no cepo, como se os senhores acreditassem que os escravos tinham o poder de fazer ressuscitar os seus ossos na plantação de Bayley. A rebelião de Barbados reclamara muitas vidas, e alguns escravos de Providence retiraram um prazer mórbido de saber que a sublevação de Demerara conhecera o mesmo fim. Agora, sabendo que Micah tinha estado entre as vítimas, o desgosto de Rachel aumentou ao recordar-se do modo como eles haviam abanado as cabeças com uma expressão cansada de tudo, condenando os rebeldes imprudentes, que não chegavam aos calcanhares da milícia dos homens brancos.

Orion observava-a com atenção.

– Há uma árvore caída ao fundo deste terreno – disse ele. – Usamo-la como banco. Podermos sentar ali, se quiser.

Caminharam pelo terreno irregular em silêncio. A árvore de que Orion falara estava de lado, as raízes nuas e mirradas pela exposição ao ar. A casca manchada do tronco tinha sido gasta e alisada nos sítios onde as pessoas se haviam sentado ao longo dos anos, a descansarem do trabalho duro nos seus talhões avaros.

– Eu ainda não acredita que estar aqui. – Orion soltou o ar lentamente, deixando-o assobiar entre os dentes. – Ele fala sempre de si. Dizer que um dia, quando formos livres, ir voltar para si.

Rachel tentou manter a cabeça erguida, e enxugou rapidamente as lágrimas que lhe marejaram os olhos. Estava determinada a não se deixar ir novamente abaixo, fosse o que fosse que viesse a saber acerca da morte do filho. Havia uma altura para chorar e uma altura para escutar. Ela tinha chorado – breve e intensamente – e agora iria escutar.

– Conta tudo – disse ela. – Eu quer saber.

E Orion contou-lhe então a história de Micah.

– O Micah chorar na primeira noite que chegar a Bellevue. E não as lágrimas caladas que todos chorarmos de vez em quando, mas soluços altos que soarem em toda a aldeia. Ele estava na cabana ao lado da minha e eu esperar que alguém o cale. Mas os soluços continuarem até eu levantar e ir lá. Ele estar enrolado numa bolinha, a abraçar os joelhos junto do peito. Eu ficar do lado dele e dizer que não pode deixar que alguém o vê chorar assim, em especial o homem branco. Não pode deixar o homem branco ver que ganhou.

»Ele parar de chorar. Eu virar pra ir dormir, mas alguma coisa impedir-me. Eu achando que ser a maneira como ele continuava enrolado ainda – parecer mais triste do que quando chora. Depois eu ajoelhar do lado dele e perguntar o nome dele e ele dizer baixinho. Eu perguntar se estar longe de casa. Ele dizer que sim. Eu perguntar de onde ele ser, e pouco a pouco ele contar tudo o que lembra de casa, mesmo a vala ao fundo da plantação onde os *pickney* chapinharem quando encher de água da chuva. Ele acabar por adormecer assim.

»No dia seguinte, ele sair da cabana pros campos com nós todos. À luz do dia, não ser a altura dele que me impressionar mais – mas, por Deus, ele ser alto, já nesse tempo. Era a cara dele. Ser tão novo. Eu saber que nenhum dos homens brancos perceber isso – não perceber quando o trazerem de Barbados, quando o venderem em Georgetown. Eles verem só membros fortes e pele negra. Mas eu olhar doçura nos olhos. A boca ainda não estar torcida de amargura. Haver inocência na cara dele.

»Ser a altura do ano em que apanharmos o algodão. Eu ficar junto dele e ver as mãos tremer-lhe quando trabalha. Eu perguntar se alguma vez apanhar algodão. Ele dizer não. Eu perguntar se alguma vez trabalhar no primeiro grupo. Ele dizer não. Ele ser *pickney*, isso eu ver. Ele não dever estar no primeiro grupo, por ser muito alto.

»Ora, na altura, eu saber já umas coisas sobre amor e perda. Eu me casar com uma rapariga aos dezanove anos, e passado um ano

ela ir embora, vendida pro outro extremo da Terra. Todos os domingos, durante um mês, eu caminhar atrás dela. Mas se eu caminhar, dia e noite, eu chegar só a meio do caminho e ter de voltar pra chegar a tempo de trabalhar na segunda de manhã. Aquilo doer muito, eu estar a dizer-lhe a verdade. Depois disso, eu não querer amar mais pra não querer perder ninguém outra vez.

»Aquilo não acontecer logo. Naquele primeiro dia, eu não olhar pra Micah e saber logo não ser capaz de não amar outra vez. Mas sentir alguma coisa. Eu querer ficar perto dele. Eu proteger ele dos capatazes, pra não verem como trabalhar devagar. Eu dar parte do algodão que apanhar, ficar só com o suficiente pra não ser castigado por preguiça. E no fim do dia, eu sentar e comer com ele. Eu tentar usar o nome dele muitas vezes – sim, Micah, não, Micah, é assim que as coisas serem aqui, Micah – pra ele sentir-se mais em casa.

»Aquilo acontecer devagar. Haver longos dias nos campos, e longas caminhadas até à feira nos domingos. Ele ficar com um talhão ao lado do meu e eu mostrar-lhe como cultivar comida. E eu sempre olhar nos olhos dele. Eu perceber que fazer de tudo pra manter doçura naqueles olhos. Eu querer proteger o melhor que poder.

»Os anos passarem. Ele perder a inocência, mas olhos brilharem como sempre. Ele falar comigo sobre o futuro – eu não estar habituado a isso. Eu não ter futuro até Micah me juntar no dele. Quando sermos livres, dizer ele. Quando sermos livres, irmos procurar minha família. Irmos procurar tua mulher. Irmos ter a nossa própria terra. Irmos ter *pickney*, e os nossos *pickney* ter *pickney*, e nenhum voltar a trabalhar nos campos.

»Ele fazer-me dizer o nome da minha mulher. Eu não o falar desde que ela foi levada. Susannah. Ser o nosso ritual ao fim do dia, quando voltarmos dos campos. Cantarolar os nomes daqueles que amamos como a letra de canção. Aquele ser o sabor da liberdade pra nós, aqueles nomes nos lábios.

»Quando ficar mais velho, o Micah gostar de conhecer pessoas. Gostar de falar com elas e ouvir falar os sonhos delas. Algumas noites sair mesmo sem autorização pra visitar amigos noutros sítios. A senhora encontrar aqui à volta muita gente que ter coisas boas a

dizer sobre o Micah. Ele faz parte de muitas vidas.

»Uns três anos depois de chegar cá, ele começar a ir a uma capela numa plantação a uns quilómetros daqui. Ir lá quase todos os domingo. Ele não estar lá muito seguro daquele homem branco, o tal Deus, mas capela ser um sítio social. Virem pessoas de todos os lados e Micah gostar de as conhecer. Eu ir com ele algumas vezes. Eu lembrar de uma vez que o pregador dizer que um homem antigo ter dividido o mar pros escravos poderem atravessar. O Micah virar-se para mim e dizer que até o homem branco Deus saber o que nós sabermos. Que um dia irmos atravessar o mar rumo à liberdade.

»O Micah depressa ficar com forma de homem. Alto e forte. Mas ainda ser muito novo. Seis anos, eu não o ver crescer, ter medo que o chicote lhe tirar vida. Mas não acontecer. Nada apagar aquele lume nos olhos dele.

»Um dia, ele vir da capela e correr à minha procura. Dizerem que irmos ser livres. A Inglaterra decretar. Ele andar pela cabana enquanto me conta, a pensar já no primeiro navio para Barbados, mas eu não ter tanta certeza. Não ser a primeira vez que ouvir aquela conversa. Eu velho o bastante pra lembrar quando os navios de África deixarem de vir. Nessa altura, as pessoas dizerem que ser só o princípio. África ser a raiz e nós sermos o ramo. Cortarem-nos e morrermos. Dizerem que a escravatura não ir durar. Mas depois durar, afinal. Eu tentar dizer ao Micah que ter dúvidas, mas ele não querer saber. Aquilo não ser apenas um boato. Os homens livres da capela não ouvirem aquilo só aos homens livres de Georgetown. As mulheres com os guardas e os supervisores e os administradores e até as amantes dos sores ouvirem-no também. Todos ouvirem. Os homens brancos da Inglaterra quererem-nos livres.

»As semanas passarem-se. A liberdade nunca chegar. O Micah vir da capela e desta vez parecer zangado. Dizer que a Inglaterra querer acabar a escravatura mas os sores de Demerara quererem mantê-la. Ora, o Micah não ser parvo, a senhora sabe. Ele sempre pensar que irmos ser livres, mas não acreditar que o homem branco ir só pousar os chicotes um belo dia. Mas eu pensar que ele acredita que isto não estar nas mãos deles. Os homens brancos terem-nos, mas também não serem livres, por causa da Inglaterra. Sabermos que a Inglaterra

ser onde estar o poder. Sabermos que pararem os navios negreiros mesmo quando os homens de Demerara quiserem que continuem a vir. E por isso quando o Micah saber que a Inglaterra querer-nos livres, ter a certeza que isso ir ser assim. O que ele perceber, com o passar das semanas, ser que talvez afinal não ser decisão da Inglaterra. Talvez os homens brancos de Demerara terem mais poder do que ele pensar. Talvez eles não quererem ceder.

»Pouco depois disso, o Micah vir ter comigo à cabana a meio da noite. Sentarmos no escuro e ele contar que haver um plano. Ele saber por um dos homens da capela. Romeo, eu pensar que ser o nome. Este Romeo reparar em Micah. Ser difícil não reparar nele, quando ele ser mais alto que qualquer homem nas redondezas, mas o Romeo também reparar como o Micah cantar os cânticos de certa forma, a força que pôr em certas palavras, e isso fazer o Romeo acreditar que o Micah querer ser livre.

»O Micah explicar que os sores não quererem dar-nos a nossa liberdade, por isso termos de nós a tomar. O plano ser todos baixarmos as ferramentas e recusarmos trabalhar até sermos livres. Eu não ter certeza no princípio. Mas o Micah dizer que não ir acabar como as outras rebeliões. Termos a Inglaterra do nosso lado – porque na altura pensarmos todos ainda que a Inglaterra querer mesmo que sermos livres. E não irmos lutar. Irmos só deixar de trabalhar. As plantações não poderem funcionar sem nós. Ser esse o nosso poder.

»Mim concordar em ajudar o Micah a espalhar a palavra. Nós sermos cuidadosos, e só falarmos com os da nossa plantação em que confiarmos. Mas eles falarem com outras pessoas em quem confiarem, que falarem com outras pessoas em quem confiarem, e por aí fora. Não demorar muito até todos saberem. Estarem todos preparados.

»Poucos dias depois do Micah me falar do plano, formos a uma reunião secreta. Sairmos da plantação à noite, às escondidas, e irmos a um sítio do lado de lá da estrada, na terra inculta junto da costa. Estarem homens e mulheres de muitas plantações. Quando eu ver tantos outros o plano parecer-me real. Todos aqueles anos o Micah a dizer que irmos ser livres e eu nunca acreditar que ser

mesmo assim, mas naquela altura eu achar que a escravatura talvez acabar mesmo.

»Esperarmos que alguém falar. Depois, o Romeo avançar. Falar do plano como eu ter ouvido o Micah: a greve e isso ir levar à liberdade. A maioria das pessoas parecer concordar, mas depois começarem outros a falar. Um velho com uma perna que parecer nunca ter sarado bem depois de se partir. Mim não lembrar o nome dele, mas mim lembrar que as pessoas ouvirem-no. Ele dizer que pensarmos em pequeno. Haver mais de nós do que deles, dizer ele. Muitos mais. Se tentarmos, podermos tomar conta da terra. Como no Haiti, dizer ele. Trememos todos ao ouvir aquele nome.

»Mas os homens brancos terem armas, dizer outro homem. Haver mais de nós, mas uma única bala da arma de um homem branco poder atravessar a carne de dez homens. Ele dizer que não vermos a coisa como ele.

»Começarem todos a falar ao mesmo tempo. Muitas perguntas. Quantos homens brancos, quantas armas? Haver suficientes de nós? Quantos de nós eles poderem matar? Depois o Micah falar. Haver foragidos, dizer ele. Homens e mulheres no mato. Poderem ser centenas, poderem ser milhares. E eles poderem ter armas.

»Alguns tentarem calá-lo. Os negros no mato são um mito, dizerem. Os foragidos ou serem apanhados ou morrerem. Mas o velho com a perna torcida dizer que o Micah ter razão. Haver homens e mulheres a viverem nas florestas. Ele conhecer um homem que fugir e aparecer anos depois com a mulher. Ninguém o ver dessa segunda vez senão eu, dizer o velho, escondido com a mulher, numa noite sem luar. Mas ele ser a prova. Haver pessoas que viverem livres, para lá das plantações. Se as chamarmos, elas virem.

»Depois do velho dizer aquilo, as pessoas começarem a aceitar a ideia. O plano começar a mudar. Em vez de parar de trabalhar de manhã, irmos reunir na noite antes. Irmos emboscar os sores quando eles dormirem. Irmos apanhar-lhes as armas e ficar prontos pra lutar. Enquanto isso, dois homens, os dois livres, concordarem em ir ao mato e reunir um exército de foragidos.

»A senhora ter de perceber que o objetivo não ser matar. O

Romeo insistir nisso. Ele ser claro que o objetivo do plano ser o mesmo: conquistar a liberdade que nos pertence. Tudo o que fizermos que a Inglaterra não gostar, como assassinar os sores nas camas, ir pôr isso em risco. Ser só isso, em vez de recusar trabalhar, nós querermos assustar. Fazer ver aos sores que não terem escolha.

»Eu ainda lembra da noite antes da sublevação. Eu sonhar com homens brancos a entrar na cabana e a arrastar-me porque saberem do plano. Por isso quando eu ver uma sombra a andar na cabana, eu ter medo. Só quando ela se aproximar eu perceber que era o Micah.

»Deitarmo-nos juntos. Nessa altura, eu conhecer ele faz seis anos e amá-lo como um filho. Enquanto ele estar ali deitado, mim ter vontade de abraçá-lo, mas nós nunca nos tocarmos assim antes e por isso eu não o fazer. Eu ir sempre desejar tê-lo abraçado nessa altura – tê-lo abraçado enquanto podia.

»O Micah perguntar-me o que eu ir fazer daí a semanas, quando ser livre. Eu dizer que ir ver Susannah. Eu também perguntar, e esperar que ele diz alguma coisa sobre a família. Mas ele dizer que não saber. Essa ser a beleza da liberdade, dizer ele. Nunca se saber o que ir acontecer a seguir.

»Na noite seguinte, tudo correr como o plano. Começar algumas plantações acima e espalhar-se com o som de gritos e disparos. Não haver palavras pra descrever o som de um grito de guerra trazido pelo vento. O grito da liberdade. Eu tremer ainda agora, quando pensa nisso.

»Marcharmos pra casa grande, quase duzentos de nós. Alguns levarem ferramenta e paus que segurarem como espada, mas a maior parte de nós não levar nada. Erguermos os punhos no ar, e todos os punhos fazerem uma floresta. Eu só poder imaginar o aspeto que termos, vistos de dentro da casa. Os brancos terem as caras encostadas às janelas, pálidos como fantasmas.

»Eu nunca ter estado na casa do sor. A maioria de nós nunca ver como ele vive, todas as coisas que ter. Correremos por ali e tentarmos agarrar no que pode: castiçais, facas de cozinha, atizadores. Eu estar na sala de jantar, e quase conseguir ver o meu reflexo na mesa, ser assim mesmo brilhante. Eu ouvir uma luta e um tiro na outra sala. Eu chegar mesmo a tempo de ver o Micah saltar

pra cima do homem que ter a arma – ser um dos filhos do sor. Uma das nossas mulheres estar deitada no chão a agarrar um braço, mas não estar ferida com gravidade. Eu pensar que as mãos do homem branco tremerem demasiado para ele acertar. Os piores receios deles tornarem-se realidade.

»Nós juntarmos os outros todos e trazê-los pra fora da casa. Ainda haver uns quantos mais cautelosos – dizerem pra termos cuidado, pra não lhes fazermos mal, e coisas assim. Mas eu sentir uma coisa entranhar-se na multidão. Uma coisa antiga, uma coisa escura. Ser como aqueles mitos que a minha mãe me contar quando eu ser *pickney*, quando o dia se tornar noite e a noite se tornar dia. Os deuses descerem à terra na forma de homens e os homens mandarem como deuses e o caos tomar conta de tudo. O mundo virado ao contrário.

»Alguém agarrar no sor. Eu lembrar que a mulher dele estar a chorar. Arrastarmos o sor até ao cepo, fecharmos o ferrolho. Atrás de mim, eu ver que alguém ter começado um incêndio num dos campos. A cana estar a arder.

»A multidão ficar silenciosa. Ficarmos só ali de pé a ver o fumo subir sobre o sor preso no cepo.

»Do resto da noite não me lembrar bem. A pergunta que todos se fazerem ser: e agora? A excitação do primeiro golpe ter desaparecido e agora termos umas pessoas brancas assustadas, umas quantas armas e um incêndio a lavar nos campos de cana. Quando a alvorada chegar, uns quantos de nós reunirem-se diante da casa grande pra pensar nas coisas – aqueles que terem sabido do plano antes dos outros. Eu pensar que talvez se poder dizer que sermos os chefes.

»Um homem chamado Azor falou primeiro. Era capataz – o Micah não querer contar-lhe da rebelião, ao princípio. Todos os que terem o chicote vão ficar contra nós, dizer ele. Mas eu conhecer o Azor muito bem. Eu ter visto o supervisor violar a mulher do Azor e depois libertá-la e correr com ela quando ela ficar grávida do *pickney* dele. O Azor nunca se queixar e trabalhar duro, mas haver um ódio profundo dentro dele, depois daquilo. Eu saber que ele estar do nosso lado.

»O Azor dizer que termos de ir a outras plantações e ver se eles dominarem os sores como nós. E os foragidos terem saído da floresta? Precisarmos de saber o tamanho da sublevação – até onde o fogo alastrar. O Micah falar a seguir. Ele concordar com o Azor, e oferecer-se pra ir ele próprio ver como ter corrido a noite. Ele dizer que nós termos de partilhar as armas e guardar os brancos. Termos de esperar. Esperar que o Governador ceder e aceitar que sermos livres. Ou – ele não dizer isto, mas todos pensarmos – esperar pela milícia e ter esperança que as nossas armas serem suficientes.

»Os dias seguintes forem como um intervalo. Fizemos tudo como o Micah e o Azor dizerem. Tirarmos o sor do cepo e pormos os brancos todos numa das cabanas. Fazemos turnos pros guardar. O Micah regressar passado um dia com notícias das outras plantações. Tão longe quanto ele caminhar, os escravos sublevarem-se. Num sítio, como nós, capturarem o sor e terem também algumas armas. Mas noutros sítios os sores barricarem-se na casa com as armas e os escravos não estar armados senão com paus. O Micah não chegar a Georgetown, por isso não conseguir dizer ao certo até onde rebelião chegar. E dizer que não haver sinais do exército de foragidos.

»Parecer-nos boa notícia que não estarmos sozinhos – uns quilómetros à nossa volta, o resto do mundo estar como nós. Mas nós sabermos que isto não estar acabado. Se era uma revolução, a roda ainda gira – todos o sentimos. Por isso esperarmos.

»Ouvirmo-los antes de os vermos. Era noite – serena e silenciosa. Depois, o som de tiros ao longo da costa. Juntarmo-nos no arrabalde da aldeia, junto da cabana onde estar o sor. Quem ouvirmos disparar? Os negros no mato? A milícia? Naquela noite até as ideias mais esquisitas parecerem verdadeiras. Uma mulher dizer que o homem branco ter reunido um exército de demónios pra nos matar todos.

»Depois chegar um rapaz a correr, do oeste. Não dever ter mais de treze anos. Eu lembrar que ele parecer assustado, e trazer uma arma apertada contra peito. Ele dizer-nos que os disparos era a milícia. Ele vir da Bachelor's Adventure, a um quilómetro e meio, pra nos avisar. Os soldados já terem passado pelas primeiras

plantações para quem vem de Georgetown e todos se renderem sem oferecerem resistência. Mas os homens e as mulheres da Bachelor's Adventure não terem vontade de se render. Estarem a arrebanhar quem restava, o rapaz disse. Venham, fiquem ao nosso lado. Lutem. Os foragidos não vieram, mas continua a haver mais de nós do que deles. Ainda vamos ganhar.

»Eu lembrar como aquela palavra me parecer oca, quando o rapaz dizê-la: *ganhar*. Antes disso, eu ter visto como vitória poder ser. Um navio inglês a vir pra mandar o Governador libertar-nos. Ou os negros do mato a carregarem saídos da floresta com armas e lanças, a matarem todos os brancos. Mas um a um esses futuros desapareceram e tudo o que nos restava ser marchar contra a milícia. Na melhor das hipóteses, irmos matá-los antes de eles nos matarem todos. E depois?

»Ao mesmo tempo, eu saber que não termos escolha. Como podermos voltar ao tempo em que não imaginamos o mundo como ele podia ser – sores nos cepos e canaviais a arder? Mesmo que esse mundo estiver agora fora do nosso alcance, sabermos todos que vamos morrer por ele, se tiver de ser. Eu olhar pro Micah e eu ver que ele sentir o mesmo. A doçura desaparecer dos olhos. Agora aqueles olhos serem como carvões – escuros e duros.

»Nós caminharmos o quilómetro e meio até à Bachelor's Adventure. A estrada cheia de escravos. Deverem ser uns dois mil, pelo menos. Um exército. Não termos muitas armas e estarmos doridos dos anos de trabalho. Muitos irem curvados ou coxos ou sem uma perna ou um braço. Mas sermos um exército na mesma.

»O som dos tiros ouvir-se mais perto. Nós continuarmos na estrada, ombro com ombro. O Micah ser chamado pra frente porque ter uma arma. Eu ter só um atizador de ferro, por isso ficar mais pra trás. Irmos todos calados porque o medo ser a melhor arma que termos. Sabermos que a milícia andar de plantação em plantação e ver grupos de cinquenta ou cem escravos. Ir esperar mais do mesmo. Enquanto o horizonte nos cobrir ainda, querermos que acreditem que ser assim. Quando nos virem, aos milhares, querermos que tenham medo.

»Eu ir entalado no meio da multidão e mal ver a estrada à frente,

mas poder ouvir e eu poder sentir. Eu sentir quando os da frente virem a milícia. Todos sustarem a respiração. Eu ouvir as botas no chão e depois o silêncio. Eu subir pros ombros do homem à frente e conseguir perceber os casacos vermelhos dos soldados. Estarem todos juntos a poucas centenas de metros de nós. Eu não conseguir ver as caras deles, mas acreditar que terem medo.

»Eu não sabe quanto tempo ficarmos assim. Parecerem horas. Eu não conseguir ouvi-los, mas os soldados parecerem conversar sobre o que fazer. Nós ficarmos todos em silêncio. Eu lembra que sentir como se toda a minha vida se condensar num único momento. Sempre que eu fecha olhos, eu ver Susannah. Eu conseguir ver o sangue nas costas de amigos que ver chicoteados. Eu conseguir ver cana-de-açúcar e cheirar os cafeeiros a crescer. Mas algumas recordações serem estranhas. Todos os corpos se apertam à minha volta. Às vezes, eu achar que ouvir a voz de uma criança que não reconhecer, ou ver o sorriso na cara de uma mãe que não conhecer. Ser assim o poder da multidão. Partilharmos as memórias.

»No momento em que aquilo se tornar demasiado para se suportar – o silêncio e as memórias – ouvir-se uma voz. Alguém lá da frente. Uma voz de homem, e parecer jovem. Eu não pensar que ser Micah, mas não ter certeza. A voz dizer matem-nos – e assim, sem mais nem menos, começa tiroteio.

»Quando uma multidão mexe, ser como água. Sermos levados na corrente, mas também sermos aquele que empurra e leva os outros. Carregarmos sobre o inimigo, a gritar a uma só voz. Durante uns segundos, com as balas fazendo barulho nos ouvido, eu sentir aquilo outra vez. Aquela crença profunda e honesta que irmos ser livres. Atravessar-me até aos ossos.

»Depois a pressão acabar. Os corpos separarem-se. Alguns caírem no chão, agarrados a membros destruídos pelas balas. Outros espalharem-se. Correrem pros campos, pro mar, pra trás na estrada. Eu correr também. Eu sentir-me como um animal. Eu sentir vergonha ao lembrar agora, como eu trepar sobre corpos, não me importar se morriam, só que eu vivia.

»Quando já não conseguir correr mais, eu cair ao lado da estrada. Eu perceber que o tiroteio acabar. Tudo o que eu ouvir ser

uma mulher a chorar do outro lado da estrada e os gritos fracos dos moribundos, ao fundo da estrada de onde termos vindo. Eu não saber quanto tempo mim ficar ali sentado. Lembrar-me que eu não sentir nada – nem memórias do passado nem esperança de liberdade. Eu sentir-me vazio.

»Depois ouvir alguém chamar. Eu olhar pra cima e ver o Micah a coxear na minha direção, com o Sol a nascer atrás dele. Eu conseguir ver onde a bala ter passado de raspão na perna dele, mas a ferida não ser grave e o sangue à volta já ter começado a secar.

»Ficarmos a olhar um para o outro. Não parecer bem abraçarmos-nos. Mas, com um aceno de cabeça, mostrarmos que estamos contentes por os dois termos saído daquilo vivos. Eu perguntar-lhe se saber quantos morrerem. Ele encolher os ombros. Cem. Talvez mais, dizer. Começarmos a caminhar de volta à nossa plantação. A certa altura, eu recordar que passarmos por uns periquitos que cantarem. A manhã estar bonita, mas tudo parecer sem vida. Eu sentir-me dormente. Cansado.

»Quando chegarmos à plantação, irmos pras nossas cabanas e dormirmos. Depois de umas horas, acordarmos – e eu e Micah dermos uma volta pra percebermos o que acontecer na noite anterior e o que acontecer agora, neste novo dia. Nem todos irem connosco à Bachelor's Adventure, e alguns estarem ansiosos pelas novidades. Alguns perguntarem se voltarmos com o marido ou o filho ou o irmão deles. Nós só abanarmos as cabeças.

»Com toda a agitação da noite anterior, o sor e a família escaparem da cabana e voltarem pra casa grande. Às vezes vermos uma cara aparecer numa janela e olhar. Mas não fazermos caso. Já não parecer que o mundo se ir virar de pernas pro ar, com os negros em cima e os brancos em baixo. Não saber explicar, mas parecer que os brancos não existirem. Como se o mundo sermos só nós. Não parecer que termos ganhado, mas também não parecer que termos perdido. Ser como depois de um furacão, quando se sair a seguir e ver as coisas todas que ele destruir.

»Eu lembrar da última vez que falar com Micah. Eu ir lembrar até ao dia que morrer. Nós estarmos sentados a ver o Sol nascer no segundo dia depois da batalha. Estarmos perto o bastante pra

cheirarmos a cana do campo que ardeu.. Quando eu olhar pra cana queimada, saber já que ser eu a ir limpar. Todos os futuros que sonharmos durante a sublevação terem desaparecido e só restar um caminho: de volta para os campos.

»Eu perguntar pro Micah se ele achar que estar tudo terminado. Ele dizer que não saber. Eu perguntar pro Micah se ele se arrepender. Ele dizer que não. Mas depois ele suspirar, o tipo de suspiro que não dever sair da boca de alguém com a idade dele. Ele só ter dezasseis anos. Eu pensa que ir ser diferente, ele dizer. Eu saber, eu responde. Eu também pensar isso. E pronto, ser só isto. As últimas palavras que dissermos um ao outro. Ficarmos sentados em silêncio enquanto o Sol subir mais e mais no céu.

»Ser de tarde quando os soldados chegarem. Nós não sabermos que eles chegarem, mas ouvirmos alguma coisa junto da estrada – homens a gritarem, um *pickney* a chorar. Eu correr e ver que quase toda a plantação corre também pro fundo dos campos. O Azor, grita alguém. Eles apanharem o Azor. Chegarmos à frente e vermos a milícia e dois soldados a agarrarem o Azor pelos braços. À nossa volta as pessoas gritarem, suplicarem, mas um dos soldados levantar a arma pro céu e disparar. Ficarmos todos calados. O soldado dar um passo em frente – eu achar que ser o capitão. Ele ter uma voz baixa, mas ouvir-se bem na multidão enquanto ele ler uma lista das acusações. Ele acusar o Azor de ser o cabecilha da rebelião e de conspirar pra assassinar todos os brancos na colónia.

»Nós não dizer nada enquanto o capitão falar. Nós saber como isto acaba. Irmos ver supervisores e sores acusar e arrastar escravos pros atirar para a cadeia. A roda ter dado a volta completa e ter-nos trazido outra vez para o mundo que conhecermos. O que podermos dizer que poder salvá-lo? Ficarmos todos ali, à espera que o levarem.

»O capitão calar-se quando acabar a lista. Depois dizer que o Azor ser culpado. E dizer aos soldados pro matarem.

»Ser como se o tempo parar. Eu lembrar que as coisas se moverem devagar, e eu ver os olhos do Azor abrirem-se muito e ele estrebuchar e lutar com os homens que o agarrarem. Depois, como se o tempo se libertar daquilo que o ter prendido, tudo acontecer

muito depressa. O sangue espirrar no ar quando uma bala passar pelo pescoço do Azor. Uma mulher saltar pra frente, aos gritos, mas levar um pontapé da bota de um soldado. O capitão virar-se e apontar pra mim.

»Os dois soldados que terem agarrado o Azor deixarem o corpo dele cair e correrem pra frente, mas não ser eu que agarrarem. Agarrarem o Micah. Arrastarem-no pra diante do capitão. Puserem-no ao lado do Azor. O capitão abrir a boca pra falar.

»Uma voz dentro de mim dizer: isto ser real? Isto estar a acontecer? Antes de eu poder responder, o capitão começar já a repetir, palavra a palavra, as acusações que fala sobre o Azor. O Micah manter-se imóvel enquanto o capitão falar. Ele não parar de pestanejar. Ele olhar pros seus braços e ver as mãos dos soldados à volta deles. Depois ele olhar pra mim.

»Finalmente, eu conseguir mexer-me e falar. Eu correr pra frente, mas ser derrubado com a coronha de uma espingarda. No chão, eu tentar rastejar até ele sempre com os soldados a darem-me pontapés nas costas. Eu suplicar que o deixarem viver. Eu dizer-lhes que estar tudo mal, que ser eu quem eles quererem, que ser eu quem eles deverem matar. Eu ser culpado, não ele. Ele ser só um *pickney*. Só um *pickney*. Aquela ser a única vez que o capitão olhar pra mim, quando eu dizer aquilo. Ele parar e olhar de mim pro Micah, e os olhos dele dizerem que esta *coisa* não ser um *pickney*, ser um assassino.

»Durante todo este tempo todo, o Micah ficar em silêncio. Ainda a olhar pra mim. O capitão chegar ao fim da lista das acusações e dizer que o Micah era culpado. Desviar-se dele e dizer-lhes... dizer-lhes...

»Eu suplicar-lhes, Rachel. A senhora ter de entender. Eu tentar que eles me matarem em vez dele. Mas eu não conseguir. Eles...

(As lágrimas de Orion fluíam como dois riachos. Seguiam um trajeto seu conhecido, ameaçando escavar-lhe penhascos no rosto, pois ele tinha já chorado aquelas lágrimas e chorá-las-ia muitas vezes mais até ao fim dos seus dias.)

– Eles matarem-no mesmo à minha frente.

»Ele ser só um *pickney*.

»Eu lamenta tanto, tanto.

Orion insistiu em acompanhar Rachel de volta a Georgetown. Parecia irritado por ela ter ouvido a sua história sem mostrar emoção, sem uma sombra de dor a atravessar-lhe o rosto. Ele tinha enxugado rapidamente as suas próprias lágrimas, como se envergonhado por exteriorizar mais o desgosto do que ela.

A Rachel, a história tinha soado exterior a si, como a história de um completo estranho. Ou talvez, quando o nome «Micah» lhe trespassava o coração uma e outra vez, como um conto popular ou um mito acerca de um deus ou criatura que ela conhecia, mas numa história que lhe era desconhecida. Foi deste modo entorpecido, desapegado, que ela interiorizou os pormenores da vida e da morte do filho, sentindo-se ainda mais fria e distante quando Orion relatara os momentos finais do filho.

Por vezes, em Providence, Rachel tinha imaginado como seria viver de forma diferente, sentir de forma diferente. Não ser sempre pequena e discreta. De costume, isso era desencadeado por um sonho. Este podia assumir uma forma qualquer, mas acabava sempre com ela a chorar. O género de lágrimas que a asfixiavam, que a dobravam em dois, lhe contorciam o rosto e a obrigavam a soltar um grito, vindo da parte vazia do seu peito, que parecia nunca mais ir acabar. Nessas ocasiões, acordava a sentir-se desorientada pela mudança abrupta, de um corpo sacudido pelos soluços para um corpo deitado, silencioso e imóvel, numa esteira. Era nesses momentos, enquanto deixava demorar-se o eco do sonho, que considerava que um dia podia mesmo abandonar tudo. Que poderia capitular, entregar o corpo e deixar a emoção fendê-la em dois.

Em partes da história de Orion, ela lembrara-se desses sonhos. O seu eco ainda perdurava nela, numa ligeira constrição da garganta, num soluço atrás dos olhos. Aqueles ecos tinham sido o mais parecido com luto que ela sentira enquanto Orion falava.

No caminho de regresso a Georgetown, Rachel ergueu o rosto ao céu, desejando que o calor do meio da manhã se coasse sob a sua pele. Sentia os olhos de Orion postos em si, ainda a aguardar um

qualquer sinal de desgosto.

– A sua mulher – disse-lhe ela, quebrando o silêncio. – O que lhe acontecer?

O esforço emocional de contar de novo a história de Micah ainda era visível no rosto de Orion, mas ele conseguiu esboçar um pequeno sorriso.

– Ela agora viver comigo. Trabalharmos os dois em Bellevue. Quando eu ouvir dizer que irmos ser livres, eu ir ter com o sor e perguntar-lhe se eu pode ir procurá-la. No princípio ele não querer, mas eu dizer que trazê-la comigo, e ele querer mais mãos pra trabalhar. Eu faz isso pelo... – A voz vacilou, mas ele engoliu em seco e continuou: – Pelo Micah. Porque ele ter razão. Depois dele morrer, eu deixa de acreditar, mas depois aquilo acontecer: nós sermos livres.

Rachel não sorriu, ainda não conseguia exprimir nenhuma emoção facial, mas ficou contente por ele.

Continuaram a caminhar, percorrendo o caminho inverso da milícia, vinte anos mais tarde, os pés a pisarem as marcas espectrais das pegadas dos soldados. Depois Orion disse:

– O que acontecer aos outros?

– Quais outros?

– Os seus *pickney*. Mercy, Mary Grace, Cherry Jane. – Ele parecia dizer os nomes sem pensar, a sua voz baixa e cantada enquanto a língua se enrolava nas sílabas. Caiu em si. – Desculpe. É só que eu ainda conseguir lembrar todos eles depois de estes anos todos, falarmos tanto deles.

Rachel baixou o olhar para a terra fendida da estrada.

– Mary Grace estar agora comigo – disse ela. – Os outros ainda andar a tentar encontrar.

Orion surpreendeu-a ao tomar com delicadeza a mão dela entre as suas.

– O Micah saber – disse ele. – O Micah saber que um dia vocês ficarem todos juntos.

Rachel abriu a boca para lhe dizer que não poderiam ficar todos juntos porque Micah estava morto, mas fechou-a de novo. Ele estava a olhá-la com tal sinceridade que ela se sentiu levada a dizer:

– Eu espera que sim. – E repetiu os nomes, como uma prece: – Mercy, Mary Grace, Cherry Jane, Thomas Augustus.

Orion fitou-a. Os seus olhos cansados, ainda raiados de sangue do choro, abriram-se desmedidamente.

– A senhora dizer Thomas Augustus?

A nuvem escura do desgosto tornou a acastelar-se, e por um momento Rachel convenceu-se de que Orion lhe ia contar que também tinha visto Thomas Augustus ser morto à sua frente, há muitos anos. Mas na expressão de Orion não estava a dor que ela lhe vira quando tinha mencionado Micah pela primeira vez, por isso, respirando fundo, ela obrigou a nuvem de desgosto a dissipar-se.

– Sim. Ele nascer logo a seguir ao Micah ser levado, por isso o Micah não o conhecer. Mas ele acabar por vir também pra Demerara.

Orion pestanejava lentamente.

– O Thomas Augustus ser seu filho?

Rachel procurou outra vez na expressão dele algum sinal de mais más notícias – nova história de morte para outro filho. Mas, se alguma coisa, ele parecia empolgado.

– Não poder ser... – murmurou ele, mais de si para si do que para ela. – Mas então... – Reparando na angústia crescente de Rachel, ele virou de novo a atenção para ela. – Ter havido um Thomas Augustus na Felicity, uma plantação logo a seguir à Bellevue, pra leste. Eu não saber quando ele chegar, e nunca o ter visto. Mas ele ser bem conhecido por aqui.

– O que lhe acontecer? – perguntou, depressa, Rachel. – Ainda lá estar?

Orion abanou a cabeça.

– Ele fugir. Ser por isso que todos o conhecermos. Não haver muita gente a conseguir, naquela altura. Depois da sublevação, deixarmos de ter esperança nos negros do mato. O sor do Thomas Augustus procurar, procurar, e falar com escravos de todas as plantações ao longo da costa, e nunca o encontrar.

O coração de Rachel batia de novo acelerado. Não era morte. Ou, pelo menos, não era morte certa. Um filho perdido era melhor

que um filho abatido.

Orion parecia agitado, transferia o peso de um pé para o outro.

– Quem dera eu conseguir dizer-lhe mais – disse ele. Depois de lhe ter dado a notícia da morte de um filho, era claro que queria dar-lhe mais do que a mera suspeita da sobrevivência de outro, para compensar. – Mas eu só sabe isso.

Retomaram o caminho para Georgetown em silêncio. Orion olhava amiúde para o mar, onde a mancha da água castanha e lamacenta do rio Demerara era perceptível, serpenteando pela costa.

– O rio – disse ele entre dentes.

Rachel não disse nada, mas olhou para ele com curiosidade.

– Eu estar a pensar... como ele fugir? Por terra só haver plantações, e ninguém dizer que o ver. Ter o canal, mas só entrar um pouco em terra. Eu acha que ele subir o rio. Mas talvez a corrente ser demasiado forte? – Orion quedou-se de novo em silêncio. Depois disse, lentamente: – Agora que eu pensa melhor, haver em tempos um homem que eu conhecer na feira. Um dos indígenas, os que estarem aqui milhares de anos antes de os homens brancos virem. Eu lembra... – Ele estreitou os olhos com o esforço da relembração. – Sim, eu lembra que falarmos do rio. Eu contar-lhe da minha mulher. Haver a distância, sim, mas também a travessia do rio impedir-me de chegar até ela, durante todos aqueles anos. Eu tentar uma vez caminhar pra sul e subir o rio, durante muitos quilómetros, pensar que talvez eu conseguir chegar à nascente ou a um ponto estreito onde pode passar a vau. Quando eu conta esta história ao indígena, ele rir-se e dizer que o Demerara ser mais comprido do que eu poder alguma vez caminhar. – Orion começou a falar mais depressa, à medida que a recordação regressava. – Sim. E ele dizer que o povo dele andar em canoas, pra cima e pra baixo, eu ter agora certeza. Se caminhamos até bastante longe, a corrente ser boa pra uma canoa.

Orion olhou para Rachel, cheio de convicção.

– O rio – repetiu ele, perentório. – Se o Thomas Augustus fugir, ele fugir rio acima.

Talvez fosse o desgosto ainda a toldar-lhe o discernimento. Talvez fosse o ardor nas pernas doridas – ela já caminhara hoje

muitos quilômetros. Talvez fosse a fome e a sede a instalarem-se na boca do estômago, ou a dor de cabeça. Ela sabia que tudo o que tinha era a conjectura de um homem que praticamente não conhecia, formulada muitos anos depois do desaparecimento do seu filho. Porém, iria. Estava determinada, e sentia a decisão assentar dentro de si, cerrando-lhe o maxilar e os punhos. Ela iria subir o rio e iria encontrar o filho.

Rachel e Orion despediram-se em silêncio nos arrabaldes de Georgetown. Rachel queria agradecer-lhe por ter velado por Micah durante todos aqueles anos, e por conservar viva a memória do filho, mas não foi capaz. Agradeceu-lhe ele tê-la acompanhado até à cidade e desejou que, de alguma forma, ele sentisse a sua mais profunda gratidão sem ela precisar de a expressar. Orion, por seu turno, também parecia ter algo mais que gostaria de dizer, além das palavras «boa sorte». Manteve os lábios entreabertos após a última palavra e Rachel não se afastou logo, por via das dúvidas. Mas ele acabou por fechar a boca, acenar-lhe com a cabeça, e virar-se para encetar o longo caminho de regresso a Bellevue.

Ao vê-lo afastar-se, Rachel foi violentamente assaltada pelo pensamento de que aquela era uma das últimas pessoas a ver o seu filho vivo e ao partir levava consigo todas as memórias que Rachel nunca teria de Micah, o homem jovem e esperançoso. Mas o grito «Espere!» morreu-lhe na garganta e, com um estremecimento, ela fechou os olhos e deixou a vaga de dor passar sobre si. Que bem adviria de ela se sentar de novo com Orion e o fazer reviver cada momento da vida de Micah? De o pressionar para que se recordasse de cada sorriso, de cada suspiro, de cada palavra que Micah proferira? As memórias não podem ressuscitar os mortos. Orion dera-lhe o suficiente para ela saber o homem em que Micah se transformara depois de ser afastado dela, e isso era tudo o que importava. Ela tinha de deixar que Orion e a sombra de Micah que vivia no seu espírito tivessem paz.

Quando chegou à taberna, Ninguém e Mary Grace esperavam por ela no exterior. Rachel não sabia há quanto tempo estariam ali

fora ao calor – se calhar desde que saíra – mas mal distinguiu ao longe os seus vultos minúsculos, os joelhos quase deram de si.

Todo o mundo de Rachel fora profundamente abalado quando ela soube da morte de Micah, como se a sua vida tivesse sido dividida entre *antes* e *depois*. O conhecimento era tão cruel, tão doloroso, que ela não pensara ter de o contar a mais ninguém. No período de tempo que Orion a sustivera, a chorar, em Bellevue, ela tinha sentido que era a última pessoa do mundo a saber.

Mas não era assim. Ninguém e Mary Grace não sabiam e ela ia ter de lhes contar. Ninguém, que acreditava ter conquistado o seu lugar na família ao ajudá-la a encontrar Micah. E a filha, Mary Grace. Nem dois anos mais nova do que Micah. Que chorara todas as noites, durante uma semana, quando ele tinha sido levado, que perdera o apetite, emagrecera e se recolhera dentro de si própria. O coração de Rachel ameaçava partir-se novamente enquanto ela se dirigia devagar para aquelas silhuetas expectantes. Desejava mais do que tudo evitar-lhes o desgosto que ela sentia.

Deve ter havido alguma coisa na forma como ela andava – cabisbaixa, a arrastar os pés no pó da estrada. Mary Grace adiantou-se quando ela se aproximou, de testa franzida e lábios entreabertos, a pergunta não formulada mas clara.

– Encontrou-o? – Ninguém, menos apto a ler os movimentos do corpo de Rachel, olhava de uma para outra em busca de resposta.

Rachel não disse nada. Deteve-se a uns passos deles, incapaz de pronunciar as palavras. O rosto começou a engelhar-se.

– Ele não estava lá? – A voz de Ninguém tornava-se cada vez mais ansiosa, talvez receando que a informação que ele buscara se tivesse revelado inútil.

Rachel continuou sem dizer nada. Olhava para Mary Grace, vendo o movimento trémulo, quase impercetível, da boca da filha. Mary Grace esquadrinhou o rosto da mãe, o olhar penetrando a pele de Rachel em busca das lacerações em carne viva do desgosto sob ela. Demorou uns minutos, mas depois Mary Grace percebeu. O seu rosto, espelhando o da mãe, contorceu-se com violência. Caiu de joelhos e começou a chorar – sons altos, roucos, quase animais, completamente desprovidos de qualquer forma de fala humana. Era

como se a sua boca se tivesse esquecido de como formar palavras, depois de tantos anos em silêncio, e só conseguisse emitir aquele uivo de dor. Rachel, silenciosa, fechou os olhos para poder imaginar que aquela angústia violenta e corporificada da filha era a sua. Pois desde que se abatera sobre si o sentimento oco, vazio, ela quase desejara ter no peito o choro desabalado de Orion, quando tinha sentido que poderia despedaçar-se sob o peso da morte de Micah. Não tinha mais lágrimas para derramar e por isso deixou o peito vibrar e a garganta apertar-se como se ela, e não Mary Grace, conseguisse chorar.

Nessa noite, Rachel preparou-se para ver Micah nos seus sonhos, mas ele não a visitou. Depois de um sono sem sonhos, acordou às primeiras horas do dia e viu apenas as sombras de Mercy, Cherry Jane e Thomas Augustus perfiladas diante de si, enquanto Ninguém e Mary Grace jaziam lado a lado, partilhando a cama pela primeira vez.

O facto de Micah se ter tornado ausente do seu próprio inconsciente foi demasiado para ela. Por fim, as lágrimas brotaram de novo. Ficou ali sentada às escuras, a abafar os soluços para não acordar os outros, enquanto os seus filhos ainda perdidos, talvez mortos, a contemplavam com expressões graves.

Foi só na manhã seguinte que Rachel contou a Ninguém e Mary Grace o que soubera acerca de Thomas Augustus. Esperando que eles não reparassem nos seus olhos vermelhos e na rouquidão da voz por causa do choro abafado, disse-lhes tudo o que Orion dissera.

– Temos de procurar ele – disse Rachel, trocando um olhar com Mary Grace. Ela sabia que a filha estava de acordo.

Ninguém levantou-se.

– Não vai ser fácil – disse ele, mas não era uma advertência. Ele saboreou as palavras. Começou a andar pelo quatinho acanhado, que o obrigava a mudar de direção a cada poucos passos. Nos seus olhos tinha uma expressão que Rachel reconheceu – aparecia sempre que ele lhes contava as suas histórias mais descabeladas dos perigos que enfrentara no mar. Do corpo libertava-se uma energia pura que as quatro paredes mal conseguiam conter.

Rachel levantou-se também, como que pronta a partir, nesse instante. Ninguém, sentindo a sua impaciência desesperada, acalmou-se. O lume extinguiu-se nos seus olhos.

– Isto vai levar tudo o seu tempo – disse ele. – Temos de nos preparar com cuidado. O medo nunca impediu que os homens navegassem até os mares mais alterosos, mas todo o navio traça a sua rota de antemão, e cada membro da tripulação sabe a tarefa que lhe compete para evitar o desastre.

Depois do efeito entorpecente da rotina monótona na taberna, Rachel era avassalada pelo sentido de urgência, que lhe percorria as veias e acelerava a respiração. Só conseguia eludir o desgosto pensando que Thomas Augustus poderia ser encontrado, e em breve. Mas Ninguém tinha razão. Ela sentou-se outra vez na cama e aceitou a mão de Mary Grace sobre o seu ombro. Precisavam de se preparar.

– Vamos precisar de provisões – continuou Ninguém. – Semanas delas. E uma canoa. – Fez uma pausa, tamborilando com os dedos na palma de uma mão, a pensar. – Subir o rio vai deixar-nos em território selvagem, desconhecido. Esta terra não é como Barbados ou outra ilha qualquer onde os brancos domesticaram cada

centímetro. E é capaz de haver indígenas ainda a viver nas profundezas das florestas que podem não ver com bons olhos a nossa intrusão.

À menção dos indígenas, a mente de Rachel evocou o rapaz. Nuno.

– E se alguém ajudar? – perguntou ela. – O rapaz que dormir aqui umas noites atrás? Ele dizer que o seu povo viver a montante do rio.

Ninguém acenou afirmativamente.

– Não seria pior ter alguém que conhecesse o caminho.

A pulsação de Rachel começou a abrandar. A vontade de encontrar o filho ainda era intensa, mas os pensamentos mais imediatos conseguiram canalizar a sua agitação – comida, uma canoa e o rapaz. Tinham de conseguir tudo isto. Depois subiriam o rio.

Durante a semana seguinte, a vida continuou como antes. Albert, pressentindo que alguma coisa não estava bem mas não tendo a destreza social para sondar o que poderia ser, mostrou-se ainda mais taciturno do que o habitual, e eles trabalharam quase em silêncio. Rachel dedicou-se aos mesmos trabalhos de sempre de limpar a taberna, servir os clientes, evitar o olhar atento do Sr. Beaumont.

A rotina contribuía pouco para diminuir a impaciência e muito para aumentar os medos. Nos seus momentos mais pessimistas, depois de muitas horas seguidas de pé, Rachel quase perdia a esperança de Thomas Augustus ter conseguido sobreviver como foragido entre os míticos negros refugiados no mato. Porém, mesmo nesses momentos, Rachel esforçava-se com denodo para manter viva a minúscula centelha de esperança que lhe restava. Não se deixava sucumbir por completo a uma vida vazia.

Fora das horas de trabalho, tomava forma um plano e um futuro. Entre os três, Ninguém, Mary Grace e Rachel começaram a armazenar comida – carnes cobertas por uma espessa camada de sal para se conservarem, cereais e feijões rijos, secos, tudo o que

pudesse durar o tempo desconhecido da viagem que os esperava. Ninguém começou a fazer perguntas aos carpinteiros que conseguia encontrar, regateando para obter o melhor preço por um barco pequeno que pudesse levá-los rio acima. E Rachel, sempre que conseguia roubar um momento ao trabalho e a todo este planeamento, procurava Nuno.

Por esta altura ela já era conhecida entre algumas pessoas de Georgetown. Os negociantes na feira ou das lojas, ou as pessoas à espera na doca por uma oportunidade de trabalho a bordo, cumprimentavam-na calorosamente e perguntavam como iam as coisas com o velho Sr. Beaumont. Foi junto destas pessoas que ela começou, perguntando se não tinham visto um rapazinho nativo, de pernas bambas, cabelo desgrenhado e olhos arregalados e escuros. Eles abanavam sempre as cabeças, surpreendidos, mas prometiam manter-se atentos para o caso de esse tal rapazinho aparecer.

Ao longo de umas quantas semanas, conseguiram reunir alimentos, garantir uma canoa e preparar tudo com cuidado para a partida. Ninguém até procurou ouvir, junto dos marinheiros em Georgetown, uma descrição aproximada do rio Demerara. Um ou dois marinheiros afirmaram ter uma vez navegado com um homem que tinha navegado com um capitão que subira o rio há quase cinquenta anos, em busca de uma cidade feita de ouro. Nesses tempos, a maior parte dos homens pensava que podia encontrar a fabulosa cidade no Essequibo, pois esse rio era maior e parecia um sítio mais adequado a tal riqueza. Mas este capitão, determinado a provar que estavam errados, levava consigo um pequeno grupo de homens e fora explorar o Demerara até à nascente. Não tinha encontrado a cidade de ouro, mas viera com histórias de um rio cheio de meandros, alimentado por centenas de afluentes, ferozmente defendido por tribos nativas e até por crocodilos tão compridos e largos como o barco onde eles seguiam. As histórias provocaram calafrios a Rachel, sobretudo de medo. Mas havia outro sentimento, enferrujado e pouco usado após anos de uma vida disciplinada – o desejo de aventura.

Quando Rachel era nova, antes de ter filhos, adorava ouvir as histórias contadas pelas mulheres mais velhas. Mitos, contos

populares, muitas vezes uma mistura inebriante de nomes africanos e temas bíblicos, ou vice-versa. Com uma sensação de assombro, imaginara-se na pele de protagonista temerária do seu próprio mito, a sua própria vida. Este assombro esbatera-se com a idade e ela julgava-o extinto, até agora. Rachel tinha medo de remar rio acima e enfrentar os seus monstros e terrores? Sim. Mas quando pensava em mergulhar naquelas regiões selvagens sob esse medo surgia um empolgamento.

Durante o tempo que durou a preparação, Rachel sonhou uma única vez com Micah, um lampejo breve de uma imagem antes de acordar em sobressalto e ele desaparecer. Ela viu o filho, adulto, o rosto com uma expressão de determinação, a brandir um mosquete à cabeça de um exército negro.

Talvez afinal eles pudessem fazer as suas próprias histórias.

Quando Ninguém e Rachel estavam a ficar a cada dia mais impacientes por partir, uma silhueta esguia perfilou-se na soleira da porta da taberna. Era de manhã, Rachel encontrava-se ainda a limpar as mesas, e não reparou logo no vulto.

– Dizem que a senhora andar à minha procura.

Virando-se, ela viu Nuno. O rapaz continuava a ter aquele ar desconfiado e defensivo. Apesar de se encontrar de pé, comportava-se como se estivesse acorado e pronto a lançar-se numa corrida de fuga.

– Estares com bom ar – disse Rachel, passado um momento. Era verdade: não estava magro como um espeto como antes, embora tivesse o rosto enegrecido com o que parecia ser fuligem e o cabelo ainda emaranhado.

Nuno encolheu os ombros.

– Arranjar trabalho. Um ferreiro. A dar ao fole. Trabalho duro, e muito quente, mas agora consigo comer. E às vezes durmo na forja.

Ficaram a olhar um para o outro, os dois sem saber muito bem como prosseguir.

– Dizem que a senhora andar à minha procura – repetiu Nuno.

– Eu ir procurar o meu filho – disse Rachel. – E pensar que

poderes vir.

Nada na atitude de Nuno se alterou de modo a indicar uma resposta num ou noutro sentido.

– Porquê?

– Ir subir o rio. O meu filho fugiu. Pensamos que viver na floresta algures.

Nuno acenou lentamente.

– A minha aldeia não era tão longe rio acima. Mas sabemos histórias do que fica mais além. Quando as pessoas ficaram doentes e muitas morreram, alguns disseram que devíamos subir o rio. Encontrar mais pessoas das nossas. A minha mãe acreditava, ela queria ir. Mas o meu pai, depois de ela morrer, ele não acreditava. Não nos resta nada que o homem branco não nos tire, disse ele. Por isso descemos o rio.

– Tu acreditares? – perguntou Rachel. – Sobre as pessoas na floresta?

Os olhos escuros de Nuno, que não tinham ainda parado quietos, pousaram um momento no rosto dela.

– Acredito que ainda restam sítios seguros. Os nossos. Não vão durar pra sempre, mas estão lá.

Rachel foi inundada por um instinto maternal por aquela criança sem lar.

– Vem com nós – disse ela. – Por favor. Podermos procurar juntos. O meu filho e o teu povo.

Nuno pôs a cabeça de lado, considerando o pedido.

Ela acrescentou:

– Precisarmos da tua ajuda. Pra sabermos por onde passar, no rio, se é que conheces o sítio...

Nuno esboçou um sorriso, os dentes brancos a luzirem no rosto coberto de fuligem. Durante um instante, Rachel entreviu nele o mesmo entusiasmo desmedido, com laivos de pressentimento, que ela sentira à ideia da viagem.

– Conheço – disse ele. – Por isso, sim. Irei.

Rachel mandou Nuno ao piso de cima, para ir buscar Mary Grace

e Ninguém. As coisas estavam praticamente prontas, era só pô-las em trouxas – há muitos dias que esperavam a altura certa para partir – e agora que Nuno já estava com eles não havia um momento a perder. Quanto mais depressa se pusessem a caminho, mais provável era que conseguissem alcançar a sombra da floresta antes do pino do calor do meio-dia.

O pano de Rachel ficou esquecido em cima de uma das mesas: ela pousou-o com uma expressão de satisfação, um ar definitivo. Não iria sentir saudades daquele sítio e não iria sentir saudades de o limpar. Deixou que a mente se espraiasse na visão de Thomas Augustus, lá na floresta, a viver em liberdade. Não era que não tivesse consciência da dificuldade da viagem que a esperava, mas agarrou-se à ideia de que o filho mais novo poderia ser encontrado e poderia estar feliz. Tinha de manter os pensamentos naquele rumo certo, ou arriscar-se-ia a que estes regressassem a exércitos de escravos, execuções e canaviais a arder. Ela não tinha forças para pensar nisso – ainda não.

Rachel estava de costas para a porta enquanto esperava que os restantes descessem, por isso não se apercebeu, até lhe ouvir a voz, que o Sr. Beaumont entrara na taberna.

– Dar-se-á o caso de ter esgotado todas as tarefas que tinha para hoje, ou julgará deveras que o seu trabalho é ficar aí de pé sem fazer nada?

Instintivamente, Rachel agarrou no pano, pronta a balbuciar um pedido de desculpas – mas depois caiu em si e obrigou-se a ficar quieta.

– Então, o que tem a dizer? – insistiu o Sr. Beaumont.

Rachel sustentou-lhe o olhar acusador.

– Irmos embora – disse ela. Reunindo toda a sua força de vontade, manteve a voz firme.

– Perdão?

– Nós todo. Irmos embora de Georgetown. Hoje.

O Sr. Beaumont tinha sido apanhado desprevenido: mostrava dificuldades em assimilar o que Rachel lhe dizia. Ela sempre soubera que ele se melindrava facilmente com desfeitas vindas daqueles que considerava inferiores a si, de tão cioso que estava de

se distanciar da raça de que diziam fazer parte, mas agora, com os olhos a ameaçar saltar das órbitas, a expressão a passar do seu desagrado habitual a uma coisa mais escura... ele estava deveras enraivecido.

– A *audácia* – cuspiu ele. – A ideia de que pode simplesmente ir-se assim toda airoso, depois de tudo o que eu fiz, depois de todo o trabalho mal-amanhado que lhe aturei. – A cada palavra que proferia, mergulhava mais e mais numa espécie de frenesim. E ia-se aproximando de Rachel, impulsionado pela força da sua fúria.

Rachel foi dando passos atrás, mas depressa se viu encostada ao balcão, sem mais espaço para onde recuar.

O Sr. Beaumont espetou um dedo na direção dela.

– Não consentirei tal – disse ele. – Tem de ficar.

Durante anos, a amarga experiência ensinara Rachel a temer a fúria de homens como o Sr. Beaumont. Eles tinham o poder de lhe fazer mal. Apesar do escrúpulo daquele, Rachel não duvidou, naquele momento, enquanto lhe via uma veia latejar na têmpora, que o Sr. Beaumont lhe bateria. Que por rancor inventaria uma acusação qualquer e instruiria a polícia de Georgetown para a deter e mandar para o calabouço. Que enviaria uma mensagem para Barbados e descobriria o seu antigo senhor. Não havia limites para a maldade dele – e no entanto, embora o coração lhe batesse desenfreado, Rachel impôs-se. Com as mãos a agarrar com força o balcão atrás de si, recusou-se a pestanejar.

– Não – declarou.

Fosse o que fosse que o Sr. Beaumont esperara, não era claramente aquilo. Eles estavam tão próximos que quase se tocavam – o Sr. Beaumont a ofegar e Rachel a mal respirar. Ele abriu a boca, mas não saiu dela nenhum som. Pelo canto do olho, Rachel viu a taberna deformar-se e distorcer-se, como se tivesse ocorrido uma enorme violação da ordem natural. Rachel sentiu-se tonta, mas não desmaiou e conseguiu manter a cabeça erguida. Tudo o que ocorrera nas semanas passadas a trabalhar para o Sr. Beaumont – o trabalho monótono, entediante e entorpecente, que a fizera sentir, uma vez mais, que não servia senão para servir outrem – escorregou dela como uma pele velha, e ela viu-o então com clareza.

Não era escrava dele.

– Irmos embora – repetiu Rachel, em voz baixa mas firme. – Não pode impedir-nos.

– Rachel?

Os outros apareceram, vindos do piso superior. Ninguém vinha à frente, e olhou à vez Rachel e o Sr. Beaumont.

– Há algum problema?

Rachel olhou de novo para o Sr. Beaumont, que ainda estava corado e parecia ter perdido o dom da palavra.

– Não – disse ela. Fez um sinal para os outros. – Vamos.

Esgueirou-se de onde o Sr. Beaumont a tinha encurralado, junto do balcão, e seguiu na dianteira dos restantes até à rua. Caminhou com segurança e não olhou para trás – mas mal se distanciaram da taberna, debruçou-se e vomitou para o chão, quando todo o terror que mantivera contido se abateu sobre si, e aquilo foi só o que ela conseguiu fazer para se manter de pé.

Os quatro deixaram para trás as ruas ordenadas de Georgetown e enveredaram pelo caminho público que seguia ao longo do Demerara. À direita, vislumbravam a torrente castanha do rio através das árvores que ladeavam a margem. À esquerda, os terrenos planos das plantações estendiam-se a perder de vista – campos de canas altas, imperiosas, perfiladas e em sentido como um batalhão verde. Ao longe, aqui e ali, as casas das caldeiras expeliam colunas de fumo para o céu matinal.

Nuno e Ninguém seguiam à frente, cada um a agarrar uma extremidade da canoa. Nuno tinha torcido o nariz ao vê-la e disse-lhes que ele poderia ter feito uma melhor, mas apesar disso insistiu em carregá-la. Mais ou menos de dez em dez minutos, Rachel oferecia-se para o revezar, preocupada com o modo como os tendões sobressaíam nos braços finos do rapaz sob o peso da canoa, mas ele ainda não acedera. Parecia ter simpatizado com Ninguém muito mais depressa do que com Rachel, e em especial quando Ninguém começou a distraí-los a todos com mais histórias das suas viagens fantásticas, enquanto caminhavam.

Rachel e Mary Grace seguiam atrás dele, a ouvir com um sorriso enquanto Ninguém descrevia uma tormenta durante a qual um relâmpago rachou o mastro do navio mesmo ao meio. Nuno, assombrado, fazia muitas perguntas, nos momentos apropriados: «E o que aconteceu depois?», «Então o médico amputou-o?», «Mas como é que tinham comida suficiente?», e assim por diante. Passado algum tempo, Rachel deixou de prestar atenção às palavras e ouvia apenas o ritmo embalador do vaivém deles: a voz de Nuno aguda e rápida; a voz de Ninguém grave e modulada, a sua velocidade aumentando e diminuindo consoante o curso da história.

Rachel já se sentia fatigada, embora não tivessem caminhado muito. A centelha de esperança por Thomas Augustus sustinha-a, mas ela também carregava consigo desgosto, como uma dor surda nos ossos. E não apenas por Micah, mas também por todas as perdas que sofrera na vida – filhos, amigos, amantes. Continuava a pensar em Samuel e Kitty, tentando recuar no tempo e perceber se o

desgosto que sentia agora era mais forte do que o desgosto que sentira então, e se assim fosse, o que revelava isso acerca da quantidade de amor que ela consagrara a cada filho, ao longo dos anos. Pensava nos filhos sem nome, os que ela nunca chegara a amar. O desgosto por eles era diferente – mais como uma sombra e menos como um gume afiado que se retorcia nas suas entranhas. Era justo que, só porque nunca tinham respirado, ou nunca tinham tomado forma, o seu passamento lhe custasse menos?

Rachel sentiu a mão de Mary Grace roçar a sua. Não era a primeira vez, desde que Rachel regressara de Bellevue, que a filha a observava com olhos sérios.

Alguma coisa no modo como a luz da manhã iluminava o rosto da filha fez Rachel acalmar os seus pensamentos desgovernados e desviá-los das perdas do passado. Aqui, diante dela, estava a sua filha. Bonita à sua maneira – sem nada digno de nota à primeira vista, mas com a bondade a suavizar-lhe as feições e a transformá-las em algo que obrigava o olhar a demorar-se e o persuadia a reavaliar o que tinha visto inicialmente.

A nuvem escura da memória dissipou-se e no seu lugar insinuou-se uma nota de remorso pelos anos perdidos e tudo o que poderia ter sido. Ela pensou em Micah, a tentar forjar a liberdade com as suas próprias mãos. Ele ousara o que ela não fora capaz. Talvez ela devesse ter-se esforçado mais e mais cedo para encontrar os filhos. Durante todos aqueles anos, Mary Grace não saíra de Barbados. Estivera a menos de um dia de distância dela, a pé.

Mas com o calor a apertar, e uma longa viagem diante de si, Rachel soube que não era altura de se pôr a remoer aquelas coisas. Abanando a cabeça para afastar as lágrimas e os arrependimentos, sorriu para a filha.

– Eu gostar de encontrar-te mais cedo – disse ela. – Eu acha que saberes isso.

Mary Grace acenou afirmativamente. Não bastava, claro está, mas Rachel não tinha mais palavras para exprimir o turbilhão confuso de sentimentos. Para já, era tudo o que conseguia dizer.

Continuaram a andar. A seu tempo, o ruído das plantações – o farfalhar das canas, o silvo das gadanhas no ar, os gemidos, os

suspiros e o cantochão dos trabalhadores – ficou para trás. O terreno tornou-se mais selvagem. Primeiro lentamente, com as árvores nas margens a ficarem mais densas e o tagarelar dos andorinhões, das tarambolas e dos periquitos a ouvir-se um pouco melhor, acima deles. Depois, de repente, a derradeira plantação diluiu-se e eles viram-se de súbito a caminhar em terra que de britânica só tinha o nome. No lugar das canas havia árvores cujo abate os homens brancos ainda não tinham ordenado, com troncos grossos, retorcidos, que se dividiam em centenas de ramos. A erva, não domesticada e não tratada, cobria o caminho público, e este estreitava-se até não ser mais do que um trilho que rompia por entre mato rasteiro.

Tiveram de abrandar o passo. Rachel e Mary Grace trocaram de lugar com Ninguém e Nuno e assumiram o transporte da canoa. Ninguém tirou uma faca da sacola e seguiu à frente, a cortar ramos nos sítios em que tinham engrossado e impediam a passagem do barco. Nuno caminhava junto de Rachel, na traseira da canoa, e virava a cabeça para um e outro lado, observando as árvores, os arbustos e as trepadeiras que os rodeavam.

– A minha mãe conhecia as árvores todas – disse ele. – Mas eu não me lembro.

Rachel, pensando na Mãe B, respondeu:

– Eu gostava de conhecer elas, também.

Depois daquilo, ficaram em silêncio. Ainda não sabiam muito bem como estar um com o outro. Eram ambos demasiado cautelosos, demasiado hesitantes. Ele era um filho sem mãe e Rachel, embora não fosse uma mãe sem filhos, tinha muitos vazios no coração, nos sítios onde os filhos tinham estado. Porém, eles não conseguiam ser como mãe e filho – o que cada um tinha perdido era demasiado precioso, demasiado visceral. Assim, mantinham-se sempre a uma certa distância um do outro, por respeito pelos mortos. Nuno acabou por voltar para junto de Ninguém, e fez-lhe mais umas quantas perguntas sobre a vida no mar, e Rachel conseguiu, ao longe, sentir uma espécie de afeição maternal por ambos.

Lá atrás, onde havia plantações, o caminho público fora reto, e

ignorara os meandros do Demerara, como se estar perto do rio só tivesse ocorrido depois e o caminho tivesse traçado a sua própria rota. Agora, o trilho abraçava o rio, colando-se a cada uma das suas sinuosidades. Já não estavam em território sobre o qual os homens pudessem reclamar domínio. Deixavam que o rio os guiasse.

A tarde chegava ao fim quando Nuno apontou para um ponto à frente deles e exclamou:

– Olhem!

Rachel não conseguiu ver nada até já estarem lá: uma clareira. A súbita ausência de árvores parecia diferente das anteriores, quando haviam passado as plantações. A clareira era obra humana, quanto a isso não havia dúvida, mas fora feita respeitosamente. Ao passo que as plantações se estendiam por hectares e hectares, esta clareira não era maior nem mais pequena do que o estritamente necessário. Tinha sido aberta na floresta com cuidado, para pessoas e natureza poderem existir lado a lado, em paz.

– A aldeia era aqui – disse Nuno. – Já devem ter ido todos embora. Uns morreram, outros talvez tenham subido o rio.

Ele não deixou transparecer nenhuma emoção na voz, mas Rachel percebeu, pela forma como o rapaz envolveu o peito com os braços, a dor do desenraizamento, que lhe era tão familiar também a ela.

Mary Grace transferiu o peso da canoa para uma mão e pousou a outra ao de leve no ombro de Nuno. Demasiado absorto nos fantasmas do passado, ele primeiro retraiu-se, mas depois, lentamente, conforme ela lhe ia descrevendo círculos com o polegar na pele, descontraíu o corpo.

– Passamos aqui a noite? – sugeriu Ninguém.

Nuno acenou afirmativamente.

– Acho que vamos poder remar no rio não tarda. Um pouco mais acima. É melhor ir de manhã.

Ninguém fez uma fogueira enquanto Rachel e Mary Grace distribuíam as provisões. Nuno, correndo em volta da orla da clareira, colheu grande abundância de frutos das árvores, para adoçar a refeição. Ficaram sentados em silêncio enquanto comiam, sentindo o cansaço do dia instalar-se nos ossos. Quando

terminaram, o Sol já se tinha posto e na floresta em torno deles ouvia-se o estridular dos grilos. Mary Grace encostou-se a Ninguém, com os olhos a quererem fechar-se. Rachel começou a massajar os pés doridos, trauteando baixinho enquanto o fazia. Nuno, abraçando os joelhos junto ao peito, olhava fixamente para o rio: a borda da água lobrigava-se na orla do círculo de luz projetado pela fogueira.

– E que tal uma história antes de dormirmos? – propôs Ninguém.
– Embora me pareça que já estão todos fartos de mim. Rachel? Deve ter imensas histórias pra contar.

Ouvindo aquilo, Mary Grace abriu os olhos de novo. À luz bruxuleante das chamas, Rachel conseguiu ver o que ela queria.

– Eu tem uma história – disse Rachel. – Não ser uma história feliz. Eu quer contar de Micah. Tudo o que eu sabe.

Começou pelo início, com o rapazinho que se ria como um burro zurrante. Aquelas palavras eram suas, e magoavam-na. Houve alturas em que a voz vacilou, mas ela obrigou-se a continuar. Quando falou do dia em que regressou dos campos e encontrou as outras crianças do terceiro grupo à sua porta, com os rostinhos muito sérios, à espera para lhe dizerem que Micah tinha sido levado, havia lágrimas nos seus olhos. Porém, quando começou a contar a história de Orion sobre a vida e a morte de Micah em Demerara, foi mais fácil. A dor esbateu-se. As palavras não eram bem dela. Ela não passava de um recipiente onde estavam depositadas as memórias de Orion, assim como este tinha sido um recipiente para as de Micah. E agora Nuno e Ninguém e Mary Grace também as transportariam. Esta era a única forma de, na morte, Micah poder continuar a viver.

Quando chegou ao fim da história, a fogueira já se tinha transformado num braseiro e Rachel mal via os outros. Discerniu a silhueta de Ninguém erguer as mãos e esfregar os olhos, e ouviu Mary Grace soltar um suspiro longo e trémulo. Não disseram nada – o que mais poderiam dizer? Ficaram a cogitar, cada um deles formando a sua própria imagem mental de Micah. Depois, quando as próprias brasas se extinguíram e a única luz vinha da Lua lá no alto, enroscaram-se todos no chão e adormeceram.

Ainda estava escuro quando Rachel acordou. Ficou algum tempo deitada de costas, a admirar as estrelas que enxameavam o céu. Depois sentou-se e viu o rio, a sua superfície pincelada pelo luar pálido. O movimento da água ainda era visível, embora a corrente não fosse tão forte como era mais junto da costa. Naquele local, o rio formava um meandro suave. Levantando-se sem ruído para não despertar os outros, Rachel aproximou-se da água e sentou-se junto dela, inalando o seu odor húmido, lodoso. Do outro lado, a margem era uma escarpa íngreme, argilosa, como se o rio tivesse cavado um caminho fundo na terra ao longo dos anos, mas diante de Rachel o terreno tinha um declive suave que terminava numa praia de seixos. Rachel estendeu as pernas e os calcanhares beijaram a água; ela deixou que o rio lambesse as feridas e as dores da caminhada do dia anterior.

Sentiu, mais do que ouviu, que alguém se aproximava atrás de si. Ninguém sentou-se ao lado dela, quase indistinto à luz da Lua. Também ele mergulhou os pés na água, e durante muito tempo ficaram sentados em silêncio, a observar as ondulações à superfície.

Rachel pensava na família. Pensava no rio, que fluía da nascente à foz. Pensava na seta da sua própria vida, voando através do tempo numa trajetória que sempre lhe tinha parecido predeterminada. Uma trajetória que arrancava filhos a mães, da qual só advinha o desespero e a degradação gradual de um corpo forçado a trabalhar até à morte. Agora, a corrente da sua vida desviara-se. Ou, antes, dividira-se. Desde que tinha sabido da morte de Micah, já não acreditava que as coisas fluiriam rumo à felicidade e à reconciliação. Mas também não era inevitável que os filhos perdidos ficassem perdidos para sempre.

Pelo canto do olho, Rachel via o perfil de Ninguém. Não pela primeira vez, perguntou a si própria que segredos esconderia aquele rosto – que parecenças com antepassados veria ela nele?

– Tu pensares às vezes nisto? – perguntou-lhe Rachel. – Voltar pra Antigua. Procurar a tua mãe.

Ninguém levou o seu tempo a responder.

– Não – disse, por fim. – Quando era novo, tinha demasiado medo de ser apanhado, se voltasse. Depois da emancipação,

pensei... Mas não. – Suspirou. – Ela morreu. Não sei como, mas sei-o. Senti, quando aconteceu. Eu estava na América, entre viagens. Era inverno, fazia um frio de rachar. Estava hospedado numa estalagem decrépita, um pouco fora da cidade. Nesse dia, acordei mais cedo do que o costume, antes de haver luz. Senti-me inquieto. Por isso, apesar de estar escuro e fazer frio suficiente para congelar e fazer cair os dedos de um homem, decidi sair para caminhar um pouco e espiarescer. Só tinha andado um minuto ou assim quando soube. A certeza atingiu-me com tal força que caí de joelhos. Já tinha ouvido outros falarem destes momentos na vida, momentos em que a verdade lhes aparece à frente. Muitos falam de visões, mas para mim não foi assim. Não vi nada a não ser a rua escura diante de mim, mas a verdade tombou no meu espírito: a minha mãe estava morta. – A voz dele embargou-se naquelas últimas palavras. Ele fez uma pausa, respirou fundo, e continuou. – Por isso, não. Depois daquilo nunca mais pensei em regressar. Percebi que não ia haver ninguém lá à minha espera, se fosse.

Rachel fechou os olhos.

– Eu não acha que eu sabia. Com o Micah. Eu não sentir.

Abriu-os de novo, olhou para ele.

– Eu não sabe que isso quer dizer. – Fitando o rio, conseguiu escavar uma memória há muito enterrada, mas ainda discernível. – A minha mãe... Eu ser vendida em bebé, por isso não a conhece. Mas eu pensa que eu sente quando ela morreu, como tu.

Rachel remeteu-se ao silêncio, e ficaram ambos a revolver mentalmente aquelas recordações, cada um deles revivendo o seu clarão de certeza e desgosto.

Rachel inclinou a cabeça para trás, olhou para o céu e viu as estrelas comporem e voltarem a compor as linhas e arestas de formas estranhas perante os seus olhos. Como era possível, interrogou-se ela, que tivesse sentido a morte da mãe, mas não do filho?

Reapareceram outras memórias. A Grande Polly, que ajudara a cortar o cordão de Micah na noite do seu nascimento, tinha duas filhas em Providence: Hannah e Queen Ann. Rachel não o vira com os seus próprios olhos, pois Hannah trabalhava na casa das caldeiras

e Queen Ann fazia parte do segundo grupo, ao passo que Rachel estava no primeiro. Mas tinha ouvido as histórias acerca do dia em que a Grande Polly morrera e as duas mulheres, a quilómetros uma da outra, se endireitaram subitamente, com lágrimas nos olhos, e murmuraram: «Ela morreu.»

E havia ainda Samuel. Levado para a enfermaria pútrida e purulenta, com febre. Ficou deitado ao lado do Velho Joe, o pai desdentado de outro escravo chamado George. Morreram ambos na mesma noite, mas Rachel dormira profundamente, ao passo que George fora arrancado ao sono por uma voz na sua cabeça que lhe dizia para ir à enfermaria. Foi ele que encontrou os corpos e foi ele que deu a notícia a Rachel.

Por isso havia alguma coisa especial no passamento de um progenitor. Um peso cósmico que se deslocava para a geração seguinte. Um filho podia deixar o mundo sem um murmúrio, mas a morte de um progenitor dava-se a saber.

Se as coisas fossem como deviam, seria ao contrário, pensou Rachel. Porque perder um progenitor era natural, esperado. Embora nas plantações, onde todos andavam meio mortos de fome e a doença campeava, perder um filho fosse quase tão comum como perder um pai, não deixava ainda assim de parecer errado, como um rasgão na tapeçaria expectável da vida. Essa anomalia não deveria dar um sinal maior do que a inevitabilidade da morte de uma mãe ou de um pai?

Talvez, pensou ela, fosse uma espécie de misericórdia. O corpo a deixar que nos agarrássemos à ilusão de um filho ainda estar vivo até ao último segundo possível. O corpo era uma coisa rítmica, a marcar o tempo pelas fomes e sedes do dia, a ir cansado para a cama e a acordar com a luz do Sol. Estava sintonizado com o expectável. Mas havia certos tipos de dor para os quais ele não suportava olhar de frente, a menos que tivesse mesmo de ser. Rachel pensou naquelas horas que tinha dormido enquanto George fora à enfermaria. Pensou em todos os anos que tinha vivido até Orion lhe dar a notícia da morte de Micah. Não saber tinha-lhe dado paz. Fora a paz a que ela se agarrara em Providence, a paz que a mantivera paralisada na plantação. Ela preferia não saber, dissera a

si mesma. Preferia imaginá-los vivos do que sabê-los mortos.

Mas visto de onde Rachel estava agora sentada, na margem do rio, aquilo já não lhe parecia assim tanto paz. Não obstante a ferida da morte de Micah estar em carne viva e dorida, o que a antecederia era mais parecido com sedação – como a névoa densa e pesada de um sono sem sonhos. Sim, o saber provoca dor – dor intensa, dor dilacerante, dor incessante, ela sentira-as todas. Mas se ela pudesse voltar atrás e apagar a memória, apagar a história de Orion, e viver toda a sua vida na escuridão, não o faria.

Ninguém quebrou o longo silêncio.

– Será bom continuar pelo rio – disse ele, desviando os pensamentos de Rachel da morte e guiando-os para o dia que tinham pela frente. – Mais rápido do que a pé.

Mesmo no escuro, ela distinguia o brilho nos olhos dele.

– Teres saudades? – perguntou ela. – De estares na água.

Ninguém, apercebendo-se da insinuação dela, olhou de relance para Mary Grace, que ainda dormia.

– Às vezes – respondeu.

– O que tu conheceres é andar por aí. – Também Rachel olhou para a filha. – Mas ela gostar mesmo de ti. – Fez uma pausa, escolhendo as palavras com cuidado. – Eu só não quer que ela acorde um dia e descubra que tu fugires outra vez para o mar. Eu já conhecer homens que andem por aí, e sabe que eles irem embora.

Por um momento, Rachel pensou em... Mas enxotou rapidamente a recordação para o sítio escuro onde esta vivia e onde quase nunca era perturbada. Não. Isso fora há muito tempo. Não valia a pena pensar no assunto.

Um sorriso lento alastrou no rosto de Ninguém.

– O que foi? – perguntou Rachel, franzindo o sobrolho.

– É só que aqui estamos nós, a palmilhar quilómetros no meio da floresta, depois de a senhora ter vindo de Barbados para Georgetown. E a seguir, se não me engano, partimos para Trindade. – Ele riu-se. – Se há quem ande por aí, é a senhora.

Rachel teve de se render e juntar-se à gargalhada dele.

– Teres razão.

Vista da margem do rio Demerara, sob as estrelas e com a água

fresca a correr-lhe sobre os pés, a sua vida antiga parecia de facto estar muito distante.

Mal entraram na água, Rachel sentiu que de certa forma tinham delegado o controlo da viagem. Ela já sentira indícios disso quando haviam abandonado Georgetown e as plantações – a sensação de que as árvores, o rio, os arbustos, as aves, os insetos e mesmo o céu de algum modo reclamavam o seu poder. Porém, mal empurraram a canoa para a água e se afastaram da margem, flutuando na direção de onde tinham vindo, Rachel soube que estavam à mercê da natureza. É verdade que Rachel e Ninguém pegaram rapidamente nos remos para dirigirem o barco contra a corrente, por isso não estavam totalmente indefesos. Mas a cada movimento, sentindo a resistência da água, Rachel era recordada da força silenciosa do rio. A reduzida dimensão do barco e a vastidão do rio diante e atrás deles faziam as estruturas humanas de Georgetown parecerem mais distantes que nunca.

De início, isso aterrou-a. Estava dolorosamente ciente dos poucos centímetros de madeira que a separavam do rio, de um castanho lodoso e de profundidade desconhecida, e não parava de imaginar que a água iria de repente subir e entrar pelos lados do barco. Todavia, com o passar do tempo, o medo foi substituído por resignação, e até paz. Percebeu que o rio não era nem maligno nem benigno – existia, simplesmente, e não havia nada que eles pudessem fazer para alterar o seu curso ou abrandar o seu fluxo.

Durante os primeiros quilómetros, a força da corrente ainda era considerável, retardando-os mesmo quando eles abraçavam a margem e os remos raspavam ocasionalmente no fundo dos baixios. Ninguém e Rachel depressa ficaram exaustos e deram o lugar a Mary Grace e Nuno na condução do barco rio acima. Contudo, quando Rachel assumiu de novo a sua posição ao remo, progredir tornara-se um pouco mais fácil. Podiam mesmo, se alguma árvore ou ave na margem lhes chamasse a atenção, descansar por um momento sem que o rio arrastasse de imediato o barco para jusante.

Foi a meio do segundo dia no rio que Nuno, sentado à proa do barco, de súbito tirou o remo da água e fez sinal a Rachel para fazer o mesmo. Apontou para o ponto à frente, a alguma distância deles.

– Ali.

Rachel, Ninguém e Mary Grace bem esforçaram a vista, mas não viram nada além de água.

– Que é? – perguntou Rachel, numa voz tão baixa como a dele. Mas depois também viu: o que parecia a ponta de um tronco à deriva abriu um só olho amarelado, com uma fenda preta no centro como pupila.

Todos os ocupantes do barco ficaram imóveis.

– Crocodilo? – sussurrou Ninguém. O rio tinha começado a arrastá-los devagar para trás e a criatura acompanhava a velocidade ao lado deles, com a cauda comprida oscilando languidamente de um lado para o outro.

– Nós chamamos-lhes caimões – disse Nuno.

– Estarmos seguros? – perguntou Rachel. Não conseguia afastar os olhos do animal. Ali estava ela, a corporização da sua sensação de se encontrarem em território selvagem e ignoto, o domínio do rio sobre eles tornado manifesto na pele escamuda daquela criatura.

– Temos de ficar quietos – disse Nuno. – Nada de chapinhar.

Rachel sentia os mais ínfimos movimentos do barco enquanto este baloiçava rio abaixo, um lado e depois o outro mergulhando perigosamente próximo da superfície.

Durante longos segundos, o crocodilo moveu-se junto deles, vagaroso e sem qualquer sinal de esforço. Parecia que a corrente o trouxera para junto do barco por acaso. Só o olhar fixo, sem pestanejar e sem se desviar do rosto de Rachel, denunciava a aproximação deliberada. De perto, Rachel conseguia ver cada racha da pele castanha manchada.

Rachel já vira a morte, mas apenas em vislumbres. O supervisor a erguer o chicote enfurecido, antes de decidir que os golpes seriam para punir, e não para matar. Um escravo como ela a insurgir-se com o homem que tinha dormido com a sua mulher, antes de ser arrastado dali pela multidão de basbaques. A morte, aquela que surgia nos olhos de um homem, tinha-a agarrado, fechado as suas mãos em torno da garganta dela, antes de se dissolver no ar. Ela sentira que via a morte onde esta não devia existir, quando os homens se entregavam a uma raiva desmedida. Como um animal,

teria ela dito daquela ira, na altura. Mas agora, vendo o olhar do caimão fixo nela, sabia que se tinha enganado. Um homem enraivecido, pronto a matar, não era nada como um animal. O olhar do caimão era ocioso, curioso, e, no entanto, transbordante de morte.

Não houve um sobressalto de terror – o medo inundou-a progressiva e lentamente. A respiração abrandou e a pulsação acelerou. Cada músculo estava tenso, mantendo o seu corpo imóvel, e a toda a volta dela o rio vibrante ficou como que intensificado. O animal que havia em si soube que tinha de esforçar cada sentido para ouvir, ver, cheirar. Sobreviver.

Um redemoinho na água. O caimão deu um salto em frente. Nuno gritou. O barco, atingido de lado, ameaçou adernar. Eles agarraram-se uns aos outros, lutando para se manterem à superfície, e Rachel sentiu com a clareza gelada do terror mais absoluto que ia morrer. O seu corpo estava pronto a abrir-se a essa certeza, a visão escurecida nas orlas, e tudo o que ela conseguia ver era as mandíbulas do caimão escancaradas, as presas afiadas em busca de carne, e o rosa molhado e latejante da língua lá dentro...

Mas o barco não se virou. A morte não os reclamou. O caimão afinal precipitara-se para a margem, onde um atarracado animal de quatro patas, uma coisa entre porco e burro, matava a sede. O caimão agarrou a presa aos guinchos e arrastou-a para dentro de água. Ambas as criaturas se debateram e a água tornou-se vermelha – a bílis subiu à garganta de Rachel àquela visão – até, de súbito, ficar tudo tranquilo à exceção do sangue que continuava a alastrar na superfície. Com uma reviravolta da cauda, o caimão começou a descer a corrente, levando na bocarra o animal morto.

Ficaram todos a observar o caimão até o perderem de vista. Nuno estava agarrado a Rachel com tanta força que as unhas se lhe enterravam na carne, mas ela não sentia nada – só se apercebeu quando ele a soltou e ela viu gotículas vermelhas formarem-se no braço.

Rachel e Nuno recomeçaram a remar, primeiro devagar, para não agitarem demasiado a água, e depois mais depressa, com uma nota de desespero, olhando com frequência sobre o ombro. Só

depois de o rio ter descrito uma curva, já bem longe do caimão, Rachel sentiu o maxilar descontrair e os ombros relaxarem, e conseguiu respirar de novo com normalidade.

Passado algum tempo, Rachel e Nuno entregaram os remos a Ninguém e Mary Grace e sentaram-se juntos a meio do barco. Rachel reparou que Nuno tinha a cabeça baixa e as mãos a contorcerem-se no regaço.

– Estares bem?

Ele olhou para ela, de cabeça ligeiramente inclinada, os olhos escuros a perscrutá-la. Depois de uns momentos de avaliação, disse:

– Sim. – Em seguida a boca tremeu um pouco, e as comissuras baixaram antes de ele conseguir compor de novo uma expressão neutra. – O caimão assustou-me, foi só.

Com gestos lentos, como sempre que lhe tocava, Rachel pousou-lhe a mão no ombro. Ele observou-a com atenção, mas aceitou o toque reconfortante sem nervosismo.

– Vi um uma vez – disse ele numa voz trémula. – Não iam muito à aldeia. A corrente é demasiado forte. – Depois, inclinando-se um pouco para ela, falou numa voz baixa o suficiente para os outros não ouvirem. – Não quis dizer. Não quis assustar toda a gente. O meu pai e os outros da aldeia que andavam no rio diziam sempre que se ficarmos quietos e respeitarmos o caimão ele não nos faz mal, e eu sempre acreditei neles, mas... – Fechou os olhos, engoliu em seco. – O que veio à aldeia. Estava um bebé a gatinhar na margem. O caimão saltou da água e agarrou o bebé. Fui o único que viu o que aconteceu.

A mão de Rachel apertou o ombro de Nuno antes de ela conseguir refrear-se, mas o rapaz não se retraiu com o gesto. Passados uns momentos, ele abriu os olhos e abanou a cabeça, como se quisesse enxotar a recordação.

– Por isso eu sei. Às vezes o caimão pode fazer-nos mal.

Inclinou o corpo para se afastar dela e dar a conversa por terminada. Depois ficou a olhar para as árvores que desfilavam na margem. Rachel, cruzando os braços sobre o peito, sentiu um calafrio de terror, não tão forte como quando tinha fitado os olhos amarelos do caimão, mas o suficiente para a fazer estremecer.

Naquela noite, puxaram a canoa para fora de água e montaram acampamento sob a ramagem de uma palmeira. Rachel sonhou repetidamente com uma criança pequena que lhe era arrancada dos braços – por vezes pelas mãos em garra de homens brancos; outra vez pelas mandíbulas de um caimão, com presas que reluziam ao luar. Ao ser arrastada, a criança olhava para trás, para ela, com os olhos de Micah, e Rachel sabia que não podia fazer nada para a salvar.

Quando se começava já a habituar a este ritmo – embalar a criança, ver que lha arrebatavam, e depois dar de novo consigo a embalá-la –, a criança olhou de dentro da boca do caimão e ela viu que era Thomas Augustus. Ela avançou cambaleante – *não, este não, não podes levar-me este*. E então acordou, encharcada em suor, e as estrelas lá em cima tinham sido apagadas por nuvens rodopiantes e ela só conseguia ver escuridão.

O rio abrandou e tornou-se irreconhecível quando comparado com o estuário revoltado que vomitava lama para o mar. Rachel não se esquecera do encontro deles com o caimão, mas quando se fizeram ao rio na manhã do terceiro dia, sentia-se em paz.

Pensou no que Ninguém lhes contara em Georgetown, a história dos homens que tinham subido o rio em busca da cidade de ouro. Nessa história, transmitida de marinheiro em marinheiro, os homens eram exploradores intrépidos, sós em regiões inóspitas, repelindo tanto animais como selvagens. Até Ninguém, enquanto contava, tinha sucumbido a esse assombro. Aqueles eram homens temerários, diziam os seus olhos coruscantes, enquanto falava. Homens que tinham ousado aventurar-se no coração das trevas da Guiana Britânica com nada a não ser os remos e a sua inteligência.

Rachel perguntou-se se aqueles homens se teriam sentido tão solitários como a história sugeria. Ela não se sentia nada só, embora não tivessem avistado viva- alma desde a última plantação nos arredores de Georgetown. O mundo em torno deles pululava de vida. Ainda antes de verem o caimão, ela soubera-o. Ouvira as aves, vira os insetos que pairavam sobre a superfície da água. Depois do

caimão, avistara ainda mais sinais de vida: o seu olhar fora atraído para o próprio rio, e começara a ver que fervilhava de peixe. Alguns peixes eram pequenos e rápidos e quando se precipitavam na direção da superfície o sol refletia-se nas escamas prateadas, antes de mergulharem de novo nas profundezas. Outros eram maiores e mantinham-se mais abaixo, visíveis apenas sob a forma de sombras escuras na água castanha.

Tudo isto, e muito mais, Rachel viu conforme se foi harmonizando com o rio, e não se sentiu só. Sentia-se pequena, lá isso era verdade. Recordava-lhe que estavam longe de qualquer povoamento humano e parecia quase uma terra estrangeira, embora ainda se encontrassem em território reivindicado pelos britânicos. Mas sentir-se só, como aqueles homens se tinham sentido? Ignorar toda a outra vida em torno de si, ignorar a água que fluía suavemente e a própria terra fértil como companheiros de jornada? Isso parecia-lhe o cúmulo da arrogância.

O encontro com o caimão tinha-os abalado, mas era difícil não ver naquilo tudo algum júbilo – naquele mundo fluvial mágico, estranho. O som da água a lambar o bojo do barco e os gritos das aves que voavam baixo e quase roçavam a superfície começaram a parecer a Rachel semelhantes a uma canção. Não conseguiu evitar trautear juntamente com o rio enquanto remavam, unindo-se à melodia da natureza conforme se internavam mais e mais na floresta.

A sensação apoderou-se aos poucos de Rachel – estavam a ser observados, e não apenas por olhos animais. Os olhares de criaturas em árvores ou na margem deslizavam rapidamente sobre eles. Isto era uma sensação diferente. A sensação de um olhar atento, contínuo, que lhe causava formigueiro na pele.

Rachel ia ao lado de Ninguém à proa da canoa, e sentiu que também ele se inteiriçara. O som de um galho a quebrar-se, não muito longe, na margem mais próxima – viraram-se ambos. Ninguém cessou de remar e manteve o remo imóvel. Rachel via o ritmo da sua respiração nos ombros que subiam e desciam. Mas

agora só conseguiam ouvir os sons normais da floresta.

Talvez não fosse nada.

Porém, em seguida, ouviu-se um silvo. Rachel virou-se para trás. Ninguém gritou, agarrando o braço, quase tombando à água.

Enterrada na pele dele, uma flecha ainda vibrava.

Rachel virou-se de novo com brusquidão, sentindo um grito entalado na garganta, mas só conseguiu ver sombras.

Novo silvo aterrador. Desta vez a flecha não alcançou o alvo e trespassou a água.

Ninguém, com o sangue a correr de onde a flecha o atingira, tentava remar com um só braço, gritando:

– Vamos, vamos!

Mas então a canoa sacolejou. Nuno tinha-se erguido. Bradou qualquer coisa numa língua que Rachel não percebeu, mas ainda assim captou o sentido.

Parem!

Um silêncio ensurdecedor, depois daquele grito. Em seguida, o restolhar de folhas. Na margem, surgiu um homem vindo da linha de árvores, de ombros estreitos e seco de carnes, com um arco e uma flecha apontados a eles.

Nuno abriu os braços e disse qualquer coisa em voz baixa – algo que Rachel imaginou que fosse *Nada receies, somos amigos*.

Atrás do homem, meio escondida pelas árvores, Rachel lobrigou a silhueta de uma mulher, quase tão alta como ele e com um bebé equilibrado na anca.

Nuno repetiu as palavras tranquilizadoras. Devagar, o homem baixou o arco.

O homem gritou uma pergunta. *Quem são vocês?* Nuno respondeu com poucas palavras, apontando à vez para Rachel, depois para Mary Grace, e por último para Ninguém. Em seguida, com uma mão sobre o peito, falou mais longamente. Rachel conseguiu ouvir na língua estranha os traços gerais da história dele. A aldeia. A doença. A morte. A viagem para Georgetown. Mais morte.

O homem não disse nada. Nuno deixou-se cair de novo no barco e pegou no remo.

– Vamos – disse. – Vamos ter com eles.

Quando se aproximaram da margem, Nuno saltou para a água que lhe dava quase pelos joelhos e encaminhou-se para a orla. Rachel viu que o homem percebeu que Nuno não passava de um rapaz. Fez uma pergunta, que ela imaginou que fosse: *Que idade tens?*

Nuno respondeu e o homem abanou a cabeça com tristeza. Fez mais uma pergunta e Nuno, olhando de relance para Rachel, respondeu apontando para jusante e depois para montante. Rachel percebeu que devia estar a falar-lhes da viagem – de onde vinham e quem procuravam.

Quando o homem falou, a seguir, Rachel sentiu o coração animar-se. Percebeu o sentido das palavras na voz dele: *Conheço o sítio de que falas.*

– Ele saber onde estão os foragidos? – perguntou ela a Nuno.

Nuno acenou afirmativamente. Depois prosseguiu na sua língua nativa. Ele e o homem trocaram o que parecia ser orientações.

Nuno virou-se para Rachel.

– Estamos perto – disse ele. – Mais meio dia a remar. Vamos encontrar dois afluentes do rio, um de cada lado. Seguimos o que vai pra oeste. Ao cair da noite, chegamos à aldeia deles.

Rachel respirou fundo. Acenou para o homem.

– Obrigada.

Ele inclinou a cabeça em resposta, sinal de que tinha percebido.

Nuno e o homem falaram um pouco mais. Rachel sentia o cansaço na voz do homem. A mulher atrás dele tinha avançado para a luz e Rachel viu como ambos estavam magros e abatidos. O bebé na anca da mulher estava acordado mas não fazia barulho e os seus olhos encovados fitavam o rio.

Por fim, Nuno e o homem trocaram o que parecia ser palavras de despedida. A mulher com o bebé não disse nada, mas ergueu a mão e tocou no braço do homem. Depois, procurando na saia, retirou uma faixa de pano que estendeu a Nuno. Este aceitou-a e trouxe-a para o barco.

– Pra si – disse ele a Ninguém. – Tire a flecha e depois ligue a ferida com isto.

Ninguém fez uma careta ao arrancar a flecha, com as mãos escorregadias de sangue, mas, uma vez posta a ligadura, a sua respiração tornou-se menos trabalhosa. Fosse qual fosse o bálsamo que impregnava o pano, surtiu efeito. Virou-se para a margem e conseguiu fazer um sorriso.

– Obrigado.

Mary Grace pegou no seu remo e ela e Nuno puseram o barco de novo a subir o rio.

– Aqueles estão a viver a vida que a minha mãe queria – disse Nuno. – A vida no interior, longe do homem branco. Mas ele diz que é difícil. Muitas pessoas do meu povo vêm da costa e por vezes trazem a doença do homem branco com elas. Ele diz que em tempos havia muita gente na sua aldeia, mas agora é só ele, a mulher e o filho. Ouviram dizer que o homem branco se aproxima mais a cada dia que passa. Dizem que viram barcos no rio – não aqui tão em cima, mas com o tempo acabarão por chegar cá. Ele e a família vão internar-se mais na floresta, pois ele receia que esta sua casa não dure muito mais.

Rachel virou-se para captar um último vislumbre do homem e da sua família, e sentiu o coração pesado ao pensar em tudo o que eles já tinham perdido. Antes de o rio descrever uma curva e a família ficar fora de vista, Rachel conseguiu ainda trocar um olhar com a mulher na margem. Esta ajeitou o bebé na anca e susteve o olhar de Rachel. Houve um entendimento entre ambas. Sabiam o que era procurar uma coisa, estar exaustas, ajoujar sob o peso da perda mas ainda assim conseguir rastejar de gatas, as mãos estendidas, Tateando o escuro para encontrar os fragmentos do que se tinha despedaçado.

Uma família.

Um lar.

No momento em que a mulher desaparecia atrás das árvores, Rachel viu um sorriso perpassar-lhe no rosto e sentiu a benevolência das palavras silenciosas: *boa viagem*. A família desapareceu de vista e Rachel virou-se para o rio diante deles.

Chegaram aos dois afluentes, tal como o indígena descrevera. O que serpenteava para oeste era demasiado estreito para a canoa, por isso arrastaram-na para fora de água e caminharam seguindo o seu curso. Depois de todas as horas passadas no rio, a terra parecia estranha sob os pés de Rachel, sólida e inflexível. As copas das árvores em breve engoliram o céu, formando um teto denso, verde, por cima das cabeças deles enquanto caminhavam. O riacho mal abria caminho entre as árvores: em certos locais, a água era separada por ilhotas minúsculas onde brotavam fetos e arbustos.

Só aos poucos se deram conta de que a noite caía – o sol filtrado pelo verde saturado da folhagem foi escurecendo e os cantos das aves diurnas deram lugar aos pios das noturnas. Mantinham-se tão perto do curso de água quanto conseguiam, guiando-se pelo som mais do que pela vista, seguindo o correr de água sobre pedra. Ninguém e Rachel transportavam a canoa. Mary Grace agarrava com uma mão a saia da mãe e Nuno ia de mão dada a Mary Grace. Deste modo, como uma corrente contínua, avançavam lentamente pela floresta.

A cada estalido de galho ou restolhar de folhas no escuro Rachel sentia uma pontada de medo. Era como se tivesse sido tragada inteira e estivesse no ventre da floresta, e acudiam-lhe ao espírito todos os perigos que podiam estar fora do alcance da vista, mas próximos. Não conseguia afastar da ideia a imagem do caimão. Às vezes, parecia-lhe ver os olhos dele, luminosos e dourados, à sua frente, mas depois, pestanejando com força, percebia que não havia lá nada.

Ninguém deteve-se.

– Se calhar devíamos descansar aqui. – Falava em voz baixa, mas ainda assim a sua voz trespassava a escuridão da floresta. – Não os vamos encontrar sem a luz do dia.

Rachel abriu a boca para responder, mas antes de conseguir falar ouviu-se uma voz grave:

– Digam-me quem são vocês.

A canoa oscilou, pois Ninguém quase deixou cair a extremidade

que segurava. Rachel sentiu as unhas de Mary Grace enterrarem-se na perna quando a filha lhe agarrou a saia com mais força. Mas, inexplicavelmente, de todos os sons da floresta, este não assustou Rachel. Respondeu, com voz firme:

– Eu ser Rachel. Trazer minha filha, a Mary Grace. Este ser o Ninguém. Formos escravos. E este, o Nuno, ser um indígena *pickney*. A família dele morrer.

Ao seu lado, o que ela pensara ser a silhueta de uma árvore mexeu-se, e ela percebeu que os ramos eram braços estendidos, e terminavam na curva de uma lâmina.

– Soubemos da abolição da escravatura – disse o homem nas sombras. – Não houve mais foragidos, depois disso. Porque é que estão aqui?

– Eu procura o meu filho. Thomas Augustus.

O homem baixou a arma.

– O Thomas Augustus dizer que nasceu em Barbados.

– Ter vindo de longe para o encontrar.

O homem aproximou-se tanto que Rachel sentiu-lhe a respiração na face. Ele andou lentamente em torno dela, avaliando o possível, na escuridão.

– Ter o nariz dele – disse, por fim. – E a mesma coragem. Ele também não ter medo quando eu saltar-lhe assim ao caminho, faz muitos anos. – Rachel viu um lampejo de dentes, num sorriso. – Eu ser Quamina. Estar contente por terem vindo.

Quamina disse-lhes para o seguirem. Deixando o curso de água para trás, enveredaram por um trilho estreito através das árvores e pouco depois chegaram à orla de uma clareira. As silhuetas de tendas e cabanas mal se discerniam à luz das estrelas que salpicavam o céu.

– Não há perigo – disse Quamina em voz alta quando se aproximaram. – Serem amigos.

Às suas palavras, a clareira encheu-se de pessoas que saíram das sombras mais densas ou do interior das habitações. Mantinham-se juntas e agarravam-se umas às outras, por isso era difícil dizer quantas seriam ao certo. Quinze? Talvez vinte?

– Thomas Augustus – disse Quamina. – Onde estar o Thomas?

– Aqui.

Uma das sombras destacou-se do grupo. Mesmo no escuro e passados quase quatro anos, Rachel reconheceu-o de imediato.

Sussurrou o nome dele: «Thomas.» O último a ser levado, a dor ainda recente. Só duas vezes, quando os homens brancos lhe levaram os filhos, deixou que a vissem chorar. Todas as perdas tiveram lágrimas, mas só duas vezes não conseguira retê-las até ficar sozinha. Uma vez quando Micah foi levado, porque soube que era só o princípio, e uma vez quando Thomas Augustus foi levado, porque não lhe restava mais ninguém para perder. Quando este foi levado da plantação, pareceu-lhe o fim, um derradeiro esvaziamento da sua vida.

Mas aqui estava ele. Um novo começo.

– Thomas – disse ela em voz alta. – Ser eu.

Abriu os braços para o acolher de volta. Com um soluço de reconhecimento, ele soçobrou junto dela. Rachel amparou-o e os dois corpos fundiram-se num. Era como se ele nunca lhe tivesse sido arrancado dos braços.

O grupo aproximou-se de ambos e Rachel sentiu as mãos de família, amigos e estranhos, enquanto todos partilhavam da alegria do reencontro. Com a respiração do filho a aquecer-lhe o pescoço e a cabeça dele encaixada na perfeição na concavidade do ombro, o momento pareceu-lhe intensamente íntimo. Era o conserto de algo quebrado que ela tinha escondido tão fundo de si que ninguém vira. Contudo, parecia agora certo estarem rodeados de pessoas, expondo a dor e a alegria privadas, a perda e a recuperação, a quem quisesse ver. Para todos os foragidos na floresta, a desagregação de famílias era tão familiar como o trabalho árduo nos campos de algodão e cana ou nas cozinhas das casas grandes das plantações. De tempos a tempos, os foragidos conseguiam assistir à reunião de uma família. Era raro, mas acontecia. Uma mulher que saía a coxear do maciço de árvores, arquejando ao reconhecer o marido. Ou um homem que regressava à aldeia, ferido e a sangrar, trazendo às costas um filho, já crescido mas ainda seu.

Ao contrário dos foragidos, Rachel não estivera ali para testemunhar esses momentos, mas sentia-os no regozijo do toque

deles e esperava que, por sua vez, eles sentissem cada recordação sua do filho que ela tivera – o filho que podia uma vez mais ter. Trémula, Rachel sentiu os fios da sua vida e os fios da vida do filho capazes, finalmente, de se entretecerem. A história deles era a sua, e não havia nada assim, antes ou depois. Mas ela também sentiu os milhares de outros fios, o entretecer coletivo de todas as vidas. O encanto daquilo era que não seriam a primeira mãe e filho a reencontrarem-se, nem, esperava ela, os últimos.

Rachel estava exausta. Sentia no corpo cada passo e cada movimento no remo da jornada, mas sabia que ainda não era tempo de repousar. Seguindo as instruções dadas por Quamina, fizeram uma fogueira para melhor iluminar os recém-chegados. Uma vez acesa, Rachel ficou de novo em lágrimas, ao conseguir ver cada centímetro do rosto do filho e aperceber-se de como o tempo o havia alterado. Mary Grace, vendida quando Thomas Augustus tinha poucos anos, abraçou o irmão mais novo que se tornara um homem, e ele conseguiu por fim atribuir um rosto à irmã de que só guardava o nome e uma presença afetuosa nas suas recordações mais antigas. Rachel apresentou Ninguém, que se tinha virado para enxugar as lágrimas nos olhos quando pensava que não o estavam a ver, e Thomas Augustus cumprimentou-o como se fosse um velho amigo.

Rachel fez sinal a Nuno que avançasse. Este tinha permanecido nas sombras, fora do alcance da luz da fogueira. Ela viu a hesitação do rapaz, o modo como os seus olhos passavam, inquietos, de rosto em rosto. Deu-se conta, com uma pontada de culpa, de que ela tinha encontrado o que procurava, mas ele não. Ali, as pessoas eram sobretudo escravos foragidos, e o local não era o santuário do seu povo que ele tinha desejado. A vida ali não substituiria a vida na aldeia que ele tinha perdido.

Quamina, de pé ao lado de Rachel, baixou-se para ficar à altura de Nuno.

– Bem-vindo.

Nuno não disse nada e comprimiu os lábios numa linha fina.

Uma mulher destacou-se do grupo, atrás de Quamina. Mal Nuno a viu, a tensão no seu corpo que mantinha uma parte dele pronta para a fuga começou a diluir-se. Por fim, os seus membros descontraíram.

– Ser minha mulher, Tituba – disse Quamina a Nuno.

Tituba sorriu. A luz da fogueira bailava em cada fio do seu cabelo escuro, penteado numa trança que lhe dava pela cintura. Ela falou com Nuno na mesma língua do homem que tinham encontrado na margem do rio. Ao ouvir a sua língua nativa sair da boca da mulher, o lábio de Nuno começou a tremer.

Tituba estendeu-lhe os braços, e falou de novo. As palavras tranquilizadoras transcendiam a língua e Rachel percebeu perfeitamente o que ela lhe dizia: *Agora estás a salvo*. Avançando uns passos, Nuno aproximou-se dela e deixou que o abraçasse enquanto chorava.

Tituba olhou para Rachel por cima da cabeça de Nuno.

– Como se chama ele? – murmurou ela em inglês.

– Nuno.

– Nuno – repetiu ela. Depois falou novamente na língua que ambos partilhavam para o consolar em voz baixa, com uma mão a alisar-lhe o cabelo emaranhado no cimo da cabeça.

Quando Nuno se esvaziou de lágrimas, e Thomas Augustus, Rachel e Mary Grace já se tinham abraçado, rido, chorado e dado as mãos o suficiente para satisfazerem os seus corações, instalaram-se com os foragidos à volta da fogueira.

– Contem-nos a vossa história – pediu Quamina. – Como chegarem aqui?

Foi Rachel quem começou. Deixou que tudo jorrasse dela. Era mais fácil, agora. Tornava-se mais fácil a cada vez que contava, remendando os retalhos da sua vida, primeiro à Mãe B, depois a Mary Grace e aos Armstrong, em seguida a Ninguém e a Nuno, e agora aos foragidos. Quando chegou à parte sobre Micah, Thomas Augustus agarrou-lhe o braço, o rosto contorcido em agonia.

– Eu não saber – sussurrou ele. – Eu estar tão perto da plantação dele e não saber.

Depois de Rachel contar tudo o que havia a contar, virou-se para

Ninguém. Ele retomou a história onde ela a deixara e recuou até ao navio onde se tinham conhecido. A partir daí, falou da sua vida no mar, aflorando algumas das suas maiores aventuras, histórias já conhecidas de Rachel mas que continuavam a empolgá-la mesmo depois de as ouvir duas ou três vezes. O grupo à volta da fogueira estava como que enfeitiçado, os olhos esbugalhados a refletirem as chamas enquanto ele descrevia tormentas e naufrágios e motins e batalhas com piratas. Por fim, de forma hesitante, contou a história da plantação. Primeiro em traços largos – descrevendo apenas o seu nascimento, como lhe tinha sido dado aquele nome, e aludindo ao facto de ter deixado a plantação em criança. Em seguida, quando Mary Grace lhe pousou uma mão no braço, voltou atrás e preencheu os espaços em branco. Com os olhos marejados, falou da mãe e descreveu a fuga dele.

Ficou a pairar no ar um longo silêncio, depois de ele terminar. Rachel conseguia perceber, pelas expressões dos foragidos, que cada um revivia com Ninguém o momento em que tinha fugido da sua própria plantação, colorido pelas memórias individuais de abandono da vida anterior. Por vazias que as vidas em cativeiro fossem, Rachel sabia que todos naquela clareira tinham alguém – uma mãe, um irmão, uma mulher, um amigo – de quem sentiam a falta. O sabor da liberdade era agri-doce.

Por fim, Rachel olhou para Nuno. Ele estava sentado entre ela e Tituba, recostado, com as mãos no chão atrás de si e as pernas estendidas para a fogueira.

– Ires contar a eles? – perguntou Rachel.

Ele olhou de relance para Tituba, que lhe sorriu de forma encorajadora. Ouviram-se murmúrios à volta da fogueira.

– Nós querer ouvir a tua história, criança.

– Contar-nos, se estares disposto.

E por aí fora.

Nuno soergueu-se. Primeiro, depois de respirar fundo, disse só o que Rachel sabia.

– Eu vivia numa aldeia com os meus pais. A minha mãe morreu. O meu pai levou-nos para Georgetown, a cidade do homem branco junto ao mar. Depois ele morreu. A Rachel encontrou-me e ajudou-

me. Vim com ela rio acima. Agora estou aqui.

Recostou-se de novo. Não se ouviram comentários. Não se viram movimentos, exceto de Tituba, que lhe fez um ligeiro aceno. Um silêncio expectante abateu-se sobre eles como o calor vindo da fogueira. Aguardaram.

Nuno baixou o olhar para os seus joelhos sujos de lama.

– Tinha uma irmã – disse ele. – Também morreu. Um caimão apanhou-a na margem do rio quando ela era pequenina. Depois disso, a minha mãe mudou. Foi a doença que a levou, mas já não era ela. Alguma coisa morreu muito antes.

Ele olhou para Rachel. No fundo dos seus olhos, ela viu desespero. Por trás da voz neutra e da expressão cautelosa e reservada no seu rosto, havia dor – demasiada dor para caber naquele corpo pequeno. Os lábios de Rachel entreabriram-se quando ele identificou o bebé morto pelo caimão como sendo a sua irmã, e a expressão paralisou-se-lhe. De que outro modo poderia ela transmitir-lhe a força do seu desejo – de recuar e reordenar o tempo, para ele nunca ter conhecido tal sofrimento. Ele susteve o olhar dela durante muito tempo, ela esperava que ele tivesse percebido.

Nuno prosseguiu a história deste modo: longas pausas quebradas por pequenos pormenores da sua vida. Ocasionalmente, virava-se para Tituba, dizia-lhe uma palavra na sua língua nativa, e ela fornecia-lhe a inglesa. Falou detalhadamente da morte da mãe. Contou que os aldeões sobreviventes se tinham reunido e discutido pela noite fora se deviam seguir para Norte, em direção às plantações, ou para Sul, embrenhando-se na floresta. Que o próprio irmão do pai tinha implorado que fossem para Sul, mas o pai, esvaziado pelo desgosto e receoso do rio depois do que o caimão fizera à filha, recusou. Falou de Georgetown, do assédio e dos olhares, e das dores depois de um dia inteiro a trabalhar nas docas ou numa plantação próxima. Da queda lenta do pai na bebida, até uma rixa num bar por causa de uma cerveja entornada acabar por matá-lo.

Quando Nuno terminou, não havia um único olho à volta da fogueira que estivesse seco. Dor, perda, inadaptação, busca de um

lar – todos eles conheciam aquelas coisas, à sua maneira. Ficaram sentados a sentir o desgosto, mas também o assombro: apesar de tudo, todos tinham sobrevivido.

Quamina começou a cantar. Tinha uma voz cheia, profunda, e entoou uma melodia perturbante: a letra era dolorosamente familiar a Rachel, embora ela não a compreendesse, e não reconhecesse a canção. Aquele era um tipo mais profundo de memória, guardado no corpo tanto quanto no espírito, uma memória ancestral que o tempo e a distância não podiam apagar, apesar das tentativas dos senhores brancos de todo o Novo Mundo. Rachel sentia a música vibrar-lhe na garganta, as palavras a fluírem-lhe com naturalidade da boca. Quamina sorriu quando ela se juntou ao coro. Não demorou muito a que cantassem todos.

Enquanto cantavam, Rachel sentiu-o: a atração da terra, a enraizá-la, a chamá-la a casa. A clareira na floresta tinha uma certa anonimidade – podia haver milhares de clareiras como aquela, dispersas ao longo de milhares de quilómetros de floresta. Não havia estradas que conduzissem até ali. Não se encontrava assinalada em nenhum mapa. Ninguém tentara dar-lhe um nome, como às plantações, um título grandiloquente como «Empreendimento» ou «Graça de Deus». Apesar disso, Rachel sentia a sua força. Sentia que tinha atraído ali os foragidos, ao longo de décadas. Eles haviam construído os seus lares neste sítio sem nome, no meio de nenhures. A clareira não era de ninguém, e contudo era deles. E agora oferecia-se também a Rachel. Quem quer que estivesse perdido ou à deriva era bem-vindo e podia lançar ali âncora.

Rachel tomou a mão de Thomas Augustus na sua. Pousou a outra na coxa de Mary Grace. Fechou os olhos e deixou que o pensamento tomasse conta dela.

Depois de tantos anos, encontrava finalmente um lar?

Na manhã seguinte, Thomas levou a mãe até ao rio. Seguiram um trilho tão estreito que chamar-lhe caminho teria sido generoso. De dia, Rachel conseguia ver o que lhe tinha escapado na noite anterior: as dúzias de trilhos semelhantes que serpenteavam como minhocas pelo mato rasteiro da floresta. Os foragidos não tinham cortado mais vegetação do que o necessário para se orientarem entre as árvores e – suspeitava Rachel – não haviam querido deixar quaisquer marcas óbvias que conduzissem à aldeia, não fosse os homens brancos virem à procura deles.

Thomas seguia à frente, e Rachel maravilhou-se com a sua capacidade para discernir uma árvore com flores amarelas ou um ramo torcido de certa maneira, e alterar o rumo em conformidade. Movia-se com uma facilidade bem treinada; Rachel lembrou-se da Mãe B, na floresta setentrional de Barbados, o que parecia ser uma vida atrás. Thomas Augustus e os restantes foragidos estavam deveras a viver de acordo com a filosofia da Mãe B: *a conexão entre todas as coisas*.

O rio apanhou Rachel de surpresa. Ela estava a tentar formar uma imagem mental de onde se encontravam na floresta, julgando que tinha sentido de orientação e sabia aproximadamente o que haviam andado, quando aquele surgiu de repente, muito antes de ela esperar vê-lo.

– Oh! – exclamou, pensando nas horas que tinham despendido na noite anterior a seguir o afluente.

– Pois – disse Thomas, puxando dos apetrechos de pesca que levava numa bolsa presa à cintura. – Muito mais depressa, quando se sabe o caminho.

Sentaram-se lado a lado. Na margem oposta, as árvores inclinavam-se como que em oração, ofertando os ramos mais baixos à superfície cintilante do rio. Rachel respirou fundo, inalando o odor fresco da água e a doçura das árvores de fruto próximas. Ficou a observar os redemoinhos da corrente e as libelinhas iridescentes que dançavam à superfície da água.

Thomas deixou que a linha fosse até meio do rio, e esperaram.

– Por vezes, vimos até aqui com azagaias e apanhamos o peixe assim – disse ele. – Mas é bom fazer as coisas da forma lenta. Dá tempo pra pensar.

Seguiu-se uma longa pausa. Tal como fizera com Mary Grace, há todos aqueles meses, em Bridgetown, Rachel aguardou que fosse Thomas a quebrar o silêncio. E tal como Mary Grace, ele não o quebrou.

Acabou por ser Rachel a falar primeiro.

– Ontem à noite, ouvires a minha história. Mas eu não ouvir a tua.

– Eu não tem uma grande história – respondeu Thomas, seguindo com o olhar a trajetória de uma ave de asas verdes que fez um voo picado para beber no rio. – Não tem grandes batalhas, como o Micah. Não tem aventuras no mar, como o seu amigo Ninguém.

– Mas eu gostar de ouvir...

Foram interrompidos pela linha de pesca, que deu um sacão na mão de Thomas. Pondo-se de pé num salto, ele puxou-a e tirou da água um peixe a debater-se. As suas escamas prateadas dardejavam luz, enquanto ele se torcia no anzol. Thomas pousou-o no chão e, depois de um golpe rápido na cabeça, o peixe imobilizou-se. Sangue espesso acumulou-se nas guelras, manchando o solo de escuro. Thomas lançou a linha com novo isco.

– Bem, se quer saber – disse ele –, de Providence transportarem-me pra Bridgetown. Depois um homem branco levar-me a uma estalagem. Fazer-me lavar e dar-me roupas limpas. Dizer-me que irmos num navio e eu ter de manter a cabeça baixa e o bico calado. Se alguém perguntasse, eu ter de dizer que ser escravo doméstico dele. Navegámos até Georgetown, e daí eu ir para Felicity. Eu não ser forte o bastante pro primeiro grupo, por isso mim trabalhar na casa das caldeiras. Um dia, o braço de um homem ficar esmagado nos cilindros. Eu cortá-lo com um machado, pro resto do corpo não ser arrastado com ele. Eu já andar a pensar em fugir há tempos, mas ser nessa altura que decidir, depois de eu cortar o braço daquele homem.

Quedou-se em silêncio, como se já tivesse acabado.

– Como fugires? – instou-o Rachel.

Thomas encolheu os ombros.

– Eu ir só embora uma noite. Eu tem sorte por os homens brancos estarem a dormir, bêbedos, depois de um grande jantar que fizeram. Eu ir pra Georgetown, pensar em ficar por ali, ou conseguir fazer a travessia num navio, mas decidir seguir o rio e ir pra floresta. Eu caminhar muitos dias sem descanso. Já estar quase a desistir e morrer quando ver uma aldeia do outro lado do rio. Um indígena vir ter comigo de canoa e eu entrar. Ele levar-me para a cabana, dar-me comida e deixar-me passar lá a noite. Na manhã seguinte, ele levar-me outra vez pro outro lado do rio e dizer-me para caminhar até chegar ao riacho. E por isso eu caminhar, encontrar os foragidos, e agora eu estar aqui.

Ficaram de novo sentados em silêncio. Thomas contou a sua história como se a tivesse ouvido a outra pessoa, dando-lhe apenas os ossos e não a carne nem as vísceras. O seu tom era neutro, sem nenhuns daqueles altos e baixos próprios de um contador de histórias experiente como Ninguém. Thomas era mais como Nuno: as palavras não lhe saíam com facilidade. Havia muito que ele não queria partilhar. Rachel sentiu uma ponta de saudades do rapazinho tagarela sempre cheio de perguntas – tornara-se o homem agora sentado junto dela, de rosto impassível, inescrutável.

– Vai descobrir que haver dois tipos de pessoas na aldeia – disse Thomas. – Algumas adoram o passado. É o que lhes resta. Quererem contá-lo e contá-lo outra vez. Quererem transmiti-lo, pro manterem vivo. Outras, não. Pra nós, o que interessa é que estarmos aqui. Fugirmos. – Entrelaçou os dedos da mão livre nos de Rachel. A outra mão segurava a linha, ainda frouxa e a flutuar na superfície do rio. – Estarmos aqui agora. É o que interessa.

Disse aquilo com uma determinação que, à semelhança do seu cenho carregado e do maxilar cerrado, não era própria da sua idade. Havia nele um cansaço que Rachel não esperara ver. Ele tinha fugido e ainda assim revelava a voz pesada de um homem que tivesse passado quarenta ou mais anos em cativeiro. Alguma coisa no seu processo de conquista da liberdade o ferira. O envelhecera.

Rachel baixou o olhar para onde as mãos de ambos se tocavam.

– Pensares em nós alguma vez? – perguntou ela. – Eu. Os outros.

Pensares onde estarmos?

– Eu pensar em si – disse Thomas baixinho. – Eu nunca pensar em encontrá-la, mas a memória estar sempre comigo.

Depois suspirou. Ainda não tinha vinte anos, mas o suspiro era de um velho. Ou não? Rachel estudou-lhe a expressão. Ela tinha ouvido os suspiros e os resmungos de muitos velhos. Tinha ouvido os suspiros dos moribundos. O rosto de Thomas insinuava velhice, mas não a exibia – faltava qualquer coisa. Por isso, não, não era o suspiro de um velho, mas antes o suspiro que o filho devia acreditar que um velho daria.

– Quanto aos outros, o Micah e a Mary Grace e os restantes... – continuou ele. – Eu... Na plantação, eu estar muito só. Perde esperança. O trabalho e a solidão quase me matarem. Por isso eu perde esperança neles, também. Eu acha que estavam mortos. – Pestanejou umas quantas vezes. Parecia ter-se surpreendido a si próprio. – Eu nunca falar isto a ninguém. Eu nem sequer o saber, até agora. Mas ser assim que sentia. Que estarem mortos... ou que plantação os destruiu, por isso ser o mesmo que estarem mortos.

Rachel sentiu um calafrio. Deixou que a sua mão se soltasse frouxamente da dele, mas ele não pareceu reparar.

– Com a senhora, foi diferente – continuou ele. – Eu ver como ir sobreviver. Mas com os outros... não ver como se irem safar.

Rachel envolveu o peito com os braços. O peso das palavras de Thomas pressionava-lhe o coração e os pulmões, mas ele parecia o mesmo de sempre, a fitar o rio. Não sentiria nada? Proclamar a morte dos irmãos não o comoveria de forma nenhuma?

– A Mary Grace – disse ela.

– O que quer dizer?

– Ela sobreviver.

Thomas franziu ligeiramente o sobrolho.

– Pois foi – disse. Mas acrescentou, como se assim resolvesse o enigma: – Mas ela estar em Bridgetown.

– Isso tornar as coisas mais fácil...?

Foram novamente interrompidos pela tensão na linha, e Thomas retirou mais um peixe da água. Pousou-o no chão, mas hesitou um momento, ficando a vê-lo debater-se. Depois, como antes, desferiu-

lhe um soco e pôs fim aos espasmos.

– Era diferente se sairmos de Barbados – continuou ele. – Eu pensa que algures cá dentro todos termos a recordação de quando nos arrancarem de África. Seremos arrancados de novo... é de mais. Por isso, sim, a Mary Grace sobreviver. E eu sobrevive também. Mas os outros? – Estava ainda a fitar o peixe morto, que tinha a boca aberta e os olhos pretos e frios a reluzirem ao sol. – Não saber.

Rachel não disse nada. Sentia que não havia nada a dizer. Thomas já não tinha perguntas: tornara-se um homem com uma só resposta, e rugas a formarem-se prematuramente na testa.

Ela olhou para o rio. Reparou que, se deixasse as orlas da visão desfocarem-se, conseguia imaginar que era a água que estava fixa e era ela que seguia lentamente à deriva para o mar.

– É por isso que eu não gosto de o fazer – disse Thomas em voz baixa. – Pensar no passado. Memórias demasiado dolorosas. A esperança magoa. Tudo o que eu quer fazer é viver a vida que ter à frente, porque é um milagre ter chegado até aqui.

Ficou à espera que Rachel dissesse alguma coisa. O cansaço em todos os músculos dela, que diminuía depois do longo sono, começava a regressar.

A esperança magoa. O filho tinha conseguido pôr em palavras a verdade que governara a anterior vida dela. O refrão que ela tinha abandonado mal se escapulira de Providence e dera início à sua viagem. Ela sobrevivera durante muito tempo reprimindo a esperança, mas quando fugiu atrevera-se a acreditar que ainda era possível encontrar os filhos.

Fora a esperança, renovada, que impulsionara Rachel para sul, até Mary Grace, e a levara a cruzar o mar para encontrar os filhos. A esperança levava-a a Thomas. Mas as recordações tristes vieram afogar as alegres. Teria sido a esperança aquilo que matara Micah? A esperança levava-nos a sonhar com coisas impossíveis, como a liberdade arrebatada às mãos recalcitrantes do homem branco, ou uma família reencontrada.

Rachel pensou em Mercy e Cherry Jane, mas a imagem delas era ténue. Como no caso do rio, ela deixava de ter noção de quem se movia: ela ou elas. A esperança bastaria para a levar até elas? Ou tê-

las-ia a esperança já aniquilado, como Thomas previa, quando ela chegasse?

O que arrancou Rachel ao desgosto por Micah, e à dor pelas filhas ainda não reencontradas, foi o som da floresta. Atrás deles, nas árvores, um pássaro começou a cantar. Era um chamamento alegre, chilreante, que não deixava uma marca duradoura no coração de Rachel. Sempre que se interrompia, ela quase se esquecia do som até este se reiniciar. Havia também o som da água que marulhava nas margens. Havia o zumbido de moscas e outros insetos alados. Sons suaves, purificadores, que a afastavam da introspeção e da dor. Neles havia o eco do apelo de Thomas: esquecer o passado e viver a vida que se tem à frente.

Desde que deixara a plantação, Rachel tinha sentido, mais do que nunca, que era feita de memórias. Estas eram a moeda que ela oferecia em troca às pessoas que encontrava ao longo do percurso – a Mãe B, os Armstrong, Quamina e os foragidos. Sustentavam-na. Eram a essência da sua tentativa de retroceder no tempo, de captar de novo o que se perdera, de colar e refazer o que fora esquecido.

Mas onde, em todas aquelas memórias, estava ela?

Que vida tinha ela à frente? De que modo diferia da vida que ela tinha atrás?

O espírito não lhe forneceu respostas. Só lhe dirigiu os ouvidos para os sons da floresta, e os olhos para a corrente incessante do rio.

Com o passar dos dias, Rachel aprendeu a viver na aldeia dos foragidos. Estes não se encontravam completamente isolados do mundo exterior: negociavam com regularidade com outras tribos, que por sua vez negociavam com alguns dos homens brancos que viviam nas zonas limítrofes da Guiana Britânica civilizada. Em certas ocasiões, Rachel via pequenos sinais nesta permeabilidade – como, por exemplo, um bife a frigar numa caçoila de ferro sobre o lume – e isso recordava-a de que nem aqui os brancos podiam ser esquecidos. Mas à noite, quando os aldeões se reuniam à volta da fogueira, era fácil sentir que para lá da clareira não havia senão árvores. Esta sensação de isolamento criava uma familiaridade estreita entre os foragidos, que aceitaram Nuno, Rachel, Ninguém e Mary Grace no seu seio, sem questionar.

Os recém-chegados dormiam inicialmente numa tenda deixada livre, e sentiam-se ali confortáveis, mas Thomas Augustus sugeriu que comessem a construir uma cabana. Ninguém concordou em ajudar, e os dois passavam os dias a serrar madeira num silêncio satisfeito. Por vezes Rachel observava-os e reparava no quão facilmente eles se entendiam no trabalho. Por muito que Ninguém gostasse de contar histórias sobre os seus dias de embarcadicho, parecia a Rachel que ele e Thomas não eram assim tão diferentes. Viviam a vida à frente deles, tendo logrado com sucesso a sua fuga do passado.

A habilidade de Mary Grace com a agulha transformou-a numa espécie de costureira da aldeia. A sua principal incumbência era remendar as roupas esfiapadas dos aldeões, mas depois uma peça de tecido tingido apareceu num carregamento vindo de uma tribo vizinha, e ela fez com ela fitas e ofereceu-se para alegrar calças e saias cosendo uma faixa garrida nas fimbrias. Nessa noite, Quamina trouxe um pequeno tambor da sua cabana e tocou enquanto os outros dançavam, rodopiando tão depressa que se transformavam em manchas escuras com uma faixa azul à volta dos tornozelos.

Rachel não tinha uma responsabilidade específica na vida da aldeia, mas não se importava com isso. Depois da monotonia do

trabalho no campo e do trabalho doméstico, e do tempo passado na taberna do Sr. Beaumont, Rachel desfrutava do facto de poder realizar diferentes tarefas em cada dia. Por vezes, juntava-se a Ninguém e Thomas, serrando e martelando à medida que a cabana ganhava forma em torno deles. Outras vezes, ia pescar ou colher plantas na floresta, muitas vezes com Tituba ou outra das mulheres. Uma vez acompanhou mesmo Quamina numa viagem rio acima, levando umas garrafas de rum que conseguiram trocar por machados novos para Ninguém e Thomas.

Enquanto isso, Nuno mantinha-se próximo de Tituba, ou de Kamu, o outro homem indígena na aldeia. O rapaz parecia feliz e todos na aldeia gostavam de o ter por perto. Ele adorava fazer perguntas e ouvir histórias, fossem estas contos míticos de deuses e monstros ou relatos da fuga de alguém da antiga plantação.

Não havia outros jovens na aldeia. Havia maridos e mulheres entre os aldeões, e até um pai com um filho adulto, mas era como se estivesse em falta uma geração. Rachel não queria perguntar porquê, mas interrogava-se. Lembrava-se de Nuno ter dito que pensava que os locais seguros, afastados dos homens brancos, não iriam durar para sempre. Talvez os foragidos sentissem que viviam a prazo.

Rachel apercebeu-se de que, sob a tranquilidade da floresta, a aldeia parecia um ponto terminal. Os foragidos tinham coxeado, cambaleado e rastejado até ali, e quando chegavam, podiam finalmente expirar. Mas o trabalho de esquecer, de recomeçar do zero, podia demorar uma vida. E, por isso, não brotavam rebentos na aldeia. Não tinham sido abatidas árvores para limpar e semear o terreno – o próprio cultivo da terra teria parecido um desafio a que a frágil liberdade, arduamente conquistada, se desintegrasse diante deles.

Um sonho recorrente: ela caminhava pelo que restara da floresta após um grande incêndio, vendo apenas cepos carbonizados e enegrecidos com alguns ramos chamuscados erguidos ao céu.

Micah ia com ela. Era a primeira vez que o via num sonho desde

Georgetown, e na primeira noite em que ele apareceu o coração dela alegrou-se. Mas a alegria foi de pouca dura: a expressão no rosto do filho tornou-se triste, ao ver o que restara das árvores. Eles caminhavam. Como sempre, ao dar o primeiro passo, ele era um rapazinho, não mais velho do que quando lho levaram. Ela viu-o crescer à medida que avançavam, passar a idade que tinha quando morreu, até ficar quase tão velho como ela era agora. A única coisa que não mudava era a expressão que tinha no rosto: as rugas afundavam-se-lhe na fronte e nas comissuras dos lábios e dos olhos, enquanto ele olhava em redor, tentando decifrar a destruição.

Por fim, ele falava.

«Não ser assim que eu imaginar isto.»

«Isto o quê?», perguntava Rachel.

Mas ela acordava sempre antes de ouvir a resposta.

Quamina disse:

– Eu nota que a canção da primeira noite te comover. És akan?

– Não – respondeu Rachel. – Eu nascer em Barbados.

– A tua mãe era akan? O teu pai?

– Eu nunca os conhecer.

Quamina observou-a com atenção.

– Poderes não saber, mas lembrares-te. Ver em ti. – Por um instante, o sorriso caloroso, sábio, desapareceu-lhe do rosto. – Eu ser pequeno quando chega aqui. Mas tem essas memória na cabeça. Todas as noites, antes de dormir, eu pensa na terra natal. Família. Eu murmura umas palavra em akan para não esquecer. – Sorriu de novo. – Poder ensinar a ti. Se quiseses.

E assim, na maior parte das noites, ele procurava Rachel e sentava-se junto dela e contava-lhe histórias populares e ensinava-lhe palavras na sua língua. De início, ela perguntara a si mesma se passar tempo com alguém que, ao contrário de Thomas, sentia prazer em revisitar o passado lhe daria uma perspetiva diferente, funcionando como contrapeso da sensação crescente de que esquecer Trindade e as suas filhas talvez vivas ou talvez mortas seria tão fácil como adormecer. Porém, conforme Quamina foi

falando, Rachel viu que ele, à semelhança de Thomas, a conduzia à mesma conclusão. A aldeia podia ser um ponto terminal, um local de repouso, mas ele sentia-se ali tão em casa como os outros. Era só que para ele o fim podia ser encontrado no princípio, e fazia remontar o tempo àqueles seus primeiros dez anos, antes de ser acorrentado e metido no bojo de um navio com destino ao Novo Mundo.

Em troca do seu relato da vida em África, Rachel começou a falar a Quamina de Mercy e Cherry Jane. Não de como poderiam ser, algures num outro sítio qualquer das Caraíbas, mas de como tinham sido. As suas infâncias. Falou-lhe das duas meninas que deambulavam de mão dada pelas hortas dos escravos, esquadrinhando a terra em busca de flores silvestres. Sempre que encontravam algumas, Mercy punha-as na trança da irmã com mão firme, e a carinha de Cherry Jane brilhava de prazer, mais radiante que nunca sob a sua coroa de pétalas: brancas, vermelhas, roxas e azuis. E Rachel contou a Quamina da noite – depois de Cherry Jane ser levada para trabalhar na casa grande – em que ela acordou mesmo a tempo de ver Mercy esgueirar-se para fora da cabana. Rachel correrá atrás da filha, pronta a arrastá-la para dentro: não era seguro as rapariguinhas andarem tão tarde pela plantação. Mas Mercy tinha-lhe mostrado um raminho de flores.

– Eu apanhar hoje estas – disse a filha num fio de voz. – Ir deixá-las à porta da casa grande, para a Cherry Jane poder usar.

Rachel, grata por a escuridão lhe ocultar as lágrimas, acompanhara a filha até à porta da cozinha, para que pudesse aí deixar as flores – embora nunca tenha sabido se Cherry Jane as encontrou.

Contar estas histórias a Quamina apaziguava a parte de Rachel que ainda se sentia inquieta, ainda almejava a busca. E quando as semanas se transformaram em meses, ela perguntou-se se aquilo bastaria, aquelas viagens noturnas pelo passado.

A dor no peito, aquela que a levava a abandonar a plantação tantos meses atrás, nunca a deixara por completo. Era uma dor que ela sabia que Quamina também sentia. Ouvia-lha na voz trémula, quando ele cantava. Mas nas noites passadas juntos, Rachel

percebeu que podiam habitar na dor, viver na velha ferida, contar as suas cicatrizes. A dor nunca se atenuaria, mas podiam fazer as pazes com ela.

Uma noite, Rachel perguntou a Quamina:

– Alguma vez pensares em voltar?

– Eu pensa nisso. Mas se ir alguma vez tentar? Não.

– Porquê?

Quamina suspirou.

– Porque quando eu pensa em casa, eu pensa num sítio que já não existir. Eu pensa numa família que já deve ter morrido ou desaparecido. Eles deverem ter matado ou escravizado os meus, depois de eu partir. O meu pai dizer que a nossa terra ser fértil. O solo sustentar-nos durante milhares de anos. Mas o solo não poder proteger-nos quando os mercadores de escravos vierem.

Estavam sentados junto das cinzas da fogueira, a ver os penachos de fumo elevarem-se das poucas brasas que ainda se mantinham incandescentes.

– Eu não querer ver – continuou Quamina. – O que tudo se tornou. Talvez eu ser muito covarde. Eu só senta aqui a contar histórias. O medo de já não haver nada... é por isso que eu sabe que eu nunca mais voltar. Minha casa ser aqui, agora.

Rachel estava cansada. Tão cansada. Movia-se lentamente quando procurava plantas ou ia até ao rio. Os pés ainda lhe latejavam de todos os quilómetros que tinha percorrido. Todas as noites, quando se deitava para dormir, os ruídos da floresta envolviam-na, dizendo:

Descansa.

A cabana, uma vez terminada, não era grandiosa nem ornamentada. Lá dentro, estava dividida em dois quartos, um para Rachel e o outro para Ninguém e Mary Grace. Nuno tinha decidido que preferia a tenda.

Rachel passou com a mão pelas paredes, no interior. Ninguém e Thomas Augustus não eram carpinteiros exímios, mas, apesar da ocasional prancha irregular, a cabana no seu todo tinha uma beleza

humilde e funcional. Não fingia ser mais nem menos do que era.

De pé no seu quarto, ela viu pela moldura da porta Ninguém e Mary Grace estenderem as suas esteiras lado a lado. Ninguém ia trauteando, e Mary Grace certificava-se com cuidado de que as esteiras estavam direitas e de que a cadeira que Thomas tinha feito como presente para eles estava no canto onde ficava melhor. Era a primeira vez, apercebeu-se Rachel, que qualquer um deles vivia num sítio que podia considerar verdadeiramente seu.

Nessa tarde, a chuva veio, mas a cabana nova manteve-os secos. O cheiro da madeira molhada, o som dos pingos no telhado e a sensação do ar frio a entrar pela janela – tudo isto transmitiu calma a Rachel. Sentou-se com Ninguém e Mary Grace a comer uma tigela quente de refogado de peixe e sentiu-se segura.

Depois de comerem, quando a noite já tombava, Ninguém enfrentou a chuva e foi ver como estava Nuno na tenda. Uma vez sós, Rachel sussurrou a Mary Grace:

– Estares feliz?

Rachel reparara nas mudanças que se tinham operado na filha. A maneira como Mary Grace, amada por Ninguém e amada pela aldeia, desabrochava como um botão numa árvore de fruto. Todas as partes de si que ela tinha tornado pequenas se abriram em pétalas: ainda delicadas, mas luminosas o suficiente para despertarem um sorriso em quem quer que as contemplasse. Tinha começado a rir-se com mais frequência, e já não o riso tímido e abafado de outrora, mas um som que irrompia do fundo do ventre e ecoava na floresta. Quando ela se ria, a aldeia ria-se com ela.

Agora, na cabana, a expressão de Mary Grace não revelava nada. Se estava feliz, triste, desgostosa ou alegre, não o mostrava. Não despregou os olhos da tigela que segurava nas mãos.

Rachel aproximou-se mais da filha.

– Achas que poderemos ficar aqui?

Antes de Mary Grace poder sequer insinuar o sentido da resposta, Ninguém entrou novamente na cabana, limpando a chuva da testa. Quando Mary Grace olhou de relance para ele, Rachel viu algo cintilar nos olhos da filha. Amor. Os rebentos verdes de uma nova vida.

Esperança.

Ninguém aflorou a nuca de Mary Grace, um gesto discreto e terno de dedos sobre a pele. Mary Grace fechou os olhos, só por um instante, com uma expressão tranquila e serena.

Não havia nada a determinar que a aldeia dos foragidos fosse um ponto terminal, pensou Rachel. Talvez ela, com o fardo da sua vida atrás de si, só conseguisse ver as coisas aproximarem-se do fim, mas não era forçoso que assim fosse. Para a sua filha, por exemplo. Mary Grace merecia a esperança. Merecia um novo começo.

Em torno deles, as paredes da cabana eram sólidas. Debaixo dos pés deles, depois de tanto tempo passado em fuga, o solo da floresta podia mantê-los fixos.

A estação das chuvas chegou ao fim e os aldeões deram graças por as tempestades terem sido clementes. Quamina contou a Rachel histórias do ano em que grandes ventos arrancaram cabanas e tendas do chão e os obrigaram a construir tudo outra vez. A natureza podia revelar uma força ambígua, indiscriminada, mas este ano tinham sido poupados.

Numa manhã, uma semana depois das últimas chuvas, Rachel saiu da sua cabana e deu com Tituba sentada ali perto, a mostrar a Nuno como aguçar uma haste para fazer uma flecha. Tituba viu Rachel e fez-lhe sinal para que se aproximasse.

– Vou até ao rio, esta manhã – disse. – Vires comigo? Vou sempre depois das últimas chuvas, tomar banho quando a água está fresca.

Rachel só tinha ainda usado o riacho para se lavar, pois ficava muito mais perto da aldeia. A ideia de poder submergir na água era tentadora.

– Sim – respondeu. – Parecer-me bem.

Ela e Tituba tomaram o atalho que levava ao rio, através da floresta densa. Agora Rachel já quase sabia o caminho: as árvores que antes lhe haviam parecido todas iguais eram agora tão diferentes como rostos de pessoas, e pelo retorcido dos troncos ou pelos padrões do musgo em torno das suas bases ela conseguia saber se estava no caminho certo.

Quando chegaram ao rio, Tituba desapertou o cinto e deixou escorregar até ao chão a túnica simples que sempre usava. Entrou na água até às coxas e depois virou-se para esperar por Rachel, com um sorriso.

– A água está perfeita – disse ela. – Como sempre.

Rachel tirou também as roupas e seguiu Tituba, desfrutando da sensação de leveza nas pernas. Avançaram até ficarem com água pela cintura e depois quedaram-se ali um pouco, a deixar que a água as lavasse.

Tituba pôs a cabeça para trás e deixou-se flutuar na água, de olhos fechados. Rachel não conseguiu evitar comparar os corpos de

ambas, reparando no que eram diferentes e no que eram semelhantes. A diferença óbvia era a cor, um de bronze e o outro mais parecido com o castanho-escuro dos grãos de café ou da madeira ensopada pela chuva. Rachel também via mais suavidade no corpo de Tituba, na curva dos seus ombros e nos seios, que se elevavam um pouco à superfície. O corpo de Rachel tinha sido endurecido e talhado pelo trabalho árduo nos campos – músculos e tendões visíveis sob a pele e o peito quase achatado.

Quando Rachel baixou o olhar, viu algo que a surpreendeu. A parte inferior do ventre de Tituba ficou uns instantes visível, antes de as ancas e as pernas se afundarem na água. O que à primeira vista parecia ser o efeito do sol na superfície ondulada do rio era na verdade linhas pálidas de pele que iam do umbigo às coxas de Tituba. Rachel também tinha aquelas marcas, uma memória esbatida de quando o seu ventre inchara na gravidez.

Durante todos aqueles meses que já vivia na aldeia, Rachel não tinha sabido grande coisa acerca de Tituba. Mas o oposto não era de modo nenhum verdadeiro. Iam muitas vezes colher plantas juntas e Tituba apontava os melhores frutos e raízes a apanhar. Mas, ao contrário do marido, Tituba não se mostrava interessada em partilhar pormenores sobre o seu passado. Agora, ao ver as marcas no ventre de Tituba, Rachel quase se sentiu embaraçada, como se o corpo de Tituba tivesse murmurado um segredo que a própria Tituba queria manter guardado.

Temendo desvendar mais segredos se continuasse a olhar, Rachel seguiu o exemplo de Tituba e deitou-se sobre a água. A corrente era fraca o suficiente para, com um ocasional movimento de pernas ou de braços, se manterem no mesmo sítio. Os ouvidos estavam debaixo de água, bloqueando o som. Rachel sentiu-se pequena, isolada de tudo exceto dela própria, e ao mesmo tempo infinita. Acima dela, o céu parecia não ter fim.

Sentiu mais do que ouviu Tituba falar, um som distorcido a vibrar através da água. Ergueu-se.

– Desculpa, o que dizes?

Tituba também estava de pé. A água escorria dos seus cabelos pelo peito, sobre as linhas no ventre e de volta para o rio.

– Disse que não és feliz aqui.

Rachel baixou o olhar e ficou a ver a água contornar o seu corpo. Tituba continuou.

– Parece que tens alguma coisa que te apoquentas.

Rachel conseguiu erguer o olhar e sustentar o de Tituba. Receava que admitir a sua inquietação fosse visto como um insulto, depois de tudo o que os foragidos tinham feito. Mas ali de pé diante de Tituba sentiu-se exposta, numa nudez mais reveladora do que estar simplesmente sem roupa.

– Vocês receberem-me bem – começou. – Mas... eu não consegue assentar. Haver qualquer coisa que não estar bem. Eu não sabe o quê.

Os olhos de Tituba eram penetrantes, mas tinham um brilho que não era antipático. Pareciam líquidos: o olhar dela derramou-se sobre Rachel, avaliando-a.

– Muitos de nós tivemos dificuldade, no início. Leva tempo.

Rachel não conseguiu evitar olhar de novo para as marcas de estiramento nas ancas de Tituba. Perguntou-se o que teria levado Tituba à aldeia, mas depois sentiu vergonha por se interrogar, como se a simples questão imaginada fosse uma intrusão na vida da outra mulher.

Ficaram algum tempo em silêncio, deixando a água lamber-lhes a pele. De margens opostas do rio, dois pássaros trocavam chilreios num despique animado que se foi tornando cada vez mais urgente e excitado até os dois cantos se tornarem numa só harmonia, contínua. Tituba baixou uma mão e moveu-a lentamente na água – não o suficiente para criar uma onda, mas o bastante para que a superfície da água remoinhasse em torno do seu pulso.

– Para os que eram escravos, penso que é ainda mais difícil – disse Tituba. – Há coisas que consigo perceber. A perda da família. A perda de um lar. Mas a perda da liberdade, nunca a vivi. Deixa cicatrizes.

Tituba olhava para a sua mão na água. Rachel observava-a também: os movimentos lentos, deliberados, o cuidado que ela tomava para não perturbar demasiado a superfície.

– Vi pessoas que quase não conseguiram viver, depois de fugirem

– prosseguiu Tituba. – A liberdade era o que tinham querido durante tanto tempo... A liberdade significa sair dos limites da plantação. Mas, e depois? Pode ser difícil, viver depois da liberdade. – Olhou para cima, e Rachel sentiu de novo o choque dos olhos escuros, inquisitivos. – Acho que todos conhecemos já a distância que há entre o que é real e o que imaginamos, não concordas?

– Sim.

Se Tituba tinha esperado, ou desejado, que Rachel dissesse mais alguma coisa, não o demonstrou. Deitou-se de novo e o seu cabelo comprido e preto abriu-se em leque atrás de si. Fechou os olhos, trauteando as primeiras notas de uma canção. Os pássaros ainda trocavam chamamentos e a música de Tituba era como uma camada sob eles. Tudo nela – o corpo no rio, o trauteio que se confundia com o canto das aves – se fundia naturalmente com a floresta. Parecia em paz.

Rachel também se deixou de novo flutuar, despojando-se uma vez mais do seu peso. Lá em cima, o azul sem mácula do céu tinha uma beleza simples. Vazio, sem parecer vazio. Com a água nos ouvidos, Rachel conseguia ouvir os batimentos do seu próprio coração.

Perguntou a si mesma se Tituba teria razão. Talvez ela, como muitos outros, se estivesse a debater com o fosso entre a liberdade tal como a imaginara e a liberdade tal como esta era. A pergunta que a perseguiu tantas vezes, desde a primeira manhã a seguir à emancipação, regressou à tona:

E agora?

Ela tinha-se perguntado aquilo, uma e outra vez. Teria medo da resposta?

Isto. Apenas isto.

Porém, na quietude densa das correntes subaquáticas, ouviu outro sussurro. A aldeia dos foragidos não era o mundo. Havia outras formas de ser livre. Havia o regime de aprendizagem – liberdade só de nome, havendo a obrigação legal de trabalhar para um senhor branco. Havia a vida no mar. Havia até a morte – Rachel conhecera muitos que a haviam escolhido como uma espécie de liberdade.

A água fresca na pele estimulava uma certa clareza. Não o clarão de luz que ela buscara, mas clareza de um tipo mais brando. Agora ela sabia. A pergunta dela não tinha uma resposta apenas. Tinha muitas.

Uma ligeira ondulação indicou a Rachel que Tituba se tinha posto de pé, e Rachel levantou-se também. Os olhos de Tituba percorreram de novo o rosto e o corpo de Rachel, sondadores. Rachel resistiu ao impulso de cruzar os braços sobre o peito e, em vez disso, aceitou o olhar. Quase acolheu com agrado a avaliação da outra mulher.

Diz-me o que vês.

Mostra-me a mim mesma.

– Há quanto tempo sabes que o Micah morreu?

Claro. Parecia a coisa mais óbvia a perguntar, a coisa mais óbvia a ver. A dor ainda estava inscrita por todo o lado, na pele de Rachel.

– Quatro meses.

Tituba acenou.

– Todo o desgosto tem força, mas o desgosto de uma mãe por um filho é o mais forte de todos.

Rachel já não receava observar as marcas no corpo de Tituba, os fantasmas de filhos passados. Tituba reparou no olhar dela e houve um entendimento tácito entre ambas, sob a água, nos abismos de dor nos olhos de Tituba, antes de o rosto desta se recompor numa expressão calma, quase solene. Tituba não disse nada, mas não havia necessidade.

Rachel percebia.

Naquela noite, o mesmo sonho. As árvores queimadas. Micah ao seu lado.

Ele disse: «Não ser assim que eu imagina isto.»

«Isto o quê?»

Desta feita, ele respondeu.

«A liberdade.»

Rachel olhou para a floresta morta em torno deles.

«Pois não. Também não ser assim que eu imagina isto.»

Quando Rachel contou a Ninguém e Mary Grace o que tinha decidido, o que lhe fora enfim revelado enquanto flutuava na superfície do rio, eles não se mostraram surpreendidos. Já todos o esperavam. Ninguém e Mary Grace devem ter detetado uma mudança em Rachel, e ela, por seu lado, soube que eles estariam com ela. Estavam preparados para partir.

Mas antes, disse Ninguém, havia só mais uma coisa que ele e Mary Grace queriam fazer. A floresta parecia ser o sítio adequado. Rachel daria permissão?

O coração dela transbordou de alegria. Por uma vez, os vestígios de dor e perda desapareceram.

– Sim – disse ela.

Claro que tinham a sua bênção.

O casamento foi pouco antes do pôr do sol. As árvores projetavam sombras alongadas, como faixas, na clareira e, quando Mary Grace caminhou da cabana até onde Ninguém a aguardava, passou pela sombra, depois pela luz, depois pela sombra, depois pela luz.

Envergava um vestido que Rachel nunca lhe vira, indubitavelmente confeccionado pela Sr.^a Armstrong. Mary Grace era agora uma boa costureira, mas o toque delicado de Elvira, a mestria revelada em cada ponto, era difícil de igualar. O vestido era azul-claro, simples, sem rendas nem passamanes. Mary Grace devia tê-lo trazido consigo de Bridgetown, embrulhado nas suas outras roupas, intocado durante os meses passados em Georgetown e na aldeia. Rachel imaginou a filha a desdobrar o vestido às ocultas, a admirá-lo diante do corpo e depois a arrumá-lo de novo apressadamente – não, ainda não. Demasiado belo, demasiado sofisticado, demasiado elegante, devia a filha ter pensado. Não poderia usá-lo. Até agora.

Os aldeões formaram um círculo no centro da clareira, envergando também as suas melhores roupas. A alguém de fora, poderiam não parecer muito diferentes de outro dia qualquer, mas

Rachel reparou nas fitas azuis nas bainhas das saias e das calças que Mary Grace cosera, assim como nas flores entaladas atrás das orelhas e entretecidas nos cabelos.

Mary Grace entrou no círculo, onde Ninguém a aguardava. As lágrimas corriam, copiosas, pelo rosto dele, os sulcos juntando-se às comissuras do seu sorriso. Mary Grace deu-lhe a mão. Ele beijou-lhe o cocuruto. A toda a volta, as aves e os grilos cantavam a sua bênção, e o céu, matizado com nuvens rosadas e cor de laranja, era o pano de fundo perfeito para o amor do jovem casal.

Thomas Augustus conduziu a cerimónia. Tinha ouvido Rachel falar a Ninguém da igreja que havia em Bridgetown e perguntara-se se Mary Grace gostaria que o casamento dela honrasse este Deus que ela e os Armstrong iam adorar todos os domingos.

– Eu pode celebrar, se ela quiser – tinha dito Thomas. – Eu sabe um pouco da Bíblia. Ir à capela, na plantação.

E Rachel tinha percebido, com grande tristeza, que havia muitas coisas acerca do filho que ela não sabia.

Thomas sorriu abertamente à irmã e ao homem que ia ser marido dela.

– Eu não sabe muito – disse ele –, mas eu sabe que Deus ama nós. E nós termos de aceitar o amor d’Ele e usá-lo pra nos amarmos uns aos outro.

Mary Grace encostou-se mais a Ninguém. Os corpos de ambos pareceram fundir-se até deixar de ser possível dizer onde acabava a pele dela e começava a dele.

Thomas continuou:

– O amor é o centro de tudo. Deus cria nós pra amar, e Ele mandar o Seu filho pra nós poder amarmos ainda melhor.

Mary Grace ergueu os olhos ao céu, talvez onde ela pensava que Deus estaria. Rachel imitou-a, embora não acreditasse num deus-céu. Ela sentia que a existir algum deus ou alguns deuses, estes estariam disseminados por tudo e todos na terra, nem benevolentes nem malignos, mas simplesmente existindo, unindo tudo, vivos e mortos. Todavia, o céu estava lindo naquele fim de tarde, e durante um momento todos os presentes ergueram os olhos e deixaram que os últimos raios de sol os banhassem no amor de Deus.

- Mary Grace – disse Thomas, trazendo-os todos de volta à terra.
- Minha irmã. Amas este homem ao teu lado?

Mary Grace acenou afirmativamente.

- E Ninguém. És como um irmão pra mim. Amas esta mulher?

– Sim. – A voz de Ninguém fez-se ouvir alto e bom som, clara e firme, sobre os ruídos dos animais crepusculares.

– Então podeis ser marido e mulher, com a bênção de Deus e a bênção de todos os aqui presentes.

Eles beijaram-se ao som de vivas e risos – um fugaz relampejo de ruído humano antes de todos se quedarem de novo em silêncio e cederem o ar crepuscular ao bater das asas das aves, ao restolhar das folhas e ao zumbido dos mosquitos. Quamina tinha-se oferecido para cantar no final da cerimónia do casamento, mas quando se adiantou Tituba intercetou-o.

– Deixa-me ser eu – pediu ela.

A voz dela era mais baixa do que a de Quamina, mas não menos cativante. A melodia e a letra eram completamente estranhas a Rachel – não tinham a ancestralidade familiar das canções akans que Quamina entoara – mas a beleza estava nessa estranheza. Sem perceber nada, Rachel podia inventar o significado. Podia deixar que a música a transportasse, levando-a para longe de ossos enterrados e memórias antigas. Cada nota era um mundo de possibilidades. Não havia um caminho predeterminado. As canções de Quamina pareciam sempre uma transmissão de conhecimento, sentimento, dor e alegria, de uma geração à seguinte, para manter vivas determinadas memórias. Rachel recebia estas dádivas do passado de boa mente. Mas agora ela experimentava a emoção de uma música que a abria, que a levava para fora de si, em vez de a levar para mais fundo de si. Enquanto Tituba cantava, Rachel sentiu o mundo abrir-se à sua frente, com todos os seus portentos. Pela primeira vez em meses – anos –, o coração dela estava desanuviado.

Mary Grace e Ninguém dançaram. Oscilavam lentamente, envolvidos um no outro. Quando Tituba terminou a canção, Kamu, o outro homem indígena, foi à sua cabana e trouxe de lá um tambor. Substituiu a melodia calma por uma batida que depressa pôs a aldeia inteira a saltar, rodopiar, bater palmas e rir. Ali estava

uma língua que todos falavam, que não precisava de palavras. Mary Grace, rodopiando dos braços de Ninguém para o centro do grupo, era a que falava mais alto, deixando o corpo dizer o que a boca não conseguia. Rachel trocou um olhar com a filha que dizia a ambas que tinham só mais uma noite. Uma noite mais neste sítio onírico, nesta floresta profunda, onde as estrelas eram mais brilhantes e o ar mais fresco e as flores e os frutos nas árvores mais vibrantes do que em qualquer outro sítio da terra.

Não é para sempre, dizia Mary Grace com as suas ancas a gingar. *Nada é para sempre*. Ergueu as mãos ao céu, celebrando a batida do tambor e o seu Deus. Com este movimento, disse: *Amanhã, vamos continuar e continuar e continuar – até não haver mais aonde ir. Claro que irei contigo. Como poderia não ir?*

A noite caiu e eles continuaram a dançar ao luar. Rachel deu com Thomas na orla do grupo, os pés a marcarem um ritmo complexo no chão. Ela bateu-lhe no ombro, apontou para a sua própria cabana.

– Entrares? Podemos falar.

Thomas seguiu-a até ao interior, limpando o suor da testa. Todo o seu corpo emanava a energia e o calor das festividades. Parecia feliz. Bem consigo mesmo.

Havia tanto que ela lhe queria dizer, mas obrigou-se a começar pelo fim.

– Eu tem de ir – disse ela. – Em breve. Amanhã.

O sorriso apagou-se no rosto dele.

– Ir? Onde?

– Trindade.

Ele levou a mão ao cabelo e esfregou a cabeça, com uma expressão algures entre a incredulidade e a mágoa.

– Poderes vir – disse Rachel. Mas ela já sabia a resposta.

– Não. Aqui ser a minha casa. Pode ser a sua também.

– Saberes que não pode, Thomas.

Aquilo doía. Rachel tinha passado de um extremo ao outro: um reencontro fácil com Mary Grace seguido da rutura absoluta que

fora saber da morte de Micah. Mas isto agora era todos os tons de cinzento. O filho estava vivo e ela amava-o. Mas ela não podia ficar e ele não a acompanharia.

– Eu não percebe.

Rachel viu a juventude regressar ao rosto de Thomas, em geral mais velho do que a sua idade. A obstinação cerrou-lhe o maxilar e ele abriu os braços, procurando em torno de si uma resposta que Rachel, por já ter vivido o suficiente, sabia que não existia.

– Eu tem de acabar isto – disse ela. – Mal eu sai da plantação, ser o único caminho. Eu tem de encontrar os outros.

Magoado, ele deu largas à fúria.

– Porque é que não consegue ver que não há esperança? Não ir encontrá-los. O homem branco ir apanhá-la e obrigá-la a trabalhar. Ir acabar como começou, a trabalhar na cana até morrer. Mas pode ficar aqui. Pode ser livre.

Rachel deixou-o dar vazão à raiva, embora sentisse as lágrimas assomarem-lhe aos olhos. Ela percebera desde aquela primeira conversa, quando tinham pescado na margem, que dentro dele se instalara uma rigidez, um desejo de ver e viver a vida de uma maneira apenas. Ele queria que ela ficasse porque não conseguia entender como poderia ela querer ir-se embora. Amar e partir não podiam coexistir, aos olhos dele. Para ele, o que deixara para trás, a sua vida antiga, tinha deixado de existir.

– Eu não ver as coisas assim – disse ela baixinho. – A liberdade significar uma coisa diferente pra mim. A busca, é isso a liberdade.

Não se vislumbrou sinal de entendimento nos olhos dele, mas ela soube que tinha de continuar a tentar.

– Não saber é o que me magoar. É o que a escravidão me ter tirado – eu não saber. Eu não saber onde os *pickney* estarem. E se eu ficasse lá, podia nunca saber. Isso não é liberdade. Pra mim, não é.

Thomas não disse nada. Rachel viu a obstinação e a fúria esbaterem-se na expressão dele. Ainda parecia jovem, mas pequeno, agora. Inseguro. Exatamente como o menino que em tempos fora. Havia perguntas nos seus olhos.

– Sabe pode fazer doer – disse Rachel. – Quando eu sabe que Micah... – Ela respirou fundo, recompôs-se. – Mas mim contente por

mim saber que homem o Micah ter sido. Mim prefere saber a evitar a dor.

Thomas olhou para o chão.

– Eu não pode perdê-la outra vez – disse ele. – A si, à Mary Grace. Da última vez, isso quase me matou.

Rachel envolveu-o com os braços. Foi um movimento espontâneo, mas ela atingira o limite do que podia dizer apenas com palavras. Ele deixou que ela o cingisse ao peito. Rachel sentia o batimento do coração dele e a aspereza da sua respiração. Pouco a pouco, o corpo do filho foi ficando menos tenso. – Mim amar-te muito – sussurrou ela aos caracóis curtos da cabeça dele. – Não é que mim querer ir embora. É que mim não poder ficar.

Thomas não disse nada. Rachel afastou-se um pouco dele, o suficiente para o olhar nos olhos.

– Não ires perder-nos – disse ela. – Aqui fizemos boas recordações, melhores do que as do tempo da plantação. Vais lembrar-te de como nos sentarmos e conversarmos ao pé do rio. Vais lembrar-te da Mary Grace no dia do casamento dela. Vais lembrar-te de rir e sorrir. E vais saber que sermos livres.

Separaram-se. Thomas já não parecia furioso nem magoado nem obstinado, demasiado velho ou demasiado novo. Parecia simplesmente o que era.

– Então, amanhã? – perguntou ele.

– Sim.

Ele fez um aceno. Parecia não ter mais nada a dizer.

Saíram da cabana, Rachel na dianteira e Thomas no seu encalço. O ar noturno, já cerrado e húmido, estava saturado do cheiro do suor. Quamina tinha ocupado o lugar no tambor, e Kamu, Tituba e Nuno encontravam-se no centro do grupo que dançava. Cada um fazia passos que eram diferentes entre si mas de alguma forma evocavam os dos outros. A Rachel, aquilo lembrou quando uma pedra cai na água e na ondulação que produz as orlas se distorcem mas nunca fogem verdadeiramente da forma original do baque que as criou. Com o luar a lançar uma luz suave sobre as peles brilhantes e a oscilação das tranças compridas de Tituba, a cena era tão bela que Rachel parou a admirá-la.

– Eu estar contente por ter vindo.

Thomas tinha-se aproximado para se fazer ouvir sobre o batuque do tambor.

– Eu também estar contente – disse Rachel.

– Eu nunca esperou... nunca imaginou. A mãe, aqui. Parecer impossível. Por isso... eu estar contente.

De todas as palavras trocadas desde o reencontro, este discurso – calmo, fragmentado, a voz dele a embargar-se um pouco no fim – foi o que mais a comoveu. Por vezes, é impossível ver uma sombra antes de esta se dissipar e Rachel percebeu finalmente que tinha sentido medo. Sentira medo de que vir até ali não tivesse feito diferença. Este mundo verde, isolado de tudo, onde a vida era tão estranha – onde as pessoas vinham para fugir, mas acabavam por ficar, de certo modo, encurraladas em si mesmas. Rachel sabia que era preciso uma coragem imensa para alcançar a aldeia dos foragidos, e, no entanto, chegava-se ali já diminuído. Os que o conseguiam fazer tinham conquistado a liberdade, mas a que preço... A escravidão havia-lhes sugado a vontade de imaginar qualquer futuro que não fosse este: uma vida no limite, em fuga, que continuava a parecer transitória mesmo muito tempo depois de os aldeões se terem instalado num local.

Quando Rachel imaginara contar a Thomas a sua partida, esperara esta mágoa, esta fúria. Mas o medo que a consumira, sem que ela sequer se apercebesse, era que estes sentimentos se esbatessem quando ela se fosse. Ela voltaria a ser quase nada – uma parte do passado que ele se esforçava por não rememorar.

Esse medo já não tinha poder sobre si. Ela enganara-se. Não se esbateria para ele. Via-o nos seus olhos.

– Eu ir sempre lembrar isto – disse Thomas. Desviou o olhar para os que dançavam. Tituba, Kamu e Nuno ensinavam agora os seus passos a Mary Grace e Ninguém, misturando os movimentos das diferentes tribos numa expressão única de tudo no mundo. Felicidade, tristeza, história, esperança – tudo isto estava presente naquela dança, executada no meio daquela aldeia mestiça de almas perdidas que se tinham encontrado umas às outras.

– Sim – corroborou Rachel. – Eu também ir lembrar..

Mary Grace viu-os ali de pé e abriu caminho até eles. Já perto, deteve-se, tentando ler-lhes as expressões. Depois de perceber o que se tinha passado, agarrou-os pelos pulsos e puxou-os para o meio do grupo. O tambor palpitava dentro de Rachel como batimentos de coração e ela sentia os corpos encostados ao seu – Mary Grace, Thomas, Tituba, Ninguém. Não sabia os passos, mas não importava – ninguém sabia. Combinando as danças, tinham criado uma coisa nova, uma coisa que não se tornaria a ver. Músculos que Rachel não usava havia anos – na parte interna das coxas, nas partes laterais da caixa torácica, entre as omoplatas – sacudiam a sua rigidez e permitiam que ela se movesse como nunca se tinha movido.

No dia seguinte, já teria partido. Abandonaria a floresta e regressaria ao mundo das estradas e das plantações e das cidades onde cabanas decrepitas se acoravam à sombra de casas imponentes e flechas de igrejas severas. Mas ela nunca se iria esquecer da aldeia onde se rira e entristecera, onde chorara, amara e vira o filho e a filha crescerem. Não o crescimento rápido das crianças, que parecem mais altas a cada dia que passa e cuja vida está semeada de «primeiros»: primeiro passo, primeira palavra, primeiro dia a trabalhar nos canaviais. Thomas Augustus e Mary Grace não estavam muito mudados. Quando o riacho da infância se alarga num rio, o fluxo da vida adulta escava fundo no solo. O curso desses rios não é facilmente alterado, mas o mais ínfimo empurrão, para um ou outro lado, pode levar o rio a meandrar de formas surpreendentes.

Ver em Thomas aquela centelha de compreensão – vê-lo considerar modos de ver o mundo que não eram os seus – tornava a partida de certa forma mais difícil. Se ele tivesse resistido à tentativa de Rachel de explicar as suas ações, ela poderia tê-lo imaginado daí a dez, vinte ou quarenta anos: a viver sempre um dia de cada vez, imperturbado por pensamentos acerca do passado e do que poderia ser o futuro. Inquietava um pouco, perder esta certeza. Naquela noite, ela vira nele a possibilidade de mudança. O que iria ele fazer agora da sua vida? Para quão longe do seu destino anterior serpentearia o rio dele?

Nos anos vindouros, se pensasse em Thomas, Rachel não teria o

consolo de saber exatamente onde ele estava e como vivia. Mas nunca nada estava determinado. Ela sabia isso, e agora ele também o sabia. Os caminhos de ambos divergiam naquele ponto, e ela não saberia dizer aonde cada um deles levava. Sentia-se simplesmente feliz pelo tempo em que tinham coincidido e eles os tinham percorrido juntos, lado a lado. De certa forma, ainda que diminuta, ele estaria sempre com ela, e ela com ele.

A viagem de regresso a Georgetown foi rápida. O Demerara arrastou a canoa com a sua corrente, exigindo apenas que eles remassem de quando em vez, para se orientarem, e o que levava cinco dias para chegarem à floresta demorou apenas dois rumo ao mar.

O barco também ia agora mais leve, o que ajudava à velocidade. Tinham deixado Nuno na aldeia, pois ele não manifestara vontade de descer de novo o rio até aos locais onde tinha sofrido. Na manhã da partida, com os aldeões reunidos para a despedida, Rachel deu consigo a deixar Nuno para o fim – antes apenas de Thomas Augustus, que foi a última pessoa que ela abraçou. Com as mãos pousadas nos ombros do rapaz, passou uns minutos a apreciar o quanto uns meses na aldeia o tinham mudado. Os braços ainda eram delgados, mas já não esqueléticos – boa comida e muitas horas passadas a transportar cestos cheios de frutos colhidos e a desbastar ramos para fazer cabos de machado e hastes de flechas tinham ajudado a cobrir-lhe os ossos com carne.

Ele sustentou-lhe o olhar e aceitou o seu toque sem ficar tenso nem se retrair, o que era de longe a maior mudança operada nele. Tinha acalmado e já não era o menino esquivo e perdido, pronto para lutar ou fugir a todo o momento, embora os olhos revelassem ainda os vestígios da antiga cautela que restava nele. A floresta não tinha suavizado todas as suas arestas vivas – nem o faria nunca, suspeitava Rachel. Ele conhecera tantas perdas quando ainda era tão pequeno, que algumas dessas feridas nunca sarariam. Mas ser amado e aceite por Tituba, Kamu e o resto da aldeia fizera-lhe bem.

– Tem cuidado contigo – disse-lhe Rachel. Apesar de todos os meses passados com ele, Rachel ainda não sabia as palavras certas a dizer-lhe. Havia um resquício de prudência em todas as conversas que tinham; não tão acentuada como da primeira vez que os caminhos de ambos se cruzaram, mas a suficiente para a fazer perguntar a si mesma se ele captaria o sentido total do que ela queria dizer. Entreolharam-se como animais feridos de espécies diferentes, reconhecendo o que tinham em comum – a busca do lar

depois da dispersão de uma família –, mas incapazes de se fazerem entender completamente quanto a tudo o que os distinguia.

– Boa sorte – disse Nuno, com um pequeno aceno de cabeça.

Nada mais foi dito entre eles, e a tristeza que Rachel sentiu depressa foi ofuscada pela necessidade de se despedir do seu filho pela última vez. Mas houve momentos no rio em que ela pensou em Nuno e percebeu o quanto sentiria a falta daqueles olhos argutos e daquela força de vontade discreta. Quase tanto quanto ao seu próprio filho, desejou-lhe felicidade.

Depois de meses passados na floresta, regressar a Georgetown era uma violência para os sentidos. Rachel tinha-se esquecido do quão barulhenta era a cidade – carroças a chocalhar no empedrado das ruas, pessoas debruçadas às janelas a falar para alguém cá em baixo, e os gritos dos que estavam bêbedos, brigavam ou corriam atrás de um ladrão. Para trás tinham ficado os odores subtis a terra, frutos bravos e água doce. Em vez deles, sentia agora nas narinas o fedor das pessoas, centenas delas, sujas e forçadas a viver amontoadas.

Não obstante o barulho e o cheiro, Rachel alegrou-se por estar de volta. Não por estar de volta especificamente a Georgetown – não sentia nenhum vínculo especial a esta cidade e não teria saudades quando partisse –, mas por estar de novo entre pessoas e todas as imperfeições de um mundo construído por homens. Aquilo revigorava-a, tornava o seu espírito e o seu objetivo mais nítidos e claros. O tempo passado na floresta tinha sido como flutuar, aprisionada nos interstícios dos momentos da vida, em vez de os viver em toda a sua complexidade. A aldeia dos foragidos estava virada para dentro, e muitos dos seus habitantes também – viam apenas os seus próprios passados e futuros. O estado confuso, agitado e fedorento de Georgetown puxava Rachel para fora de si própria e de novo para o mundo.

Mal chegaram, Ninguém dirigiu-se às docas, e conseguiu encontrar trabalho no primeiro navio que saía de Georgetown rumo a Trindade. Como presente de despedida, Quamina tinha-lhes

entregado panos feitos pelos indígenas e a venda destes e da canoa rendeu uma pequena maquia, suficiente para a passagem de Mary Grace. Rachel, tal como Ninguém, teria de trabalhar para ser admitida a bordo.

O navio transportava animais para Trindade. Cabras, porcos, galinhas e vacas seguiam amontoados no porão, que já tresandava às suas fezes antes mesmo de o navio sair do porto. O trabalho de Rachel era tomar conta dos animais. O capitão, de pele quase da cor e da consistência do cabedal depois de tantos anos de sal e sol, mirou-a atentamente. Numa travessia de dois dias, ele permitiria duas pausas de algumas horas para descansar, declarou. Tirando esse tempo, ela teria de estar sempre lá em baixo, a vigiar.

– E nem penses em passar pelas brasas – advertiu-a ele. – Da última vez, o rapaz que tinha lá adormeceu e uma das vacas soltou-se. Espezinhou e matou as galinhas quase todas.

Quando Rachel desceu às entranhas do navio, a ideia de acordar com o som dos gritos das galinhas moribundas e o cheiro do seu sangue a coagular bastou para a manter alerta.

Pese embora as doses regulares de gengibre, o nó apertado da náusea no estômago de Rachel nunca lhe deu grandes tréguas. Os animais não ajudavam: não era só o cheiro deles, era também o seu medo. Bufavam e entrechocavam, e na escuridão ela conseguia ver-lhes o branco dos olhos, quando os reviravam de terror. Começou a partilhar o sofrimento deles: a cada balanço gemente do navio ela sentia o estômago revolver-se. O capitão tinha-lhe dito que fizesse uma ronda de vez em quando, que verificasse todos os cantos do porão, mas depressa ela deixou de conseguir afastar-se mais do que alguns passos da saída e da ocasional brisa marítima que por ali entrava. Se se aventurasse mais para o interior, a sensação de sufocar, engolida pelo calor dos corpos apavorados, tornava-se impossível de suportar.

Sem luz, não havia forma de perceber a passagem do tempo e Rachel tentou em vão usar outros indícios: contar os balanços do navio nas ondas ou as respirações trabalhosas de uma vaca próxima. Estes ritmos não eram de confiança – a hora a que ela esperava ser aliviada da sua tarefa chegou e passou duas vezes antes de

finalmente ouvir passos a descerem a escada. Um rapaz, que pouco mais velho seria que Nuno, emaciado e anguloso, assumiu o posto dela, e Rachel fugiu para o ar puro.

Era uma noite sem luar, e, tirando os pontinhos das estrelas lá no alto, não havia mais luz acima do que abaixo do convés. Discerniu alguns tripulantes, ou as suas sombras, na popa ou junto do mastro. O mar não se avistava, só se ouvia, batendo contra o bojo do navio. A sensação prevalecente era de um vazio vasto, e Rachel libertou-se de imediato da claustrofobia que tinha partilhado com os animais lá em baixo.

Sentiu-se, a um tempo, exausta e irrequieta. As horas de agitação constante e contínua tinham-na esgotado, mas o espírito, liberto da obrigação estrita de se impedir de entrar em pânico, saltitava entre pensamentos a uma velocidade alucinante.

Decidiu que não descansaria: não conseguia encarar a perspectiva de descer outra vez ao convés inferior em busca de uma rede. Em vez disso, apoiou-se na amurada e ficou a olhar para onde conseguia ouvir, saborear e quase sentir o mar.

Conseguia perceber a razão por que Ninguém tinha gostado da sua vida. Havia nela um anonimato fácil, cada viagem era como um renascimento. A água abaixo de nós nunca era a mesma, e contudo o seu balanço suave, quase de metrónomo, podia levar-nos a crer que era. Uma combinação inebriante de familiar e estranho.

Rachel olhou para as suas mãos e descobriu que tinham esta mesma característica: o fluxo e o refluxo de mudado e imutável. Aquelas mesmas mãos tinham-se agarrado à amurada de um navio vindo de Bridgetown. Tinha enxugado lágrimas de tristeza por um filho e depois de alegria por outro. Nas florestas da Guiana Britânica, tinham escavado em busca de raízes de mandioca e colhido bagas silvestres. Tinha-se unido na celebração do casamento da filha e tinham estreitado Thomas Augustus antes da separação de ambos. Ali estavam as mãos dela, ainda com dez dedos, ainda com uma cicatriz que ia da extremidade da palma esquerda à base do polegar. E, contudo, quanto tinham feito, quanto tinham transportado, quanto tinham agarrado! A sua vida em Providence, imobilizada num crepúsculo imutável de angústia,

parecia mais longe que nunca. Rachel estava de novo a crescer – e ainda não terminara.

Quando um sol débil começava a derramar-se no horizonte, Rachel regressou ao porão dos animais. Descobriu que era a sua rigidez que provocava o enjoo. Se se descontraísse um pouco, se se deixasse balouçar juntamente com o navio, o corpo começava a ajustar-se. Não tornava a ocupação aprazível, mas tornava-a mais fácil de suportar. Rachel desistiu de tentar contar as horas que haviam passado ou ainda haviam de passar até à pausa seguinte, e focou-se, ao invés, na sensação de fluidez conforme as ondas determinavam o seu movimento. Em Trindade, teria tempo para pensar nas escolhas difíceis sobre aonde ir e fazer longas caminhadas esgotantes em torno da ilha. Para já, desfrutava da trégua temporária de galvanizar constantemente o seu corpo para a ação e deixava que o mar assumisse o controlo.

TRINDADE

Agosto de 1835

A cidade de Porto de Espanha ficava alapardada entre brejos, à sombra das montanhas setentrionais de Trindade. Rachel detestou-a mal a viu. Não era alheia ao calor suado e desesperado das cidades caribenhas, mas Porto de Espanha parecia pior do que as restantes. Febril, sufocante. Nas ruas, as pessoas reluziam, a pele permanentemente coberta de transpiração.

Uma linha de canhões dispostos ao longo do cais mirava, sem pestanejar, o mar – protegendo a cidade do quê, Rachel não sabia. Viria a saber, graças à mistura de línguas que ouvia falar, que vaga após vaga de homens brancos tinha reivindicado a conquista de Trindade, mas a ela nunca lhe pareceu que fosse explicação adequada. Subjacente a esta, havia outra questão: por que motivo vinham eles? O que viam naquele sítio pantanoso que os dispunha a matarem-se uns aos outros para o obterem? Porém, a verdade é que a Rachel sempre tinha intrigado o ponto até ao qual os homens brancos aceitavam ir em prol da posse. Talvez a sua avareza não conhecesse de facto limites – porque, mesmo esforçando a vista, Rachel não conseguia lobrigar um único recanto de Porto de Espanha que a tivesse levado a conquistá-la ou a armar canhões em sua defesa.

Com o salário ganho por Ninguém na viagem, conseguiram um quarto numa estalagem. Decidiram-se pela mais esqualida que encontraram, esperando que assim o dinheiro durasse mais – mas Rachel sabia que apenas lhes daria para uma ou duas semanas e depois teriam de procurar trabalho, ideia que lhe pareceu quase tão opressiva como o calor. Rachel queria resistir aos padrões habituais. Em Bridgetown e Georgetown, o pragmatismo persuadira-a a lançar raízes hesitantes. Agora, não receava a vida nómada e passageira que sabia que teria de levar, mais cedo ou mais tarde, se queria encontrar as filhas. O melhor era não ter compromissos em Porto de Espanha, decidiu. Procurariam o que pudessem e depois, quando o dinheiro findasse, partiriam e arriscariam a sorte noutro sítio.

Chegaram a uma sexta, e Rachel esperou impacientemente que um longo e húmido sábado desse lugar ao dia de feira. No domingo

de manhã, Rachel levantou-se cedo e foi para a rua. Apesar de ser madrugada, depressa ficou pegajosa de suor. Todos os quarteirões eram irritantemente parecidos, e ela limitou-se a andar às voltas sem grande noção do sítio da cidade onde poderia estar, ou qual das esquinas idênticas deveria dobrar em seguida. Os edifícios pelos quais passava – sobretudo de madeira, mas também de pedra, em graus variados de degradação – eram para ela todos horrendos. Estugou o passo: quanto mais depressa pudesse sair desta cidade, melhor.

Acabou por ir desaguar numa praça onde começavam a montar a feira. Uns quantos trabalhadores intrépidos do campo, com as solas dos pés enegrecidas do caminho calcorreado, tinham chegado cedo para assegurar os melhores lugares às suas colheitas de fruta e legumes – ou, no caso de um homem, uma cabra, que mantinha presa a uma corda curta.

Rachel não perdeu tempo. Andou metodicamente em torno da praça, inquirindo acerca de Mercy. Por vezes, recebia apenas olhares fixos, ou pedidos de desculpa murmurados em línguas desconhecidas. Algumas pessoas foram um pouco mais simpáticas quando lhe disseram que não, não conheciam ninguém com aquele nome. Um homem, piscando o olho, disse que tinha conhecido uma Mercy algures, mas depois, após um longo silêncio pensativo, riu-se e disse que afinal fora uma Martha. Os punhos de Rachel descerraram-se quando avançou.

Uma mulher com uma colheita escassa de mangas, tocadas e demasiado maduras, agarrou na mão de Rachel quando a ouviu dizer que vinha de Barbados, e começou a enunciar, com um tom de desespero na voz, todos os familiares que deixara na ilha, há muitos anos. Com os papéis invertidos, Rachel sentiu uma pena insuportável. Afastou com gentileza as mãos da mulher e abanou a cabeça. Não, ela não conhecia nenhuma daquelas pessoas. Sim, se alguma vez voltasse a Barbados, se alguma vez se cruzasse com elas, mencionaria este encontro. Transmitiria a mensagem: esta mulher amava-as profundamente e todos os dias pensava nelas.

No decurso da manhã, a feira encheu-se de gente. Vendedores e clientes extravasaram para as ruas adjacentes. No meio da multidão

compacta, Rachel abrandou o passo até quase não avançar, falando com todas as pessoas que conseguia. O cansaço extremo deve ter-se insinuado na sua voz, pois começou a receber menos respostas rudes e um pouco mais de amabilidade. Uma idosa, dobrada em dois pelo peso do cesto que levava à cabeça, insistiu em ouvir a descrição de Mercy e prometeu ficar atenta. Sugeriu a Rachel que fosse ao mercado de peixe, no cais – talvez ali alguém conhecesse a filha dela.

A resignação ameaçava instalar-se no peito de Rachel e ela combateu-a enquanto caminhava na direção do mar. O Sol aproximava-se do zénite, mas ainda havia muitas horas de dia à sua frente. Não podia permitir-se pensamentos derrotistas – ainda não.

O calor subia da terra, embrumando e distorcendo o ar. Apesar do movimento do mercado, a rua estava deserta. Aqui as casas eram mais imponentes – com dois pisos, de pedra, e com janelas envidraçadas que refletiam a luz do Sol. No interior, Rachel conseguia vislumbrar por vezes a alta sociedade de Porto de Espanha, a socializar entre chá e pilhas sumptuosas de comida. As pessoas pareciam pinturas, cristalizadas atrás dos vidros, praticamente sem se moverem a não ser para debicar pastéis ou bebericar das chávenas, enquanto criadas de pele escura aguardavam nos cantos, até serem necessárias.

A cerca de meio da rua, avistou movimento por uma das janelas. O grupo lá dentro preparava-se para sair, as mulheres a alisarem as saias e os homens a apertarem-se vigorosamente as mãos. O olhar de Rachel foi atraído para o centro da sala, onde uma mulher de vestido cor-de-rosa lançara a cabeça para trás, numa gargalhada.

A mulher virou-se. Os seus olhos encontraram os de Rachel através da janela e do calor tremeluzente na rua, e Rachel soube. Era tão impossível, e contudo a força do conhecimento fê-la deter-se com brusquidão, quase a derrubando.

– Cherry Jane. – Primeiro, pouco mais do que um sussurro. Depois mais alto. – Cherry Jane!

Devem-na ter ouvido lá dentro. Algumas pessoas miraram-na. Rachel deu consigo a mover-se lentamente, os membros pesados como se estivessem debaixo de água, tentando aproximar-se da

janela.

Estava um homem de pé ao lado da mulher que Rachel tinha a certeza que era a sua filha. A pele dele era tão clara que parecia branca. Ele franziu o sobrolho e pousou uma mão no braço de Cherry Jane, enquanto a sua boca formava palavras que Rachel não conseguia ouvir.

– Cherry Jane!

Rachel estava agora de cara esborrachada contra o vidro, e viu a filha olhar para o homem ao seu lado, abanar a cabeça e depois virar-lhe as costas. Alguns dos presentes na sala gesticulavam para Rachel, numa mensagem clara. Uma das criadas dirigiu-se à janela e postou-se diante dela, olhando-a fixamente.

– Desanda ou eu chama a polícia – disse ela, numa voz abafada pela vidraça.

Cherry Jane, de costas ainda voltadas para a mãe, saiu da sala e desapareceu.

Rachel recuou e afastou-se da janela, aturdida. A ténue algaraviada poliglota do mercado pairou sobre os telhados dos edifícios circundantes. Tudo tinha ainda um matiz surreal – Rachel esfregou as mãos no cimo das coxas, tentando usar a solidez da sua própria carne para se recompor.

Tinha imaginado aquilo?

Duvidou dos seus sentidos. Como podia Cherry Jane estar ali? De todos os sítios, de todas as ilhas... ali? E naquela casa imponente, com todas aquelas pessoas elegantes? Rachel estava a tornar-se perita em todos os caminhos impossíveis que a vida podia tomar – afastando-se de plantações, cruzando oceanos e internando-se em florestas. Porém, aquela visão da filha num vestido cor-de-rosa era das poucas coisas que o seu espírito se recusava a aceitar. Cherry Jane não podia ter estado a tomar chá num salão requintado com um homem quase branco, quando em Barbados ela pouco mais fora do que uma escrava doméstica.

Mas aqueles olhos... Rachel tinha-os visto quando se abriram pela primeira vez, há quase vinte e dois anos. Ela reconheceria os olhos da filha em qualquer lugar.

Uma pequena agitação no ar abafado ergueu a bainha da saia de

Rachel – tosca e simples, muito distante das saias da mulher que tinha visto pela janela – e a brisa impeliu-a para a frente, na direção do cais. Continuou a perguntar insistentemente por Mercy. De vez em quando, parecia-lhe vislumbrar um vestido cor-de-rosa, e girava nos calcanhares, meio atordoada, esquadrinhando a multidão. Mas a mulher e o seu companheiro de pele pálida não se avistavam em lugar nenhum.

Quando a noite começou a cair, a única coisa que impedia Rachel de considerar a mulher na janela um sonho era a nitidez da recordação. Sempre que fechava os olhos, via a filha. Em vez de se esbater ou tornar difusa, a imagem fora adquirindo definição com o passar do dia e quando Rachel se dirigia para a estalagem, com as longas sombras do crepúsculo já à sua volta, estava certa do que vira como estava certa da sua própria pulsação. Era Cherry Jane. Ela estava ali.

No dia seguinte, mal despontou luz suficiente para a guiar, Rachel saiu de novo. Não tinha dito nada, nem a Mary Grace nem a Ninguém, do que vira: falar daquilo teria ameaçado a sua verdade frágil, implausível. Guardou segredo, desviando o rosto do olhar inquiridor de Mary Grace para não revelar nada.

Avançou lentamente, orientando-se mais pela vista do que por qualquer sentido da geografia de Porto de Espanha. Seguindo as pequenas coisas que reconhecia – um edifício com a porta apodrecida, uma bigorna enferrujada defronte da oficina de um ferreiro – conseguiu chegar ao largo da feira, agora deserto e só com um homem enroscado a um canto, a dormir dentro de uma saca. Dali, virou para a rua que conduzia ao cais.

Cherry Jane estava à espera. Encontrava-se de pé, ao longe, perto do sítio onde a rua alargava e desembocava no cais empedrado. A brisa matinal erguia-lhe o cabelo descoberto e agitava a saia comprida do vestido – hoje era amarelo, embora sobre a sua pele parecesse de um dourado saturado. Atrás de si, o mar, pontilhado da luz do amanhecer, fornecia um pano de fundo distinto, cintilante, à beleza dela. Mantinha-se tão quieta que quase

parecia uma estátua, e pela inclinação da cabeça e a forma como unia as mãos diante de si era evidente que estava habituada a ser admirada.

Cherry Jane não se mexeu quando Rachel se aproximou. Só um ligeiro descair da boca traiu alguma emoção – era ou desagrado ou dor. Os seus olhos, dois orbes perfeitos, castanho-claros, transmitiam a impressão de sentimento, mas a sua profundidade era uma ilusão: não denunciavam nada.

Rachel deteve-se a alguns passos da filha, como se houvesse uma fronteira que não podia atravessar. Receava que respirando pudesse dissipar aquela visão, e ficar sem nada.

– É realmente você. – Cherry Jane falou primeiro.

Cada palavra tinha uma precisão e uma opulência que quadravam na perfeição com a pompa do vestido e da postura. Mas havia ainda o suficiente da criança que Rachel conhecera, visível naquelas palavras, para ela não ter mão em si: ignorando o receio de que a aparição da filha se esfumasse, Rachel galgou a distância que as separava e tomou Cherry Jane nos braços.

A filha tinha um cheiro lavado e engomado – a única referência que Rachel conseguia ter para o odor era a recordação dos lençóis acabados de lavar, na casa do senhor da plantação de Providence, um cheiro que às vezes o vento trazia até à aldeia dos escravos. Enquanto mãe e filha se abraçavam, Rachel sentiu o contorno anguloso do seu próprio corpo e teve consciência das camadas de pele entre elas.

Separaram-se. Ao lado delas, uma porta abriu-se, o que fez Cherry Jane retrair-se. Dela saiu apressado um negro, claramente a caminho do trabalho, que demorou o olhar sobre ambas. Rachel apercebeu-se de que deviam de facto ter um aspeto estranho e perguntou-se qual teria ele pensado ser a relação entre as duas. Senhora e criada, talvez? Embora isso não explicasse a forma rígida como se postavam diante uma da outra, como soldados que negociassem uma trégua em nome dos respetivos povos.

– Tenho de ir – disse Cherry Jane mal o homem deixou de as poder ouvir. – É demasiado arriscado para mim, verem-me aqui.

– Porquê?

Cherry Jane afastou as mãos e depois uniu-as de novo. Era só graças a estes pequenos gestos que Rachel conseguia perceber o mal-estar crescente da filha: o rosto permanecia inexpressivo e belo.

– As pessoas daqui acreditam em certas coisas a meu respeito. Acerca das minhas origens. De quem sou.

Rachel lembrou-se do homem elegante que tinha visto pela janela.

– O que lhes dizeres? – perguntou. A frieza insinuara-se na sua voz.

– Que sou filha de dois mulatos livres, importantes em Bridgetown.

Rachel sentiu-se obrigada a esconder o quanto aquilo a tinha magoado: Cherry Jane tinha uma distinção que tornava difícil não corresponder à sua postura serena e inexpressiva. Tudo o mais teria parecido demasiado rude, demasiado vulgar. Mas ainda assim Rachel foi percorrida por uma dor lancinante. A sua vida tinha sido irrevogavelmente coartada pelos esforços que os homens brancos haviam feito para lhe negar tanto ascendentes como descendentes. Ao deixar a plantação, ao procurar os filhos, ela desafiara-os. Ousara regenerar os ramos frágeis da sua árvore genealógica. Agora, Cherry Jane tinha um fósforo na mão e estava pronta a queimar o que restava entre elas.

Cherry Jane alisou a frente do vestido.

– Tenho de ir.

– Cherry Jane.

A filha crispou-se.

– Por favor, não use esse nome. A Cherry Jane já não existe.

Virou costas. Rachel precipitou-se em frente e agarrou-lhe no braço.

– Espera.

Rachel esperava que a filha a afastasse com um safanão, mas esta não o fez. Fixou os olhos solenes na mão de Rachel, no ponto onde os dedos escuros e calejados se encontravam com uma pele da cor do mel e macia.

Rachel escolheu as palavras com cuidado. Não queria suplicar. De certa forma, ainda que pequena, o seu orgulho fora ferido por

esta filha que não queria ser vista com ela.

– Eu vir de longe para te procurar.

Os lábios de Cherry Jane entreabriram-se ligeiramente. Um movimento ínfimo, tão fugaz que Rachel por pouco não o via. Um relampejo de surpresa, que logo desapareceu.

– É por isso que está cá? Em Porto de Espanha? Veio à minha procura?

– Sim. – Os cantos da boca de Cherry Jane descaíram mais um pouco, por isso Rachel acrescentou: – Eu não quer fazer-te mal. Se teres uma vida nova aqui, estar tudo bem. Eu não te perturba.

Cherry Jane abriu a boca, caiu em si, fechou-a de novo. Rachel continuou a falar para preencher o silêncio.

– A Mary Grace também está cá. Quer ver-te. Estarmos hospedadas na estalagem ao pé da cadeia. Poderes vir?

Cherry Jane fechou os olhos durante um instante e respirou fundo.

– Sim, irei – disse ela. – Amanhã. Antes da alvorada.

Rachel soltou a filha. Cherry Jane continuou a fixar a pele do braço onde a mão da mãe estivera.

– Sabe que será só uma vez? – perguntou Cherry Jane. Novo relampejo de emoção no seu rosto. Parecia insegura. – Não posso... É demasiado arriscado...

– Eu sabe – disse Rachel. – Nós sairmos não tarda de Porto de Espanha. Deixarmos-te em paz.

Não tinham mais nada a dizer uma à outra.

De regresso à estalagem, o peito de Rachel começou a doer-lhe, daquele modo que tantas vezes lhe doera pelos filhos. Desta feita, a dor era como ácido, a corroer-lhe o coração. Com algumas respirações profundas, conseguiu afugentá-la. Tinha já feito muito e vivido muito para albergar tal amargura.

Iria ver Cherry Jane mais uma vez – a filha que preferia inventar uma nova mãe a ser vista na rua com a mãe que tinha – e depois ir-se-ia embora. A seguir, se preciso fosse, subiria a todas as montanhas e chapinharia em todos os pântanos de Trindade para encontrar a derradeira filha.

Isto ainda não tinha acabado.

Rachel ficou à porta, na rua, a aguardar Cherry Jane. O Sol ainda não despontara, mas no horizonte via-se a luminosidade ténue da aurora. Defronte da estalagem, a cadeia era uma silhueta furtiva à meia-luz – por vezes, à noite, Rachel acordava com o som de gemidos débeis que ela estava certa de serem os derradeiros estertores dos moribundos naquela cadeia. Uns dias antes, tinha conhecido um homem na rua que lhe contara que entravam ali muitos mais do que saíam. O companheiro de cela mais comum era um cadáver, dissera o homem. Os algozes esperavam que a carne mirrasse sobre os ossos e depois usavam-nos para bater nos prisioneiros.

Quando Cherry Jane apareceu, vinha vestida de azul, num tom tão escuro que se confundia com as sombras. Tinha posto um xaile sobre a cabeça. Rachel só a reconheceu pelo modo de andar, com uma fluidez perfeita de movimento, como água. Sempre andara assim, mesmo em criança. Rachel costumava dizer às outras mulheres da plantação que a sua filha não caminhava, flutuava.

Abraçaram-se. A sensação foi diferente da do dia anterior – ainda rígida, mas mais como se cada uma se esforçasse para que os corpos encaixassem um no outro. Rachel recordou, na sua carne, como fora trazer a bebé Cherry Jane dentro de si. A memória foi tão forte que ela teve a certeza de que Cherry Jane a sentira também – e com esta sentira igualmente a impossibilidade de apagar aquela impressão física. Nenhuma mentira era tão grande que conseguisse aniquilar o eco de quando elas não tinham sido duas, mas uma só, partilhando vida e sangue.

Lá em cima, Mary Grace e Ninguém esperavam. Inclinaram as cabeças à chegada de Cherry Jane, que não retribuiu o gesto. Limitou-se a sacudir o xaile da cabeça e soltar os caracóis, e houve um arquejo no quarto quando ela desvelou a sua beleza.

Rachel estudou o rosto da filha. O mais triste, pensou de si para si, era que Cherry Jane era bela apesar da sua pele, e não por causa dela, e Rachel não tinha a certeza de que a filha soubesse isto. Os seus olhos e lábios, a linha do queixo, eram os pormenores que se

destacavam. A leveza dela só se percebia depois. À vista das feições perfeitas de Cherry Jane, Rachel recordou-se de Hope, embora esta filha não tivesse o menor resquício da vitalidade de Hope. Era tão bela como Hope, mas mais dura, mais fria – como mármore.

Cherry Jane esquadrinhou o quarto. Sabendo como a filha conseguia manter a expressão neutra, Rachel achou irritante Cherry Jane não se dar sequer ao trabalho de disfarçar a arrogância enquanto avaliava o aposento. A sensação ácida afluiu de novo, consumindo-lhe o coração. Rachel suportara muitas coisas na vida, mas ver um filho olhar de cima para ela raiava o limite do que estava disposta a tolerar.

Mary Grace pousou a mão no ombro de Rachel. Um gesto ínfimo, mas, ao fazê-lo, afirmou-se. Afirmou o valor de todos eles, recusou que fossem vistos como inferiores pela irmã. Rachel cobriu a mão de Mary Grace com a sua e tentou combater a amargura. Apesar dos ares a que se dava e do seu refinamento, Cherry Jane não deixava de ser filha dela. Obrigou-se a concentrar-se no pouco que reconhecia nela. O modo como os caracóis de Cherry Jane tombavam em torno do seu rosto. O sinal no pescoço, que mal se via acima da gola do vestido. Todos os pequenos vestígios da criança que ela fora.

As mãos de Cherry Jane estavam unidas educadamente diante de si. Trazia calçadas luvas brancas de renda. Por fim, ela quebrou o silêncio.

– Olá, Mary Grace. – Depois, virando-se para a mãe: – Oh, mas ela consegue...?

– Não. – Ninguém adiantou-se. – Ela ainda não fala.

– Estou a ver.

– Sou o marido.

– Estou a ver. Felicidades.

– Obrigado. Chamo-me Ninguém.

– Que incomum.

Os olhos de Ninguém estreitaram-se quase impercetivelmente.

– Nem por isso. Tenho sido Ninguém todos os dias da minha vida, por isso é bastante comum. Pelo menos para mim.

Cherry Jane arqueou um sobrolho. Uma antipatia mútua azedou

o ar entre eles. Rachel fitava o chão, perguntando-se se teria feito mal em desejar ver a filha uma última vez quando era claro que esta não queria ter nada que ver com nenhum deles.

Cherry Jane ajustou uma das luvas no pulso.

– Disse que vão sair em breve de Porto de Espanha?

– Sim – respondeu Rachel.

– Para onde irão?

– Pensamos que a Mercy estar algures na ilha. Irmos procurá-la aqui enquanto tivermos dinheiro para o quarto e depois irmos procurar noutros sítios.

Cherry Jane manteve-se imóvel daquele seu modo característico, como se estivesse a posar para um retrato. A menção à sua outra irmã não pareceu emocioná-la minimamente.

Mas depois, disse:

– E depois disso, para onde vão? Irão procurar os outros?

Rachel foi apanhada desprevenida. Não esperava que Cherry Jane pensasse nos outros irmãos. A filha parecia demasiado imersa na sua mentira de ser uma mulata livre para se importar. A surpresa foi o suficiente para acender uma centelha de esperança no coração de Rachel.

– A Mercy é a última. O Thomas Augustus está a viver na Guiana Britânica. Estivemos com ele lá. O Micah morreu.

O mármore fendeu-se: o lábio de Cherry Jane tremulou. Rachel lembrou-se, com toda a nitidez de um sonho acordado, de Micah andar com Cherry Jane às cavalitas, rindo e dizendo-lhe que um dia ela seria tão alta como era agora ali, sentada nos seus ombros. Rachel conseguiu conter as lágrimas, mas Cherry Jane não – uma única, que rolou pela face direita e estragou por um momento a simetria perfeita do seu rosto.

– Lamento muito – disse ela. – Não sabia.

As palavras eram redundantes – como podia ela saber? –, mas o sentimento era genuíno. Durante um momento, o artifício ruiu, e sob ele surgiu uma jovem mulher com as emoções à flor da pele, que ainda conseguia sentir.

Ficaram todos em silêncio. Comovida pelo desgosto inesperado da filha, Rachel adiantou-se e tomou a mão de Cherry Jane nas

suas.

– Eu estar contente por te encontrar – disse Rachel. Pôs nas palavras todo o afeto que conseguiu imprimir-lhes. Depois da troca de palavras circunstanciais, dos longos silêncios e do desprezo mal disfarçado, era o seu ramo de oliveira. Rachel não queria guardar ressentimentos. Era Cherry Jane. Era a sua filha. Os caminhos de ambas tinham divergido, porventura para sempre, mas competia a Rachel ensinar a Cherry Jane que a família não podia ser esquecida.

Cherry Jane brincava com a franja do xaile. Não falou durante muito tempo. Talvez não tivesse as palavras. Viver numa tal negação do passado, do parentesco, talvez tivesse um certo custo emocional. Tinha reduzido a sua amplitude de expressão. Também não podia dizer que estava contente por ver a mãe, tão diferente da mãe que ela agora fingia ter. Mas, de certa forma, estava contente – Rachel podia ver-lho nos olhos. Não era muito, mas era o suficiente.

Cherry Jane, que estivera de pé durante todo este tempo, empoleirou-se por fim na beira de uma das camas. O nó de tensão que Rachel sentia nos ombros começou a desfazer-se – a filha já não parecia querer fugir do quarto a todo o momento.

Quando Cherry Jane falou, a sua voz pouco mais era que um sussurro.

– O que... o que lhe aconteceu?

– Foi na sublevação de Demerara – contou Rachel. Estas palavras eram-lhe agora familiares – não era a primeira vez que contava a história de Micah –, mas isso não impediu que a voz se embargasse de novo ao pronunciá-las. Contar a história a uma filha era diferente. O desgosto instintivo dilacerou-a uma vez mais, as suas garras tão afiadas como no dia em que Orion lhe contara pela primeira vez. Teve de se segurar à cabeceira da cama para não soçobrar. – Ele lutou pela sua liberdade, e eles terem-no matado por isso.

Através da névoa das lágrimas que lhe marejavam os olhos, Rachel viu a transformação operar-se no rosto de Cherry Jane. A máscara de beleza perfeita, composta, caiu, e nos seus olhos apareceu uma fúria bem real. Veio-lhe de novo ao espírito Hope, e agora já não havia grande distinção entre as duas. Uma de pele

clara, a outra de pele escura, mas ambas mulheres determinadas e intensas, com um forte instinto de sobrevivência. Dentro das suas luvas de renda, as mãos de Cherry Jane tinham formado punhos.

Rachel aproximou-se da filha. Envolveu-lhe o queixo com as duas mãos. Não precisou de pensar em fazê-lo: o movimento surgiu-lhe de forma tão natural como respirar. Cherry Jane não se retraiu ao toque da mãe. A raiva atenuou-se no rosto dela, mas os olhos ainda brilhavam com lágrimas. As duas mulheres entreolharam-se e sentiram o calor da pele uma da outra.

– Eu sabe que ele viver uma vida boa – disse Rachel. – Muitos lembrarem-se dele, e lembrarem-se de coisas boas, a respeito dele.

Os lábios de Cherry Jane tremularam numa coisa parecida com um sorriso.

– E o Thomas? Está feliz?

– Está. Ele encontrar um certo tipo de liberdade, e isso traz paz a ele.

– Fico contente – disse Cherry Jane. Mas depois o sorriso esmoreceu e ela baixou o olhar para o chão. A expressão ensombrou-se momentaneamente – os sobrolhos uniram-se, um pequeno sinal de estar em curso uma luta interior.

– Que é? – perguntou Rachel.

Cherry Jane demorou a responder. Quando as palavras começaram a sair, já não eram polidas nem fluidas, mas fraturadas e hesitantes. Ela tinha uma certa aparência treinada – o aspeto e as frases eram os que Rachel imaginava que ela ensaiara e aperfeiçoara vezes sem conta, de modo a poder fazer-se passar pela mulher que tentava ser. Mas estas palavras eram diferentes. Estas palavras saíam-lhe da boca sem verniz, como se ela tivesse sido incapaz de as dizer até aí, mesmo a si própria.

– A Mercy. Eu... eu vi-a uma vez. Há uns anos. Acho. Não posso dizer ao certo. Eu não... eu não podia... foi só um relance. Eu ia a cavalo, nos arredores da cidade. Ouvi uma mulher rir-se e pareceu-me mesmo ser ela – como eu me lembrava, há tantos anos. Virei-me para ver, mas a mulher ia a caminhar de costas para mim, ao lado de um homem. Estavam vestidos como trabalhadores do campo, por isso, se andar à procura dela... as plantações. Devia começar por lá.

– Onde é que a viu, exatamente? – perguntou, intrometendo-se, Ninguém. – Pra onde é que ela se dirigia?

Cherry Jane abanou a cabeça.

– É só o que sei.

As palavras não ditas, *peço desculpa*, ficaram a pairar no ar. Uma parte de Rachel sentia que devia agradecer à filha a indicação de que Mercy podia ser encontrada nas plantações de Trindade, mas a parte zangada dela fê-la ficar em silêncio. O facto de Cherry Jane poder ter estado tão perto da irmã e não ter feito nada, não ter dito nada – Rachel não conseguia compreender. A insensibilidade petrificava-a.

Depois de um longo silêncio, Cherry Jane ergueu finalmente a cabeça. Olhou para Rachel em busca de algo – perdão, percebeu Rachel. Absolvição. Cherry Jane disfarçara bem, mas abrigar o segredo de Mercy no seu coração tinha-a ferido. Fizera a sua escolha, mas não era uma escolha fácil, e Rachel sentiu pena dela por isso. Tão depressa como surgira, Rachel sentiu a sua ira desaparecer.

Foi Mary Grace quem quebrou a imobilidade instalada entre eles. Passando diante de Rachel, aproximou-se da irmã e afagou-lhe a face. Cherry Jane fechou os olhos e encostou-se à mão da irmã. Em seguida abriu-os de novo. As duas irmãs ficaram a olhar-se, e o sentido de Mary Grace era claro.

Obrigada.

Cherry Jane pôs-se de pé.

– Tenho de ir para casa.

Rachel sentiu um rasgão no tecido de si mesma: já o sentira ao ver Orion afastar-se, havia meses, em Demerara, levando consigo as memórias de Micah. A vontade de saber avassalou-a. Não tinham muito tempo, e a expressão de Cherry Jane estava já a regressar à sua pose inescrutável, mas Rachel não conseguiu impedir-se de falar.

– O homem que eu ver contigo. É teu marido?

Cherry Jane pareceu surpreendida. Juntou as mãos enluvadas, os dedos entrelaçados, acima da saia, um polegar a descrever círculos lentos na renda.

– Não. Ainda não. Mas em breve, espero...

– E tu feliz?

Cherry Jane tinha a resposta pronta, as palavras agradáveis na ponta da língua.

– O Henry é muito...

Mas deteve-se. Olhou para Mary Grace e depois para a mãe, e de súbito sorriu – um sorriso a sério, vindo do coração, que lhe iluminou o rosto, obscurecendo tudo o mais no quarto. O sorriso era incomparável na sua beleza – todavia, era o sorriso de Micah, de Thomas Augustus, de Mary Grace, da própria Rachel. Estavam todos ali, naquele sorriso.

– Sim. Estou feliz – disse ela. – Encontrei também o meu tipo de liberdade. E dá-me algo parecido com paz.

Rachel tinha perdido Cherry Jane duas vezes – a primeira para a casa grande, e a segunda para os homens brancos que a levaram da plantação. Havia muita coisa na filha que ela não entendia, e ainda entendia menos aquela mulata elegante que tinha diante de si. Porém, naquele momento, houve uma centelha comum a ambas. As duas mulheres apaziguaram-se. Rachel deixou de ver a mentira de Cherry Jane como um ato de destruição, que ameaçava os laços entre as duas. Era, ao invés, um ato de abertura do seu espaço no mundo, uma coisa que Rachel tinha levado décadas a atrever-se a fazer. Não lhe agradava – teria preferido que Cherry Jane declarasse o parentesco de ambas de forma aberta e sem hesitação –, mas conseguia aceitá-lo.

– Bem, adeus – disse Cherry Jane.

Rachel pensou se se abraçariam uma última vez. Reparou que os braços de Cherry Jane fizeram um pequeno movimento involuntário, mas não – não se abraçariam.

Cherry Jane cobriu de novo a cabeça com o xaile e dirigiu-se para a porta, mas estacou no limiar. Olhando para trás, disse baixinho:

– Espero que a encontre.

Rachel sorriu.

Cherry Jane deixou atrás de si um odor ténue semelhante ao do orvalho matinal, ou do nascer do sol após uma chuvada, mas não

durou. O ar pesado e húmido insinuou-se sob a porta e pelas frinchas das janelas, apagando os últimos sinais da passagem dela por ali.

Ninguém aproximou-se e passou a mão pela cintura de Mary Grace. Mary Grace pegou na mão de Rachel e apertou-a. Um cansaço familiar enevoou a cabeça de Rachel e pesou-lhe nos membros. Trouxe consigo uma espécie de melancolia difusa que alastrou lentamente, como uma nuvem.

Reuniram as coisas deles. Um cobertor, uma camisa a mais, um pão que tinham conseguido comprar com a venda do vestido de noiva de Mary Grace. Não era muito, mas Rachel moveu-se com lentidão, tentando fazer durar o momento, dar-se tempo de sarar. Pensava amiúde em Thomas Augustus – mais baixo e mais escuro do que Cherry Jane –, que tinha preferido a vida nas florestas à vida no centro da sociedade, mas no espírito de Rachel ambas começavam a confundir-se: eram as duas vidas cujos futuros não poderiam fazer parte do seu. Imaginá-las assim fê-la sentir-se um pouco melhor, e a melancolia começou a dissipar-se. Eram ambos jovens. E por muito que eles tentassem lançar-se em frente e não quisessem pensar no que ficara para trás, Rachel sabia que não a esqueceriam. Podiam esquecer o seu rosto, a sua voz, a sensação dos seus braços a envolverem-nos, tal como ela se esquecera disso da sua própria mãe. Mas o carinho, o amor e o desejo de os ver bem, isso não esqueceriam.

Rachel imaginou Cherry Jane, daí a muitos anos, num banquete sumptuoso. Ao seu lado estava o homem que Rachel vislumbrara com a filha no dia da feira, de pele pálida, a mão no braço de Cherry Jane.

«Oh, sim», imaginou Rachel que a filha diria aos outros convivas. «A minha mãe era tida em alta consideração. Era mulata, tinha a pele quase tão clara como a minha.»

Rachel imaginou que a filha faria uma pausa e depois acrescentaria, com um sorriso:

«Era muito bondosa e amável.»

Encerrado na mentira, um cerne de verdade. Seria o amor de Rachel que Cherry Jane sentiria ao proferir aquelas palavras. Esse

nunca se desvanecería.

Tomaram a Estrada Real e seguiram para leste, abraçando o sopé das montanhas. Com Porto de Espanha atrás deles, Trindade fazia lembrar a Rachel o território inexplorado que ficava para lá das plantações, na Guiana Britânica. Embora parte das florestas tivesse ali sido desbastada, e a paisagem apresentasse sinais dispersos de ocupação pelos brancos, havia grandes extensões de estrada em que não viam vivalma e tudo à volta deles era selvagem. Rachel recordou Barbados e apercebeu-se de quão pequena era a ilha – embora na névoa da memória pudesse parecer mais pequena do que era na realidade. Lembrar-se da sua vida ali fê-la sentir-se encurralada e inquieta. Estugou o passo sem sequer se dar conta, e Mary Grace teve de lhe agarrar a mão para a obrigar a abrandar.

A estrada bifurcava-se mais adiante. Com base no instinto e nada mais, Rachel conduziu-os para sul, e continuaram a não ver nada mais imponente do que cabanas de madeira amontoadas em torno de pequenos terrenos. Ninguém já as tinha avisado de que em Trindade não havia grandes áreas cultivadas: falara-lhes dos homens brancos que tinham corrido, demasiado tardiamente, para cavalgarem a crista da grande onda do açúcar das Caraíbas e se haviam visto a esgaravatar o solo para dele extraírem um magro lucro. Rachel sabia que podiam ainda ter de andar muitos quilómetros até verem por fim campos de cana.

Quando a noite caiu, montaram acampamento na margem de um rio que corria ao longo da estrada. Desdobraram o cobertor em jeito de esteira e dormiram os três sobre ele, os corpos apertados uns contra os outros. Sem o sol, e com as estrelas longínquas e meio escondidas por fiapos de nuvens, a noite ficou fresca, mas Rachel não se importou. Agradava-lhe o ar frio, e o som da água a correr sobre os seixos. Sentia o espírito arguto e lúcido. Adormeceu com os pensamentos reduzidos a um único ponto, e esse ponto era amor. O tipo de amor que, despedido como uma seta lançada por um arco, não podia falhar. Imaginou-o arremessado a grande velocidade para o seu alvo, e essa imagem embalou-a para um sono profundo.

Ao raiar do dia, Ninguém tirou uma faca da sacola que transportava a tiracolo e usou-a para aguçar um pau e transformá-lo numa azagaia. Depois entrou no rio até aos joelhos e manteve a arma erguida sobre a cabeça, à espera. Sempre que transferia o peso de um pé para o outro, erguia na água límpida pequenos riachos de lodo que redemoinhavam junto dos seus tornozelos. Da margem, Rachel e Mary Grace viram quando ele mergulhou a azagaia e a retirou logo em seguida com um peixe a contorcer-se desesperadamente na ponta, lançando pingos de sangue a toda a volta. O peixe era pequeno, mal tinha o comprimento da mão de Rachel, e por isso, depois de o trazer à margem e o entregar às mulheres, Ninguém voltou à água para tentar apanhar outros.

Rachel mantinha-se atenta ao Sol, pois a sua lenta ascensão marcava as horas desde que eles se tinham erguido. Quando Ninguém sugeriu que comessem parte da pescaria e defumassem o restante, ela tentou rebater a ideia, determinada a chegar às plantações do Sul antes do cair da noite, mas ele levou a melhor. Argumentou que a escassa comida que tinham trazido com eles de Porto de Espanha não duraria para sempre e o peixe fumado não se estragaria tão depressa como qualquer outra coisa que conseguissem colher no caminho.

Rachel acabou por aquiescer, de lábios cerrados, como se sentisse que levar o peixe era uma admissão de que poderiam passar semanas ou mais no caminho. Deixou que Mary Grace e Ninguém fizessem a fogueira e passou a maior parte das horas de espera de olhos fechados e pés imersos no rio. Tentou manter o espírito desocupado, controlar a impaciência, concentrar-se nas sensações simples do sol na face, da água fria a redemoinhar-lhe nos tornozelos e a ligeira ardência do fumo nas narinas e no fundo da garganta.

Quando se fizeram de novo ao caminho, o calor já apertava e viram-se obrigados a avançar devagar, como se os raios de sol adensassem o ar. O pedaço de pão e peixe que fora o pequeno-almoço de Rachel mal conseguia afastar a fome. Era quase como estar de regresso à plantação – suada, com as pernas a doerem, a cabeça a latejar com uma sede surda e um vazio no estômago que

depressa começou a espalhar-se a partir daí, como se o corpo procurasse por todo o lado uma forma de se alimentar.

Um fio de suor entrou-lhe no canto do olho e ela parou para o limpar.

– Está bem? – perguntou Ninguém.

Ela quase se riu.

– Eu estar ótima. Isto não ser mais difícil do que trabalhar nos campos.

E era verdade. As sensações físicas eram as mesmas, mas o objetivo pertencia-lhe a ela. O ato de obrigar o corpo a esforçar-se com um propósito que ela escolhera, e não para lucro de um senhor, era empolgante. O calor inclemente e o aperto da fome não conseguiam ofuscar o facto de ela ser livre. Enquanto prosseguiam sem pausas, ela sofreria o cansaço, a sede, o obscurecimento da visão e as tonturas, mas por decisão e vontade próprias.

Era quase crepúsculo quando chegaram às plantações. Ao avistar a primeira casa grande a erguer-se do horizonte, com um engenho a girar lentamente logo atrás dela, Rachel quase caiu de joelhos. A exaustão abateu-se sobre ela, mas o medo também. Aqueles monumentos horrendos à vida que ela tinha levado em tempos fizeram-na perceber o quão vulneráveis eles se encontravam. Não tinham documentos. Nada que impedisse um supervisor sem escrúpulos de os reclamar como propriedade sua.

Deteve-se. Os últimos raios de sol cobriam de um brilho rosado e doce a terra em torno deles.

– Termos de esperar – disse ela. – Quando ficar escuro, poderemos entrar nas aldeias sem sermos vistos.

Nos dias que se seguiram, sempre à luz da Lua, esgueiraram-se até aos alojamentos dos escravos. Intercetaram trabalhadores nos caminhos, que usavam as poucas horas de liberdade para se encontrarem com amigos ou amantes de plantações vizinhas. Perguntaram:

Uma mulher chamada Mercy.

Está aqui?

Conhece-a?

Viram plantações vastas de cana-de-açúcar, plantações mais pequenas de cacau, campos de algodão, cabanas de escravos abandonadas ou arrasadas por uma tempestade. Viram mulheres a segurarem bebés de poucos meses e homens curvados pelo trabalho de décadas. Encontraram escravos domésticos que haviam saído furtivamente para os campos para verem mães ou maridos. As pessoas foram calorosas, foram desconfiadas, foram amáveis e foram apáticas, exaustas depois de um dia de trabalho.

Perguntaram, uma vez e outra:

Uma mulher chamada Mercy.

Está aqui?

Conhece-a?

De dia, descansavam o mais que conseguiam. Mantinham-se afastados das estradas e longe da vista das plantações. O calor abrasador do sol não deixava Rachel dormir profundamente e provocava-lhe sonhos delirantes – Mercy assombrava-os, e Cherry Jane também. E Micah, e Thomas Augustus. Os fantasmas do passado estavam todos ali. Rodeada de plantações, a história veio de novo até ela e começou a minar-lhe a determinação. Sempre que alguém abanava a cabeça e lhes dizia, não, não havia ali Mercy nenhuma, tornava-se mais difícil prosseguir.

– A ilha é grande – disse Ninguém, uma manhã, quando o Sol nasceu. – Esta é apenas uma pequena parte dela. Havemos de a encontrar.

Rachel não disse nada. A imagem que mais a perseguia nos seus sonhos era ela e Mary Grace noutra ilha qualquer, mãe e filha já envelhecidas, a seguir outro caminho qualquer. E ainda a perguntar:

Uma mulher chamada Mercy.

Está aqui?

Conhece-a?

Por fim, as plantações terminaram. A terra tornou a não ser de ninguém: os beija-flores voavam lesto entre as árvores e as formigas laboriosas marchavam sobre o solo como trabalhadores

dos campos em miniatura, transportando a sua carga nas mandíbulas em pinça. Um trilho no mato levou-os aonde tinham começado: à Estrada Real. Ao vê-la, Rachel sentiu o desespero que os percorreu todos. No entanto, o que podia fazer, a não ser continuar a caminhar?

Ninguém sugeriu que continuassem na direção sul, onde a ilha começava a curvar-se para a Venezuela. Rachel assentiu, sem falar. Nas anteriores bifurcações da estrada, algo a guiara – um pressentimento de que Mercy estava perto. Imaginou que conseguia sentir a presença da filha. Agora, não sentia tal.

Seguiam pela estrada há pouco mais de um quilómetro quando encontraram um homem que se dirigia para norte, com um burro carregado de panelas de cobre. Ouviram-no antes de o verem: as panelas chocalhavam ruidosamente com os balanços do burro. Quando surgiu por fim no horizonte, conduzindo o animal por uma corda, tiveram todos de proteger os olhos do clarão branco que o cobre polido emitia à luz do sol.

O homem vinha vestido de forma caricata. As suas roupas pouco mais eram que trapos, as calças quase descosidas à altura da coxa, a metade inferior segura apenas por uns fios e deixando os joelhos completamente à mostra. Mas na cabeça trazia um tricórnio que parecia estreado naquele dia, preto e com um galão dourado. Por baixo, as bochechas eram muito encovadas, sugerindo dentes em falta, e a pele estava tão engelhada que parecia papel escuro amarrotado.

O homem parou o burro e ficou a olhar para eles como se fossem uma verdadeira curiosidade.

Ninguém falou primeiro, as palavras sobejamente proferidas a saírem-lhe de modo fácil dos lábios.

– Andamos à procura de uma mulher chamada Mercy. Conhece-a?

Também quando o homem falou a sua voz causou surpresa. Era grave e cheia. O seu arcaboço não parecia poder sustentá-la: as concavidades entre as costelas eram visíveis através da camisa aberta.

– Eu não conhece nenhuma Mercy.

Estavam tão habituados a respostas daquelas que Rachel não sentiu nada ao ouvi-la. Não houve um despontar de esperança seguido de um soçobrar de desapontamento. Era o que se esperava. Claro que ele não a conheceria.

O homem continuava a não despregar os olhos dos três, de cabeça inclinada.

– Pra onde irem? – perguntou.

– Acabámos de sair das plantações antes de Porto de Espanha – disse Ninguém. – Vamos tentar mais para sul.

O homem pousou uma mão no flanco do burro, pensativo.

– Eu conhece o Sul. E o Oeste e o Norte. Eu andar por estas estradas e fazer essas feiras. – O burro transferiu o peso das patas e as painéis tilintaram. – Eu nunca conhecer nenhuma Mercy.

Virou-se para leste. Rachel seguiu o olhar dele e o sol vespertino verteu-se como líquido quente na sua nuca. O contorno da ilha era uma linha espessa e irregular no horizonte. Parecia não ter fim, mas Rachel sabia que a certa altura a terra encontrava o mar, e isso deu-lhe consolo. Não era infinita. Acabaria.

– Sim – continuou o homem. – Deviam ir para leste. Eu não conhece tão bem essas bandas. Poderem encontrar lá a vossa Mercy.

Não esperou por uma resposta. Levou a mão ao tricórnio em jeito de saudação e pôs-se de novo a caminho num passo certo, assobiando desafinadamente sobre o chocalhar das painéis e o batuque regular dos cascos do burro na estrada.

Ao vê-lo afastar-se, o absurdo da sua figura fez Rachel sorrir pela primeira vez em dias. Quem era ele, aquele homem esfarrapado com o chapéu de um oficial da Marinha e dúzias de painéis de cobre? Nunca saberiam a sua história, nunca poderiam adivinhar o rumo que a sua vida tinha seguido. Depois de visitar tantas plantações e visto tantos trabalhadores com a mesma expressão nos olhos, Rachel alegrou-se de encontrar algo tão diferente, tão impossível de compreender. Este estranho lembrava-lhe que apesar dos sulcos profundos cavados para eles pela escravatura, todos podiam ainda assim izar-se e dispersar-se em direções inesperadas. Nada estava escrito na pedra. Este homem tinha traçado o seu próprio caminho, e ela também o traçaria.

– Para leste? – perguntou Ninguém. O tom da sua voz era hesitante. Não tinham forma de saber se o que aquele homem dissera era verdade. Mercy podia estar num sítio qualquer.

Rachel pensava nas histórias da sua infância que as mulheres mais velhas contavam. Histórias de heróis e deuses e metamorfoseados e animais falantes. Estas histórias contavam muitas vezes uma viagem e falavam de viajantes que se cruzavam por acaso na estrada. Nessas ocasiões, eram divulgados segredos e postas armas nas mãos do herói. Rachel não se arrogava o estatuto de heroína, e era certo que não tinha colhido grande sabedoria nem armas do homem das panelas de cobre. Mas o espírito desses contos de infância estava lá, naquele momento breve que haviam partilhado.

– Leste – declarou ela. Era o melhor que se arranjava.

Depois do ocaso, montaram acampamento. Longe das plantações, não havia necessidade de se esconderem de dia e caminhar na escuridão. Rachel teve dificuldade em adormecer. Os sonhos eram espasmódicos e informes – a ideia de Mercy sem a imagem dela, e uma sensação de que alguma coisa não estava bem. O terror crescente acordava-a sempre com um sobressalto, e não teve outro remédio senão ficar deitada à espera da alvorada. As estrelas, com a sua luz fria e branca a trespassar o abismo tenebroso do céu noturno, cintilavam em jeito de ameaça, e Rachel sentiu alívio quando o Sol nascente por fim as expulsou.

O céu estava baixo e carregado, ameaçando chuva, quando encetaram a marcha pelo caminho que os levava para leste. O trilho parecia ser muito calcorreado – estava pejado de marcas de cascos –, mas era irregular. Mais do que uma vez o pé de Rachel assentou mal no chão e ela sentiu uma pontada de dor no tornozelo, com a torção. Teve a sorte de conseguir evitar um ferimento mais grave, mas ainda assim viu-se obrigada a abrandar o passo e a caminhar com mais cuidado. A capacidade de caminhar era a única coisa que ela não podia dar-se ao luxo de perder.

À volta deles, a paisagem era desolada. Bosques densos, interrompidos a espaços por extensões verdes pantanosas, ladeavam o caminho, mas na humidade pardacenta tudo parecia desprovido de vida. Aos olhos de Rachel, a intranquilidade que permanecia em si após a noite anterior de sono inquieto coloria tudo. *Infértil* era a palavra que lhe acudia ao espírito, apesar de todas as árvores que a rodeavam.

Ninguém manteve-se calado. Parecia pensativo, preocupado. Rachel sentia que também ele tinha aquela sensação – a natureza inospitaleira do interior da ilha. Mary Grace seguia entre os dois, por vezes adiantando-se para se aproximar de Rachel, outras vezes deixando-se ficar para trás para dar a mão a Ninguém. Ela era o fio que os unia. Sempre que Rachel sentia o calor do corpo de Mary Grace, retirava consolo disso. Era uma relembração de algo vivo enquanto atravessavam uma terra que, não obstante a sua exuberância, transmitia uma sensação de morte. Quando Mary Grace caminhava ao seu lado, Rachel era recordada de todas as pequenas mudanças que a filha sofrera desde Bridgetown. As partes dela que se tinham expandido, desatado. O espaço que ela agora ocupava. A sua solidez. A forma como os seus olhos conseguiam sustentar o olhar de qualquer pessoa, firmes, sem pestanejar. Ao contrário das árvores, que pareciam petrificadas, Mary Grace era prova de que as coisas podiam crescer.

Quando veio a chuva, tiveram de avançar ainda mais devagar. Poças de água, como ilhas invertidas, reluziam na lama. Mary Grace

escorregou e caiu desamparada, mas apressou-se a sorrir, para mostrar que não se magoara, e pôs-se de novo de pé. Rachel ergueu o olhar ao céu, piscando os olhos à chuva que lhe desabava sobre o rosto. Não dava sinais de tréguas: o céu era uma contínua nuvem cinzenta que vertia água para a terra em baixo. Sem o sol, Rachel perdera todo o sentido de tempo. Quanto faltaria para o crepúsculo?

– Vamos ter de caminhar durante a noite – disse Rachel. Podiam tentar encontrar refúgio nos bosques, mas ela sabia que não escapariam à chuva. Os pingos eram demasiado grossos e bastos. Rachel via as árvores vergarem-se sob o seu peso. A única maneira era atravessarem-na.

Mary Grace tocou no braço da mãe, um gesto que deixou clara a sua determinação em caminhar sempre e para onde Rachel quisesse. Mas não se podia confundir o toque de Mary Grace com um sinal de docilidade ou uma predisposição para pôr em primeiro lugar as necessidades dos outros. Rachel pensava muitas vezes, com apreensão, se Mary Grace não estaria a desistir de muita coisa para a acompanhar naquela jornada pelas Caraíbas – uma vida estável com Ninguém, uma oportunidade de ser feliz, em vez de perseguir irmãos e irmãs que podiam estar mortos ou desaparecidos, ou tão embrenhados nas suas vidas que não acederiam a reunir-se a uma família desfeita. Agora, pela forma como os músculos do rosto molhado e enlameado da filha se mostravam tensos, Rachel viu que a demanda era tanto sua quanto de Mary Grace. A filha perdera um irmão, despedira-se de outro – provavelmente para sempre – e vira uma irmã virar as costas à família, almejando a brancura, acumulada de forma gradual durante gerações, até os seus descendentes poderem passar para o outro lado de uma vez por todas. Rachel estivera demasiado centrada em si para perceber que Mary Grace, também ela, queria desesperadamente encontrar Mercy.

Havia círculos escuros e inchados em torno dos olhos de Mary Grace. Estava exausta. Estavam todos. Mas era Mary Grace que seguia à frente, que tinha recomeçado a andar e não se deteve, nem quando a chuva tombou inclemente sobre a sua pele, lhe ensopou a roupa e o cabelo, correu em fios e lhe entrou nos olhos. E nem

quando a noite caiu, sem luar e fria, e tiveram de dar as mãos uns aos outros só para saberem que ainda estavam todos ali. Rachel perdeu todo o sentido de onde se encontravam, quanto tinham andado, quantas horas haviam passado desde que viram o sol pela última vez.

Por fim, a chuva amainou, transformando-se primeiro numa morrinha, e depois em nada. Rachel estava tão encharcada que de início nem reparou. Só quando Ninguém disse: «Pelo menos deixou de chover» é que ela retirou a sua mão da de Mary Grace e a ergueu para sentir os pingos que não caíram.

Pararam. O chão estava escorregadio e cheio de lama, por isso não se sentaram, mas partilharam um pedaço de peixe fumado. Rachel tinha passado da exaustão dorida para uma espécie de vazio entorpecido.

– Continuamos a andar? – perguntou Ninguém. – Já não deve faltar muito.

Rachel preparava-se para responder quando as últimas nuvens de chuva se abriram e irrompeu um luar brilhante que tornou tudo à volta deles prateado. Rachel olhou em frente e os seus olhos foram de imediato atraídos para o recorte de umas sombras ao longe. Árvores? Estreitou os olhos. Não, as formas não eram de árvores. Edifícios. Uma plantação.

Mary Grace apertou o braço da mãe. Também tinha visto. Rachel trocou um olhar com Ninguém, depois olhou de novo para o horizonte. A luz sinistra tornava tudo etéreo, fantasmagórico. Os três começaram a andar, mas Rachel quase esperava que o grupo de edifícios desaparecesse a todo o momento. Pareciam recuar no horizonte, nunca ficando mais perto. Mas os campos que circundavam as construções foram ficando mais nítidos, mais bem definidos, conforme os três se aproximavam. Rachel conseguia agora ver as silhuetas inconfundíveis da cana-de-açúcar.

O trilho passava entre duas árvores, os ramos inclinados sobre o caminho como um arco. Com os olhos ainda fixos na plantação lá à frente, Rachel não se apercebeu do homem branco atrás da árvore à esquerda senão quando já era demasiado tarde. Ninguém sussurrou: «Rachel» e depois o homem já ali estava, saindo das sombras. A

arma faiscou quando ele a ergueu, num arco suave. Não a apontou a eles, limitou-se a encostá-la ao ombro.

– Andam a dar um passeio noturno?

Rachel era exímia a tirar rapidamente as medidas a um homem. Tinha de ser. Muitas vezes era uma questão de vida ou de morte, perceber se um homem branco era do género de se rir dela, de lhe cuspir ou de a matar. Mal viu aquele homem, retraiu-se, encolheu-se, tentou atenuar o efeito da sua altura e dos seus ombros largos. O homem era do género que matava. Pior ainda, era o tipo de homem que não quer anunciar a sua crueldade. Tinha uma expressão educadamente neutra. Rachel conhecera muitos homens com um brilho sádico no olhar e um trejeito frio nos lábios, mas estes não eram nada em comparação com os homens que não mostravam qualquer emoção, nem mesmo quando cometiam as maiores atrocidades.

Rachel curvou a cabeça e não disse nada. Ao lado dela, Mary Grace fez o mesmo. Mas Ninguém – menos habituado a distinguir o perigo na curva dos lábios de um homem branco – disse:

– Viemos de Porto de Espanha. Procuramos uma mulher que pensamos que pode viver por estas bandas.

Rachel sentia o brilho dos olhos do homem branco assestado nela, e só nela. Arriscou um relance. Ele estudava-lhe o rosto, unindo as sobrancelhas finas numa expressão quase interrogativa. Ela olhou de novo para o chão, sentindo a pulsação acelerar. Ele conseguia ver algo nela – algo que ainda não identificara, mas Rachel podia adivinhar o que era. Estava a avaliar-lhe a linha dos ombros, a largura do nariz, a forma do pescoço. Perguntava-se se a aparência seria coincidência. Ou porventura, como muitos homens brancos que Rachel tinha conhecido, não estivesse habituado a diferenciar feições negras e tentasse decidir se o que via em Rachel era algo comum a todos os negros ou seria mesmo um traço distintivo, indicativo de um laço familiar com alguém que ele conhecia.

Mercy estava ali.

Ou estivera ali.

Ou estivera algures onde aquele homem também tinha estado,

onde quer que ele tivesse estado antes de vir para ali.

Rachel tinha a certeza disto. O homem branco procurava no rosto dela sinais da filha.

– Andamos à procura de uma mulher chamada Mercy.

Rachel olhou de novo de relance para cima. O homem branco ainda olhava para ela.

– Mercy – repetiu ele, e ela teve de reprimir a descarga de raiva que a percorreu, que a impelia a correr em frente e arrancar-lhe o nome da filha da boca.

– Conhece-a?

O homem branco virou-se finalmente para Ninguém, arqueando um sobrolho.

– Sou o supervisor desta plantação – disse ele. – Tenho muitos trabalhadores sob as minhas ordens, não os conheço a todos pelo nome. Não sei dizer se essa Mercy está ou não aqui.

– Poderia, talvez, deixar-nos ir à aldeia perguntar?

O homem branco demorou algum tempo a responder. Mudou a arma de um ombro para o outro, detendo-se um momento quando a passou diante do peito, para deixar os olhos seguirem a linha do cano até ao céu. Por fim, disse:

– Lamento, mas sou bastante exigente quanto a quem deixo entrar nestas terras. Em especial à noite. Aparece por aqui todo o tipo de gente, a querer armar sarilhos.

– Nós não queremos armar sarilhos – afirmou Ninguém.

Com a coronha da espingarda aninhada no braço dobrado, o homem branco entrelaçou os dedos. Rachel reparou nas unhas muito compridas e na pele macia e pálida das mãos, ao luar.

– Lamento, mas os únicos negros a quem permito a entrada são aqueles que trabalham para mim. Contudo... – Suspirou, como se a benevolência iminente lhe exigisse um grande esforço. – Tenho andado à procura de braços para colmatar a falta de mão de obra. Talvez, se estiverem interessados em trabalhar, possam aceitar um cargo aqui e ver então se encontram a vossa Mercy. Seria segundo os termos do regime de aprendizagem, claro está.

Rachel imaginou que Ninguém estaria a olhar para ela, em busca de uma indicação. Não sabia dizer ao certo, uma vez que os olhos

dela nunca se desviaram do homem branco. Ele sustentou-lhe o olhar sem vacilar, convencido porventura de que a sua expressão era indecifrável. Mas ela conseguia decifrá-la. Ele sabia que ela era a mãe de Mercy. O que ela não conseguia adivinhar no rosto dele era como é que ele conhecia a sua filha. Trabalharia ali para ele? Ele teria vindo de outra plantação onde ela se encontrava? Ou ter-se-iam os caminhos de ambos cruzado de outra forma?

Enquanto Rachel sopesava as opções, algo se ergueu dentro dela, como bÍlis, mas sem o travo amargo. Encheu-lhe a cabeça, chegou-lhe às narinas. A sensação não tinha um nome preciso, mas encontrava-se algures entre a certeza e o impulso. Ela sabia que iria correr o risco. Não tinha qualquer fundamentação para isso. Mas a boca abriu-se por ela, proferiu espontaneamente as palavras:

– Precisamos de trabalhar, senhor – disse.

– Muito bem, então. – O homem branco sorriu, e ao luar os dentes dele tinham a mesma cor parda e deslavada da sua pele. – Bem-vindos a Perseverance.

Conduziu-os trilho acima, até chegarem a um caminho que entroncava à esquerda.

– Sigam por aí e chegarão à aldeia. Podem ocupar uma cabana qualquer que encontrem livre. Vemo-nos de manhã.

– Obrigada, senhor – disse Rachel. Mantinha-se ainda ligeiramente curvada, fazendo-se pequena e inofensiva. Só quando já tinham avançado alguns minutos caminho abaixo é que ela olhou para trás e, vendo que o homem branco já não se avistava, se endireitou.

– Porque é que... – começou Ninguém num sussurro, mas Rachel interrompeu-o.

– Ela estar aqui.

A ligeira brisa desaparecera e o ar noturno estava parado, uma espécie de pausa entre respirações. A terra macia amortecia o som das passadas. No silêncio, Rachel conseguia ouvir o seu próprio coração e a pulsação quente do sangue nos ouvidos. Engoliu em seco, mas isso nada fez para atenuar a sensação que ainda a dominava: a excitação da aposta misturada com o pressentimento de que estava certa, não podia de forma alguma estar errada. Cada

passo dado aproximava-a mais da filha. A última filha não encontrada.

Rachel sentiu na nuca um sopro de vento, como um sussurro. Os fantasmas de todos os seus outros filhos vieram-lhe à mente, os mortos e os deixados para trás, mas os fantasmas não lhe despertaram tristeza. Apenas expectativa: como uma porta, antes fechada, que estivesse prestes a abrir-se. Os fantasmas estavam atrás dela, a empurrá-la para diante. Os dedos de Rachel tocaram ao de leve nos de Mary Grace, e também nesse contacto ela sentiu algo impeli-la. Começou a dar passadas maiores.

O caminho contornava dois canaviais, e as hastes altas ocultavam a vista da plantação em torno deles, assim como impediam que percebessem quão próximos estavam da aldeia. Uma brisa ocasional fazia ondular as canas e o efeito era como caminhar através de um oceano, branqueado pelo luar. Rachel não estava particularmente familiarizada com o cristianismo, mas foi assaltada por uma recordação vaga do que Orion lhe dissera acerca de Micah. Algo sobre Deus e a separação de um mar. Escravos a caminharem para a liberdade. Mas não. Ela pestanejou e viu as canas tal como estas eram: simplesmente canas. Não havia mar separado. Não havia liberdade do outro lado. Só a perspetiva de trabalhar seis anos no regime de aprendizagem para o homem cruel que tinham acabado de conhecer... e, talvez, ver a filha dela.

Os canaviais terminaram de forma abrupta – tão abrupta que Rachel estacou, desorientada pelo súbito aparecimento da aldeia. As cabanas, dispostas num semicírculo aberto para o final do caminho, estavam muito degradadas e algumas encontravam-se claramente abandonadas. Os caixilhos das portas tinham ruído, as paredes haviam-se fendido e as janelas escancaradas estavam de tal forma cobertas de teias de aranha que pareciam ter cortinas. Rachel avançou com cuidado. Seria este o local? Ou toda a plantação não passaria de uma ilusão? Deserta, arruinada, habitada apenas por fantasmas.

Das sombras de uma das cabanas surgiu um homem. O fumo do seu cachimbo subia em espirais e uma manga da camisa pendia-lhe, sem braço.

– O que querem? – perguntou ele, com voz rouca e olhos duros. Parecia ter mais ou menos a idade de Rachel. Não havia cordialidade na forma como os fitava aos três.

Antes de Rachel poder responder, saiu uma mulher atrás dele. Mais nova, mas com o mesmo rosto comprido e estreito que acabava num queixo pontiagudo. Uma filha, talvez? Ela pousou uma mão no ombro do homem, acima do braço em falta, e ele tornou-se ligeiramente mais brando. Ela mirou Rachel com uma expressão interdita, como se alguma coisa lhe tivesse sugado o ar.

Rachel manteve-se perfeitamente imóvel, à espera.

O rosto da mulher não deu mostras de qualquer emoção, mas ela acenou devagar.

– Sim – disse ela. – Eu pode ir buscá-la.

Foi até à cabana vizinha e desapareceu no interior.

Rachel sentia partes de si apertarem-se: coração, garganta, estômago. Tinha os pulmões cheios a rebentar de ar que não se atrevia a soltar.

Rachel esperou.

Observou os penachos prateados de fumo que saíam do cachimbo do homem e se elevavam ao céu.

Rezou. Não havia outra palavra para a forma como o seu espírito se concentrou numa única súplica que endereçou a alguém, a alguma coisa, ela não sabia o quê.

Que seja a Mercy.

O que saiu primeiro foi a curva de um ventre. Depois o resto. Alta, como a mãe. Os braços a rodearem o peito com força. Defensiva. Preparada para o que quer que a outra mulher lhe tivesse dito não ser verdade. Como podia ser verdade?

Mas era.

Mercy e Rachel gritaram a uma só voz. Sem palavras, só a libertação da dor e da alegria em simultâneo. Rachel abriu os braços, e Mercy correu para ela. Quando caíram nos braços uma da outra, o inchaço do ventre de Mercy empurrou as partes mais famintas e vazias de Rachel. Cambalearam ambas, quase caíram, quando as pernas de Rachel cederam. Mary Grace, que também corraera para saudar a irmã, conseguiu ajudar Mercy a amparar a

mãe. Sentindo o corpo dar de si, Rachel calculou durante quanto tempo se tinha obrigado a manter-se forte, firme, pelos filhos. Durante quanto tempo estivera apenas à espera de permissão para soçobrar.

Por uma vez, permitiu-se ser fraca. Chorou desabaladamente. Os membros, como que liquefeitos, teimavam em ir-se abaixo.

Rachel sentiu os braços das filhas tremerem com o seu peso e soube que não a aguentariam muito mais. Conseguiu firmar-se.

Mercy estava rígida e direita, de olhos vidrados. Não derramou lágrimas. Depois daquele primeiro grito, ficou em silêncio. Rachel ainda tremia, à beira dos soluços; Mercy mantinha-se imóvel. Com uma mão, Rachel afagou o cabelo da filha – curto, como o da mãe, cingido ao contorno do crânio.

– Eu estar aqui – sussurrou Rachel. – Eu estar aqui.

No peito dela, desfez-se o nó, libertando a dor que mantivera ali presa desde a primeira perda – desde Micah, talvez até desde a sua mãe esquecida. Não era completude o que sentia, porque tinha no seu coração as cicatrizes dos mortos, e daqueles deixados a milhares de quilómetros de distância. Mas era a coisa mais próxima da completude que alguma vez conheceria. Era aceitação. Era paz.

Rachel olhou para o que os anos tinham feito a Mercy. Continuava tão alta e sólida como antes, com ombros descaídos e ancas largas. Juntamente com o ventre redondo, aquilo conferia-lhe uma ilusão de envergadura e força. O rosto macilento e os membros mirrados revelavam a verdade: ela estava a definhar.

Quando Mercy era criança, Rachel preocupara-se sempre com o seu coração grande. Tanto amor. Talvez demasiado. Mercy ficara desgostosa quando Micah foi levado, e Mary Grace, também. A própria Mercy foi levada durante a tarde, quando Rachel estava na casa das caldeiras a alimentar a prensa com hastes de cana. Talvez tivesse sido melhor assim: sempre atormentara Rachel pensar no que a filha teria gritado, como o seu coração se teria destruído enquanto a arrastavam.

Agora, Rachel via que era como ela sempre temera. A filha tinha sido obrigada a endurecer para poder sobreviver. Era visível no embotamento dos olhos, no modo como se cobria com um braço, protegendo o coração.

Era demasiado tarde? Teria Mercy sofrido, conforme Thomas Augustus previra?

Rachel estendeu a mão para tocar no ventre de Mercy. Viu que a filha se retraiu e depois caiu em si e se descontraíu, deixou que a mãe sentisse a sua redondeza.

Mercy não disse nada.

Regra geral, era melhor não perguntar – nas plantações, a conceção podia ser horrenda, brutal. Era coisa que não se fazia, amaldiçoar o bebé antes de nascer com a amargura da mãe, obrigando-a a falar do modo como fora gerado. Mas Rachel reconheceu a forma como as feições de Mercy se contorceram com um tipo diferente de dor. Uma coisa era trazer uma criança dentro de si, todos aqueles meses, receando que saísse parecida com alguém que se odiava. Rachel sabia como isso custava. Outra coisa, pior ainda, era trazer em si essa criança e perguntar-se se sairia parecida com alguém que em tempos se amara e agora estava morto e desaparecido para sempre. Rachel também conhecia essa angústia

– um bebé fruto de amor e depois perda, numa sucessão rápida.

Mercy não fez perguntas sobre a razão por que estavam ali, nem sobre a viagem deles. Talvez também ela tivesse olhado para a mãe e visto um desgosto que Rachel não tinha a força suficiente para revelar – ainda não.

O homem mais velho e a filha encontravam-se ainda no exterior da cabana, impassíveis enquanto assistiam ao reencontro. O homem soltou uma baforada e disse:

– O dia estar a nascer.

Tinha razão. A leste, uma faixa de céu cinza-leitoso percorria o horizonte. Mercy agarrou no braço de Rachel.

– Têm de ir – disse Mercy. – Não é seguro.

– O supervisor? – perguntou Rachel.

– Sim.

– Já o encontrarmos.

Mercy pestanejou umas quantas vezes. Não parecia entender as palavras.

– Já o encontrarmos – repetiu Rachel. – Ele oferecer trabalho a nós. Aceitarmos para podermos vir à aldeia. Ter contigo.

Lentamente, Mercy abriu os dedos em torno do pulso de Rachel e cruzou de novo os braços sobre o peito.

– Bem – disse ela numa voz cava. – Bem-vindos a Perseverance.

Quando o Sol surgiu, revelou canaviais a estiolarem-se. Os mais próximos da aldeia já tinham passado a altura da colheita: as hastes estavam tombadas e as folhas jaziam no chão, a apodrecer. Um campo parecia ter sido queimado, só restando terra enegrecida.

O supervisor também tinha pior aspeto à luz da manhã. Era sinistramente desprovido de cor, com um cabelo loiro ralo e uma pele do tom dos ossos expostos durante muito tempo ao sol. Rachel soube que se chamava Sr. Thornhill.

Ela nunca tinha visto um homem tão pálido. Estava habituada a supervisores rubicundos, devido à bebida e aos dias passados ao ar livre, sob o inclemente sol caribenho. Este Sr. Thornhill parecia passar o tempo com as mulheres, à sombra de um guarda-sol,

enojado pela ideia de ficar um tom que fosse mais próximo de um negro. Circulava devagar pelos campos, flanqueado por dois guardas corpulentos, a observar enquanto os trabalhadores cortavam a cana. Também se movia como uma mulher branca. Hirto, direito, com uma graciosidade estudada, e todavia de forma algo predatória, com uma insinuação de ameaça.

Ninguém e Rachel foram colocados no primeiro grupo. Trabalhavam ao lado da jovem mulher que tinham conhecido na aldeia. Mantinha os lábios firmemente cerrados quando um deles tentava fazer conversa, mas por volta do meio-dia um dos guardas gritou-lhe que cortasse mais depressa e ficaram a saber que se chamava Nancy.

O pai de Nancy tinha trocado umas palavras com Rachel quando se dirigiam todos para os campos, ao raiar do Sol. Disse-lhe que se chamava Abraham. Ele coxeava atrás do primeiro grupo, juntando as hastes em molhos o melhor que podia, apenas com um braço. Mary Grace manteve-se perto dele, atando os molhos que ele empilhava no chão.

O dia passou como num transe. Fisicamente, para Rachel era como se não tivesse passado tempo nenhum desde que saíra da antiga plantação – ou mesmo desde que recebera o primeiro podão, com treze anos, e começara a retalhar as hastes da cana até elas cederem. Mentalmente, porém, tudo tinha mudado. Enquanto o corpo se ajustara à rotina de tudo aquilo, arremessar o podão uma e outra vez, o espírito via cada movimento a uma nova luz. Ela sentia a sua própria força. Num certo sentido, isso agradava-lhe: aperceber-se da força que tinha, quão fundo conseguia enterrar uma lâmina nas hastes verdes e duras. Mas também acentuava a monotonia entediante da tarefa e ela começou a ressentir-se. Isto era trabalho que tinha feito, dia após dia, mês após mês, durante décadas, mas desde então já experimentara outras coisas. Tinha levado o corpo a alcançar coisas fruto da sua própria vontade.

O trabalho era fácil porque os músculos se reajustavam prontamente ao seu ritmo. Mas também era difícil, pois ela não conseguia evitar pensar, a cada golpe:

Porquê?

Sempre que o Sr. Thornhill se aproximava, ela sustentava-lhe o olhar. Ainda pressentia a crueldade do homem, mas já não lhe tinha medo. Era sempre ele quem desviava primeiro o olhar, não lhe encontrando nada a apontar no trabalho, e também – ela tinha a certeza – sentindo uma certa inquietação ao ver a expressão dela. Percebia que ela conhecia a sua força, o que o irritava. Para trás tinha ficado a mulher que encolhia os membros e se curvava para parecer pequena. E no seu lugar surgira uma mulher alta com uma lâmina na mão. Perto do final do dia, Rachel viu-o observá-la do outro extremo do campo e baloiçou o podão com toda a força que tinha, abatendo uma haste de um só golpe. Entreolharam-se. Rachel sorriu. O Sr. Thornhill virou-se e encaminhou-se para a casa grande que se via ao longe, deixando os guardas a supervisionar as últimas horas de trabalho.

Quando voltaram todos para a aldeia, ao cair da noite, Rachel sentiu-se empolgada com a sua nova descoberta: não tinha interesse no tipo de vida que em tempos levara, resignada a fazer o que outrem mandava. Nunca pensara em si como alguém capaz de uma mudança radical, de alteração de vida. Fizera o que fora preciso para sobreviver à escravidão e depois, quando chegou a liberdade, tinha pensado que era demasiado tarde. Mas agora sentia-se quase inebriada pela ideia de que a mudança chegara sem ela se aperceber. Tinha estado presente em cada passo que a afastara de Providence, em cada palmo de oceano que cruzara. A antiga Rachel nunca se atreveria a olhar o Sr. Thornhill nos olhos.

Mercy esperava-os já, na aldeia. Ela não trabalhava nos campos: tomava conta dos animais que estavam em currais perto da casa grande. Parecia cansada e taciturna, e perpassou-lhe uma expressão de apreensão no rosto ao ver o bom humor da mãe.

– Correu tudo bem nos campos?

– Trabalho duro – disse Ninguém enquanto massajava a parte interna do antebraço com o pulso. Ele mantivera-se calado no caminho até à aldeia. Rachel percebeu que, à semelhança dela, ele devia ter tido a percepção de uma roda que descreveu o círculo completo e o levou de volta aos canaviais, embora para ele o arco se medisse em décadas e não em anos. O trabalho esgotara-o, era

evidente, e Rachel via alguma impaciência nos seus olhos inquietos. Dentro dele havia ainda o rapazinho à espreita de uma oportunidade para se pôr a correr, como a mãe lhe mandara.

– Anda – disse Rachel a Mercy. – Senta com nós e come. Termos peixe.

Partilharam o último pedaço de peixe fumado e descansaram os pés doridos. Mercy observava a mãe com atenção, com uma expressão cautelosa.

Rachel pegou na mão de Mercy, e desta feita a filha não se retraiu ao toque. Era como desembulhar uma coisa frágil, retirar camadas de pele finas como gaze e esperar que esta não se rasgasse.

– Eu precisa de saber – murmurou Mercy. – Os outros? – Olhou de relance para a irmã. – Encontrou...?

Rachel contou-lhe primeiro de Thomas Augustus e Cherry Jane. Mercy curvou a cabeça e escutou, fazendo desenhos na terra do chão com o dedo. Não deu sinal de sentir o que fosse, alívio ou desespero.

Por fim, ergueu a cabeça.

– Eu fica feliz por estarem bem.

Micah pairou no silêncio entre elas.

Rachel começou:

– O Micah...

Mas Mercy cortou:

– Não.

A mão de Mercy voou instintivamente para o ventre. Rachel sabia que a perda tinha uma forma de fazer aquilo – cada uma despertando as memórias de outra, até todas as mortes se fundirem numa massa única de desgosto. Mercy estava a acrescentar Micah ao seu número crescente de entes queridos que já não estavam com ela.

– Eu pode contar-te um dia – disse Rachel. – Mas talvez não hoje.

– Não hoje – repetiu Mercy.

Rachel ficou a ver a filha recompor cuidadosamente o rosto para ocultar a mágoa. Depois olhou para o regaço. Havia muito mais coisas a dizer, mas nenhuma delas parecia ter as palavras para o

fazer. Rachel queria avisar a filha de que aquilo não tinha resultado – manter-se calada, fingir força, reprimir lágrimas e dor. Rachel experimentara fazê-lo durante quarenta anos. Era só agora, com milhares de quilômetros atrás dela, que via quão fútil tudo aquilo tinha sido. Queria dizer a Mercy que se permitisse sentir novamente, mas parecia vão, na sua cabeça. A lição não podia ser transmitida daquela maneira. Não era assim tão simples. Era preciso vivê-la para a entender.

Quando era mais nova, Rachel tinha-se convencido de que os homens brancos não teriam poder sobre ela se nunca a vissem chorar, se nunca vissem o quanto a desgostavam ao separarem-na daqueles que ela amava. Agora sentia náuseas só de pensar, pois eles sempre tinham detido esse poder. Não havia no sofrimento digno toda aquela força que ela julgara. A verdade é que os homens brancos nem sequer lhe prestariam atenção. A gritar ou em silêncio, tudo teria sido igual para eles. Ter-lhe-iam levado na mesma os filhos e tê-los-iam vendido, e em seguida esperariam que Rachel regressasse ao trabalho como se o coração dela não lhe tivesse sido arrancado do peito.

Enquanto Rachel procurava desesperadamente um modo de salvar a gentil, doce e amável Mercy, agora endurecida pelo trabalho e pela perda, Mary Grace aproximou-se da irmã. Encostou-se a ela, tocando-lhe no corpo desde o braço até à anca, e ficaram assim sentadas durante algum tempo até Mercy começar a cabecear. Ela era a mais alta das duas, mas curvou-se até pousar a cabeça no ombro de Mary Grace.

Mercy começou a chorar. Lágrimas silenciosas. Fechou os olhos e deixou que corressem livremente. A pele do braço de Mary Grace brilhava, com elas.

Os olhos sábios de Mary Grace encontraram os de Rachel. Afinal tinha havido duas na viagem. Rachel não era a única que aprendera a amar de novo com o coração inteiro. Mary Grace manteve-se firme enquanto Mercy se liquefazia sobre ela, e Rachel só conseguiu evitar chorar também. As suas duas filhas só superficialmente eram diferentes – Mary Grace tinha um rosto mais largo e mais comum do que a irmã, e, no seu conjunto, era mais cheia e menos emaciada.

Mas naquele momento, encostadas uma à outra, Rachel viu cem coisas que as tornavam parecidas. As sobrancelhas com a mesma forma, os olhos da mesma cor. As mesmas mãos, estreitas e com dedos delgados e compridos.

Mercy soergueu-se e enxugou as lágrimas. Pousou a mão no cimo do ventre, como se quisesse recordar a si própria a razão por que devia enxugá-las. Eliminou todos os sinais de tristeza – o lábio trémulo, as rugas de desgosto que lhe sulcavam a testa – e o seu rosto readquiriu a habitual inexpressividade. Rachel observou a filha com atenção. Mercy tinha enxugado as lágrimas, mas não parecia arrependê-se de as ter derramado. Ainda receava revelar demasiado, sentir demasiado, mas não havia sinal de que lamentasse ter-se permitido aquele pequeno alívio do que restava do seu coração. Ainda não era demasiado tarde para ela.

Nenhuma delas falou, mas Rachel sorriu às filhas. Mercy retribuiu o sorriso, não com a boca, mas com uma doçura no olhar, um brilho que tremeluziu ali durante um momento e depois se extinguiu.

Rachel viu Abraham, o homem com um só braço, antes de ele a ver a ela. Ficou a observá-lo durante algum tempo, ali sentado a fumar, com o olhar perdido no céu noturno. Quando ele por fim se voltou e a descobriu na sombra da moldura da porta, não pareceu surpreendido.

– Não conseguires dormir?

Rachel encolheu os ombros em resposta.

Abraham tornou a olhar para as estrelas.

– Com que então, Barbados? – Olhou de relance para Rachel, notou a sua perplexidade. – Mercy contar que a mãe dela era de Barbados – disse ele. – Eu lembra porque Barbados ser onde nasci.

Este pormenor tornou-o mais amistoso aos olhos de Rachel. Observou-lhe com interesse redobrado o rosto alongado e os olhos encovados. Não obstante os caminhos de ambos terem diferido, haviam partilhado a mesma travessia de uma ilha para outra.

– Viveres aqui há muito tempo?

Ele abanou a cabeça.

– Mim ter oito anos quando me trazerem para aqui. Mas mim ter algumas recordações. Mim ter crescido no norte.

– Eu estar também no Norte. Providence ser o nome da plantação. Conheceres?

– Eu conhece o nome. Devia ser perto.

Ele continuava a olhar para o céu. Rachel esperou que ele lhe perguntasse sobre pessoas que ela poderia ter conhecido, familiares que ela lhe poderia dizer se ainda viviam. Ou até dizer-lhe apenas o nome da sua antiga plantação, para ela poder dar-lhe também alguma informação. Mas ele não disse nada.

Levou o cachimbo aos lábios, inalou profundamente, e expeliu o fumo pela boca e pelas narinas. Ver aquilo fez Rachel pensar em almas. Se fossem visíveis ao olhar humano, poderiam ter aquele aspeto, ao abandonarem os corpos. Rastos prateados, que manavam de alguém e se elevavam aos céus.

– Queres saber o que acontecer?

– Ao teu braço? – Rachel tinha estado a olhar para a manga

vazia, que balouçava à brisa.

– Não. A ele. – Indicou com uma sacudidela da cabeça a cabana de Mercy. – Era um bom homem, o Cato. Foi uma pena.

Rachel esperou que ele inalasse novamente o fumo do cachimbo.

– Tentarem fugir. Bem, foi depois de sermos livres. Como é que ainda é fugir quando se é livre, eu não sabe. Mas eles fugirem.

Rachel olhou de relance para a cabana onde Mercy dormia. As peças encaixavam. A carapaça que revestia Mercy e o seu ar de resignação perante o destino – não eram obra de anos, mas de meses; talvez de semanas. A ferida era recente e Mercy tentava sará-la da única forma que conhecia.

– Forem apanhados?

– De certa maneira – disse Abraham, sombriamente. – Não irem longe.

Apontou à distância, na direção do trilho indígena que Rachel e os outros tinham seguido até à plantação. Uma parte do caminho era visível sobre as hastes altas das canas, antes de desaparecer no horizonte.

– Eles forem naquela direção. Eu estar aqui fora. – No escuro, era difícil ver-lhe a expressão. As palavras saíam monocórdicas e inexpressivas, não denunciando nada a não ser o seu cansaço extremo. – Eu ver Thornhill começa a disparar. O primeiro tiro falhar o alvo, mas o segundo apanha Cato no peito.

Rachel sentiu a sua boca contorcer-se violentamente. Levou um momento a acalmar-se, mas quando falou a voz ainda estava embargada de asco.

– Ele ser punido por isso? O Thornhill?

Já sabia a resposta. Havia coisas que se devia considerar que ultrapassavam os limites, mas a lei nunca os tinha protegido como devia.

– Não. A irmã dele casada com um juiz. Nunca o apanharem por nada, durante todos os anos que ele estar aqui.

Rachel sentiu-se ferver com a injustiça de tudo aquilo. Isto surpreendeu-a. Estas coisas não lhe eram desconhecidas. Em Barbados também tinha havido um supervisor bem relacionado, cuja vítima mais jovem tinha quatro anos – caiu inconsciente depois

de uma tarefa e nunca mais despertou. Rachel passara anos a insensibilizar-se para os milhares de crueldades, grandes e pequenas, que constituíam a vida quotidiana de uma plantação. Todavia, aqui estava ela, a sentir a raiva subir dentro de si e ameaçar transbordar num grito, como se nunca tivesse sabido de um homem branco que matasse um negro e se safasse.

Só conseguia pensar na filha. Mercy e Cato, a murmurarem à noite, a gizarem o plano. Mercy com a mão sobre o ventre e a expressão decidida, determinada a que aquela criança fosse a primeira em gerações a nascer livre. Mercy e Cato, a correrem ao luar. Mercy a gritar enquanto as balas silvavam ao seu lado. Mercy a bradar quando Cato cambaleou e caiu, o sangue a sair-lhe às golfadas do peito.

Abraham observava Rachel a ferver. Abriu a boca, mas pareceu pensar melhor, e fechou-a de novo. Ficaram sentados em silêncio; o único som que se ouvia era o da respiração de Rachel a regressar lentamente à sua cadência normal.

Quando Rachel deixou de parecer estar prestes a rebentar, Abraham disse:

– A Mercy ter sorte em sobreviver. Bom – ele abanou a cabeça –, não ser sorte. Em querendo, o Thornhill consegue acertar numa manga na árvore a três campos de distância. Ele sabe em quem quer acertar. Ele já saber do bebé, apesar de muitos de nós não. Não podermos desperdiçar mão de obra por cá, por isso talvez ele pensa que no fim equilibrar tudo. Matar um e ter outro em poucos meses.

Rachel engoliu a bÍlis acre que lhe queimava a garganta. Abraham olhou para ela de relance, viu a expressão que ainda lhe distorcia o semblante, e fez uma pausa. Mas a voz dele aquecera, tinha perdido a rouquidão. Rachel perguntou a si mesma quantas centenas de noites teria ele passado sozinho defronte da sua cabana. Agora, habituava-se ainda ao facto de ter companhia, e parecia estar a gostar.

– Pensares nisso às vezes? – perguntou ele.

– No quê?

– Fugir.

– Eu ter fugido para chegar aqui.

Abraham inalou profundamente o fumo do cachimbo. Rachel reparou no modo como os olhos dele ficavam um tudo-nada vidrados de cada vez que o fazia, como se o tabaco lhe embotasse os sentidos.

– Eu não pensa nisso quando mim era novo. Quando eu chega aqui. Eu pensa em ir para casa. Mas ser por isso que o homem branco gostar de nos pôr em ilhas: como poder ir para casa? O mar ajuda eles a manter nós aqui.

Abraham suspirou.

– Isso foi há muito tempo. Antes da Nancy. É diferente quando se tem *pickney*. Ter-se uma coisa por que viver. O Cato e a Mercy, eles irem ter isso aqui. Terem o *pickney*, terem uma família. Talvez eles pensarem que não ser suficiente. Mas eu nunca ir perceber porque é que fugirem. O que mais quererem eles?

Rachel não conseguiu impedir-se de o mirar. Abraham não pareceu dar-se conta do olhar incrédulo dela. Revirou pensativamente o cachimbo nas mãos, avaliando as fissuras e as arestas gastas da madeira velha.

O que mais querem eles?

Rachel tentou perceber na expressão dele se de facto quisera dizer aquilo. Sulcos profundos atravessavam-lhe a fronte e as comissuras dos lábios curvavam-se para baixo, na direção dos caracóis apertados e grisalhos da barba. Na sua cara era visível cada ano da sua vida, e mais. A luz mortiça no olhar, a mesma que Rachel vira em Mercy, mas mais profunda. Demasiado profunda.

O que mais querem eles?

Ao espírito de Rachel acudiram milhares de respostas. Havia rios com embocaduras tão largas como toda a ilha de Barbados. Havia o mar. Havia casamentos celebrados no meio da floresta, longe da desgraça das plantações, onde o amor tinha uma natureza mais leve, mais límpida – como o ar das montanhas. Havia cidades onde pululavam pessoas sujas, laboriosas, e onde se sentia o sofrimento de forma diferente. O trabalho podia ser igualmente árduo e a alimentação igualmente escassa, mas a dimensão do sofrimento e as centenas de pessoas apinhadas num espaço reduzido tornavam de

certa forma tudo mais tolerável.

A conexão frágil que Rachel sentira com Abraham evaporou-se. Os percursos de ambos não eram os mesmos. De Barbados para Trindade, mas no caminho Abraham perdera aquele pedaço dele que ela tinha descoberto recentemente. Ainda havia resistência nela.

A imagem de Mercy surgiu de novo no espírito de Rachel – com o cadáver do homem que ela amava nos braços. O que Thornhill tinha feito, fizera-o para inspirar terror. Ele sabia que o assassinio compensava, a longo prazo. As pessoas ficavam com medo. Mesmo na calada da noite, ele estava atento. E conseguia matar à distância de centenas de metros, as trevas não ofereciam proteção.

Rachel lembrou-se do momento em que os olhares se cruzaram nos campos, o dela e o de Thornhill. Os lábios dela a torcerem-se em algo parecido com um sorriso. Ela sentiu os limites do poder dele e a força do seu próprio poder. Em nome de Cato – um homem que ela não conhecera, mas, através de Mercy, sentia que amava –, iriam acabar o que fora começado. O desejo desesperado que Cato formulara para aquela criança, de um tipo diferente de liberdade que não o da servidão numa plantação, iria ainda ser cumprido.

O morrão do cachimbo de Abraham estava a apagar-se. Ele sugou o último pedacinho de fumo e depois virou a chaminé do cachimbo e deixou que as cinzas tombassem no chão.

– Eu acha que vais ficar por cá algum tempo – disse ele.

– Sim – mentiu Rachel. – Eu acha também.

Os planos de fuga de Rachel foram interrompidos pelo som de um assobio entre os dentes, de Nancy. O crepúsculo adensava-se e já estava quase escuro. Os trabalhadores dos campos tinham regressado à aldeia antes de Mercy, e Rachel imaginava o que poderia dizer à filha quando ela por fim voltasse, como lhe poderia instilar a necessidade de saírem de Perseverance, quando Nancy acenou para o caminho que atravessava o campo onde a cana estava meio cortada.

– Parece que haver sarilhos.

O Sr. Thornhill segurava Mercy pelo pulso. Na outra mão tinha uma corda, e o chicote.

Rachel inteiriçou-se.

O Sr. Thornhill não parecia apressado, e se estava furioso não dava mostras disso. Quando ele e Mercy chegaram à aldeia, não mandou que saíssem das cabanas nem exigiu público. Conduziu Mercy até uma árvore que havia no extremo da aldeia. Rachel já reparara nela e adivinhara o seu propósito. Os ramos descarnados, estéreis e sem folhas, desenhavam-se contra o céu do fim do dia.

Mercy caminhava de cabeça direita, mas as mãos tremiam-lhe.

Ninguém deu um passo na direção do Sr. Thornhill. Mary Grace estendeu o braço para o deter.

Esperaram todos.

O Sr. Thornhill ergueu os braços de Mercy e amarrou-os a um ramo a que ela mal chegava. Os nós que ele fazia eram metódicos e o homem examinou cada um, certificando-se de que estavam a seu gosto. Depois deu uns passos atrás. Ainda assim, juntara-se uma pequena multidão, como se as pessoas conseguissem pressentir a presença dele.

– Hoje – disse ele –, a Mercy adormeceu no seu posto. Como os currais não estavam fechados, fugiram duas cabras e uma vaca. – Ele fez uma pausa e rasgou as costas da blusa de Mercy. Um movimento rápido e violento não consonante com a lentidão das suas palavras.

As mãos de Rachel fecharam-se em punhos.

- Que isto vos sirva de lição a todos – prosseguiu o Sr. Thornhill.
- Não tolerarei preguiça na plantação.

Fez novo movimento rápido. Como uma víbora.

O estalo do chicote ao dilacerar a pele de Mercy.

O cheiro pungente do sangue, como metal na língua.

Não.

Rachel sentiu o golpe nas suas próprias costas, carne desfeita, rasgada, dor que se contorcia e cegava e chegava aos ossos. As posições inverteram-se: era ela que estava amarrada à árvore, os olhos já inchados, quase fechados, de golpes que haviam sido desferidos antes das chicotadas. A cabeça caída, frouxa, sobre o ombro. Mas depois, o grito: «Não!» Através das fendas que os seus olhos se tinham tornado, Rachel conseguiu ver a criança, esquivando-se das mãos dos irmãos e irmãs, a erguer-se desajeitadamente sobre os pés pequeninos e a correr. Mercy, ainda pequena o suficiente para acreditar que podia conseguir deter as chicotadas, de olhos muito abertos e as mãos erguidas, como que prontas a desamarrar a mãe. Nos limites da sua visão, difusa devido à dor, Rachel viu o supervisor dobrar-se e abater o cabo do chicote no rosto da criança, partindo-lhe o nariz, salpicando o solo de sangue, e depois erguer de novo a sua figura e o chicote, pronto a derramar mais.

Tão depressa e vertiginosa como tinha surgido, a recordação desvaneceu-se. Mercy estava outra vez na árvore, o arco das costas a acentuar a protuberância do ventre, os dedos dos pés a esgaratarem o solo enquanto ela tentava alcançá-lo e firmar-se.

O Sr. Thornhill tinha-se virado. O seu rosto pálido estava corado, mais de excitação do que de cansaço. Olhava para Rachel. Ela percebeu que, à sua volta, outros a olhavam também.

A quantos açoitamentos tinha assistido? Quantas vezes gritara silenciosamente que aquilo parasse? Desta vez, porém, as palavras saíram-lhe. Já não havia terror a encravá-las na sua garganta. Apenas raiva.

– Não! – repetiu.

O chicote pendia, frouxo, na mão esquerda do Sr. Thornhill. Atrás dele, a ferida aberta nas costas de Mercy chorava sangue.

Rachel sentia-se a tremer, mas não era de medo.

– O que queres dizer com «não»?

Ele parecia mais curioso do que irado.

– Pare de fazer mal a ela.

O silêncio era tão denso que parecia absorvente. Rachel nem ouvia a sua própria respiração.

O Sr. Thornhill voltou-se de novo para Mercy. Rachel foi mais rápida do que ele e, precipitando-se em frente, agarrou-lhe o braço a meio do movimento. O choque do toque dela quase o derrubou. Contorceu-se, procurando libertar o pulso que Rachel segurava com firmeza.

A máscara caiu.

– Larga-me – rosnou ele.

Libertou o braço. Todos os pensamentos cruéis que alguma vez tivera e todos os atos cruéis que alguma vez realizara estavam escritos na sua expressão. Atingiu-a, não com o chicote, mas com o punho – ela sentiu os nós dos dedos dele rangerem no crânio antes de o seu corpo se arquear para trás e cair desamparado no chão.

Rachel permaneceu imóvel. Tremia com um poder que ainda não compreendia totalmente e foi só olhando para a pele lacerada de Mercy que conseguiu impedir-se de se levantar e devolver o golpe. Estava pronta a morrer pela filha, mas não valeria de nada. O Sr. Thornhill matá-la-ia e a seguir vergastaria Mercy à mesma. Por isso, Rachel cerrou as pálpebras e deixou que o Sr. Thornhill pensasse que a tinha vencido, assim tão facilmente.

Pelo som do chicote e os gemidos abafados de Mercy, que se esforçava por não gritar, Rachel contou as chicotadas. Na escuridão fremente, por detrás das pálpebras, Rachel pensou em todos eles livres – Mercy, Mary Grace, Ninguém e ela própria. As imagens pairavam diante de si: eles a transporem os confins de Perseverance e a internarem-se na paisagem verde de Trindade.

Estas imagens ajudaram-na a ultrapassar aquele momento, e Rachel acrescentou à longa lista de coisas que tinha suportado na vida a agonia de ouvir o açoitamento da filha grávida.

Mas acabara-se.

Abriu os olhos.

O Sr. Thornhill cortou a corda e as pernas de Mercy cederam quando ela tombou no chão. As costas eram uma confusão de vergões vermelhos de carne ladeados por nervuras de pele pendente. Rachel ficou a ver o Sr. Thornhill afastar-se, de novo com o rosto exangue. Tornara a ser da cor do leite. Não olhou para trás, nem sequer se dignou lançar um olhar vitorioso na direção dela. E porque o faria?

Mas acabara-se.

Rachel e Ninguém ergueram Mercy e levaram-na para a cabana. Ali, Rachel ligou as feridas o melhor que conseguiu. O sangue secava já ao longo das pernas da filha; Rachel limpou-o. Nancy, sem palavras, trouxe um bálsamo para a dor. Mercy fez um esgar quando Rachel besuntou com ele as feridas nas costas, mas não emitiu qualquer som.

Para preencher o silêncio opressivo e húmido da cabana, Rachel começou a cantar. Uma das canções de Quamina. A aldeia dos foragidos era agora como um sonho, numa outra vida. Mas a canção encerrava em si a magia da floresta. Os braços de Mercy, a envolverem o ventre, começaram a descontrair-se. Rachel, cujo peito estava ainda contraído de fúria, pôde respirar de novo.

A canção terminou quando Rachel aplicava o resto da pasta. Sentou-se nos calcanhares. Mercy não se mexeu, mas expeliu uma respiração lenta pelas narinas.

– O bebé – sussurrou ela. – Eu sentir ele.

Rachel também exalou. Parte da opressão do ar aliviou-se. Ela pousou uma mão na anca da filha, tendo o cuidado de evitar a pele ferida, e as duas mulheres ficaram a olhar em silêncio para a terra, num agradecimento mudo. Apesar de tudo, o bebé ainda estava vivo.

– Pode contar-me – disse Mercy, com a cabeça ainda curvada. – Sobre o Micah.

– Teres certeza?

– Sim. Por favor. Eu quer saber.

Mercy manteve-se imóvel enquanto Rachel contava toda a

história – a sublevação, a batalha, os soldados a arrastarem Micah do meio da multidão e a dispararem sobre ele por se atrever a tomar a liberdade à força. De tempos a tempos, os ombros de Mercy tremiam um pouco, mas tirando isso (não fora o sangue que ainda escorria dos cortes mais profundos) ela poderia ser esculpida em pedra.

Quando Rachel terminou, Mercy soergueu-se lentamente, apoiando-se no chão, com os dentes cerrados de dor. Os seus olhos chispavam, não escondiam nada. Não tinha receio de pôr a nu o que lhe ia no coração.

– Obrigada – disse ela. Depois, erguendo o queixo, acrescentou: – Eu estar orgulhosa. Do que Micah fazer. Ele foi sempre o mais corajoso de nós todo.

Mercy tinha medo. Havia ainda nela uma jovem mulher intrépida – isso Rachel tinha visto na forma como a filha reagira à história de Micah. Mas as cicatrizes da última tentativa de fuga não se esqueceriam facilmente.

– Ele ir matar-nos – disse Mercy. Tinha a voz rouca, como se todos os gritos que não dera ao ser chicoteada lhe tivessem debilitado a fala.

Estavam os quatro – Rachel, Mercy, Mary Grace e Ninguém – acorados na cabana de Mercy. Falavam em surdina e o olhar de Ninguém desviava-se com frequência para a porta, certificando-se de que não havia ali olhos indiscretos.

– Termos de ir embora – disse Rachel.

– Não percebe – contrapôs Mercy. – Ele vigiar todas as noites. Vai matar-nos, se fugirmos.

Rachel olhou para as expressões nos rostos deles. A de Mercy era de pavor, ainda sofredora pela morte de Cato. A de Ninguém, nervosa e pronta – não seria a primeira vez que fugia. E a de Mary Grace, com olhar firme, decidida, como a mãe, a fazer o que fosse preciso para os salvar a todos.

– Então não irmos de noite.

Mercy franziu o sobrolho.

– O quê?

– É isso o que o Thornhill esperar – explicou Rachel. – Por isso, irmos durante o dia.

– Mas vamos ser vistos – rebateu Mercy.

– Não. Amanhã, o primeiro e o segundo grupos irem levar a cana até lá acima ao engenho. Se nos escondermos atrás da casa das caldeiras ao lado dele, não nos verem. Quem olhar da casa grande ou dos campos não nos ver. Podermos correr para os bosques logo ao lado.

Ela esperou que os outros emitissem o seu veredicto em relação ao plano. A boca de Mary Grace formou uma linha estreita e determinada. Ninguém acenou em concordância, os olhos esbugalhados mas repletos de uma certeza sombria. Mercy manteve

a cabeça curvada: a sua expressão era a única que Rachel não conseguia ver.

– Podermos atalhar pela floresta e chegar à estrada – disse Rachel. – Ir pra norte, pra Porto de Espanha.

– Não – disse Mercy, baixinho. A sua voz vacilou, mas não quebrou. – Podemos ir para outro lado.

Respirou fundo e endireitou-se um pouco. Aquele movimento, conquanto ligeiro, fê-la retrair-se – tinha ainda as costas em carne viva, ensanguentadas.

– Há aldeias livres – prosseguiu ela. – Mais para leste. Junto ao mar.

– Queres dizer que há foragidos a viver lá? – perguntou Ninguém.

– Não foragidos... a maioria não ser. A maioria ser pessoas livres. Cultivam o que conseguem para se alimentarem e o que resta vendem ao longo da costa.

Rachel inclinou-se mais para a filha.

– Achares que devemos ir pra lá? Não Porto de Espanha?

– Eu não sabe – disse Mercy. Uma película fina do suor cobria-lhe o rosto. Era nítido que estava em sofrimento – tanto por causa das feridas como pela ideia de tentar fugir de novo, depois da última vez.

– Abraham dizer-me. Sobre o Cato. – Rachel falou com delicadeza. Receava que o nome infligisse nova dor à filha, mas em vez disso ela ergueu a cabeça. Aos seus olhos tinha regressado um pouco do fogo anterior.

– Devíamos ir pra leste – disse Mercy. A voz já não lhe vacilava. – Foi o Cato que pensa nas aldeia. O irmão dele comprar a liberdade e o Cato querer se encontrar com ele lá.

Os restantes, que nunca tinham conhecido Cato e nunca o conheceriam, conseguiam sentir ainda a força da sua memória. Entreolharam-se, firmando o pacto. No dia seguinte, ir-se-iam embora.

A liberdade – a verdadeira liberdade – acenava-lhes.

O dia era de calor tórrido. Os raios brancos do sol estenderam-se como punhais em brasa sobre os campos e puseram todos a suar em bica. Foi um golpe de sorte, pois por volta do meio-dia, quando o calor ficou ainda mais opressivo, o Sr. Thornhill retirou-se para a casa grande e deixou os guardas a supervisionar o transporte dos molhos de canas até ao engenho. Sem ele por perto, Rachel respirou um pouco mais facilmente, apesar de não conseguir livrar-se da sensação de estar a ser observada, e sem a vantagem de poder observá-lo por seu turno.

Eles não tinham um sinal combinado nem uma altura planeada para porem a coisa em marcha. Mercy ficara na aldeia, alegando a necessidade de recuperar das vergastadas. Tinha havido um momento de tensão quando Nancy transmitira esta informação ao Sr. Thornhill – se ele forcesse Mercy a regressar à sua tarefa habitual de tomar conta dos animais, teria sido quase impossível coordenar a fuga. Mas ele não deu mostras de se importar com o que quer que fosse. Talvez com o romper do dia ele tivesse caído em si quanto à falta de mão de obra que havia na plantação e ao esforço exigido à existente para concluir a colheita, e resolvesse ser mais indulgente. Não podia dar-se ao luxo de Mercy perder o bebé. Fosse por que razão fosse, Mercy conseguiu ficar na aldeia. Da sua cabana, esforçando a vista, ela conseguiria distinguir o curto troço das traseiras da casa das caldeiras até à floresta. Quando visse os outros, correria também.

Esta era a parte do plano que mais afligia Rachel. A sua prudência natural debatia-se com a sua recente relutância em fazer compromissos no que dizia respeito à liberdade. Durante toda a manhã, a ideia da corrida perigosa de Mercy através dos campos abertos, em direção à floresta, pesou-lhe no espírito. Mas que escolha tinham eles? E Mercy era valente – mais do que Rachel alguma vez tinha sido, disso tinha a certeza. Só lhe restava ter esperança.

A meio da tarde, com o sol ainda a dardejar, inclemente, sobre os trabalhadores, Rachel, Ninguém e Mary Grace deixaram-se ficar para o fim de um grupo que se dirigia para o engenho. Sem falarem, sem sequer trocarem um olhar entre si, eles sabiam que era chegada

a altura.

Pouco a pouco, abrandaram o passo, até haver vários metros entre eles e o resto da fila. Diante deles, o engenho girava – impelido pelos esforços dos trabalhadores lá dentro, pois não havia vento naquele dia sufocante.

Rachel conduziu-os para fora do caminho. Sabia que deviam caminhar, e não correr. Correr atrairia demasiada atenção. Por isso, passo angustiante após passo angustiante, dirigiram-se para a casa das caldeiras, em busca da segurança da sua parede traseira.

Rachel viu alguém sair do engenho e o coração caiu-lhe aos pés. Não parou, não se atreveu a parar, mas sabia que tinham sido vistos.

Das sombras da soleira saiu Abraham. Ele olhou Rachel nos olhos e ela baixou os seus, fixando os pés.

Um passo. Mais outro.

Ergueu de novo os olhos. Abraham ainda a mirava. Rachel estava demasiado longe para discernir a expressão dele, ou sequer se tinha a boca aberta, pronta a gritar.

Estavam agora muito perto de saírem da vista dele. Rachel manteve a respiração regular, sintonizando-a com cada passo que dava.

Quando dobravam a esquina, Rachel olhou para Abraham uma última vez. Era difícil dizer, com o sol a dar-lhe nos olhos, mas ela podia jurar que o tinha visto erguer a mão em jeito de saudação. Ele não compreendia a razão por que queriam mais – a razão por que Rachel e os outros tinham de fugir daquela meia vida em Perseverance –, mas talvez a pudesse aceitar. Respeitar, até. O silêncio dele protegeu-os até desaparecerem de vista.

Na sombra da casa das caldeiras, Ninguém encostou-se à parede, arfando como se tivesse sustido a respiração durante toda a travessia dos campos. Rachel tocou-lhe ao de leve no braço, e depois no de Mary Grace. Não disseram nada uns aos outros, mas tinham sobrevivido à primeira parte da fuga.

Livraram-se dos molhos de canas e Rachel avaliou a distância entre a parede e a orla da floresta. Parecia agora bastante maior do que antes. E mais exposta. A luz do Sol embranquecia a erva

acastanhada e deixava a descoberto todas as extensões de terra nua.

Rachel ainda estava a reunir coragem para a fase seguinte quando Mary Grace se adiantou. Começou a correr. Saiu das sombras e precipitou-se para as árvores. Ninguém foi no seu encalço, escassos passos atrás. As passadas de ambos eram compridas e elegantes. Rachel ficou um momento a apreciar a beleza da imagem, aquelas duas figuras escuras avançando pela erva moribunda, os pés a erguerem um rasto de pó. Depois também Rachel se atirou em frente, para o sol inclemente e o calor abrasador.

Ao correr, sentiu-se mais alta que nunca. Os membros, esticados no movimento, ocupavam mais lugar. Ela mal tocava o chão. Voava.

Antes de poder inspirar de novo, estava entre as árvores. Estendeu precipitadamente um braço e agarrou um tronco para se equilibrar. A euforia do êxito deu lugar ao medo.

Mercy.

Rachel rodou nos calcanhares, o olhar a escrutinar a aldeia no horizonte.

– Ali! – apontou Ninguém.

Mercy vinha já a meio caminho. Movia-se desajeitadamente, com uma mão a segurar o ventre. Mas avançava depressa.

O tempo pareceu abrandar. Passou uma eternidade com Mercy suspensa entre um estado e o seguinte – entre cativeiro e liberdade. Um pássaro num ramo baixo começou a chilrear, e embora o som não fosse nada parecido com um tiro, Rachel julgou ouvir o estampido de uma espingarda em cada nota do canto.

Mercy olhava para trás enquanto corria. Havia terror na forma como se movia. Rachel teve de reprimir um grito:

Não olhes para trás.

Não pares de correr.

Mercy estava quase junto deles. Tão perto que Rachel conseguia ver os sulcos das lágrimas no rosto dela. O corpo tremia-lhe com os soluços e o esforço da corrida.

Foi então que soou o tiro. Desta vez real, e não imaginado. A bala enterrou-se no tronco de uma árvore próxima. O pássaro voou. Mercy vinha a gritar. Tropeçou, quase caiu, mas agora estava na

floresta – Rachel amparou a filha.

Não havia tempo para se consolarem uma à outra.

Ninguém tinha o olhar desvairado de uma criança assustada quando disse:

– Corram!

Avançar entre as árvores não era nada como correr em campo aberto. Àquela meia-luz, criavam-se e desfaziam-se formas nos limites da visão de Rachel. Onde antes lhe parecera haver espaço, sentia-se agora encurralada. As copas adensavam-se até parecerem a tampa de uma caixa. Rachel começou a sentir dificuldade em respirar e uma parte de si convenceu-se de que as folhas haviam expulsado todos os resquícios de ar. Os ramos afiados rasgavam-lhe a pele e o solo irregular ameaçava fazê-la cair a qualquer momento. Não obstante, sem que ela soubesse como, a força de vontade revelou-se mais forte do que os obstáculos. Continuaram a correr.

Não houve segundo disparo. Não se ouviam gritos atrás deles. nenhuns latidos de cães que lhes seguissem o rasto. Por isso, quando Rachel viu, ao passarem por um poço de luz que trespassara o arvoredo, que Mercy ainda soluçava com violência, gritou:

– Parem!

Mercy caiu no chão, enroscando-se numa bola à volta da barriga. Os ombros eram sacudidos por espasmos. Na nuca eram visíveis as extremidades dos vergões recentes. O sangue ensopara-lhe partes da blusa, fazendo padrões no algodão branco com manchas vermelhas que escureciam até se tornarem negras nos locais onde o sangramento fora mais abundante.

Rachel ajoelhou-se junto da filha. Afagou o cabelo de Mercy. A memória do movimento estava ainda nas suas mãos, de todas as vezes que ela reconfortara Mercy em criança.

Ninguém passou um braço protetor em torno de Mary Grace. O seu olhar mirava a distância.

– Não podemos ficar aqui – disse. Também ele tremia, vibrando com a força do seu desejo de sobreviver. – Eles virão.

– Ela não poder continuar a correr – disse-lhe Rachel. – Assim, não. Com o bebé.

Rachel viu o instinto debater-se com a compaixão, dentro de

Ninguém. No final, o silêncio indicou que a compaixão tinha vencido. Não disse mais nada sobre terem de continuar – mas Rachel sabia, pelo nó que sentia na boca do estômago, que ele tinha razão. Não podiam ficar muito tempo imóveis.

Mercy virou a cabeça, encostando a cara ao solo. Rachel inclinou-se mais para ela, de modo que a sua face quase repousava no cabelo da filha.

– Estares bem?

Mercy não se mexeu.

– Conseguires caminhar?

Ainda nada.

Rachel aguardou. Sentia a inquietação crescente de Ninguém, mas ignorou-a. Concentrou-se em respirar ao mesmo ritmo de Mercy, tentando que a filha fizesse respirações mais lentas e profundas.

Pouco a pouco, os soluços acalmaram. Mercy sentou-se e limpou as lágrimas com uma mão enlameada.

– Ele ter razão – disse Mercy, indicando Ninguém com a cabeça.

– Não podermos ficar aqui.

A angústia estava a desaparecer do rosto dela, mas esta não era como das outras vezes em que Rachel vira Mercy esconder-se atrás de uma máscara impassível. Agora era diferente. Quando uma emoção refluiu, afluiu outra e ocupou o seu lugar. Mercy obrigou-se a pôr-se de pé. Depois endireitou-se e os pensamentos que lhe inflamavam o íntimo tornaram-se evidentes.

Temos de continuar.

Não podemos ser apanhados.

Temos de viver.

Quando o Sol já declinava, eles tinham expressões exaustas e arrastavam os pés, mas não se atreveram a parar. O ar opressivo da floresta transportava até longe todos os sons, do quebrar de um galho ao restolhar de folhas. Rachel tinha os nervos em franja, e o pescoço dorido de todas as olhadelas que dera sobre o ombro. Mas ainda não havia sinal dos capatazes e dos guardas que ela sabia que os seguiriam, espicaçados pelo Sr. Thornhill em pessoa. Mudavam com frequência de rumo, tentando manter a sua trajetória imprevisível. Ninguém trepou a uma papaieira e atirou frutos para o chão – sujaram todos os pés com a polpa esmagada, para ajudar a disfarçar o cheiro do rasto. Rachel perguntou a si mesma se aquilo bastaria.

A escuridão tornava ainda mais difícil orientarem-se no meio das árvores e a visão do negrume hiante sempre que Rachel olhava para trás inteiriçava-lhe o corpo de pavor. Quando uma ave os sobrevoou, o som súbito das asas a centímetros das cabeças deles fê-los saltar e agarrarem-se com força uns aos outros.

– Nós não poder continuar assim – disse Rachel mal se recompuseram do susto. – Ter de descansar. Sem descanso, vão apanhar-nos na certa.

Ninguém, com o corpo a dar de si de extenuação, parecia pronto a concordar, mas Mary Grace ergueu uma mão para lhe cortar a palavra.

– O que é? – perguntou ele à mulher.

Ela levou uma mão à orelha: *escutem*.

O som dos passos deles tinha-o abafado, mas agora que estavam parados conseguiam ouvir o ruído ténue. Água a correr.

Avançaram lentamente, seguindo o som, até o encontrarem – um rio estreito com uma corrente impetuosa. À sua volta, a floresta era menos densa, e o luar coava-se entre as árvores e refletia-se na água. Alguma coisa naquela paisagem deu uma paz imensa a Rachel. O rio, cintilante ao luar prateado, tão rápido que parecia uma coisa viva a contorcer-se, podia oferecer proteção. Sob o seu sortilégio, estariam a salvo.

Sentaram-se na margem e puderam respirar. Junto deles estava uma árvore tombada – não abatida por mão humana, mas arrancada por uma qualquer tempestade. Rachel via sempre tragédia nas árvores arrancadas ao solo – coisas como não deviam ser, algo vivo derrubado por terra quando antes se guindara aos céus. Os olhos dela eram atraídos, uma e outra vez, para o tronco grosso, com os ramos estendidos e as raízes nuas a estremecerem à brisa. Ela tentou não interpretar aquilo como um mau presságio do que os esperava.

Não tinham comida, não tinham nada a não ser as roupas que os cobriam, por isso só podiam dormir. Quando Rachel fechou os olhos, a cabeça pousada na terra fresca, sentiu o cheiro da floresta – um odor ligeiro e verde que a ajudou a afastar os seus piores receios.

Era ainda noite cerrada quando Rachel acordou. Ao seu lado, Ninguém e Mary Grace dormiam, braços e pernas enlaçados, mas Mercy desaparecera. Rachel ergueu-se apressadamente, o terror a inundá-la, prestes a gritar – mas, não. A filha não fora levada. Mercy estava sentada na margem, de costas para Rachel.

Rachel ouviu Mercy gemer, viu as suas mãos transformadas em punhos. Chegou junto da filha num ápice.

– Que é?

Mas Rachel já sabia. Reconhecera o modo como o rosto de Mercy se contorcia, como o seu próprio se tinha contorcido tantas vezes.

– O bebé – disse Mercy. – A dor... começou quando estarmos a caminhar, não tão forte. Mas agora... – O rosto contorceu-se-lhe de novo. Bagas de suor brilhavam-lhe na testa.

Rachel molhou a batinha da sua saia na água e usou-a para limpar a fronte de Mercy. Não sabia o que mais fazer. Sentia que devia falar com a filha, tentar acalmá-la, mas as palavras ficaram presas no pânico crescente. Rachel não era uma curiosa. Não tinha a habilidade de uma pessoa como a Grande Polly, que trouxera ao mundo a maior parte das crianças da plantação de Providence, em Barbados. Só conhecia os partos a que assistira, na sua maioria os próprios. Sentiu-se impotente – apanhada por forças que não

dominava. As coisas tinham uma inevitabilidade própria. O trabalho de parto prosseguiria, tão certo como os homens brancos irem dar com eles. Rachel sentiu o olhar turvar-se ao pensar nisso, a cabeça zonha de medo, mas uma pequena parte de si conseguiu orientar-lhe as mãos para continuarem a limpar o suor da testa de Mercy.

O rosto de Mercy contorceu-se de novo. Ela gritou, tentou engolir o som cerrando os dentes, mas só conseguiu que saísse redobrado. Eram contrações fortes. O bebê vinha a caminho.

O barulho acordou os outros num sobressalto. Ao ver a irmã, Mary Grace pareceu saber instintivamente o que estava a acontecer. Acorreu, pondo-se junto da mãe. Começou a massajar os rins de Mercy fazendo pequenos círculos, tendo o cuidado de não subir demasiado a mão, para não pressionar os locais onde o chicote a tinha ferido.

– O bebé – disse Rachel a Ninguém.

Rachel viu, no branco dos seus olhos, que ele sentia o mesmo que ela. Relanceou de imediato a floresta. Não disse nada em voz alta – não queriam assustar Mercy – mas trocaram um olhar eloquente. Ninguém deixou as mulheres junto da margem e dirigiu-se para as árvores. Ficaria de vigia. Se Thornhill aparecesse, não poderiam correr – impossível, com Mercy naquele estado –, mas pelo menos a morte não as apanharia de surpresa.

Mercy gritou de novo. Desta feita não fez qualquer tentativa para abafar o som. Reverberou na floresta, espantando vários pássaros. Um brilho de suor cobriu-lhe os braços, o pescoço, e escorreu-lhe pela cara. Rachel pensava, desesperada, no que poderia fazer. Porque é que não conseguia lembrar-se de nada do que a Grande Polly fizera por ela? Todas as memórias eram nubladas pelo próprio trabalho de parto, as mãos invisíveis que lhe comprimiam o ventre, a dor lancinante...

Mary Grace deixou de massajar as costas de Mercy. Suavemente, mas com firmeza, ajudou a irmã a pôr-se de gatas. Observando-as, Rachel apercebeu-se – não pela primeira vez – das lacunas no seu conhecimento das vidas dos filhos. Algumas poderia nunca chegar a colmatar.

Aquele pequeno ato de Mary Grace fendeu o medo de Rachel. De

súbito, sentiu-se alerta, com um propósito. Foi imbuída de um sentido do que tinha de fazer – um conhecimento tácito, adquirido ao longo de uma vida, talvez mesmo parte dela antes de a própria vida ter começado. O sentimento era ao mesmo tempo universal – um instinto animal que ela sabia que partilhava com todas as coisas – e singular. Era a noção urgente de que era forçoso trazer ao mundo aquele bebé que, através de Mercy, tinha nele o seu próprio sangue.

Mary Grace recomeçou a massajar as costas de Mercy, desta vez com mais insistência. Rachel falou ao ritmo das mãos de Mary Grace.

– Respira, Mercy. Respira e faz força.

Os gemidos de Mercy eram pontuados por uivos de dor, mas os uivos, as mãos e as instruções suaves de Rachel pulsavam a um só tempo. Operaram como um só para expulsar o bebé. Os ruídos que Mercy fazia tornaram-se mais profundos, mais guturais. Rachel quase conseguia ver os músculos moverem-se sob a pele da filha. A tensão aumentava. O rio pareceu ele próprio contrair-se, obrigando a água a correr mais e mais depressa entre as margens. As mulheres respiravam juntas, inspirando e expirando, os corações acelerados, as mãos a agarrarem o solo e a agarrarem-se umas às outras. Mercy comprimiu a boca contra o chão, para que a terra lhe absorvesse os gritos enquanto o líquido se derramava dela e corria margem abaixo, juntando-se ao rio.

Quando o bebé deslizou para fora e foi recebido pelas mãos de Rachel, tudo parou. Nada se ouvia – nem sequer uma respiração, nem sequer a água corrente. O bebé ficou imóvel. Um menino, reparou Rachel, e depois desejou não ter reparado. Tornava a espera ainda mais angustiante.

Os dedos do bebé enroscaram-se num punho. Com um grito agudo, anunciou o seu nascimento ao mundo. As mulheres soltaram a respiração. As mãos de Rachel tremiam. As suas lágrimas caíram sobre o bebé e deslizaram, misturando-se com vestígios de sangue, sobre o corpinho minúsculo. Sentiu um arrebatamento como não sentia há anos, desde que ela própria conseguira dar à luz uma criança viva. O sentimento do amor total, avassalador,

incondicional. O bebê era um estranho, sem fala, incognoscível. Passar-se-iam anos até ele conseguir dizer o que lhe ia na mente. Não obstante, o amor não esperava. O amor estava presente desde o início – antes mesmo do início. O amor não precisava de palavras, não precisava de apresentações. Bastava-lhe a existência.

As secundinas foram também expelidas e Rachel pôde então entregar o bebê a Mercy. Houve um momento em que os três se tocaram – avó, mãe e filho.

Mercy segurou o filho. Embalou suavemente o bebê até o seu choro se transformar numa lamúria e, por fim, em sono.

As três mulheres observaram, fascinadas, o bebê. Captaram todos os pormenores, das farripas de cabelo escuro no cocuruto às solas rosadas e macias dos pés.

O sorriso de Mercy vacilou. Havia tristeza no modo como ela olhava para o filho. O desgosto repuxava-lhe as commissuras dos lábios. Rachel percebeu que ela estava a pensar em Cato.

– Parecer-se com ele? – perguntou Rachel.

– Um bocadinho. – Mercy ergueu a cabeça e elas entreolharam-se. – Mas também se parecer consigo.

Mercy olhou outra vez para o filho. A mágoa atenuou-se – nunca desapareceria por completo – e ela sorriu novamente.

– Micah – sussurrou ela. – Sim. Um bom nome. Bem-vindo, pequeno Micah.

Um nascimento e uma nova vida são bons augúrios. A chegada da criança monopolizou-lhes a atenção. Mas o feitiço quebrou-se quando Ninguém apareceu a correr.

– Eles vêm aí. Vi as luzes. Eles vêm aí.

Mercy tiritava, febril. Ninguém batia com um punho na palma da mão, os olhos movendo-se com rapidez em busca de uma escapatória que não lobrigava.

Rachel foi inundada pelo cansaço. Fechou os olhos. O pensamento ocorreu-lhe – como seria fácil deixar-se deslizar para o sono eterno.

À distância, ouviu os latidos dos cães.

Eles vinham aí.

Mary Grace sacudiu o braço da mãe. Rachel abriu os olhos e viu o bebé diante de si. Ele nascera livre. Nascera na condição pela qual o seu pai e o seu homónimo tinham morrido, pela qual a avó arriscara a vida, cruzara oceanos, palmilhara centenas de quilómetros com os pés doridos. Esta criança nunca poderia conhecer o cativo. A liberdade era sua por direito de nascença.

Uma descarga potente e desesperada de energia percorreu Rachel – uma fúria de viver, não por si própria, mas pelo bebé, e por Mercy e Mary Grace e Ninguém. Ela procurara-os, reunira-os e recompusera a família que em tempos julgara perdida para sempre. Tinha sido um feito que não seria desfeito. Pelo menos, desta forma.

Agora já todos eles os viam – lanternas a moverem-se entre as árvores, aproximando-se.

Mary Grace ainda agarrava Rachel com força, e apontava para o rio, para a corrente impetuosa que corria mais depressa do que eles alguma vez conseguiriam.

Mãe e filha moveram-se como uma só, sem necessidade de palavras. Puseram-se de pé num salto. Mercy ainda estava abatida no chão, de cabeça curvada, o bebé a dormir nos seus braços. Rachel tirou o pequeno Micah à mãe e cingiu-o ao peito. Mary Grace ergueu a irmã.

– O rio – disse Rachel a Ninguém.

Ele abanou a cabeça.

– Não. Vamos afogar-nos.

– Não ter outra maneira.

Ninguém fitou o rio. Ele sabia, mais do que qualquer outra pessoa, os perigos que se escondiam sob a superfície da água. Rachel viu o terror nos olhos dele.

Um homem gritou da floresta, próximo o suficiente para eles o ouvirem.

– Estou a vê-los!

Foi como se o mundo se estilhaçasse – fragmentando-se para lá do pensamento coerente. Nada existia para Rachel além do bebé que apertava contra a pele. Relampejaram imagens diante de si: Ninguém a correr para a margem, Mercy a desfalecer, Mary Grace tentando aguentar o peso da irmã. Ninguém, com um grito de medo e esforço e exaustão e a insustentável necessidade de sobrevivência, a empurrar a árvore tombada. Esta rolou, lentamente, lentamente, para a água.

Rachel voltou-se, aturdida, para os homens que os perseguiam. Viu os cães correrem a toda a brida por entre as árvores. Atrás, discerniu o vulto de um homem – seria Thornhill? – e o brilho de uma arma a ser destravada.

– Rachel!

O grito desesperado de Ninguém consertou de novo o mundo. Ela conseguia pensar outra vez, e o que ela pensou foi:

Salta.

Agora.

Agarrando com firmeza o pequeno Micah, ela mergulhou no rio. A mão esquerda segurava-o, a direita palpava, às cegas, a negrura turbilhonante, à procura. Consequia ouvir as balas, o seu ruído abafado e distorcido pela água que a rodeava.

A mão direita continuava a não encontrar nada. Ela era arrastada para o vórtice. A sensação era como que de dissolução do corpo. Deixaria de existir, fundir-se-ia na água.

Então, algo a agarrou pelo pulso e puxou para a superfície. O ar encheu-lhe os pulmões. O bebé chorava. A mão dela encontrou por fim madeira sólida. Rachel segurou-se à árvore e procurou manter-

se o mais elevada possível, para que a cabeça de Micah ficasse acima da água. Entre eles, Ninguém e Mary Grace abraçavam Mercy, que continuava quase inconsciente, protegendo-a da correnteza inexorável.

Uma bala atingiu a água poucos metros atrás deles. Mas depois... mais nada. Os gritos e os latidos e os disparos deixaram de se ouvir.

A água levou-os para longe, fora do alcance da vista.

Não havia mais nada que pudessem fazer. Estavam impotentes. A árvore mantinha-os à tona – mal – mas o rio era inclemente.

A luta pela sobrevivência travava-se segundo a segundo, crista após crista.

Rachel só conseguia cingir o menino e rezar – não a nenhum Deus no céu, mas à própria água.

Por favor, deixa-nos viver.

– Rachel.

A dor que sentia nos braços era excruciante, mas ela não ousava afrouxar o enlace. Precisou de reunir toda a energia que lhe restava para erguer a cabeça e olhar à volta.

O Sol nascera havia horas. O rio era agora mais largo e a corrente tornara-se mais lenta, como a do Demerara quando tinham entrado nele a primeira vez, de canoa, tantos meses atrás.

– Rachel – repetiu Ninguém. – Já estamos muito longe. Devíamos ir para terra.

Rachel não conseguia falar. Acenou simplesmente.

A golpes de pés, Ninguém e Mary Grace conseguiram conduzir a árvore para a margem. Rachel quase chorou quando os seus pés toparam com terra firme – o rosto deu todos os indícios de que ela o ia fazer, todavia não saíram lágrimas. O pequeno Micah estava silencioso contra o seu peito, mas ainda respirava. Tinha os olhos abertos e por eles bebia o mundo.

Inexplicavelmente, as pernas deles não cederam quando se viram

em terra – até Mercy conseguiu apoiar-se no ombro de Mary Grace. Mercy estendeu os braços e tomou o filho e amamentou-o, enquanto eles se mantinham imóveis, escutando o som da erva a restolhar ao vento, o chamamento distante de uma ave.

Rachel – que escassos momentos antes estivera privada de forças – sentiu-se invadida por um novo desassossego. Queria mexer-se, ser outra vez senhora dos seus membros, depois de tantas horas passadas na água.

Ninguém olhou para o céu.

– Viemos para leste – disse ele. – O rio deve correr para a costa leste.

Mercy ergueu a cabeça. Entreolharam-se todos.

Seria possível? Tinham-se atirado, sem pensar, ao rio. Seria verdade que este os levara para onde eles queriam ir?

Viraram costas ao Sol. O rio estendia-se a perder de vista. Não havia sinal do fim da terra.

– Vocês fiquem aqui – disse Ninguém, olhando para as mulheres.

– Descansem. Eu vou ver se...

Mas Rachel interrompeu-o.

– Não. Vamos todos.

Rachel pegou novamente no neto. Mercy mal aguentava com o seu próprio peso, quanto mais o peso do menino. Começaram a caminhar. Devagar, cambaleantes, mas vivos.

Não fora o suave arco que o Sol descrevia em direção ao ocaso, e as coisas teriam parecido intemporais.

Não havia nenhum dos métodos habituais de marcação da passagem das horas. Não tinham comida nem trabalho a fazer, salvo caminhar.

O único sinal do tempo, a única coisa que mostrava que o passado, o presente e o futuro existiam todos naquele momento, eram os sulcos nas costas das mãos de Rachel, a protuberância ainda visível do ventre de Mercy, e os olhos muito abertos, puros, do bebê. Um tempo não à escala dos minutos longos, infindáveis, a cortar cana sob um sol agreste. Nem sequer à escala de estações, da

colheita ao plantio e assim sucessivamente. Era tempo à escala de gerações, que podia abarcar centenas de anos.

Mercy deteve-se. Foi ela que o viu primeiro, a espreitar no horizonte. Os outros pararam, também, e seguiram o olhar dela... e ali estava ele.

O mar.

Aproximaram-se uns dos outros. Tocaram-se, deram as mãos, as ancas encostadas, os braços à volta dos ombros uns dos outros. Tudo o que os unisse. Para saborearem, juntos, a visão que tinham à sua frente. A fofa ilha verde dando lugar, no seu confim, às ondas cintilantes.

– Ali. – Ninguém apontou.

Um conjunto de cabanas, pouco mais do que silhuetas ao longe, viradas para o mar. Rachel discerniu pequenos vultos que se moviam junto das cabanas – pessoas curvadas para o solo, umas quantas cabras a deambularem pela erva, uma criança a correr para a água.

Micah começou a choramingar, erguendo os pequenos punhos em protesto pela longa e quente caminhada, pelo rio impetuoso e tudo o mais que preencheria o seu primeiro dia de vida. Rachel embalou-o, em vão. Ele franziu a carinha e o choro tornou-se mais alto e insistente.

Mary Grace pôs-se ao lado de Rachel e olhou para o sobrinho.

E começou a cantar.

Tinha uma voz fraca, devido à falta de uso, mas impressionante. Cada nota pairava, vibrando com uma vida inteira de sentimento. Não, não uma vida inteira – cem vidas inteiras. Ela cantava por si mesma e por todos os que a haviam precedido. A canção dela tinha dor, frustração e desapontamento. Mas também tinha alegria, alívio, amor. Esperança.

O mundo parou de girar. O Sol deteve a sua marcha no céu. Tudo ficou imóvel enquanto Mary Grace cantava. Rachel ficou a ver os lábios da filha moverem-se, as formas belas que assumiam quando formavam as palavras. Ninguém observava-a também,

comovido até às lágrimas pela voz da mulher. Teria ele conseguido imaginar o seu som? Nos seus sonhos, se Mary Grace lhe falava, soaria deste modo? Pela forma como Ninguém tremia, Rachel percebeu que aquilo era tudo o que ele desejara, e mais ainda.

Rachel reconheceu a canção. Era uma das que Quamina cantava, uma canção akan, uma canção dos antepassados, uma canção com uma melodia que ressoava nos ossos de Rachel, onde fora já cantada, há muito tempo.

Mercy cantou também. Hesitou em algumas palavras, errou algumas notas. Mas a voz dela elevou a de Mary Grace acima das nuvens, alçou-a aos deuses. O choro de Micah esmoreceu e as suas pálpebras começaram a cerrar-se.

Ninguém juntou-se ao coro. A sua voz reverberava na terra. Não era bem a mesma canção – era a sua própria canção, com uma letra diferente, transmitida pelo seu povo, que sobrevivera a todas as cadeias e à travessia e à tortura, e até à morte. As duas canções fundiram-se numa porque a mensagem de ambas era a mesma. Tinham sobrevivido.

Rachel baixou o olhar para Micah, agora pacificado nos seus braços. O que mais podia ela dar ao neto, além dos fragmentos de uma memória que ela sempre trouxera dentro de si? A letra meio esquecida de uma canção.

Rachel juntou a sua voz às dos restantes, e cantou.

Havia esperança para este novo mundo, afinal.

Quando eles cantaram, ouvimo-los. Cantámos com eles, e recebemos de braços abertos esta nova vida num mundo que é cruel, mas também encerra amor, se soubermos para onde olhar.

É assim que somos recordados. Em fragmentos de canções, em sonhos, no sorriso de mãe para filho. Estas são as partes de nós que não podem ser aniquiladas. Estas são as partes de nós que alimentam as raízes e as mantêm robustas.

O solo é fértil. A nossa árvore continua a crescer.

Nota da autora

Tomei pela primeira vez conhecimento das mulheres caribenhas que tinham ido à procura dos filhos perdidos quando tinha dezasseis anos. Foi quando fui ver uma exposição denominada *Making Freedom*, organizada pela Windrush Foundation. O objetivo da exposição era lançar nova luz sobre a emancipação – não como dádiva dos brancos britânicos, mas como algo conseguido a duras penas pelos próprios escravos, em revoluções e rebeliões, do Haiti a Barbados. Nesta exposição, havia um pequeno painel a explicar que, depois da emancipação, muitas mulheres depuseram as alfaias e percorreram as ilhas em busca dos filhos. Esta história ficou comigo. Era um ato notável de coragem, tendo em conta o modo como a escravatura se encarregara de destruir por completo as famílias. Mais tarde li o livro no qual se baseava o painel: uma história oral intitulada *To Shoot Hard Labour* (1986), de Fernando C. Smith e Keithlyn B. Smith. O livro relata a história de Samuel Smith, nascido na Antigua em 1877 e falecido em 1982. Smith recorda a sua trisavó, Mãe Rachael, que, abolida a escravatura, atravessou Antigua a pé para se reunir a uma das filhas. A história verídica de Mãe Rachael inspirou a demanda de Rachel no presente romance.

A Canção do Rio é um livro tão pessoal quanto histórico. Para criar a personagem de Rachel, baseei-me na minha mãe, na minha tia, na minha meia-avó e nas histórias da minha avó, falecida antes do meu nascimento. À semelhança de Rachel, também elas tiveram de suportar muita coisa. À semelhança dela, tiveram de ser cautelosas, discretas, vigilantes. Mas também, à semelhança dela, tiveram muito amor e força, e recusaram-se a ser definidas pelas crueldades que sofreram.

O romance inspira-se também no tempo que eu própria passei nas Caraíbas, em casa do meu avô, em Santa Lucia. Tenho memórias muito vívidas da minha primeira visita, quando tinha onze anos. Recordo o sabor do ar denso e húmido, mal saí do avião no aeroporto de Vieux Port. O modo como a chuva desabou sobre nós com tal intensidade quando voltávamos a correr da praia que a minha mãe perguntou se tínhamos entrado vestidas no mar. O azul

inacreditável do oceano, as cem tonalidades que captavam a luz quando o Sol declinava e a calidez espantosa da água, quando a minha irmã e eu brincávamos a furar as ondas mesmo antes de elas se desfazerem na areia. Mas também recorro a minha viagem mais recente, quando investigava, para a minha dissertação de mestrado, o legado da escravidão nas Caraíbas. A paisagem continuava magnífica, mas eu conseguia ver as camadas de história por todo o lado. As antigas casas das plantações e os novos hotéis, ambos grandiosos e isolados do resto da ilha. A pobreza num sítio que é tão abundante. O homem à beira da estrada na vila de Anse La Raye que segura uma grande serpente amarela – não há serpentes nativas em Santa Lucia, diz o homem, estas foram introduzidas nas florestas pelos donos das plantações para morderem os escravos que fugiam.

As pessoas vão às Caraíbas porque estas parecem o paraíso – um sítio fora do tempo, onde se podem libertar do ritmo implacável das suas vidas e relaxar na praia com um *cocktail* na mão. Todavia, para mim, as Caraíbas são belas por causa da sua história, e não apesar dela. Um sítio onde o passado está sempre próximo da superfície e os ecos da história estão por todo o lado.

Por último, a história de Rachel tocou uma corda pessoal porque eu também sei o que é ter uma família dispersa. Na minha viagem mais recente às Caraíbas, fui a Barbados conhecer a minha tia-avó, irmã do meu avô. O meu avô saiu de Barbados aos catorze anos, indo primeiro para Santa Lucia e depois para o Reino Unido. A mãe dele e os irmãos morreram sem saber o que lhe tinha acontecido. Só a sua irmã mais nova estava ainda viva quando ele regressou às Caraíbas, e encontraram-se uma vez antes da sua morte. Para mim, vê-la revestiu-se, em igual medida, de tristeza e alegria. Dela, ouvi histórias a respeito de um ramo da família que eu julgava perdido para nós.

Nessa mesma viagem, quando assinei o meu nome na portaria de um edifício onde ia ter uma reunião, o segurança perguntou-me de onde era. Expliquei que era britânica, mas tinha família em Santa Lucia. Ele perguntou-me onde exatamente, e qual era o meu apelido. Quando lhe respondi, ele foi até uma sala nos fundos e regressou com um colega. «Vocês são parecidíssimos», explicou o

segurança. E éramos mesmo parentes, da parte do nosso bisavô. Que um completo estranho tenha prestado de tal modo atenção às minhas feições e que outro estranho se tenha mostrado tão recetivo à ideia de sermos primos distantes mostrou-me que, não obstante as famílias caribenhas continuarem ainda hoje fragmentadas, há sempre a possibilidade do reencontro – ou, como Derek Walcott escreve, um amor que consiga voltar a unir os nossos cacos.

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles do mundo da edição que acreditaram neste livro. Em especial à minha agente, Laurie Robertson, a Caroline Michele e a toda a equipa da PFD; e à minha maravilhosa editora, Sherise Hobbs, a Bea Grabowska, assim como a todos os da Headline que tornaram possível este livro. Agradeço também a Kate Seaver e a toda a equipa da Berkley por fazerem este livro cruzar o Atlântico.

A vida de um escritor pode ser solitária, por isso fico eternamente grata pela companhia a Jenn e Indy, que me acompanharam nesta aventura e cujo trabalho é para mim uma imensa fonte de inspiração.

Agradeço a *Trixie*, o companheiro de escrita perfeito e o melhor dos gatos. Nunca me senti verdadeiramente só contigo ao colo, e sinto muito a tua falta.

A investigação que culminou neste livro foi substancialmente auxiliada pelas seguintes pessoas: Arthur Torrington, pela oferta de *To Shoot Hard Labour*, e todos aqueles com quem falei nas Caraíbas durante a investigação para a minha dissertação, mas em especial Anderson Reynolds, Modest Downs, Jolien Harmsen, Sylvester Clauzel, Henderson Carter, John Robert Lee, Pedro Welch e Rodney Worrell; e todos aqueles que em Oxford apoiaram os meus estudos sobre escravatura e reparação, em particular Dan Butt, Blake Ewing e Teresa Bejan.

Agradeço aos professores que me ajudaram a amar a literatura e a história: Sr. Douglas, Dr. Brown e Sr. Mann.

Tenho a sorte de ter muitos amigos maravilhosos e solidários que partilharam do meu empolgação de publicar um primeiro romance. Quero agradecer em particular a Dan e Erin, Ellie, Issy, Louis, Will, Lottie, Ameen, Kelsey, Lily, Anna e Joanna. Quero também agradecer aos Thurston por me receberem de braços

abertos na sua família.

Mãe, Pai e Cal, obrigada por tudo. Jeanette, na prática uma terceira progenitora para mim, cuja casa repleta de livros me marcou (em especial obras de grande literatura feminista, como *Prince Cinders*) – obrigada também. Este livro é para todos vós.

Por último, Charlie – obrigada por todo o amor e todo o riso, por me abraçares quando choro, por cozinhares para mim em todas aquelas noites passadas a escrever, e por me apoiares em tudo o que faço. Não teria conseguido fazer isto sem ti.